

LUÍS CORRÊA LIMA

FERNAND BRAUDEL E O BRASIL
Vivência e brasilianismo (1935-1945)

Tese de Doutorado

Departamento de História
Universidade de Brasília

Brasília, junho de 2004

Tese de doutorado orientada pelo professor Estevão Chaves de Rezende Martins e defendida em 14 de junho de 2004.

Banca examinadora:

- Estevão Chaves de Rezende Martins (UnB).
- Jean Delumeau (Collège de France, Paris).
- Maria Luíza Marcílio (PUC-SP).
- José Carlos Reis (UFMG).
- Tereza Cristina Kirschner (UnB).

À memória de minha tia Ruth,
um ícone franco-brasileiro.

AGRADECIMENTOS:

Ao CNPq, órgão do governo federal, que financiou o doutorado.

Aos professores do Departamento de História da UnB, que me estimularam nesta longa empreitada.

Aos colegas de turma, companheiros de caminhada e de apoio mútuo.

Aos que na França muito me ajudaram, em uma etapa vital da pesquisa, em especial Erato Paris e madame Braudel.

Aos brasileiros que entrevistei, de modo especial aos já falecidos: Eduardo d'Oliveira França, Cecília Westphalen e Alice Canabrava.

A Martine Creusot, que transcreveu o importante manuscrito de Braudel sobre o Brasil do século 16.

A tantas pessoas que acompanharam este trabalho com interesse e simpatia.

Aos meus grandes amigos Luiz Fernando Martins Oliveira e Marcelo Timótheo da Costa, em quem sempre encontrei muito apoio e estímulo.

Às minhas comunidades religiosas do Brasil e da França, com quem compartilhei minha vida cotidiana e encontrei um apoio indispensável.

Aos membros da banca que aceitaram o convite e se dignaram a ler este pequeno catatal, e de modo especial aos que vieram de longe (J. Delumeau, M. L. Marcílio e J. C. Reis).

Ao orientador Estevão Rezende Martins, que me deu segurança e me conduziu por esta “densa floresta” do doutorado.

À Companhia de Jesus, que me destinou ao doutorado e ao ofício de historiador, no qual concretizo com alegria a minha vocação.

À Providência Divina que tornou tudo isso possível.

A todos a minha sincera gratidão.

RESUMO:

O historiador francês Fernand Braudel afirma que se tornou inteligente indo ao Brasil. Ele viveu uma grande transformação humana e intelectual quando aí esteve, nos anos 1935 a 1937, lecionando na recém-fundada Universidade de São Paulo. Fascinado com o novo país e sua civilização, ele assimilou a nova história difundida pela revista *Annales* e amadureceu sua tese sobre o Mediterrâneo, que se tornou um dos livros de história mais importantes do século 20.

O significado do Brasil na vida e no pensamento de Braudel é o tema da presente tese. Ela trata dos vínculos culturais franco-brasileiros e da formação da missão universitária francesa que atuou no início da USP, da qual ele fez parte. Em seguida, analisa a sua estada no país e seus escritos daqueles anos. Depois, trata do período em que Braudel esteve na prisão nazista, durante a Segunda Guerra Mundial. No cárcere, ele prosseguiu sua tese, analisou a obra de Gilberto Freyre e redigiu um ensaio sobre o Brasil do século 16, que permanece inédito. Nesses anos, ele foi mediterraneanista e brasileiro.

Palavras-chave: *Annales*, brasileiro, Braudel, missão francesa, USP.

ABSTRACT:

The French historian Fernand Braudel asserts that he became intelligent when going to Brazil. He experienced a great intellectual and human transformation when he was there, in the years of 1935 to 1937, teaching in the then newly-founded University of São Paulo (USP). Fascinated by the new country and its civilization, he assimilated the new history divulged by the publication "Annales", and deepened his thesis on the Mediterranean, which turned out to be one of the most important history books of the twentieth century.

The significance of Brazil in the life and thinking of Braudel is the theme of this thesis. It deals with the French-Brazilian cultural ties and with the formation of the French University Mission that acted in the first years of USP, of which he was a member. Then, it analyses his stay in the country and his writings of those years. What follows is a discussion of the period when Braudel was in a nazi prison during the Second World War. In jail, he proceeded with his thesis, analysed the works of Gilberto Freyre and wrote an essay on Brazil of the 16th Century, which remains unpublished. During those years, he was a "Mediterraneanist" and a "Brazilianist".

Key-words: *Annales*, Brazilianism, Braudel, French Mission, USP.

SUMÁRIO

Introdução –	7
Capítulo I – <i>Sobre a vida e a obra de Fernand Braudel</i>	11
Capítulo II – <i>Os vínculos culturais franco-brasileiros</i>	36
Capítulo III – <i>As missões francesas e a fundação da USP</i>	67
Capítulo IV – <i>O Brasil transforma Braudel</i>	94
Capítulo V – <i>O ensino de Braudel nos anos brasileiros</i>	120
Capítulo VI – <i>A prisão nazista, o Mediterrâneo e o Brasil</i>	162
Capítulo VII – <i>A História do Brasil de Braudel</i>	188
Capítulo VII – <i>Depois da Guerra</i>	223
Conclusão -	234
Bibliografia -	236
Anexo I – <i>Entrevista a Marcello Tassara</i>	242
Anexo II – <i>Manuscrito do Ensaio sobre o Brasil do século 16</i>	246

INTRODUÇÃO -

O historiador francês Fernand Braudel (1902-1985) é bastante conhecido por sua obra sobre o Mediterrâneo do século 16 e por sua história mundial da vida material e do capitalismo. Ele pertenceu ao grupo da revista *Annales*, que renovou a historiografia aproximando-a das ciências sociais. A característica principal de seus estudos é a busca da longa duração, ou seja, das permanências nos processos históricos tanto nas relações com o meio, quanto nas formas de vida coletiva e nas civilizações.

Braudel esteve no Brasil nos anos de 1935 a 1937, e depois em 1947, lecionando na Universidade de São Paulo. No primeiro período, na recém-fundada universidade, ele viveu um tempo de grande descoberta e transformação: um país novo de dimensões continentais e natureza tropical, uma sociedade em formação contrastando com o Velho Continente, uma paisagem e uma história que o faziam imaginar o passado distante da Europa, a amizade calorosa e efusiva dos brasileiros e um público bastante interessado e estimulante. Tudo isso estimulou sua criatividade e reflexão, seu crescimento humano e intelectual, a ponto dele declarar: “eu me tornei inteligente indo ao Brasil”. Isto é tratado nos capítulos I e IV.

Esta vinda de Braudel foi possível graças a um conjunto de circunstâncias. Em um contexto mais amplo, havia fortes vínculos culturais entre o Brasil e a França que remontam ao século 18 e duram até meados do século 20, como mostra o capítulo II. Idéias iluministas, positivistas e republicanas se difundem Brasil, bem como a educação católica francesa. O francês, segundo idioma dos brasileiros com escolaridade, era a porta de entrada no caminho seguro da modernidade e do progresso verdadeiro. O conceito de América Latina, criado em meados do século 19, evocava um parentesco cultural entre o Brasil e os países de língua espanhola do seu continente. Este parentesco

cultural, por sua vez, os aproximava dos países europeus de língua latina e em especial da França, considerada líder da latinidade e país das luzes.

Muitas escolas brasileiras de nível superior seguiam o modelo francês. Ao se criar a universidade no Brasil, nos anos 1930, formam-se missões universitárias de professores franceses que para lá são destinados e permanecem alguns anos. Como mostra o capítulo III, a universidade nasce com o desejo de produzir pesquisa, aproximar os saberes, formar professores do ensino secundário e profissionais capazes de compreender o país e atuar com eficácia na resolução dos seus problemas. Os conflitos ideológicos eram bastante fortes, e a presença francesa correspondia ao projeto de educar a juventude paulista nos ideais democráticos, longe do fascismo.

A estada de Braudel no Brasil e as transformações ocorridas podem ser vistas em seu próprio depoimento, no de seus alunos e em diversas conferências e artigos publicados nessa época. Apesar de menos conhecido, este material - tratado no capítulo V - revela o encantamento com o Novo Mundo, várias descobertas pessoais e uma progressiva aproximação com a historiografia dos *Annales*. É aí que Braudel “veste a camisa” da nova história, com um conjunto de intuições que irão configurar o seu *Mediterrâneo* e farão dele um grande historiador, ao mesmo tempo original e herdeiro de Lucien Febvre.

Estes anos em São Paulo abrem para ele um novo campo interesse: o próprio Brasil. Viagens pelo país, conversas, pesquisas e leituras alimentam a sua reflexão. Ele passa a conhecer as obras de Gilberto Freyre, Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr, Monteiro Lobato e Paulo Prado, entre outros. Além de sua tese de doutorado em andamento sobre o Mediterrâneo, Braudel começa a elaborar uma tese secundária, algo que fazia parte da exigência acadêmica francesa. O tema escolhido é o século 16 brasileiro.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Braudel é convocado e logo cai prisioneiro dos alemães. Ele permanece no cativeiro por quase toda a guerra. Entretanto um conjunto de circunstâncias favoráveis permite que ele possa trabalhar na prisão em seu próprio ofício: lendo, escrevendo e ensinando. Ele retoma o *Mediterrâneo* e reescreve toda a obra. Prossegue a leitura de Gilberto Freyre, faz uma grande resenha de sua obra e a envia pelo correio a L. Febvre em Paris. Este será o seu primeiro artigo publicado nos *Annales*. A tese secundária sobre a história do Brasil também é retomada.

O trabalho intelectual de Braudel na prisão nazista foi sua resposta existencial à angústia vivida com a derrota da França, a incerteza da própria sobrevivência e o destino trágico e incerto da Europa - como mostra o capítulo VI. A “História com ‘h’ maiúsculo” era muito maior do que aqueles acontecimentos sinistros do presente. Em um horizonte mais amplo, enxergando os movimentos profundos da história, tudo aquilo seria superado. Braudel mergulha no século de Felipe II, na serenidade mediterrânica e na imensidão brasileira. Ele se torna ao mesmo tempo mediterrânico e brasilianista.

Depois da guerra, sua tese é concluída, defendida e publicada, consagrando-o como um expoente da nova história. A tese secundária, por sua vez, permanece inconcluída devido a novos rumos e prioridades de seus estudos, como se vê no capítulo VIII. Ela nunca seria publicada. Nos anos 1980, Braudel fez referência a esta história do Brasil que ele nunca publicou, apesar da insistência de seus amigos brasileiros. Ficou a curiosidade, principalmente do público brasileiro, sobre o seu conteúdo e sobre o que ela pode revelar do país e do próprio Braudel. Em junho de 2002, foi possível ter acesso ao texto, e depois analisá-lo e organizá-lo - constituindo o capítulo VII. Há um brasilianismo fecundo e interessante, na linha da nova história, porém inacabado.

Os vínculos deste historiador com o país nos anos de 1935 a 1945 muito manifestam a respeito de ambos. O significado do Brasil na vida e na obra de Braudel é o tema desta tese.

CAPÍTULO I - SOBRE A VIDA E A OBRA DE FERNAND BRAUDEL

Fernand Braudel nasceu no início do século passado no Leste da França, em um povoado da Lorena¹. O lugar tinha menos de duzentos habitantes; e as províncias da Alsácia e da Lorena, na fronteira com a Alemanha, eram objeto de disputa renhida entre os dois países. Da Guerra Franco-Prussiana de 1870 à Segunda Guerra Mundial, as províncias mudaram de país diversas vezes. A família de Braudel morava na região parisiense, mas passava as férias naquele povoado, na casa da avó paterna.

O pai de Fernand Braudel, Charles Hilaire, era professor de matemática no liceu. Fernand era o mais novo de dois irmãos. Por um problema de saúde respiratório, ele viveu dos 18 meses aos 7 anos de idade com a avó paterna no campo. Apesar da ausência da mãe, a avó, Emilie Cornot-Braudel, a substituiu bem, com ternura e solicitude. Era também uma pessoa muito religiosa e lhe transmitiu o catolicismo. Por toda vida, Fernand teve por ela uma grande paixão e uma enorme gratidão.

A sua infância mergulhou no mundo rural. Ele conhecia pelo nome as plantas, as árvores da aldeia e cada um dos seus habitantes. Viu a alternância anual das terras de cultivo, o trabalho do ferreiro, do ceifador, do lenhador e um velho moinho funcionando. Um mundo que se conservava igual a si mesmo por muitos séculos. As lembranças militares na aldeia, incluindo as de sua família, eram muito fortes: das batalhas napoleônicas em Austerlitz² à Guerra Franco-Prussiana. Eram histórias vividas pessoalmente ou transmitidas pelos antepassados. Estas recordações luminosas da infância o acompanharam por toda a vida.

¹Luméville-en-Ornois, em 24 de agosto de 1902, dia de São Bartolomeu.

²BRAUDEL, Fernand, *Reflexões sobre a história*, São Paulo, Martins Fontes, 1992, 4-5.

Mesmo depois de retornar ao convívio dos pais, Braudel não perdeu contato esta aldeia da Lorena. Até os vinte anos, retornava religiosamente nas férias de verão. Ele se considera um homem de origem camponesa³. Este longo aprendizado campesino, renovado a cada ano, foi uma imersão na ‘longa duração’⁴, ou seja, nas realidades sociais que se repetem e se conservam por séculos a fio. Este conceito, que ele formulou muitos anos depois e aplicou amplamente, tem fortes raízes na sua vivência da infância e da adolescência.

Em 1908, Braudel retorna à região parisiense, morando por três anos em um subúrbio, Meriel, que era quase inteiramente zona rural. Na escola primária, teve um professor de história prodigioso e inteligente que recitava a história da França como um sacerdote celebrando missa⁵. Era a história de Ernest Lavisse, uma “Bíblia” que os alunos deviam decorar, uma história feita para incutir o sentimento nacionalista⁶. Aos onze anos, Braudel ingressa no Liceu Voltaire, em Paris, onde estudará até os dezoito anos.

Charles Hilaire era autoritário e despótico. A mãe de Braudel, Louise Fallet, já ausente na sua infância, pouca influência teve em sua educação. Por vir de um colégio de religiosas e se manter ligada à religião católica, ficou na sombra do marido, um anticlerical intransigente, como tantos professores daquela época. Supõe-se, entretanto, que Braudel herdou dela uma grande capacidade de imaginação, que no futuro muito lhe ajudaria a escrever uma obra imensa no cativoiro⁷.

³*Idem.*

⁴BRAUDEL, Paule, Conferência no Colóquio Internacional sobre a Hungria e a Europa Mediterrânea (Budapest, 1996), manuscrito, arquivo privado de Paule Braudel, 10.

⁵BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história...*o.c., ídem.

⁶O próprio Lavisse explica a intenção de sua obra e o papel do professor: “Se o aluno não carregar consigo a lembrança viva de nossas glórias nacionais,...se ele não se tornar o cidadão compenetrado de seus deveres e o soldado que ama seu fuzil, o professor primário terá perdido seu tempo” (prefácio à última edição da *História da França in: DOSSE, F., A história em migalhas - dos Annales à nova história*, São Paulo, Ensaio, 1994, 41).

⁷DAIX, Pierre, *Fernand Braudel - uma biografia*, Rio de Janeiro, Record, 1999, 34.

O despotismo do pai fez Braudel sofrer muito. A sua religiosidade foi podada para sempre. A indisciplina do garoto era punida com surras exemplares. Para tentar escapar, o pequeno Fernand se escondia no fundo da casinha do cachorro ou pulava o muro rumo ao jardim do vizinho. Na adolescência, conseguiu emprego em um banco para poder sair de casa. O pai descobriu e frustrou os planos. Anos depois, apaixonou-se por uma jovem professora, mas a oposição do pai inviabilizou o relacionamento⁸.

Braudel quis ser médico, mas o pai se opôs. Por toda a vida ele guardaria uma certa melancolia a este respeito⁹. Aos dezoito anos, triste e desorientado, foi estudar história na Sorbonne com vistas ao magistério. “Tive a impressão de haver vendido barato a minha vida, de haver escolhido a facilidade”, confidenciou. A sua vocação de historiador só mais tarde iria surgir. Desta época na Sorbonne, ele guarda uma boa lembrança do curso de Maurice Holleaux sobre a história grega, bem como de Henri Hauser, que trazia uma linguagem diferente do mundo dos professores, a de uma história econômica e social. As turmas tinham muito poucos alunos: 3 ou 4 na de Holleaux e 6 ou 7 na de Hauser¹⁰, o que permitia a alunos e professores se conhecerem bem.

O curso era concluído com uma dissertação para se obter o diploma de estudos superiores, que habilitava para o ensino secundário. Braudel escreve sobre Bar-le-Duc e os três primeiros anos da Revolução Francesa. Ele era um aprendiz da história dos acontecimentos, da crônica política e das biografias ilustres, conforme exigiam os programas do próprio ensino secundário. Uma história que o divertia, pois ele aprendia enquanto ensinava¹¹.

⁸*Ibidem*, 23-44.

⁹Françoise Pineau (filha de Braudel) *in: ibidem*, 45.

¹⁰BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história...*, o.c., 5-6.

¹¹*Idem*.

Em 1923, ele cruza o Mediterrâneo pela primeira vez e vai à Argélia, então colônia francesa, para trabalhar no liceu de Constantina, lecionando na 6ª série. O contato com este mar e com sua imensidão azul fascinou Braudel e o apaixonou. No Norte da África, a paisagem o impressiona com sua nudez e grandiosidade. Uma vila árabe com suas ruelas o faz retornar no tempo, e sua imaginação recria o mundo dos corsários e dos escravos cristãos¹². Ao cruzar o mar outras vezes, pensou: “É o mesmo Mediterrâneo dos fenícios, dos gregos, das galeras de D. João de Áustria”¹³. Já naquele ano, ele começou a escrever um livro sobre a política mediterrânica de Felipe II. Este estudo, incentivado pelos seus mestres, enquadrava-se na história diplomática da época, um tanto indiferente à geografia, à economia e às questões sociais. O seu plano ainda iria passar por muitas transformações¹⁴.

Em Constantina, Braudel viveu um tempo muito feliz em que descobriu a alegria de ensinar e a amizade dos alunos. Mas durou pouco. Ele se envolveu na política local e fez campanha aberta contra um deputado de direita. O resultado foi a sua transferência para Toulon. Recusou-a, e em troca conseguiu uma transferência para Argel. Nos anos em que viveu na Argélia, nunca aprendeu árabe, embora tentasse. Isso não lhe fez falta, tal era a força da presença cultural francesa. Anos depois, ele reconhece que não compreendeu o drama social, político e colonial que se desenrolava na África do Norte diante de seus olhos¹⁵.

Em 1925, ele foi recrutado para o serviço militar por dezoito meses e destinado à Alemanha. Fez parte das tropas de ocupação francesa na região do Ruhr. Constatou os sofrimentos e rancores do povo alemão e previu: “a guerra vai recomeçar”¹⁶. De volta a

¹²BRAUDEL, PAULE, conferência em Budapest..., o.c., 12.

¹³BRAUDEL, F., entrevista a J.-C. Bringuier. Produção: Dominique Froissant, Paris, 1983 (exibida na televisão francesa em 15 e 22/8/1984), Biblioteca Nacional da França (BnF). Cópia transcrita.

¹⁴BRAUDEL, F., *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*, vol.I, São Paulo, Martins Fontes, 1984, 23-24.

¹⁵BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história...*, o.c., 7.

¹⁶BRAUDEL, F., entrev a J.-C. Bringuier...(1983) in: DAIX, P., o.c., 75.

Argel, aí viveu por seis anos com uma intensa carga horária de aulas no liceu. Em 1929, Braudel se torna também professor de retórica superior, encarregado de conferências na Faculdade de Letras¹⁷. A carreira no ensino superior entra nos seus planos, e com ela a tese, etapa obrigatória. O seu bom desempenho na preparação dos alunos para os exames o faria obter uma nomeação para Paris, em 1932.

Escolher um tema para a tese foi um longo processo. A primeira idéia foi sobre a história da Alemanha, uma vez que ele conhecia razoavelmente a língua alemã e era vizinho daquele país por sua origem lorena. Entretanto, deu-se conta de que seus fortes sentimentos franceses iriam “envenenar” seu estudo. A história da Espanha foi a segunda idéia, motivada por um interessante trabalho de Émile Bourgeois sobre a paz de Vervins (1598). Braudel consultava por diversão documentos espanhóis saqueados por Napoleão, nos Arquivos Nacionais da França, e aprendeu espanhol por conta disso.

Ele cultivava o prazer da descoberta. Quando pesquisava um arquivo, raramente encontrava logo de início o que procurava. Entretanto, sempre encontrava alguma coisa inesperada que o agradava. Eram imprevistos que o deixavam feliz. Tudo o divertia¹⁸. E os documentos instigavam a sua imaginação fértil a viajar longe no tempo e no espaço para reconstruir o objeto histórico¹⁹.

A partir de 1927, ele começou a frequentar os arquivos espanhóis nas férias de verão. Em Simancas, procurando uma máquina fotográfica para comprar, conheceu um operário americano, cineasta, que lhe mostrou uma velha máquina de filmagem. Aquele homem lhe sugeriu usar a máquina para fotografar documentos de arquivos. Braudel a adquiriu e, com um rolo de filme de trinta metros, podia fazer duas a três mil fotos por

¹⁷*Anuário da faculdade de filosofia, ciências e letras 1934-1935* (USP), São Paulo, Gráfica da Revistas dos Tribunais, São Paulo, 1937, 319.

¹⁸BRAUDEL, Paule, “Origines intellectuelles de Fernand Braudel: un témoignage”, *Annales E.S.C.*1 (1992) 242.

¹⁹“Se você não sonha com a história diante dos documentos, você não pode ser historiador”[Braudel, F., “Une vie pour l’histoire”, entrevista a F. Ewald e J.-J. Brochier, *Magazine littéraire* 212 (1984) 18].

dia. Depois, em casa, com a ajuda de uma lâmpada, projetava os documentos e os estudava. Foi uma descoberta maravilhosa. Naquela época, ainda não havia microfilme, mas aquele procedimento engenhoso antecipava o seu uso²⁰.

Já naquele ano, Braudel tinha em mente pesquisar Felipe II, a Espanha e o Mediterrâneo, prosseguindo o livro começado em 1923. Entretanto, tinha dúvidas a respeito: Felipe II, o prudente, o atraía cada vez menos; e o Mediterrâneo, cada vez mais. Uma das obras conhecidas sobre o tema era a de Lucien Febvre, *Felipe II e o Franco-Condado*, de 1911. Braudel faz contato com Febvre e recebe dele uma carta com uma provocação estimulante: “Felipe II e o Mediterrâneo, belo tema. Mas por que não o Mediterrâneo e Felipe II? Um tema mais amplo ainda. Pois o confronto entre estes dois protagonistas, Felipe e o mar interior, não é equilibrado²¹”.

O conselho de Lucien Febvre abre um horizonte no trajeto intelectual de Braudel. Aquele historiador dos acontecimentos, da crônica política e das biografias ilustres que ele era, conforme os moldes do *establishment* francês, vislumbra a possibilidade de embarcar em uma nova historiografia em gestação. Esta nova historiografia quer ultrapassar os acontecimentos estrondosos para alcançar as realidades sociais e econômicas dos homens; quer romper as fronteiras estreitas de uma história isolada para um amplo diálogo interdisciplinar com a geografia, a sociologia, a economia, a psicologia, a antropologia cultural e outras ciências em vista de uma explicação globalizante dos fenômenos humanos. Dois anos depois, em 1929, Braudel decide passar da Espanha ao Mediterrâneo, mas sem abandonar Felipe II²².

O historiador belga Henri Pirenne também foi uma influência importante. Em 1931, ele faz conferências em Argel sobre as invasões muçulmanas e o Mediterrâneo.

²⁰BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história...*, o.c., 8-9.

²¹FEBVRE, L., “Un livre qui grandit: *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*”, *Revue historique* 203 (1950) 217.

²²Braudel, F., entrev. a F. Ewald e J.-J. Brochier...(1984), o.c., 18.

As idéias de abertura e fechamento do mar foram bem assimiladas por Braudel. Por cinco verões consecutivos ele frequentou os arquivos espanhóis, mas sem pressa, deixando sua decisão amadurecer. Todavia, um propósito já estava bem determinado na sua cabeça: descobrir o passado daquele mar que ele via todos os dias, onde as viagens de hidroavião proporcionavam imagens inesquecíveis.

A nova historiografia começa a tomar corpo com o trabalho de Henri Berr, fundador da *Revue de synthèse historique*, na virada do século 20. A revista almeja o diálogo interdisciplinar diversificado sob a égide da filosofia e critica a historiografia tradicional, chamada “historizante”. Com a revista, Berr aglutina um círculo de pensadores que se reúne periodicamente num debate bastante fecundo. Por lá passaram, entre outros, Paul Lacombe, Henri Hauser, François Simiand, Lucien Febvre e Marc Bloch. Nos anos 20, surgem as célebres *Semaines de synthèses*. Além dos debates, havia ampla troca de idéias, de informações e ocasião das pessoas conversarem e se conhecerem²³.

Neste grupo nasce o desejo de se criar uma revista mais combativa e polêmica que a *Revue de synthèse*, uma revista que fosse também menos filosófica e mais próxima das ciências sociais. Em 1929, Lucien Febvre e Marc Bloch, professores da Universidade de Estrasburgo, fundam a revista *Annales d'histoire économique et sociale*. O título vem de uma revista alemã²⁴ e quer encarnar o espírito de inovação já presente na Europa desde o início do século 20. Eles acreditavam que a pesquisa histórica na França estava aquém da desenvolvida na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos. As razões se deviam ao conservadorismo da Sorbonne, que a tornou incapaz de elevar o padrão da historiografia, e também à falta de ousadia. A pesquisa

²³BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história...*, o.c., 19-21.

²⁴*Vierteljahrschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte* (*Cadernos trimestrais de história social e econômica*).

ficou limitada a uma história política e minuciosa, fruto da derrota de 1870 e da meia vitória de 1918²⁵.

A história chamada tradicional era biográfica, um tanto elitista, visando ao individual e ao singular. Ela era também partidária, legitimadora e comemorativa. Uma narrativa justificadora do poder presente. Os historiadores dos *Annales* darão ênfase ao ‘não-ocorrencial’ da história: o mundo mais durável, mais estruturado, mais resistente à mudança, a vida material econômico-social e a vida mental²⁶. Sob a influência das ciências sociais, a história vive uma mudança no campo das técnicas e dos métodos. Antes, as fontes históricas diziam respeito ao evento e ao seu produtor, o grande personagem histórico em suas lutas históricas. Depois, elas se deslocam para o campo econômico-social-mental; a busca do massivo e do serial que revelem o duradouro, a permanência e as estruturas sociais. Os documentos vão se referir à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, comercial, ao seu consumo, às suas crenças coletivas e às suas diversas formas de organização da vida social²⁷.

Os documentos não se limitam mais a ofícios, cartas, atas, editais, textos explícitos sobre a intenção do sujeito, porém, abrangem listas de preços e salários, séries de certidões de batismo, óbito, casamento, nascimento, fontes notariais, contratos, testamentos e inventários. A documentação massiva e mesmo involuntária torna-se prioritária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Os documentos são arqueológicos, pictográficos, iconográficos, fotográficos, cinematográficos, numéricos, orais, etc... Todos os meios são tentados para se vencer as lacunas e os silêncios das fontes, mesmo com o risco de serem considerados anti-objetivos²⁸.

²⁵REIS, José Carlos, *Escola dos Annales - a inovação em história*, São Paulo, Paz e Terra, 2000, 88-89.

²⁶*Ibidem*, 22.

²⁷REIS, J. C., *Nouvelle histoire e tempo histórico - a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*, São Paulo, Ática, 1994, 18-19.

²⁸*Idem*.

Braudel retorna à Paris em 1932. Ele leciona no liceu e se torna encarregado de conferências complementares na Faculdade de Letras na Sorbonne. Já em Argel, ele tinha conhecido Henri Berr, em um congresso de história. De volta a Paris, Braudel começa a frequentar a *Synthèse* e, pela primeira vez, encontra-se pessoalmente com Lucien Febvre²⁹. Febvre havia ingressado no Colégio da França; e Marc Bloch logo ingressaria na Sorbonne, sucedendo a Henri Hauser. O grupo dos *Annales* começa a penetrar no *establishment* parisiense.

O trabalho nos arquivos prossegue. Os papéis falam de príncipes, finanças, exércitos, terra e camponeses. A documentação era fragmentária e, às vezes, não classificada. Em 1934, Braudel chega a Dubrovnik (antiga Ragusa), Croácia, onde encontra registros antigos. Lá, tudo era conservado: construção dos navios, movimentação do porto, cartas de comércio, seguros marítimos, viagens comerciais no interior das terras. Tinha-se a imagem do funcionamento de uma Cidade-Estado, ainda que modesta mas independente, uma imagem que se projetava nos outros centros do Mar Mediterrâneo. A fascinação foi tal que ele confessa: “Pela primeira vez, eu via o Mediterrâneo do século 16³⁰”. A importância desta descoberta foi tamanha que ele concluiu: “Não sei o que teria feito, se não tivesse estado em Dubrovnik³¹”.

Todo este trabalho e a rotina parisiense serão transformados por um fato novo e inesperado: um convite para vir ao Brasil e se tornar professor da recém-fundada Universidade de São Paulo. A USP estava contratando professores franceses para os cursos de ciências humanas. Em acordo firmado com o governo paulista, o governo francês convidava os professores e organizava uma missão científica. Diversos

²⁹A data deste encontro é contraditória no depoimento de Braudel. Teria havido três encontros nos anos 1932-33 e a “primeira vez” em outubro de 1934 (BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história...*, o.c., 10 e 21).

³⁰BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história...*, o.c., 10.

³¹Braudel, F., entrev. a F. Ewald e J.-J. Brochier...(1984), o.c.,18.

professores no início de carreira aqui vieram, como Lévi-Strauss, Jean Maugüé, Pierre Monbeig e Roger Bastide.

Um colega de Braudel da Sorbonne tinha sido convidado para ensinar História da Civilização, mas morreu inesperadamente. Georges Dumas, o responsável pelos contatos, procurava desesperadamente alguém para substituí-lo. Braudel foi o único que se apresentou, e foi aceito. A idéia de viver no exterior o seduzia, bem como à sua mulher Paule. O *dépaysement*, mudança e contraste de ambiente, os atraía.

Ele partiu só, pois sua mulher acabava de dar à luz e só viria mais tarde. O governo francês, cioso de completar a missão, enviou-o no luxuoso transatlântico Marsília, onde Braudel conheceu muitos homens de negócio que do exterior dominavam a vida econômica do Brasil, como representantes de consórcios norte-americanos e de companhias de seguros francesas. Até então, o que conhecia do Brasil era apenas um livro de geografia de Pierre Denis³².

Logo que chegou a Santos, impressionou-se com a ferrovia de cremalheiras que transpunha a Serra do Mar até chegar à estação da Luz, em São Paulo. A cidade tinha um único arranha-céu, o Martinelli, que orientava os transeuntes. Se alguém se perdesse no subúrbio, bastava olhar o Martinelli e já sabia que direção tomar. Braudel morou em uma casa na rua padre João Manuel, travessa da avenida Paulista³³.

Os cursos na USP, dados em francês, tinham como público alguns poucos estudantes filhos da alta sociedade. Depois, o governo paulista buscou alunos no ensino médio por meio de bolsas, chegando a ter mais de duzentos. Podia-se notar dois grupos: gente que procurava distração intelectual e outros que buscavam o trabalho universitário

³²DENIS, P. in: VIDAL de La Blache, P. et GALLOIS, L. (dir.), *Géographie universelle - tome XV, Amérique du Sud*, Paris, A. Colin, 1927, 479 p.

³³BRAUDEL, F., entrevista a Reali Júnior, "USP, lembranças do início, por um de seus mestres: Fernand Braudel", *Jornal da tarde*, 28/1/1984.

sério. Este último grupo acabou se impondo e, nos anos seguintes, começou a assumir o ensino e a direção da universidade³⁴.

No início, o conhecimento da história européia era muito insuficiente e obrigou Braudel a um esforço suplementar. Ele teve que ensinar simultaneamente história antiga, medieval e moderna. Isto o fez repensar e a re-explicar toda a história. Ele chegava às aulas sem nenhuma anotação, ouvia as questões e ia respondendo. Apesar das deficiências no conhecimento, os alunos eram muito inteligentes e interessados. Quando passava lição de casa, os alunos iam à casa de Braudel, que os ensinava uma segunda vez. Havia muita avidez intelectual e gosto pelo aprendizado, algo exemplar. Os alunos encantadores, contestadores sob certos aspectos, obrigavam-no a tomar partido a propósito de tudo³⁵.

Lecionando no Brasil, ele sentiu recomeçar a própria juventude. Foi algo como separar-se do que já vivia, do que já sabia, do que já compreendia, partindo para uma experiência diferente.³⁶ Os membros da missão francesa tiveram aqui uma oportunidade profissional e uma liberdade que não tinham em Paris. A universidade francesa levaria muitos anos para lhes dar voz. Na USP, tinham a docência e um público muito interessado. Puderam dar o melhor de si.³⁷

Braudel fez três grandes amigos no Brasil: o filósofo João Cruz Costa, o jornalista Júlio de Mesquita Filho e o aluno Eurípedes Simões de Paula. O primeiro foi considerado um humanista de um requinte extraordinário. Ele ensinou ao historiador francês o que ler sobre o nosso país e como se comportar. Foi por meio de sua biblioteca que Braudel aprendeu a 'ver o Brasil'. Lá, ele tomou contato com as obras de Jorge

³⁴*Idem.*

³⁵*Idem.*

³⁶*Idem.*

³⁷ MAUGÜÉ, J. *Les dents agacée*. Paris: Buchet Chastel, 1982, 96.

Amado e de Gilberto Freyre. Outros autores também chegaram às suas mãos, como Oswald de Andrade, Alcântara Machado e Monteiro Lobato.

O Brasil foi para ele um paraíso de trabalho e reflexão. No verão, Braudel aproveitava os meses de férias para ir ao Mediterrâneo e pesquisar arquivos. Durante o ano, utilizava o tempo livre para leituras e para análise de seus quilométricos microfilmes³⁸. Na receptividade que encontrou e nos auditórios que conseguiu lotar, percebia o apreço brasileiro pela cultura francesa. Era algo que atiçava nele o orgulho e a nostalgia da grandiosidade da França, um sentimento que o acompanhou por toda a vida, apesar de Braudel não se considerar nacionalista³⁹

A sociedade nova com suas transformações e contrastes deu a ele uma outra percepção da história. Assim como Talleyrand em sua viagem pela América do Norte, Braudel teve a impressão de viajar “para trás na história”, como se a Europa de outrora pudesse ser vista e imaginada através do Brasil dos anos 30, com sua agricultura ainda itinerante, seus desmatamentos florestais e suas grandes famílias patriarcais sobrevivendo ao avanço impetuoso da modernidade.⁴⁰ Uma velha cidade colonial do interior faz Braudel se transportar para a Idade Média europeia: “Imaginem uma cidade medieval, de pequeno porte, que trabalha para seu próprio mercado e, quando pode, para mercados longínquos”. A loja, onde trabalham duas ou três pessoas, geralmente de uma mesma família, permite ao comprador adquirir produtos fabricados sob seus olhos, ou quase. “Eis-nos à nossa vontade, por um instante, no século XVIII, no XVII, mais longe talvez, não importa onde no Ocidente...”⁴¹

Um dia, em 1935, Braudel e Paule decidem conhecer a floresta virgem que se estendia pela Serra do Mar e pelo litoral paulista. Partem de automóvel com um chofer e

³⁸BRAUDEL, F. *Reflexões sobre a história...*, o.c., 10.

³⁹*Une Leçon d'histoire de Fernand Braudel - Châteauevallon/octobre 1985*, Paris, Arthaud, 1986, 169-170.

⁴⁰BRAUDEL, Paule, “Origines intellectuelles...”, o.c., 241.

um mateiro. Dali a pouco, viam o seu mateiro em uma atitude que consideravam idêntica à de um camponês da Idade Média, tentando abrir a floresta com um facão.

Em 1937, visitam a Bahia. Como Braudel já era apaixonado por mercados e feiras, Júlio de Mesquita sugeriu-lhe que fosse a Feira de Santana. Com humor, alertou para o risco de encontrarem o bando de Lampião, que atuava na área. O casal achou graça, mas ao mesmo tempo ficou receoso pois dois franceses tinham sido mortos pelos cangaceiros. Chegam a Salvador e ficam encantados com tantas igrejas, candomblé, peixes, camarões e a beleza da gente. Em seguida, visitam Feira de Santana e seu grande movimento de boiadas. Eufórico, Braudel comprou um traje completo de vaqueiro com chapéu de abas largas, tudo em couro curtido de excelente qualidade. No retorno a Salvador, o automóvel pifou no início da noite. Desceram no escuro, e logo depois surgiu uma enorme nuvem de vaga-lumes. Braudel virou um menino correndo atrás deles e mandava Paule vestir a roupa de vaqueiro para não ser raptada por Lampião.

Este fato anedótico está ligado a uma comparação que ele fazia: "os acontecimentos são como os vaga-lumes nas noites brasileiras: brilham mas não aclaram"⁴². Temos aí uma amostra da gestação de sua teoria da longa duração dos movimentos históricos. O que interessa no estudo da história não são tanto os acontecimentos, superfície agitada como as ondas do mar, tão alardeados pela historiografia dominante, mas as sociedades subjacentes com suas permanências e suas mudanças mais lentas.

As viagens de navio ao Mediterrâneo, durante o verão, ampliam ainda mais a sua documentação. Em uma dessas viagens, Braudel decide finalmente se afastar de Felipe II, o rei prudente, e ficar com o mar interior. Felipe seria o marco cronológico, mas o

⁴¹BRAUDEL, F., *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1992, 225.

⁴²BRAUDEL, Paule in: SABÓIA, Napoleão, "‘Espetáculo do mundo’ fascina Paule Braudel", *O Estado de São Paulo*, 26/11/1995, p. D5. Também BRAUDEL, F., *Escritos sobre a história*, São Paulo, Perspectiva, 1992, 23.

personagem principal seria o Mediterrâneo. Foram oito dias de reflexão e conversa com sua mulher. A tese toma um novo rumo, e a sugestão de Lucien Febvre é acolhida. Paule não se lembra exatamente o ano em que isto aconteceu, mas se lembra que foi no percurso entre a Itália e o Brasil, durante os anos brasileiros⁴³. Isto deixa duas datas aproximadas possíveis: o verão de 1935/36 ou o verão de 1936/37.

A estadia no Brasil termina em outubro de 1937, por causa de sua nomeação para a Escola Prática de Altos Estudos, em Paris. As transformações vividas nestes anos são marco divisor na sua própria história. Anos depois, Braudel conclui: “Foi no Brasil que eu me tornei o que sou hoje⁴⁴”. Em Santos, ao embarcar de volta à França, ele encontra Lucien Febvre, que voltava de uma série de conferências em Buenos Aires. Tiveram a oportunidade de conviver intensamente durante os vinte dias da viagem. Surge então uma forte amizade: Febvre se torna uma espécie de pai espiritual de Braudel⁴⁵.

No verão de 1939, ele começava a redação do *Mediterrâneo*. Entretanto, estourou a guerra. Braudel, que era oficial da reserva, é convocado e atua na fronteira do Reno, na linha Maginot. Logo caiu prisioneiro da Alemanha nazista. Ficou na prisão por cinco anos, de 1940 até o fim da guerra, primeiro na Mogúncia, até 1942, depois em Lübeck. A prisão dos oficiais não era um campo de concentração. Eles não podiam fazer trabalhos forçados. Braudel se tornou professor de história dos outros prisioneiros. Com boas relações com os carcereiros, conseguiu até alguns livros da biblioteca de Mogúncia.

Da prisão, Braudel podia se corresponder com Lucien Febvre. A situação angustiante da França derrotada, do nazismo triunfante, do confinamento na prisão e das perspectivas sombrias o levou a buscar na história um refúgio espiritual, ainda que

⁴³BRAUDEL, Paule, “Origines intellectuelles...”, o.c., 241.

⁴⁴BRAUDEL, F., entrev. a F. Ewald e J.-J. Brochier...(1984), o.c., 18.

evasivo, onde pudesse alimentar sua esperança. O recuo mental nos séculos passados, na paisagem mediterrânica e na sua história lentamente ritmada, permitiam-lhe enxergar o presente em perspectiva e os acontecimentos adversos como transitórios. Foi com esta motivação, dispondo de alguns livros e apontamentos, de sua memória prodigiosa e imaginação criativa, que ele começa a escrever *O Mediterrâneo*. Foi:

“...a única resposta existencial aos tempos trágicos que eu atravessava. Todos aqueles acontecimentos despejados sobre nós pela rádio e pelos jornais de nossos inimigos, ou mesmo as notícias de Londres, que as rádios clandestinas nos transmitiam, eu tinha de superar, de rejeitar, de negar. Abaixo o acontecimento, sobretudo o acontecimento contrariante! Eu precisava acreditar que a história e o destino se escreviam em muito maior profundidade. Escolher o observatório do tempo longo era escolher, como um refúgio, a própria posição de Deus Pai. Bem longe de nossas pessoas e de nossos infortúnios cotidianos, a história era escrita, rodava lentamente, tão lentamente quanto essa vida antiga do Mediterrâneo, cuja serenidade e como que a majestosa imobilidade eu sentira com tanta frequência. Foi assim que me pus conscientemente em busca da linguagem histórica mais profunda que eu podia apreender, ou inventar: o tempo imóvel, ou pelo menos de lentíssimo desenrolar, obstinado em repetir-se. Meu livro ordenou-se, então, de acordo com várias linhas temporais diferentes, indo do imóvel à brevidade dos acontecimento. Ainda hoje, para mim, essas linhas desenham, atravessam toda paisagem histórica⁴⁶”.

Braudel divide a obra em três partes, correspondentes a três velocidades dos movimentos históricos. A primeira parte é a da história lenta, quase imóvel, do homem nas suas relações com o meio que o rodeia. São espaços, ciclos sempre recomeçados, permanências milenares. É o tempo geográfico, relacionado à geografia física. Aí se encontra o que ele depois chamou: ‘a longa duração’. A segunda parte é a da história

⁴⁵BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história...*, o.c., 10.

dos grupos sociais e das economias, história menos lenta, do tempo social. A terceira parte, por fim, é a da história dos eventos: superficial, rápida, ‘nervosa’ e sedutora. É o tempo individual. O Mediterrâneo do tempo de Felipe II é decomposto e analisado nestas três escalas.⁴⁷ Evidentemente, esta divisão só existe na mente do historiador. Na realidade, tudo está junto, tudo é simultâneo e articulado. Esta divisão, todavia, permite uma compreensão abrangente e aprofundada da história do mar interior na sua complexa globalidade.

O plano foi aprovado por Lucien Febvre, que corrigia os textos enviados e os remetia de volta. Foram escritas sucessivamente várias versões, incorporando as correções. No total dos rascunhos, mais de três mil páginas utilizando cadernos escolares. Só as duas primeiras partes foram concluídas. A terceira parte seria feita depois do cativo⁴⁸. Além do *Mediterrâneo*, Braudel escreve um artigo sobre Gilberto Freyre. É o seu primeiro artigo nos *Annales*, em 1943⁴⁹. Ele escreve também um rascunho da história do Brasil, uma tese derivada de sua pesquisa que nunca foi publicada⁵⁰.

Na França ocupada pelos nazistas, Febvre dirigia os *Annales* e buscava um modo de resistir culturalmente ao invasor. Os nazistas pretendiam minar toda a especificidade francesa, destruindo livros e o tudo o que tivesse relação com a Revolução Francesa. Os *Annales* buscaram disseminar sempre que possível uma presença intelectual francesa através do livro ou de qualquer material legal impresso, driblando a censura. Henri Hauser, que era judeu, foi mencionado em resenhas. Marc Bloch, também judeu,

⁴⁶*Ibidem*, 12.

⁴⁷*O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*, vol.I, São Paulo, Martins Fontes, 1984, 25.

⁴⁸BRAUDEL, F., entrevista a Bringuier (1983), o.c.

⁴⁹“À travers un continent d'histoire: le Brésil et l'oeuvre de Gilberto Freyre”, *Mélanges d'Histoire Sociale - IV, Annales d'Histoire Sociale* (1943) 3-20, republicado em *Les écrits de Fernand Braudel*, vol. III, Paris, de Fallois, 2001, 60-84. Até então, Braudel tinha publicado nesta revista apenas algumas curtas resenhas.

⁵⁰BRAUDEL, Paule, “Braudel en captivité” in: CARMIGNANI, P. (org.), *Autour de F. Braudel*, Saint-

ganhou um pseudônimo: Sr. Fougères. *La société féodale*, uma de suas mais importantes obras, não deixou de ser citada.

Febvre faz a Braudel um apelo encorajador e dramático para que ele não pare de escrever e de se corresponder: “Mais que nunca precisamos do senhor, mais que nunca contamos consigo. Será que percebe a alegria que seus cadernos me dão? Já não se trata de promessas, trata-se de realizações. Que os homens da minha idade possam ver a continuidade assegurada pelos senhores, e terminarão em paz sua vida trágica e atormentada⁵¹”.

E, de fato, aquela época era trágica e atormentada. As vitórias dos aliados trazem esperanças, mas a situação continuava dramática. Marc Bloch ingressa na resistência e se engaja na luta armada. Cai prisioneiro. Antes da libertação de Lyon, a Gestapo o executa junto com 150 presos políticos. Em fevereiro de 1945, depois dos bombardeios de Dresden, Hitler dá ordem de executar os prisioneiros de Lübeck no lança-chamas. A SS prepara o local. A ordem é suspensa porque Himmler tenta negociar um armistício, em meados de abril. “Quando penso nisto, ainda fico indignado, pois por muito tempo não acreditei na realidade deste horror” - confidenciou Braudel muitos anos depois⁵².

Livre do cativo, ele retoma sua vida normal, conclui *O Mediterrâneo* e dá aulas na Sorbonne. Braudel passa a integrar a equipe dos *Annales*. Pedem-lhe cursos sobre a América Latina, aproveitando os seus anos vividos no Brasil e a boa recepção de seu artigo sobre Gilberto Freyre. Ele é encarregado de preparar candidatos ao ensino fundamental e médio para a prova final, o exame de agregação. Seu conhecimento atualizado, estilo atraente e espírito inovador conquistaram grandes talentos como Marc Ferro, Jean Delumeau, Pierre Chaunu e Frederic Mauro. Braudel constituiu uma vasta

Estève, Presses Universitaires de Perpignan, 2002, 20.

⁵¹Carta de Lucien Febvre a Fernand Braudel, 29/12/1941, arquivo privado de Henri Febvre.

⁵²BRAUDEL, F. in: DAIX, P., *ibidem*, 236.

biblioteca sobre este assunto. Ele orientou pesquisas e preparou um número especial dos *Annales* sobre a América Latina.

Tentou também se tornar professor titular da Sorbonne, mas não conseguiu porque, quando surgiu uma vaga, ele ainda não tinha defendido sua tese. Braudel atribui a derrota à ameaça representava por ele para a história tradicional, encastelada naquela instituição⁵³. Não ingressar na Sorbonne foi uma mágoa que ele guardou por toda a vida⁵⁴. Finalmente, no início de 1947, a tese é defendida naquela universidade. Em seguida, Braudel retorna ao Brasil, lecionando na USP até o final do ano.

Enquanto isso, L. Febvre inicia um empreendimento inovador: a VI Seção da *École pratique de hautes études*. Inspirada nos *Seminare* alemães, era uma faculdade com uma organização mais flexível, de modo a favorecer o trabalho interdisciplinar, porém sem dar diploma oficial. Ele queria uma espécie de ateliê de história, com a colaboração de economistas, sociólogos e geógrafos. Febvre tem o apoio do governo francês e da Fundação Rockefeller, que no espírito do Plano Marshall ajuda a reconstrução da Europa. O núcleo da *École* conta também com Charles Morazé, Ernest Labrousse e o próprio Braudel, que acabou se tornando um pouco o homem prático, o executor da nova instituição⁵⁵. Fora da Sorbonne, os ‘apóstolos’ da historiografia dos *Annales* tentam se institucionalizar.

O *Mediterrâneo* é publicado dois anos depois. Ganha uma entusiástica resenha de L. Febvre na *Revue historique*, tornando-se uma grande expressão dos *Annales* e um poderoso instrumento pedagógico da nova historiografia: “Gostaria de dizer aos jovens, sobretudo: leiam, releiam, meditem este belo livro longamente. Façam dele seu companheiro. O que ele lhes fará aprender de coisas novas para vocês sobre o mundo do século 16 é incalculável. E o que ele lhes fará aprender sobre o homem mesmo, sobre

⁵³Une Leçon d'histoire... Châteauevallon...,o.c., 216.

⁵⁴CHAUNU, Pierre, *L'instant éclaté*, Paris, Plon, 1992, p.85 e 137.

sua história, e sobre a história mesma, sua verdadeira natureza, seus métodos e sua finalidade - vocês não podem imaginar. Não é um livro que instrui. É um livro que engrandece⁵⁶”.

Muitos se transformaram intelectualmente com a leitura do *Mediterrâneo*. No Brasil, isto aconteceu com o historiador Evaldo Cabral de Mello, que testemunha: “O jovem leitor de hoje, que dispõe de uma escolha muito mais variada e rica de livros de história, inclusive no Brasil, mal pode avaliar o impacto sentido por quem, há 40 anos, leu o livro de Braudel sobre o Mediterrâneo no tempo de Felipe 2o. Para quem se via acuado entre a historiografia convencional, a vulgata marxista e o sociologismo, a leitura de Braudel foi uma autêntica libertação. Ali estava finalmente um historiador que nem tinha o ranço de uma nem o reducionismo da outra nem o doutrinário da terceira; e que, munido dos instrumentos da erudição mais recente, era capaz, como os grandes historiadores do século 19, de dar corpo, alma e vida a largas fatias do passado. Ainda saudoso da minha primeira leitura de ‘O Mediterrâneo’, tendo a conceber uma profunda inveja de quem ainda não o leu, sem me lembrar, porém, que, após decênios de historiografia dos ‘Annales’, quem for fazê-lo agora não perceberá tanta novidade assim nem terá a mesma experiência inesquecível com aquela grande obra⁵⁷”.

Ainda nos anos 50, o livro foi traduzido para o espanhol e o italiano. A difusão maior, porém, só viria com a segunda edição (bastante revista e aumentada) de 1966 e com a tradução inglesa.

Braudel ingressa no Colégio da França em 1950, sucedendo a L. Febvre. A sua aula inaugural foi um importante manifesto da nova historiografia. Foi aí que ele criou o

⁵⁵Braudel, F., entrev. a F. Ewald e J.-J. Brochier...(1984), o.c., 22.

⁵⁶FEBVRE, L., “Un livre qui grandit...”, o.c., 224.

⁵⁷MELLO, Evaldo Cabral de, “Historiadores no confessionário”, *Folha de S. Paulo* (24/12/2000), caderno *Mais!*, 18-19.

termo *nouvelle histoire*, nova história, emblema do grupo dos *Annales*⁵⁸. No mesmo ano, ele foi nomeado para o Júri de Agregação, onde presidia a seleção dos professores de história destinados ao ensino secundário. Era um cargo relevante no sistema de ensino francês, que impeliu os candidatos de todo o país a conhecerem seu ponto de vista e a lerem os *Annales*⁵⁹. Ele sempre se considerou um intelectual marginal, mas começava a ter influência no *establishment*.

Em 1956, morre Lucien Febvre, e Braudel assume a direção da *École* e da revista. Além de professor e pesquisador, ele tinha uma notável ação empreendedora. Em meados dos anos 50, propõe em artigo nos *Annales* a criação de uma faculdade de ciências sociais. A idéia deu origem à Maison des Sciences de L'Homme. Foram 17 anos de trabalho, grande parte do tempo resolvendo pendências burocráticas, para fazer a idéia sair do papel. Foi nesta instituição que ele melhor desenvolveu o legado de Febvre.

Braudel não foi engajado politicamente como Sartre, mas o admirava por isso. A atuação de Braudel se deu no acompanhamento de pesquisadores e no fomento de instituições de produção e difusão do conhecimento. A sua produção teórica própria, no entanto, não deixa de ser muito volumosa. Em 1958, ele escreve um artigo nos *Annales* sobre 'a longa duração', utilizando o conceito para as realidades da história lenta, tão trabalhadas no *Mediterrâneo*. Braudel acabará por fazer deste conceito um emblema de si mesmo e de sua obra. Ele assevera: "Sou o homem da longa duração. Quero ver o que ela pode me proporcionar⁶⁰".

A história lenta, estrutural, faz parte da história 'global', que é a dialética permanente entre estrutura e não-estrutura, entre permanência e mudança. A história

⁵⁸*Escritos sobre a história*, São Paulo, Perspectiva, 1992, 17-38.

⁵⁹Um dos candidatos lhe escreveria: "O senhor não imagina o bem que fez aos estudantes de minha idade ao nos forçar, através do objetivo utilitário de um concurso, a abrir os olhos para uma forma de história viva que o ensino oficial da Sorbonne nos ocultava", Arquivo Braudel *in*: DAIX, P., o.c., 306.

seria não só o que muda, como pensava Marc Bloch, mas também o que não muda. Uma revolução tão profunda quanto a francesa está longe de ter mudado tudo de um dia para outro. A mudança sempre compõe com a não-mudança. Assim como as águas de um rio condenado a correr entre duas margens, passando por ilhas, bancos de areia e obstáculo, a mudança é surpreendida numa cilada. Se consegue suprimir parte considerável do passado, é necessário que esta parte não tenha uma resistência forte demais e que já esteja desgastada por si mesma. A mudança adere à não-mudança, segue suas fragilidades e utiliza suas linhas de menor resistência. Ao lado de querelas e conflitos, há compromissos, coexistências e ajustes⁶¹.

Na divisão constante entre o a favor e o contra, há, de um lado, o que se move; do outro, o que teima em ficar no mesmo lugar. A história, segundo os *Annales*, seria a globalidade, ou seja, uma grande orquestração. A dificuldade reside em incorporar-lhe a massa inconsciente dessa história oceânica, originária de um passado inesgotável ao mesmo tempo difícil de perceber e impossível de dominar. Nesse âmbito das profundezas, seria irrisório dizer que o homem faz a história; ele a sofre⁶². A história global, para Braudel, é também uma história abastecida por todas as ciências do homem. Não se trata somente de escolher uma e se ‘casar’ com ela, mas de viver em ‘concubinato’ com todas as ciências do homem⁶³.

Nos anos 60, ele publica um manual de história para o ensino secundário, republicado depois como *Gramática das civilizações*⁶⁴, onde desenvolve o conceito de civilização, que tão bem exprime a idéia de longa duração. Um convite feito por L. Febvre, em 1952, lança Braudel em uma história mundial da vida material e do capitalismo, cobrindo os séculos 15 a 18. Seria parte de uma coleção intitulada *Destinos*

⁶⁰BRAUDEL, F., entrev a J.-C. Bringuier...(1983) in: DAIX, P., o.c., 454.

⁶¹BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história...*, o.c., 356-357.

⁶²*Idem.*

⁶³BRAUDEL, F., *Une Leçon d'histoire...Chateauvallon...*, o.c., 162.

do mundo, em que Febvre escreveria sobre pensamentos e crenças do ocidente no mesmo período.

A vida material, para Braudel, incorpora elementos na vida profunda e nas entranhas dos homens, fazendo com que experiências antigas se tornem necessidades do cotidiano, banalidades às quais ninguém dá atenção⁶⁵. É um lugar de manifestação da longa duração. Com a morte do seu mestre, Braudel prosseguiu solitário a sua parte do projeto e lhe dedicou cerca de vinte anos de trabalho⁶⁶. O primeiro volume saiu em 1967; o segundo e o terceiro, em 1979. O título final ficou: *Civilização material, economia e capitalismo do séc. XV ao séc. XVIII*⁶⁷. Ele lamentou a ausência da parte de Febvre, pois a história deve ser sempre global. Uma história material é uma história fatiada, uma realidade segmentada⁶⁸.

Os últimos dez anos de sua vida foram de glórias e reconhecimento. Em 1975, a *École* vence a resistência da Sorbonne e se torna *École des hautes études en sciences sociales* (E.H.E.S.S.), com direito a dar títulos universitários. Braudel conclui apreensivo: “Tornamo-nos ortodoxos. Será um bem?” Os homens dos *Annales* invadem a *mídia*: livros, jornais, programas de rádio e televisão. Uma série de televisão sobre o Mediterrâneo é feita em doze capítulos, tendo Braudel como narrador. Ele se torna conhecido fora do mundo dos historiadores, alcançando o grande público francês.

As traduções do *Mediterrâneo* e da *Civilização material* vendem muito pelo mundo afora e alcançam um sucesso estrondoso nos Estados Unidos. Diversas universidades no exterior o convidam e o homenageiam. Ele recebe dezenas de títulos de doutor *honoris causa*. Em Nova Iorque, um centro universitário toma o seu nome: o *Braudel Center*, dirigido por Immanuel Wallerstein. Desde a morte de Febvre, em 1956,

⁶⁴São Paulo, Martins Fontes, 1989.

⁶⁵BRAUDEL, F., *A dinâmica do capitalismo*, Rio de Janeiro, Rocco, 1987, 14-15.

⁶⁶*Ibidem*, 12

⁶⁷São Paulo, Martins Fontes, 1995.

até sua própria morte, em 1985, ele é considerado o mais importante e poderoso historiador francês⁶⁹.

Os *Annales* também tiveram seus conflitos e dissidências. Uma nova geração de historiadores com tendências diferentes pressiona o velho Braudel, guardião da história globalizante. As agitações do final dos anos 60, incluindo o maio de 68 em Paris, precipitam as mudanças. Braudel se vê obrigado a dividir a direção da revista com um grupo de jovens historiadores: Le Goff, Le Roy Ladurie e M. Ferro. Ao completar 70 anos de idade, em 1972, ele deixa a direção da *École*, o Colégio da França e permanece apenas na direção da *Maison*. No nível da historiografia, a divergência principal de Braudel com seus sucessores é sobre a história das mentalidades. Ele a considera uma história particular que deve ser conectada ao conjunto e não aceita a renúncia à história global⁷⁰.

Aproximando-se dos oitenta anos, Braudel resolve dedicar-se à história da França. É um ato de amor à sua pátria, por quem ele tem uma paixão exigente e complicada como Michelet, e uma espécie de reparação por tantos anos vividos fora. Dedicava-a à sua avó, Emilie Cornot, 'luz de minha infância'. Sabe que não conseguiria escrever uma história global da França, abrangente como exige a sua concepção de história, mas tentou⁷¹. Ela se divide em quatro partes: 1) Espaço e história (com uma perspectiva geográfica); 2) Os homens e as coisas (demografia e economia política); 3) Estado, cultura e sociedade (onde iriam contribuir a politologia, o estudo das culturas e a sociologia); 4) A França fora da França (servindo de conclusão ao conjunto da obra)⁷². A sua morte, aos 83 anos de idade, interrompeu o trabalho⁷³. Só foram terminadas as

⁶⁸Braudel, F., entrev. a F. Ewald e J.-J. Brochier...(1984), o.c., 19.

⁶⁹BURKE, Peter, *A Escola dos Annales (1929-1989) - a Revolução Francesa da historiografia*, São Paulo, Unesp, 1990, 56.

⁷⁰Braudel, F., entrev. a F. Ewald e J.-J. Brochier...(1984), o.c., 23.

⁷¹BRAUDEL, F., *Une Leçon d'histoire...Chateaufallon...*, o.c., 159-163.

⁷²BRAUDEL, F., *L'identité de la France*, Paris, Flammarion, 1990, 20.

⁷³Braudel faleceu em Cluses, Haute-Savoie, em 27 de novembro de 1985.

duas primeiras partes, publicadas postumamente, que somam mais de mil e cem páginas.

No seu último ano de vida, Braudel foi eleito para a Academia Francesa, uma homenagem consagrada. No discurso de posse, ele resumiu sua obra nos seguintes termos: “Em primeiro lugar, reconheço com prazer March Bloch e Lucien Febvre os maiores historiadores deste século; eu sou apenas seu continuador, seu herdeiro privilegiado. Se inovei, foi continuando a obra deles⁷⁴”.

Sem dúvida que Braudel recebeu o legado de Febvre e Bloch, desenvolveu-o de forma brilhante e combateu por ele com empenho extraordinário. Quanto a considerar-se o herdeiro privilegiado dos dois maiores historiadores do século 20, querendo reunir em sua pessoa a suposta grandeza dos dois, é bem questionável. No entanto, não se pode deixar de reconhecer que Braudel foi um dos maiores historiadores do século passado.

A importância do Brasil na sua própria história aparece em diversas declarações e entrevistas no final de sua vida. Em uma delas ele afirma: “O Brasil e toda a América Latina são a mesma civilização [que nós], mas não na mesma idade. E eu tenho a convicção que foi efetivamente o Brasil que me permitiu chegar a uma certa concepção da história que eu não teria alcançado se tivesse permanecido em torno do Mediterrâneo⁷⁵”.

Um mês antes de morrer, Braudel participou de um grande colóquio sobre sua obra em Châteauevallon, Sul da França. Este encontro foi uma espécie de balanço, que permitiu elucidar muitos aspectos de sua vida e obra. Lá ele disse: “Eu me tornei inteligente indo ao Brasil. O espetáculo que tive diante dos olhos era um tal espetáculo

⁷⁴*Discours de réception de Fernand Braudel a l'Académie française et réponse de M. Maurice Druon*, Paris, Arthaud, 1986, 9.

⁷⁵BRAUDEL, F., entrev. a J.-C. Bringuier...(1983), o.c.

de história, um tal espetáculo de gentileza social que eu compreendi a vida de outra maneira. Os mais belos anos de minha vida eu passei no Brasil⁷⁶”.

Tal ‘espetáculo de história’ vivido neste país e o seu amadurecimento como historiador, não são lisonja, nem saudosismo, nem idealização do passado. Como se pretende demonstrar, a estada de Braudel foi um desenraizamento enriquecedor, de quem com espírito aberto se depara com um mundo diferente e sua riqueza. Bem observou Lucien Febvre que seu filho espiritual se transformou muito mais com o Brasil do que com o Mediterrâneo⁷⁷.

⁷⁶*Une Leçon d'histoire...Châteauvallon...*, o.c., 203.

⁷⁷BRAUDEL, F., entrevista a Reali Jr...(1984), o.c.

CAPÍTULO II - OS VÍNCULOS CULTURAIS FRANCO-BRASILEIROS

A vinda de Braudel ao Brasil, com uma missão de professores franceses, situa-se no amplo contexto da forte influência francesa na América Latina e dos vínculos culturais franco-brasileiros. Estes vínculos, já presentes no final do século 18, fortificam-se ao longo do século 19 e início do século 20. Eles só vão se enfraquecer depois da Segunda Guerra Mundial, com a crescente hegemonia norte-americana.

Na história moderna do Ocidente, a influência cultural dominante não coincide com a hegemonia econômica. O próprio Braudel nos mostra isto na sua história mundial da vida material e do capitalismo. Já antes, nos séculos 13 a 15, Veneza e Gênova, rainhas do comércio, não impõem leis à civilização. É Florença que dá o tom, impondo à literatura italiana o seu dialeto, o toscano, e criando e lançando o Renascimento. Neste campo, o dialeto veneziano, tão vivo e apto para tal conquista, nem mesmo a tentou. Seria porque uma cidade economicamente vitoriosa ou um Estado tão evidentemente dominante não pode possuir tudo ao mesmo tempo? No século 17, Amsterdã triunfa, entretanto o barroco que invade a Europa tem seu centro em Roma; ou quando muito em Madri. Duzentos anos depois, Londres sucede a Amsterdã; mas a Inglaterra, com todo o seu progresso, não arranha a realeza intelectual de Paris. Toda a Europa até Moscou se empenha para que o francês se torne a língua das sociedades aristocráticas e o veículo do pensamento europeu.

No fim do século 19 e princípio do 20, em meio a afluência econômica européia, a França é o centro indubitável da literatura e da pintura no Ocidente. A primazia musical da Itália e em seguida a da Alemanha, segundo Braudel, exerceram-se em épocas que nem a primeira nem a segunda dominavam economicamente a Europa.

Mesmo depois, o notável avanço econômico dos Estados Unidos não o coloca à frente no universo literário ou artístico⁷⁸.

O interesse da França pelo Brasil pode ser notado desde o início da colonização. Nos séculos 16 e 17, expedições francesa instalam-se sucessivamente no Rio de Janeiro e no Maranhão, comandadas por Villegagnon e Daniel de la Touche, respectivamente. Os cronistas destas expedições narram suas obras: o protestante Jean de Léry e os franciscanos André Thevet e Claude d’Abeville. Com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, o Brasil se abre como campo de investigação para os cientistas europeus. Expedições de diversas nações e visitantes de todo tipo atravessam o território. São pintores à procura de paisagens, geólogos, etnógrafos, botânicos, zoólogos, comerciantes, príncipes dados às ciências naturais e turistas ávidos de novidades. As embaixadas trazem adidos, que aproveitam a estadia para estudar o país, e as academias de ciências européias pedem a seus governos que enviem missões ao Brasil⁷⁹.

O naturalista Saint-Hilaire chega ao país em 1816 e elabora uma vasta obra sobre a flora meridional brasileira. D. João VI convoca uma missão cultural francesa para a criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. Um importante mestre deste grupo é Jean-Baptiste Debret, que passou quinze anos no Brasil e relata sua experiência na *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*.

No campo das idéias, a influência francesa já se fazia bem presente na Inconfidência Mineira, no século 18, onde as obras de Montesquieu e dos enciclopedistas alimentavam os conspiradores. Um dos mentores da rebelião era o

⁷⁸ *Civilização material, economia e capitalismo - séculos XV-XVIII*, vol. 3, São Paulo, Martins Fontes, 1995, 54-57.

⁷⁹ MORAES, Rubens Borba de, “Prefácio” in: SAINT-HILAIRE, A., *Viagem à província de São Paulo*, São Paulo, Martins, 1940, 11 in: MASSI, Fernanda Peixoto, “Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras, 1930-1960” in: MICELI, Sérgio (org.), *História das ciências sociais no Brasil*, vol.1, São Paulo, Vértice/Revista dos tribunais, Idesp, 1983, 412.

cônego Luís Vieira da Silva, que tinha sido professor de filosofia no seminário de Mariana. Ele é considerado o homem mais culto da Província de Minas Gerais naquele século, e possuía uma biblioteca com autores iluministas que eram rigorosamente proibidos nos domínios da Coroa portuguesa. A independência dos Estados Unidos iria repercutir na Província mineira através da França, onde os incondidentes chegaram a fazer contato com Thomas Jefferson e onde os escritos liberais eram traduzidos em francês e enviados ao Brasil. O alfêres Tiradentes possuía um exemplar da *Recueil des lois constitutives des États-Unis d'Amérique*, o estatuto da federação das ex-colônias que seria precursor da Constituição norte-americana⁸⁰.

No século 19, as figuras de Vítor Hugo e Augusto Comte dominam o cenário intelectual como mediadores franceses da consciência nacional brasileira. Hugo é uma espécie de ‘evangelista’ da democracia, que seduz as elites brasileiras com seu anúncio messiânico de um mundo novo. Seus escritos despertam uma sensibilidade progressista e republicana. Seu misticismo anticlerical irá influenciar a separação entre Igreja e Estado no término da monarquia. Suas idéias sobre a pena de morte persuadem os legisladores brasileiros a abolirem esta forma de punição. O romantismo e a figura emblemática de Vítor Hugo criam no Brasil um ambiente favorável a mudanças sociais significativas⁸¹.

O ideal republicano encontra no pensamento de Augusto Comte um instrumento conceitual de grande proveito. Em meados daquele século, seu positivismo, bem ou mal digerido, torna-se doutrina militante com forte difusão. O *Curso de filosofia* e o *Tratado de geometria analítica* deste autor foram adotados na Academia Militar, na Escola Naval, na Escola Politécnica e na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em

⁸⁰LIMA JÚNIOR, Augusto de, *Pequena história da Inconfidência de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1955, 65-68.

⁸¹CARELLI, Mario, “À la confluence de la nature et de la culture”, *Préfaces (Les idées et les sciences dans la bibliographie de la France)* 14 (1989) 81.

seguida, Comte atinge as Faculdades de Direito de São Paulo e de Recife. Em 1881, fundou-se uma *Igreja positivista*, seguindo os ensinamentos do *Catecismo positivista*. Quando a República é proclamada, o povo canta a *Marseillaise*. O 14 de julho foi decretado festa nacional⁸². Paul Arbousse-Bastide, membro da missão francesa que fundou a USP, chegou mesmo a considerar o Brasil a verdadeira pátria do positivismo, e os discípulos brasileiros de Augusto Comte os únicos que compreenderam as verdadeiras intenções de seu mestre⁸³.

Na passagem do Império à República, o modelo francês, mais precisamente parisiense, atua como organizador da vida cultural na capital brasileira. Também São Paulo inicia um processo de “afrancesamento”. Diversos políticos falavam e agiam seguindo o modelo de Guizot e Thiers, e mesmo copiavam o figurino e as revistas de Paris nas roupas, chapéus, casas, reuniões e solenidades⁸⁴. Os grandes nomes do café, como Martinho Prado, Elias Chaves e o Barão de Piracicaba, formam-se em Paris ou criam fortes vínculos com esta cidade.

No início do século 20, diversos membros da certa elite brasileira estudam na França ou em universidades européias, como Paulo Prado, Sérgio Milliet e Rui Paula Souza. Na literatura, difunde-se no Brasil as obras de Zola, Maupassant, Verlaine e Rimbaud. No cinema, circulam os filmes da Pathé Frères e da Gaumont; e no teatro, Regina Badet, Suzanne Deprès e Sarah Bernhardt⁸⁵.

A cultura francesa está bastante disseminada na São Paulo dos anos 30. Quando os professores franceses chegam para participar da inauguração da USP, podem com tranquilidade dar aulas no seu próprio idioma, ao contrário de seus colegas alemães ou

⁸²*Idem*.

⁸³ARANTES, Paulo, “Le positivisme au Brésil. Brève présentation du problème pour un lecteur européen”, *Préfaces*, *ibidem*, 85.

⁸⁴BARBOSA, Francisco de Assis, “Alguns aspectos de influência francesa no Brasil: notas em torno de Anatole Louis Garraux e de sua livraria em São Paulo”, *Bibliographie brésilienne*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1962, 27 in: MASSI, F., “Franceses e norte-americanos...”, o.c., 413.

⁸⁵SCHWARTZMAN, Simon, *Formação da comunidade científica no Brasil*, São Paulo, Cia Ed.

italianos. Para os alunos das primeiras turmas, o francês faz parte do cenário cotidiano, no cinema de René Clair e Marcel Carné, nas canções de Maurice Chevalier e Edith Piaff, no teatro de *l'Atelier* e nos autores Mauriac, Gide e Benjamin Constant⁸⁶. Todo brasileiro um pouco cultivado falava francês. Mesmos sem serem grã-finos, os alunos tinham um conhecimento suficiente desta língua. Para Lévi-Strauss, um francês podia se sentir em casa no Brasil⁸⁷.

O relação franco-brasileira está ligada ao conceito de 'América Latina', criado em meados do século 19, para evocar um parentesco dos países hispano-americanos entre si e com o Brasil. Este parentesco se dá pela 'latinidade', um vínculo que os une aos países europeus de origem latina. A França vai difundir e fomentar este conceito a fim de se tornar líder da latinidade, explorando o seu potencial geopolítico e cultural.

Antes que surgisse o conceito de América Latina, já se esboçava entre portugueses e espanhóis da América um desejo de boa convivência e solidariedade. O Tratado de Madri, firmado entre Portugal e Espanha, em 1750, estabelece entre outras coisas que, mesmo na hipótese indesejada do rompimento entre os dois reinos, os súditos de ambos residentes na América Meridional se manteriam em paz perpétua e boa vizinhança. Na prática, porém, não deixou de haver guerras e conflitos de fronteiras. Pouco antes da Independência do Brasil, Dom João VI propõe às novas nações de língua espanhola um "Tratado de confederação e mútua garantia de independência", para que os países signatários pudessem se defender de "qualquer potência agressora deste direito". Simon Bolívar e o Congresso do Panamá procuram articular as novas nações neste mesmo interesse⁸⁸.

Nacional/Rio de Janeiro, Finep, 1979, 86 in: MASSI, F., *idem*.

⁸⁶SOUZA, Gilda de Mello e, "Entrevista", *Língua e literatura* 10/13 (1981/4) 134-157 in: MASSI, F., *ibidem*, 416.

⁸⁷LÉVI-STRAUSS, Claude, "Entrevista", *Veja*, 21/12/1983 in: MASSI, F., *ibidem*, 416.

⁸⁸ALEIXO, José Carlos Brandi, "Integração na América Latina", *Revista de informação legislativa - Brasília* 81(1984) 23-24.

A emancipação política criou um novo cenário internacional no Continente, exigindo uma nova nomenclatura. Alexandre de Humbolt testemunha a insuficiência da terminologia existente: “Para evitar circunvoluções cansativas, eu continuo a me referir aos países habitados pelos hispano-americanos com a denominação de ‘América Espanhola’, apesar das mudanças políticas ocorridas na situação das colônias. Eu chamo ‘Estados Unidos’, sem acrescentar ‘da América Setentrional’, os territórios dos anglo-americanos, mesmo que outros ‘Estados Unidos’ tenham se formado na América Meridional. É constrangedor falar de povos que desempenham um grande papel na cena mundial e que não tem nomes coletivos. O termo ‘americano’ não pode ser aplicado somente aos cidadãos dos Estados Unidos da América do Norte, e é desejável que esta nomenclatura de nações independentes do novo Continente seja estabelecida de maneira mais cômoda, harmoniosa e precisa”⁸⁹.

Ao que tudo indica, ‘América Latina’ surge com o colombiano Torres Caicedo: “desde 1851 começamos a dar à América espanhola o qualificativo de latina... Há América anglo-saxã, dinamarquesa, holandesa, etc.; existe a espanhola, a francesa, a portuguesa, e a este grupo que denominação científica aplicar-lhe senão a de Latina? Hoje vemos que nossa prática se generalizou; tanto melhor”. E explica que o novo termo não surge por ódio algum à Espanha ou a qualquer outro povo. Uma segunda origem do termo, copiado ou inventado, é na França da década de 1860, durante o império de Napoleão III (1852-1870). O contexto é o movimento de resistência dos povos latinos à expansão dos eslavos, na Europa, e dos anglo-saxões, na América. O padre francês Emanuel Domenech, secretário de imprensa do imperador Maximiliano, no México, na sua primeira referência à América Latina, acrescenta: “ou seja, o México,

⁸⁹HUMBOLDT, Alexandre de, *Essai politique sur l'île de Cuba*, Paris, Librairie de Gide Fils, 1826, tomo II, 111-112 in: MARTINIÈRE, Guy, *Aspects de la coopération franco-brésilienne*, Paris, Maison de Sciences de l'Homme/Presse Universitaires de Grenoble, 1982, 26.

a América Central e a América do Sul”. Explicava assim uma palavra nova aos seus leitores⁹⁰.

Nessa mesma década, surge uma monumental história diplomática da América Latina em 20 volumes, de Charles Calvo⁹¹. O senador francês Michel Chevalier formula a problema geopolítico dos países latinos ante a ameaça de crescimento das outras nações: a França, herdeira das nações católicas européias, carrega consigo a bandeira das raças latinas francesa, italiana, espanhola e portuguesa. Fiadora da paz e da civilização, esta bandeira ilumina a marcha no caminho do progresso muito mais do que a concórdia entre Paris e Londres. Se houver descuido, o declínio das nações católicas e latinas da Europa, Itália, Espanha e Portugal, vai favorecer as nações cristãs dissidentes, Rússia e Prússia, e também a Turquia. A solução é uma nova aliança que possa regenerá-las, liderada por Napoleão III. Cruzando os mares, a ascensão das nações protestantes e da raça anglo-saxônica é evidente na América, onde nem o Brasil nem Cuba podem, sozinhos, contrabalançar a influência dos Estados Unidos. Já é tempo de se unir na Europa para ajudar as nações latinas, as irmãs da América, a encontrarem o caminho do progresso que a França descobriu por si. E antes de tudo, amparar eficazmente o México para que faça uma barreira à expansão dos Estados Unidos⁹².

A ajuda militar ao México fracassou, mas o conceito de ‘América Latina’ triunfou como obra ideológica da III República francesa. Na Europa, o novo termo despertou certo mal-estar na Espanha, que considerava suas ex-colônias antes de tudo como hispano-americanas. Uma crítica indignada vem da Alemanha. Um discípulo de Humboldt, Wappaens, escreve em um jornal de Goettingen em 1863:

⁹⁰ALEIXO, *ibidem*, 20.

⁹¹CALVO, Charles, *Recueil complet des traités, conventions, capitulations, armistices et autres actes diplomatiques de tous les Etats de l’Amérique latine...*, Paris, A. Durand, 1862-1864.

⁹²*Le Mexique ancien et moderne*, Paris, Hachette, 1863, 494-508 in: MARTINIÈRE, Guy, *Aspects de la coopération...*, o.c., 28-29.

“Lamentamos um pouco a presunção dos hispano-americanos...Antes de tudo desejamos que os sul-americanos reflitam seriamente, e que ao invés perseguir loucamente as teorias francesas, esforcem-se por retornar à base que indica sua nacionalidade. Isto é, que eles procurem alcançar, não um desenvolvimento latino, neofrancês, mas um desenvolvimento neo-espanhol, no mesmo sentido indicado no desenvolvimento neo-inglês, obra dos anglo-americanos. E para alcançar este objetivo, eles não devem, entre outras coisas, escolher Paris para a instrução superior de seus jovens...; devem pelo contrário enviá-los a Madri ou às universidades espanholas, e se inspirarem na literatura espanhola ao invés de adotar idéias dos escritos de Voltaire, Rousseau, Eugène Sue e outros franceses semelhantes”⁹³.

A independência dos países americanos, ocorrida entre os anos 1775 e 1825 (e no caso de Cuba, em 1898), pôe fim a grandes impérios coloniais europeus na América e fomenta um forte sentimento de pertença ao Continente. Surge o ‘pan-americanismo’, tão caro ao presidente Monroe, dos Estados Unidos. Este pan-americanismo, entretanto, não chega a seduzir as elites dos jovens Estados independentes das Américas Central e do Sul. Simon Bolívar sonhava em uni-los todos para que pudessem se proteger do grande vizinho do Norte. A primeira conferência inter-americana se realizou em Washington, em 1889, por iniciativa dos Estados Unidos. As elites culturais dos Estados ibero-americanos, no entanto, estavam fascinadas pela descoberta de suas raízes latinas de origem européia⁹⁴.

Enquanto a influência crescente dos Estados Unidos procurava se traduzir em uma visão pan-americana do Continente, o conceito de ‘América Latina’ terminou por ser aceito e amplamente explorado. A expansão Norte-Sul do pan-americanismo se chocou com as fronteiras do latino-americanismo e, no plano cultural, não venceu a

⁹³WAPPAENS *in*: MARTINIÈRE, G., *ibidem*, 29-30.

⁹⁴MARTINIÈRE, Guy et CHONCHOL, Jacques., *L'Amérique Latine et le latino-américanisme en*

Europa em declínio nem mesmo na queda do predomínio francês entre as duas guerras mundiais. Ao adotar e defender esta nomenclatura, as elites crioulas que rejeitaram a dominação ibérica, afirmavam a sua originalidade face ao imperialismo *yankee*. A marca da latinidade da América triunfou. Estas elites acreditavam que só poderiam participar da grande marcha da civilização imitando o modo de viver e de pensar dos europeus, em particular, dos franceses⁹⁵.

Há uma certa contradição na adoção da língua e do *éthos* franceses. Esta língua é referência a uma modernidade cultural e política que não se quer pôr em prática na sociedade em que se vive. Uma modernidade que contém certas idéias liberais que não podem ser aplicadas, nem descartadas. Esta contradição aproxima a elite e os intelectuais brasileiros das elites russas do século 19⁹⁶.

O conteúdo desta latinidade sofreu modificações. O componente católico desta herança latina é debilitado, devido à ascensão do positivismo que se tornou ideologia oficial da república laica de Jules Ferry. Do México ao Brasil, surgem adeptos de A. Comte. As repúblicas da América tornam-se ‘repúblicas latinas’, irmãs da grande República francesa que as conduz à civilização e ao progresso. Os conflitos militares do início do século 20 acentuam esta orientação. Com a Primeira Guerra Mundial, esta visão geopolítica e ideológica das classes dominantes francesa, hispano-americanas e brasileira atinge o seu auge. A ‘civilização latina’ forma um novo eixo Leste-Oeste, um prolongamento da Europa humanista. Esta civilização é a herdeira do mundo greco-latino, lançando-se no Novo Mundo promissor das ‘repúblicas latinas’ da América⁹⁷.

France, Paris, l’Harmattan, 1985, 58-59.

⁹⁵MARTINIÈRE, *Aspects de la coopération...*, o.c., 30-31.

⁹⁶SCHWARTZ, Roberto, “Dépendance rationnelle, déplacement d’idéologies, littérature: Sur la culture brésilienne ao XIX^e siècle”, *l’Homme et la société*, 26 (1972) 99-110 in: PETITJEAN, Patrick, “As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940)”, HAMBURGER, Amélia Império et al., *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*, São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996, 315-316.

⁹⁷MARTINIÈRE, *Aspects de la coopération...*, o.c., 30-31.

Uma síntese da influência francesa no Brasil do século 19 é feita pelo barão d'Anthouard, no princípio do século 20: “com razão os brasileiros vêm na Revolução francesa a aurora da sua libertação e, por reconhecimento, adotaram o 14 de julho como festa nacional, a festa da liberdade. Quando em 1815, os primeiros franceses desembarcaram no Rio de Janeiro, foram acolhidos com grande simpatia e, desde então, a influência francesa cresce no novo império, *influência intelectual* sobretudo, influência do gênio francês muito mais que dos franceses, que se situa acima dos conflitos econômicos, políticos e que não consegue acompanhar o predomínio [populacional] dos elementos alemães, italianos ou portugueses no povoamento do país. O imperador D. Pedro II dá exemplo dessa intelectualidade francesa e a entrada de um príncipe francês na família vem reforçá-la. No início e ao longo do século 19, Joaquim Lebreton, membro do Instituto da França, os pintores Nicolas Taunay, J. B. Lebreton, os escultores Auguste Taunay, Marc Ferrez, os gravadores⁹⁸ Zephirin Ferrez e Simon Pradier, o arquiteto Granjean de Montigny criam a academia do Rio de Janeiro, a Escola de Belas Artes; um francês, Leloy, funda o jornal que se tornaria mais tarde, sob a direção de outro francês, o Jornal do Comércio, o órgão mais importante do país; estudiosos como Auguste Saint-Hilaire, marinheiros como E. Mouchez, economistas como Horace Say exploram o Brasil, estudam sua fauna, sua flora, sua geologia, seu comércio; um engenheiro, Gorceix, cria a primeira escola de minas no Estado de Minas Gerais; os legisladores se inspiram nos códigos napoleônicos; por volta de 1850, as Irmãs da Caridade, chamadas pelo imperador, fundam hospitais, criam colégios para a educação das filhas da aristocracia e da burguesia, e outras congregações as seguem para trabalhar na instrução da juventude dos dois sexos que recebem assim, desde a infância, uma marca francesa; enfim, a Revolução de 1889 da qual saiu o regime atual

⁹⁸Franc. *graveurs*: os que fazem gravuras.

do Brasil é feita pelos adeptos do positivismo francês, cuja divisa ‘ordem e progresso’ foi inscrita na bandeira da jovem República”⁹⁹.

A realidade brasileira, segundo o barão, é composta em grande parte de elementos oriundos das nações latinas da Europa. A alma brasileira é antes de tudo latina. Em uma base portuguesa, os espanhóis e os italianos depositaram aluviões mais ou menos espessos. A estas influências, a cultura francesa veio se juntar e, por assim dizer, acelerar a mistura. Sua presença pode ser notada em todos os domínios da inteligência. O Estados Unidos serviram também de guia mas, examinando de perto, o seu papel se reduziu às questões políticas e industriais. Por toda parte, a herança da Europa meridional recebeu ‘empréstimos anglo-saxões’, todavia eles não se adaptam ao ambiente brasileiro¹⁰⁰.

Apesar do número pequeno da imigração francesa e da inferioridade de seu comércio, prossegue d’Anthouard, a língua francesa entrou por toda parte e com ela a influência intelectual. Ela é conhecida por todas as pessoas instruídas e usada como instrumento do ensino superior, a tal ponto que a intelectualidade das classes dirigentes é de certa maneira francesa. Isto explica a fascinação dos brasileiros pela cultura francesa e porque muitos consideram a França como sua pátria intelectual¹⁰¹.

O papel da nação francesa, no entendimento do barão, encontra um modelo na história antiga. A Gália se romaniza, civiliza-se e se enriquece, estabelecendo um equilíbrio entre as províncias do Ocidente e do Oriente. Da mesma forma, a América do Sul ao se desenvolver, deve restabelecer em proveito dos latinos o equilíbrio alterado a favor dos anglo-saxões pelo progresso dos Estados Unidos. É de uma grande união que o mundo latino necessita. Acima da Europa se encontra a França, a nação mais cultivada

⁹⁹D’ANTHOUCARD, *Le progrès brésilien. La participation de la France. Etude sociale, économique et financière*, Paris, Plon, 1911, p.420 e 369-370 in: MARTINIÈRE, *Aspects de la coopération...*, o.c., 42-43. Os colchetes não são do autor.

¹⁰⁰*Ibidem*, 322 in: MARTINIÈRE, *ibidem*, 49-50.

do mundo, a única que pode definir a síntese da civilização moderna porque só ela equilibra todas as forças antagônicas em disputa pela dominação do mundo. Ela nos oferece bens valiosíssimos: um prestígio histórico maravilhoso, a tradição de uma civilização rara, uma das mais florescentes culturas e um império colonial que abrange vários espaços da África e da Ásia¹⁰².

Um contemporâneo de Anthouard, Ernest Martinenche, que muito trabalhou na cooperação franco-americana nos países de língua espanhola, pensava de modo semelhante: “A França foi intermediária indispensável entre o Norte e o Sul da Europa; será uma glória para ela desempenhar este mesmo papel entre o Antigo e o Novo Mundo. Sua influência será mais facilmente aceita quanto menos se puser em dúvida o seu desinteresse. Ela não alimenta um conquistador ‘embriagado de um sonho heróico e brutal’. Ela nem mesmo tem intenção de uma conquista moral. Nunca ela foi tanto ela mesma quanto nas vezes em que ajudou um outro povo a conquistar e a manter sua integridade e sua originalidade. Se ela puder contribuir para afastar da América Latina a barbárie de uma civilização meramente industrial, ela terá prestado um serviço não medíocre à humanidade”¹⁰³. Este papel um tanto messiânico da nação francesa se encontra ainda na figura de De Gaulle e em sua memória. Uma estátua dele no centro de Paris tem a seguinte inscrição: “Há um pacto vinte vezes secular entre a grandeza da França e a liberdade do mundo”¹⁰⁴.

A derrota na Guerra Franco-Prussiana, em 1870, leva a diversas modificações na sociedade francesa: a proclamação da Terceira República, a expansão colonial francesa, a valorização da ciência como indispensável para o desenvolvimento industrial de uma

¹⁰¹*Ibidem*, 370 in: MARTINIÈRE, *ibidem*, 51.

¹⁰²*Ibidem*, 372-373 in: MARTINIÈRE, *ibidem*, 50.

¹⁰³MARTINENCHE, Ernest, “L’action du Groupement pendant l’année 1910” in: *Bulletin de la bibliothèque américaine* (abril/1911) 263 in: MARTINIÈRE, *ibidem*, 62.

¹⁰⁴“Il y a un pacte vingt fois séculaire entre la grandeur de la France et la liberté du monde”, na Avenida Champs Elysées.

nação predominantemente agrária, a luta por novos mercados consumidores fora dos limites europeus e a necessidade de reconstruir o prestígio e a influência do país depois do isolamento diplomático imposto por Bismarck. A política exterior francesa se intensifica. Além de preservar seus domínios coloniais na Ásia e na África, a França quer se expandir culturalmente na América e favorecer sua situação na disputa geopolítica entre imperialismos rivais. Segundo a ideologia oficial da época, a França não coloniza, ela civiliza. É uma espécie de messianismo civilizador laico¹⁰⁵. Uma segunda partilha do mundo, quatro séculos depois de Vasco da Gama e Cristóvão Colombo, devia levar em conta, além das colônias, a autonomia da América conquistada nas lutas de independência entre 1775 e 1825 e a possibilidade do prolongamento cultural da Europa em grande parte do Novo Continente, no caso a América Latina¹⁰⁶.

Os interesses se misturam. A expansão intelectual provoca uma expansão comercial, principalmente de bens culturais e produtos de luxo, sinais “de inteligência e de bom gosto”. A indústria francesa é favorecida, pois se cria um terreno fértil para a sua penetração. Entretanto, esta “utilidade prática” não deve fazer sombra ao principal objetivo, que é incutir nas elites o “gosto social e moral de nossa civilização pelo qual elas permanecem, além dos mares, cidadãos de nossa cidade”¹⁰⁷. O Brasil possui uma colônia francesa pouco numerosa. Por isso, a política cultural da França se volta para a criar aqui um grupo nacional fiel, admirador, que tenha o francês como segunda língua e disposto a apoiar a França em caso de necessidade. O embaixador francês no Brasil nos anos 1930, Jean Henry, considera que neste país “nós não temos praticamente nenhuma questão política a tratar; minha missão de representante da França, fora a defesa e o

¹⁰⁵SUPPO, Hugo, “A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias”, *Revista de história* 142-143 (2000) 341.

¹⁰⁶MARTINIÈRE, G. et CHONCHOL, J., *L’Amérique Latine et...*, o.c., 79.

¹⁰⁷DUMAS, Georges, *La politique républicaine*, Paris, Félix Alcan, 1924, 559-560 in: SUPPO, *ibidem*,

desenvolvimento dos nossos interesses comerciais, deve ser, antes de qualquer outra, uma missão de propaganda cultural atingindo todos os domínios onde, graças a Deus, nós asseguramos ainda a superioridade de nosso gênio”¹⁰⁸.

O interesse geopolítico aumentou a partir da Primeira Guerra Mundial. Foram organizadas as ‘Semanas da América Latina’ em Lyon (1916), em Paris (1917) e em Bordeaux (1918) por um grupo parlamentar de ação no estrangeiro. O *slogan* era: “Repúblicas da América, filhas da Revolução francesa”. O cientista brasileiro Miguel Osório de Almeida¹⁰⁹ assina, em 1923, um memorando enviado ao Ministério de Relações Exteriores da França, afirmando que os povos da América Latina são alvo de dois tipos de propaganda estrangeira. O primeiro é o anglo-saxônico e o germânico, repudiado como propaganda colonialista, buscando a penetração econômica e só depois a influência intelectual. Sem nenhuma ‘afinidade sentimental’ com os povos sul-americanos, ele provoca ódio e reação. O segundo é o latino, de modo especial o francês, “um impulso simpático na direção dos povos de identidade comum. Inicialmente, ela só se desenvolve no ambiente espiritual e se transforma em influência comercial logo depois, ela é cobiçada... É por isso que nós não a tememos e viemos aqui mesmo a procurar a influência da França”¹¹⁰.

A população de origem francesa no Brasil de fato era pequena. Entre 1820 e 1907, estima-se que vieram ao Brasil como imigrantes: 1.213.167 italianos, 634.585 portugueses, 288.646 espanhóis, 93.075 alemães, 56.892 austríacos, 54.593 russos, 19.269 franceses e outros que totalizam cerca de 200 mil¹¹¹. Estes números não dizem

327.

¹⁰⁸Arquivo do Ministère des Affaires Etrangères (MAE), Nantes, SO (Service des Oeuvres) Brésil, vol. 440, carta nº 377, Carta ao SOFE (Service des Oeuvres Françaises à l’Étranger), Rio de Janeiro, 20/12/1939 in: SUPPO, *ibidem*, 332-333.

¹⁰⁹Médico fisiologista, fundador da Academia Brasileira de Ciências e animador do Instituto Franco-Brasileiro.

¹¹⁰*Memorandum de la Maison de l’Amérique Latine*, Miguel Osório a Jean Giraudoux in: SO - Amérique du Sud, vol. 53, SOFE, Arquivo do MAE, Paris, 19/10/1923 in: SUPPO, *ibidem*, 331.

¹¹¹D’Anthouard, *ibidem*, 316 in: MARTINIÈRE, *Aspects de la coopération...*, o.c., 46.

tudo, pois neste intervalo de 87 anos estas populações aumentaram e se multiplicaram dentro do Brasil, e também houve um relevante contingente imigratório posteriormente. De qualquer maneira, os franceses estão em sétimo lugar entre os imigrantes.

Acompanhando esta onda imigratória, vieram as congregações religiosas católicas que criaram numerosas escolas de ensino primário e secundário. A maior parte destas escolas foi erguida entre 1885 e 1895, quando o fluxo de imigrantes da América do Sul atingiu seu ponto culminante. A escola religiosa era simultaneamente um meio de evangelização e de transmissão de cultura. A escola religiosa francesa era uma instituição privilegiada de formação das elites e da classe média e de difusão da francofonia, que não podia deixar indiferentes os que se interessavam pela irradiação cultural da França. O padre jesuíta Jean Baptiste Piolet, ao tratar das missões católicas francesas no exterior, faz um apelo aos seus compatriotas: “o público francês não poderá se desinteressar por estes países tão pouco conhecidos e tão dignos de sê-lo, tão ricos e onde a riqueza só pede para ser utilizada, onde nossos compatriotas se estabeleceram em muito grande número, mas onde a concorrência é muito dura com os ingleses, os italianos, os alemães e onde nós precisamos de todos os meios disponíveis para defendermos o que conquistamos”¹¹².

O ensino da língua francesa no exterior se institucionaliza com a criação da Aliança Francesa, em 1883. A França é o primeiro país a adotar esta estratégia. P. Foncin, secretário geral da nova instituição, dizia que “todo cliente da língua francesa é um cliente natural dos produtos franceses”¹¹³. Estas iniciativas privadas ou semi-privadas se articulam em nível do Estado, com a criação do *Bureau des écoles et des oeuvres françaises à l'étranger*, em 1910. O Ministério das Relações Exteriores acaba

¹¹²PIOLET, Jean Baptiste, “Les congrégations françaises dans l’Amérique Latine” in: *La France au-dehors. Les missions catholiques françaises au XIX^e siècle*, tomo VI, *Missions d’Amérique*, Paris, A. Colin, 1903, 453-486 in: MARTINIÈRE, G. et CHONCHOL, J., *L’Amérique Latine et...*, o.c., 81-82.

¹¹³Conferência publicada no *Bulletin de l’Alliance Française* 21 e 22 (jan-fev/1885) in: SUPPO, *ibidem*,

assumindo o *Bureau*, que em 1920 se transforma em *Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger* (SOFE). A Aliança Francesa será fortemente subvencionada pelo SOFE, que dará grande apoio às escolas laicas. O orçamento deste ministério tem um aumento gigantesco: entre 1913 e 1938 é multiplicado por 26¹¹⁴. O livro francês é também um instrumento e um indicador da presença cultural francesa no Brasil. Entre 1910 e 1915, o Brasil gastou em média anual 2.858.000 Francos com a importação de livros franceses, contra o equivalente a 706.000 Francos de livros alemães, 400.000 de livros italianos e 165.000 de livros espanhóis¹¹⁵. Por um tempo se chegou a evitar a tradução de livros franceses em português para que os interessados aprendessem aquela língua.

Os vínculos culturais com a América Latina recebem um novo impulso com a criação do *Groupement des universités et grandes écoles de France pour le développement des relations avec l'Amérique Latine*, em 1908, mais conhecido simplesmente como o *Groupement*. Ele se deve à iniciativa de membros da universidade francesa que queriam favorecer as relações intelectuais entre a França e as repúblicas ‘irmãs’ latino-americanas. Entre eles estava Georges Dumas et Le Châtelier, que viajaram ao Brasil, à Argentina e ao Uruguai. Eles ficaram fascinados com a fidelidade dos sul-americanos à língua, à literatura, à ciência, à cultura francesa em geral. Muitos franceses quase nada sabiam da América Latina. Chocados com este desconhecimento, eles pretendem remediá-lo, pelo menos no nível universitário¹¹⁶. O *Groupement* pretende também reter e aumentar na França “a clientela intelectual brasileira que frequenta nossas universidades e grandes escolas”¹¹⁷. Depois da Primeira Guerra, o

312.

¹¹⁴SUPPO, *Idem*.

¹¹⁵MARTINIÈRE, G. et CHONCHOL, J., *L'Amérique Latine et...*, o.c., 83.

¹¹⁶LESCA, Charles, “Histoire d’une revue” in: *Hommage à Ernest Martinenche*, Paris, D’Artrey, 1939, 428 in: MARTINIÈRE, G. et CHONCHOL, J., *L'Amérique Latine et...*, o.c., 60.

¹¹⁷Arquivo Nacional, Académie de Paris, série AJ16, vol. 6964, carta nº 103, barão d’Anthouard a Stephen Pichon, Petrópolis, 12/8/1909 in: SUPPO, *ibidem*, 320.

SOFE trabalha em estreita colaboração com o *Groupement*. Em 1925, é criada em Paris a Cidade Universitária, para a acolhida dos estudantes estrangeiros.

Logo depois da fundação do *Groupement*, Georges Dumas veio ao Brasil e fundou a *Union scolaire franco-pauliste*, uma seção paulista, que cria uma cadeira de estudos brasileiros na Sorbonne. A cadeira é inaugurada em 1911 por Oliveira Lima, com conferências sobre a formação da nacionalidade brasileira. Em 1912, será ocupada pelo geógrafo Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa e, em 1913, pelo jurista Rodrigo Octávio de Menezes. Mais tarde, foi criada uma cadeira de cultura francesa em São Paulo. Dumas será o primeiro conferencista. Entre os membros desta União Escolar, estão Júlio Mesquita, fundador do jornal O Estado de São Paulo (OESP), o *Estadão*, e Reynaldo Porchat. Também é criado, em 1909, o *Comité France-Amérique*, órgão anexo ao Ministério das Relações Exteriores francês. O *Comité* se torna um espaço de encontro social, onde as elites sul-americanas em visita a Paris são convidadas a proferirem discursos e a encontrarem as personalidades do mundo político e universitário. Na América Latina também são organizados comitês com a participação das elites locais. São órgãos de propaganda, semelhantes a clubes privados, onde circulam diplomatas, professores e simpatizantes¹¹⁸.

Os institutos franceses no exterior se multiplicam. Eram 4, em 1914, e passam a 28, em 1933. Nos anos 20, há três na América Latina: em Santiago, Buenos Aires e Rio de Janeiro. Professores franceses são convidados no período de férias de seu país. O intercâmbio estabelecido permite também que professores sul-americanos realizem conferências na França. Os institutos são considerados “a forma mais flexível e, sem dúvida, mais fecunda de propaganda intelectual”¹¹⁹.

¹¹⁸SUPPO, *ibidem*, 320-321.

¹¹⁹Arquivo do MAE, Paris, Série Amérique 1918-1940 (AM 18-40): Dossiers Généraux (DG), vol. 218, cópia de documento datilografado “O SOFE no ano 1930”, F. P., janeiro 1931 in: SUPPO, *ibidem*, 316.

Outro instrumento a serviço da irradiação da França são os liceus franceses: escolas de nível fundamental e médio. No Rio de Janeiro, fundou-se um liceu em 1916, e outro em São Paulo, em 1923, com a participação de Georges Dumas e do grupo do *Estadão*. Dumas via no liceu paulista um modelo para todos os países onde a colônia francesa era pouco numerosa e o contexto interno era nacionalista. O seu diretor é brasileiro e os professores também, seguindo os programas do Brasil e a pedagogia indicada pela Escola Normal de São Paulo. No entanto, o estabelecimento possui *agrégés* franceses, professores habilitados em seu país para o ensino fundamental e médio, ensinando em sua própria língua as humanidades francesas e greco-latinas. Assim, a cultura da França é assimilada numa instituição adaptada, evitando chocar as “susceptibilidades nacionais perfeitamente legítimas”, e os objetivos franceses são atingidos¹²⁰.

O liceu paulista tornou-se um local de referência por onde passavam intelectuais franceses e um embrião da futura Universidade de São Paulo. Lá estiveram Paul Rivet, Pierre Fauconnet, os psicólogos Henri Pierón e Pierre Janet, o próprio Dumas e o padre jesuíta Yves de La Brière, diretor da revista católica *Études*. Segundo Cruz Costa, “muito antes da fundação da nossa faculdade, já os professores franceses aqui tinham um saliente papel. Foram eles, nos saudosos cursos de conferências de outro tempo, que prepararam o caminho que iria levar à fundação da nossa atual faculdade”¹²¹. Já em 1927, Fauconnet e Dumas falavam da necessidade de se criar uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em São Paulo. Dumas se comprometia em enviar anualmente ao Brasil professores de várias universidades francesas¹²².

¹²⁰*in*: SUPPO, *ibidem*, 328.

¹²¹COSTA, João Cruz, “Os antigos cursos de conferências: a contribuição francesa nos primórdios da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, *Filosofia, ciências e letras* 9 (1945) *in*: MASSI, F., “Franceses e norte-americanos...”, o.c., 413-414.

¹²²CARDOSO, Irene de A. R., *A universidade da comunhão paulista*, São Paulo, Cortez, 1982, 61-62.

Os propagandistas da França também apoiaram os colégios religiosos franceses no exterior. Eles percebem o grande serviço prestado por estas instituições à cultura francesa e a necessidade de ajudá-las. O fechamento dos noviciados religiosos na França desde o início do século 20 era uma ameaça para a sobrevivência das congregações com obra educativa no exterior. Dumas propõe a reabertura dos noviciados destinados às congregações no estrangeiro. Cunhou-se o lema: “o anticlericalismo não é produto de exportação”. E por razões nacionalistas, até radicais secularistas aderem a esta causa. Em 1928, um manifesto de 40 professores que tinham lecionado na América Latina é dirigido às autoridades e publicado na imprensa: “Para assegurar a aproximação entre a América Latina e a França, os professores de todas as opiniões da Universidade de Paris pedem que se salvem as congregações francesas da América Latina”. Trata-se da defesa da nação francesa e de sua língua; os interesses em jogo são vitais, pois essas congregações ensinam “o francês e a nossa cultura a mais de cem mil alunos”¹²³.

Lévy-Bruhl e Dumas, conhecidos militantes ‘laicistas’, explicam-se: “Nós não podemos julgar a América Latina com nossa ótica de franceses e nossos critérios habituais. Ela ignora as classificações rígidas de partidos, as incompatibilidades políticas e religiosas que a história criou em nosso país. Ela fez seu o ideal de justiça e liberdade da Revolução, ficando ao mesmo tempo fiel às suas crenças que são, geralmente, a base de sua educação moral”. Defender as congregações é fundamental para a francofonia, meio pelo qual se propaga a cultura. “Nosso comércio com a América Latina é em grande medida dependente da cultura que nós propagamos, desde o comércio de livros até o de quadros, jóias, móveis e roupas; nós pensamos ter servido

¹²³*La vie française* (21/10/1928) in: SUPPO, *ibidem*, 328-329.

os interesses materiais e os interesses morais de nosso país chamando a atenção do governo e a atenção pública para a grave situação que temos constatado”¹²⁴.

A Aliança Francesa também apoia as congregações, sabendo que ninguém tem condições substituir sua obra educativa. Nenhuma instituição não-confessional poderia construir 150 colégios onde estudam 100 mil alunos, até porque em certas regiões tais instituições não penetrariam facilmente dada a predominância do catolicismo. Os Irmãos Maristas, por exemplo, no final dos anos 30 possuíam no Brasil 55 escolas com 23 mil alunos¹²⁵. H. Hauser, professor da Sorbonne, participou de uma missão universitária francesa no Rio de Janeiro, em 1935, e foi vice-presidente da Aliança Francesa. Ele afirmava que para a França conservar o privilégio de poder enviar missões de professores, era preciso não só apoiar os liceus não-confessionais, mas também autorizar as congregações a abrirem noviciados na França, para que pudessem ter religiosos ensinando no estrangeiro. Isto não deveria ser interpretado como clericalismo¹²⁶. Aliás, o próprio Hauser era judeu e não poderia ser acusado de clericalismo católico.

Dumas enfrenta seus adversários anticlericais, acusando-os de ingenuidade: “contribuindo para a decadência das congregações, eles favorecem o pensamento livre. Que erro! Eles fazem simplesmente um mal, um mal irreparável à França”, pois as congregações francesas seriam substituídas por outras italianas e alemães. Na América Latina “a base de nossa propaganda depende das congregações. Para que a *pensée* francesa morda (sic), é necessário que ela encontre um público falando e lendo nossa língua”¹²⁷. Na polarização ideológica dos anos 30, que precedeu a Segunda Guerra

¹²⁴*Le matin*, Paris, 28/10/1928 in: *idem*.

¹²⁵Arquivo do MAE, Nantes, SO-Br., vol. 440, carta nº 377, J. Henry, embaixador francês ao SOFE, Rio de Janeiro, 20/12/1939 in: SUPPO, *idem*.

¹²⁶“La langue française au Brésil” in: *Revue de l’Alliance Française* 68 (fev/1937) in: SUPPO, *ibidem*, 330.

¹²⁷Declarações contidas no artigo de René Johannet em *Le temps*, 12/8/1939 in: Arquivo do MAE, Paris, Série Amérique 1918-1940 (AM 18-40), Dossier Généraux (DG), vol. 39, carta nº 293, Charles-Roux,

Mundial, este argumento tinha força. Crente e agnósticos, católicos e anticlericais franceses eram capazes de se unir e superar diferenças em favor da irradiação de seu país.

A propaganda se torna um tipo de obsessão. Em nota enviada aos diplomatas no exterior em 1932, o governo da França afirma que “todo francês residente no estrangeiro, deve considerar-se como uma espécie de embaixador de seu país”¹²⁸, em particular os professores, os comerciantes e os industriais. Uma segunda nota determina que, em caso de guerra, os professores franceses trabalhando em estabelecimentos franceses em países não inimigos devem permanecer em seus postos, uma vez que serão “provavelmente utilizados pelo Serviço Geral de Informação, em razão do conhecimento particular que eles têm dos países”¹²⁹.

Os professores franceses no ensino universitário estrangeiro eram mais de 300 em 1933. Eles lecionavam em cerca de 200 universidades e estabelecimentos de ensino superior. O Ministério das Relações Exteriores francês os via como propagandistas privilegiados pois, onde atuavam, conheciam a fundo o país, a língua, a mentalidade, além disporem de amizades e relações. Os diplomatas levavam desvantagem neste ponto, pois não conheciam tanto o país em que residiam e sua língua. Nos professores, a França dispõe de uma verdadeira “milícia pronta a servir e totalmente disponível para ser utilizada na ação quotidiana pelos nossos representantes no estrangeiro e por nossos serviços de informação”¹³⁰.

O período de ouro do impulso missionário nas universidades brasileiras, imaginado por Dumas, vai declinar nos anos 50, quando estas universidades querem

embaixador francês ao MAE, Vaticano, 17/8/1939 in: SUPPO, *idem*. Os parênteses não são do autor.

¹²⁸Arquivo do MAE, Paris, Série Y Internationale 1918-1940 (YI 18-40), vol. nº 4, carta circular do Serviço de Informação e de Imprensa - MAE a agentes diplomáticos e consulares no estrangeiro, Paris, 12/12/1932 in: SUPPO, *ibidem*, 314

¹²⁹Arquivo do MAE, Nantes, SO-DG, vol. 242, carta coletiva “secreta”, Direção Política e Comercial, Europa Defesa Nacional, MAE, Paris, 15/12/1933 in: SUPPO, *idem*.

¹³⁰Arquivo do MAE, Nantes, SO-DG, vol. 228, Nota sem nº, “O SOFE”, Paris, 1/4/1933 in: SUPPO,

‘abrasileirar’ as ciências sociais, ‘re-inventando’ o país, e os estudos sobre a América Latina encontram na França um lugar específico de acolhida no Instituto de Altos Estudos da América Latina, cuja criação é decidida em 1952¹³¹.

Os vínculos culturais com a França marcaram muitas instituições brasileiras. Várias delas, ao serem concebidas, tinham como modelo as instituições francesas similares. É o caso da Academia Real Militar, criada em 1810, como cursos de matemática, ciências físicas e naturais seguindo o modelo da Escola Politécnica de Paris, utilizando até mesmo os mesmos manuais. A Escola de Minas de Ouro Preto, a qual se refere o barão d’Anthouard, foi fundada em 1876 por iniciativa de d. Pedro II. O modelo foi o da Escola de Minas de Saint-Étienne. O geólogo Henri Gorceix organizou a nova escola e a dirigiu até 1891. O imperador, em viagem à França, conheceu Louis Pasteur e por diversas vezes quis convencê-lo a vir ao Brasil para pesquisar a febre amarela¹³².

D. Pedro II se tornou membro da Academia de Ciências de Paris e divulgou diversos trabalhos científicos brasileiros¹³³. Por decisão sua, o Brasil adota o sistema métrico decimal. Em 1875, o país participa da conferência internacional em Paris sobre a implantação deste sistema¹³⁴.

No final do século 19, é fundado em São Paulo um instituto bacteriológico, e o próprio Pasteur indica o seu primeiro diretor. Ele é sucedido por Adolfo Lutz, que o transforma num importante centro. Anos depois, o instituto levaria o seu nome. No Rio, o sanitarista Oswaldo Cruz, formado no Instituto Pasteur na França, transforma o laboratório municipal de soroterapia em um importante centro de pesquisa, ensino e

ibidem, 316.

¹³¹MARTINIÈRE, G. et CHONCHOL, J., *L’Amérique Latine et...*, o.c., 91.

¹³²PETIJEAN, Patrick, “L’influence scientifique française au Brésil entre 1800 et 1940”, *Préfaces...*, o.c., 81 e 94.

¹³³*Idem*.

¹³⁴CHAGAS, Carlos, “Une vision personnelle de la coopération scientifique entre la France et le Brésil, de 1758 à 1966”, MARTINIÈRE, G. et CARDOSO, Luiz Cláudio (org.), *France-Brésil. Vingt ans de*

produção de vacina engajado na política sanitária contra as epidemias. O instituto, que depois levará o seu nome, tornou-se um modelo de instituições científicas no Brasil¹³⁵.

Nas forças armadas, a influência francesa também teve um peso relevante. A partir de 1919, um acordo com o governo brasileiro criou uma missão militar de instrução e avaliação do exército, a cargo do general Gamelin. O acordo foi preparado pelo ministro da Guerra brasileiro Pandiá Calógeras. Este ministro, civil e francófilo, tinha sido aluno de H. Gorceix na Escola de Minas. Ao contrário das missões universitárias, de caráter temporário, a missão militar era permanente. O general Lyra Tavares, embaixador do Brasil na França, julga que esta missão ‘enquanto organismo assistente do Estado Maior brasileiro deu ao nosso exército um brio totalmente novo’¹³⁶.

Na história dos vínculos culturais franco-brasileiros que trazem Braudel ao Brasil, junto com as missões francesas, destaca-se o papel fundamental de dois indivíduos: Lucien Febvre e Georges Dumas. O primeiro, ao fundar os *Annales* em 1929, escreve um artigo sobre a América do Sul como “um campo privilegiado de estudos”¹³⁷. O jovem Braudel, que dava os primeiros passos em sua tese e aos poucos se aproximava daquele grande historiador e do grupo dos *Annales*, certamente deve ter levado em conta o novo horizonte que Febvre apontava para a historiografia e para as ciências humanas. Dumas, por sua vez, foi o grande articulador das relações culturais com o Brasil por várias décadas. Foi ele que organizou as missões universitárias na França e que fez o convite a Braudel.

A América do Sul, diz Febvre, é um continente que, quando foi descoberto, não tinha ovelhas, nem bois, nem cavalos, nem mulas, nem trigo e nem café. Quanta

coopération, Paris, I.H.E.A.L., Grenoble, P.U.G., 26-27.

¹³⁵*Ibidem*, 95.

¹³⁶TAVARES, A. de Lyra, *Regard sur 5 siècles. France-Brésil*, Paris, s.d., 144 p. in: MARTINIÈRE, G. et CHONCHOL, J., *L’Amérique Latine et...*, o.c., 82.

¹³⁷FEBVRE, Lucien, “Un champ privilégié d’études: l’Amérique du Sud”, *Annales d’Histoire Économique et Sociale* 1 (1929) 258-278.

mudança em menos de trezentos e cinquenta anos! No ano V da Revolução francesa, Talleyrand faz uma viagem à América. Com a ‘pré-ciência’ que animava aqueles homens do século 18, Talleyrand afirma que “uma tal viagem é uma espécie de análise prática e viva da origem dos povos e dos Estados... Parece que agente viaja para trás na história dos progressos do espírito humano”. E no século 20, depois de tantos anos e de tantas transformações, Febvre está convencido de que é possível realizar uma viagem para trás na América do Sul, com um enorme proveito. Pode-se sair das poderosas capitais européias e cruzar o oceano, deixando para trás as fachadas orgulhosas dos seus bancos. Pode-se chegar às regiões que nos mapas europeus são ‘manchas brancas’: populações selvagens que utilizam de modo eclético arco e flecha, zarabatana e fuzil, ou panelas de esmalte ao lado de potes fabricados por suas mulheres¹³⁸.

Um continente que é lugar e testemunha de tantas e tão profundas mudanças e cuja paisagem mostra a enfermidade e o poder da iniciativa humana, prossegue Febvre; um continente que traz “a nós, europeus” os seus sábios, oferece tais contrastes e tais oposições. Não é de se admirar que estudiosos se lancem em pesquisá-lo; é de se escandalizar que “nós não o estudemos de forma mais sistemática”, que não se saiba aproveitar as experiências feitas e as comparações oferecidas com tal abundância a ‘curiosidades ainda tão preguiçosa’. Na América do Norte, há 403.000 índios; na América Central, 6.438.000; na América do Sul, 8.670.000. No total, 15 milhões em meio a uma população global de 198 milhões¹³⁹. Um bom livro sobre a América do Sul, segundo Febvre, é o de Pierre Denis¹⁴⁰ (dois volumes) na coleção *Géographie universelle* (15 volumes) dirigida por Vidal de La Blache e L. Gallois.

A América indígena e selvagem, pode-se contestar, é objeto de curiosidade para os organizadores de museus, os etnógrafos e os leitores de romance de aventura. O que

¹³⁸*Idem.*

¹³⁹ *Ibidem*, 260-261.

é vivo e tem importância atualmente, o que tem peso no mundo, é a América europeizada dos elevadores e dos *buildings*, das usinas elétricas e dos trens; e não aquela da flecha envenenada, das redes e choupanas. Aí também não faltam questões, envolvendo a civilização e seus limites. Uma civilização não é somente um conjunto de invenções materiais, de máquinas e utensílios mais ou menos complicados. É um sistema de idéias, de sentimentos e de crenças. E Febvre propõe uma pesquisa para alcançar realidades verdadeiras, para além das aparências sensíveis. Que haja na América do Sul uma elite mais ou menos numerosa, participando intensamente de uma cultura superior, não se pode por em dúvida. Porém, em que medida a civilização que esta elite representa se expande e se irradia fora das grandes cidades e dos centros de cultura mais antigos? Como traçar no chão os seus limites? Como se faz esta difusão? Neste sentido, que papel representam nos diversos países da América do Sul as universidades e instituições de ensino fundamental, médio e superior? Estes problemas importam muito para o nosso conhecimento dos países e dos Estados. Talvez uma pesquisa em alguns dos grandes jornais deste Continente sobre o nome e a região dos assinantes, sobre o raio de ação dos vendedores - o mesmo se pode fazer para livrarias e editores - permita traçar um mapa eloquente e expressivo dos limites da civilização intelectual da América do Sul¹⁴¹.

E as relações entre indígenas e ‘civilizados’ - a relação entre as duas Américas, a ‘selvagem’ e a outra, separadas pelas zonas neutras da mestiçagem? Não há uma ilusão generosa que quer fazer brilhar diante de seus próprios olhos os filhos mais cultivados das pátrias sul-americanas? Observa-se ao menos como historiadores que conhecem o preço da duração: as consequências de uma pacificação que em muitos lugares pôs fim recentemente a guerras seculares entre colonos e indígenas, mal começando a se fazer

¹⁴⁰PIERRE, Denis, *Amérique du Sud*, Paris, A. Colin, 1927.

¹⁴¹FEBVRE, L., “Un champ privilégié...”, o.c., 277-278.

sentir e que ninguém sabe extrair argumentos do passado para vislumbrar um futuro que mal se anuncia. Será que apenas sobre Chile se pode escrever? Interroga-se Febvre, baseando-nos em um autor que se voltou com paixão piedosa sobre as origens de seu país¹⁴². Será que um dia não haverá mais índios nem colonos, apenas chilenos? O problema sem dúvida não é o mesmo nas estepes da Patagônia e na selva amazônica. Nós se conhece a América do Sul, nem os estados que partilham o seu solo, enquanto não for colocado, para cada um deles, o problema essencial da qualidade e da natureza do sentimento nacional. Quer-se saber se este sentimento evolui ou não, se ele é mais étnico que territorial, se ele se volta sobre si mesmo com ciúmes ou se ele expande até as fronteiras de cada país¹⁴³.

Desta América do Sul que por tanto tempo viveu num relativo isolamento e totalmente ignorada pelas civilizações européias, a natureza e a história fizeram “para nós um campo precioso de experiência e de comparação”. Quer sejam estudiosos da pré-história, etnógrafos, historiadores ou geógrafos, curiosos do presente ou pesquisadores do passado, “é excelente que haja americanistas”, especializados no estudo de um mundo imensamente original. Entretanto o seu trabalho perderá quase todo o interesse se se fechar, sem preocupar-se com aproximações, nos limites tão vastos de um continente que o mar isolou, mas que aproximou do mundo oceânico, da Ásia e, brusca e recentemente, da Europa e da África. Os problemas que se colocam à curiosidade e às diversas disciplinas neste Continente cheio de ‘vitalidade ainda mal regulada’ só são de fato interessantes, e merecem atenção, se encontrarem analogias e semelhanças com outras partes. A todos os trabalhadores curiosos de estudar um mundo ainda tão mal conhecido, conclui Febvre, impõe-se um método e uma formação¹⁴⁴.

¹⁴²VENTURINO, Agustin, *Sociologia primitiva chileindiana*, 2 vol., Barcelona, Cervantes, 1928.

¹⁴³FEBVRE, L., *ibidem*, 277-278.

¹⁴⁴*Idem*.

Este artigo é, portanto, um convite dos *Annales* à ousadia intelectual de historiadores e outros pesquisadores dispostos a abrirem caminhos e a renovarem suas disciplinas. Anos depois, Braudel aceitará esta proposta lançando-se em estudos brasilianistas e latino-americanistas.

Quanto a Dumas, ele nasceu em 1866, filho de um médico de Lédignan. Formou-se em filosofia e a lecionou por vários anos no ensino secundário. Entretanto, foi se inclinando para os estudos de medicina até descobrir a psicologia e se dedicar às doenças mentais. Em 1902, torna-se professor na Sorbonne. Publicou um tratado de psicologia que o tornou bastante conhecido na França. Dumas era de origem protestante, considerado politicamente de centro-esquerda e ligado ao Partido Radical¹⁴⁵. Em 1905, publica um livro intitulado: *Psicologia de dois messias positivistas: Augusto Comte e Saint-Simon*. Bastante atraído pela personalidade de Comte e com grande simpatia por suas idéias, Dumas analisa os problemas mentais que afetavam a vida do fundador do positivismo. Ele mostrou como estes problemas não prejudicaram o vigor do seu pensamento. Comte tomou consciência de suas tendências neuróticas e as superou com uma disciplina racional, de modo que o seu pensamento conservou uma unidade fundamental¹⁴⁶.

Dumas só ‘descobriu’ o Brasil em 1908, aos 42 anos, quando aí chegou para ampliar os laços do recém-fundado *Groupement* com este país. A sua chegada se deu poucos anos depois de Oswaldo Cruz, antigo aluno do Instituto Pasteur, conseguir debelar a febre amarela no Rio de Janeiro. Epidemias como esta eram um flagelo para a população e davam uma fama internacional muito ruim para a capital brasileira. Debelar a epidemia foi um triunfo não só para Brasil, mas também para a ciência francesa. Dumas chegou na euforia da vitória. Além disso, o positivismo brasileiro vivia um

¹⁴⁵MARTINIÈRE, Guy, *Aspects de la coopération...*, o.c., 52-53.

¹⁴⁶*Psychologie de deux messies positivistes - Auguste Comte et Saint-Simon*, in: MARTINIÈRE, *ibidem*,

momento de grande brilho com a Proclamação da República. Esta filosofia fascinava as classes dirigentes brasileiras. O sucesso dela era tal que não poderia haver melhor embaixador da cultura francesa do que um filósofo como Dumas, que acabava de publicar um estudo penetrante sobre a psicologia dos dois ‘messias’ do positivismo. O seu perfil era o de um porta-voz ideal do *Groupement* para as relações com o Brasil¹⁴⁷.

Ele logo percebeu que as gerações permeadas pela cultura francesa em escolas, faculdades ou livros eram solidárias à França em qualquer situação. Depois da Primeira Guerra, o SOFE estabelece relações bastante estreitas com o *Groupement*. Entre 1920 e 1938, Dumas realiza 17 missões na América Latina, criando várias instituições não só no Brasil, mas também na Argentina, Uruguai, Chile, Peru e México. A diplomacia francesa o considera uma personalidade insubstituível para desenvolver a “influência intelectual”, seja pelo seu talento como conferencista, seja pelos contatos e autoridade que criou na região¹⁴⁸. Ele esteve no Brasil não só em missões científicas, mas também em missão militar. Em 1917, a pretexto de conferência na Academia Brasileira de Medicina, Dumas vem estudar os meios eficazes para uma ação de propaganda francesa a fim de que o Brasil tomasse uma posição ativa na guerra a favor da França¹⁴⁹.

Dentre as conclusões a que chegou, ele insiste na gravidade do momento, apesar da notável simpatia com que a França ainda conta. Entretanto, o clero brasileiro, “sem muita cultura”, é antifrancês por razões evidentes, a saber, as leis de separação entre Igreja e Estado e a expulsão das congregações. As missões alemãs, por outro lado, ensinam o “ódio à França”; e as americanas, embora não sejam inimigas, são concorrentes. Para lutar contra essas missões e expandir a cultura francesa existem dois

67.

¹⁴⁷MARTINIÈRE, *ibidem*, 54-55.

¹⁴⁸Arquivo do MAE, Nantes, SO-Br., vol. 129 bis, Nota sem nº, Seção das Escolas, Nota para o Secretário Geral, Paris, 3/7/1920 in: SUPPO, *ibidem*, 320-321.

¹⁴⁹Arquivo do MAE, Paris, AM 18-40-DG, vol. 214, telegr. 493, Caudel “da parte do professor Dumas” a Borel, Rio, 28/9/1917 in: SUPPO, *ibidem*, 322.

meios, que devem ser flexíveis e adaptáveis: ajudar o trabalho das congregações francesas e criar colégios franceses não-confessionais, “laicos”¹⁵⁰. Sobre a natureza destes colégios, Dumas chega a um acordo com Paul Claudel. Os liceus devem ser criados num espírito de tolerância absoluta, ignorando as divisões que “existiam entre nós antes da guerra...Nós devemos dar risada destas divisões diante dos estrangeiros”. Se os liceus forem feitos em cidades de espírito religioso e nos pedirem professores sacerdotes e capelães, devemos atender esta solicitação sem a menor hesitação. Nas cidades do Sul, onde a influência é positivista, os professores serão da escola de A. Comte. “Nosso país é muito grande como potência militar, como saber, como influência; doemo-lo inteiramente¹⁵¹.”

Aos franceses latino-americanistas, Dumas propõe: “Nós temos o dever, ao lado dos amigos americanos do Norte e contra os inimigos alemães, de organizar... um certo número de estabelecimentos de ensino francês difundindo a cultura francesa à juventude, tal como se faz nos liceus de Paris, e defendendo a nossa influência. ... Nós não devemos - e não podemos - assumir diante dos brasileiros a postura de conquistadores intelectuais do país. Seria de mal gosto chegar em uma cidade do Brasil onde temos apenas poucos amigos, dizendo-lhes: ‘Nós vos trazemos um ensinamento’. Não, é preciso esperar que eles nos peçam... e já nos pediram... Associar o Brasil conosco, não é de forma alguma a conquista intelectual deste país que não a necessita...é simplesmente aconselhá-lo... Longe de se combaterem, os interesses são os mesmos... Quando mais os brasileiros se aproximarem da França, mais se encontrarão a si mesmos. Ele é latino como nós; ele encontra em nós as qualidades profundas de seu próprio espírito, seu gosto pelas realidades intelectuais, pelas idéias gerais que nós

¹⁵⁰Arquivo do MAE, Nantes, SO-Br, vol. 129 bis, cópia do Relatório de G. Dumas a Margerie, MAE, Paris, 25/2/1918 in: SUPPO, *ibidem*, 323-324.

¹⁵¹DUMAS, G., Rapport présenté à la 3^e Semaine de l'Amérique Latine (20-23/10/1918), Bordeaux, p.136, Atas publicadas em 1919 in: MARTINIÈRE, *ibidem*, 63.

forjamos ao longo de séculos”¹⁵². Supõe-se, portanto, uma conaturalidade entre a França e o Brasil.

Depois da Primeira Guerra, um grupo de extrema direita francês, a *Action française*, controla o *Groupement*, transformando sua revista em órgão difusor de idéias de extrema direita, enfatizando a questão da latinidade. Dumas se empenha em refrear a sua ação. A partir de 1924, ele consegue que seja transferida ao SOFE a escolha dos professores e escritores a serem enviados à América Latina¹⁵³. O diretor do SOFE, Jean Marx, transforma Dumas numa espécie de diretor adjunto para o Brasil, a quem ele consulta antes de tomar qualquer decisão e confia as missões mais delicadas. Na prática, Dumas passa a ter sempre a última palavra no caso do Brasil, escolhendo ele próprio os professores enviados em missão¹⁵⁴.

Um dos que o conheceu foi Jean Maugüe, professor de filosofia, enviado a São Paulo junto com Braudel. Para Maugüe, Dumas era pessoalmente diferente da imagem que dele se fazia, o famoso autor do *Tratado de psicologia*. Ele ria da sua própria fama. Tinha um intenso gosto pelo pitoresco e pelo lado cômico dos seres e das coisas. Este maravilhoso país, o Brasil de outrora, foi o amor apaixonado de Augusto Comte. Ele teria encontrado aí uma maneira de se libertar do seu catolicismo e de um fetichismo muito africano. Naturalmente, este “matrimônio” foi também o do Brasil e Georges Dumas¹⁵⁵. Uma significativa homenagem póstuma que ele recebeu, foi de Georges Bernanos: “Toda a América Latina lhe era cara e familiar, mas ele amava o Brasil...ele ia lá como um dever sagrado que só a morte poderia desobrigar, e lá levava cada vez a França com uma fé e uma humildade profundas, como um Santo Sacramento. E a

¹⁵²*Ibidem*, 131-138 in: MARTINIÈRE, *idem*.

¹⁵³Arquivo Nacional, AJ16, vol. 6960, Paris, Cf. “Nota sobre a venda do livro francês na América Latina” preparada por Laugier, diretor do SOFE na página 143 do 1º Tomo do Relatório sobre a “Missão Pasteur Vallery-Radot en América Latina” (janeiro-agosto 1945:143) in: SUPPO, *ibidem*, 326.

¹⁵⁴SUPPO, *ibidem*, 321.

¹⁵⁵MAUGÜE, *Les dents agacées*, o.c., 77.

França era para ele de fato um sacramento, o sacramento da esperança humana, da libertação e da reconciliação dos homens”¹⁵⁶.

Havia uma conaturalidade entre a França e o Brasil que impelia os brasileiros ao *éthos* e à modernidade franceses. Esta conaturalidade estava presente na educação, na política, na religião, na medicina, na engenharia, nas Forças Armadas e em diversos domínios da ciência e da cultura. Em ambos os países, não faltavam ardorosos ‘apóstolos’ e incansáveis construtores dos vínculos franco-brasileiros. Eles estavam convencidos de ser este o caminho acertado rumo ao progresso verdadeiro.

¹⁵⁶BERNANOS, Georges, *Français, si vous saviez (1945-1948)*, Paris, N. R. F. Gallimard, 1961, 124-127 in: MARTINIÈRE, *ibidem*, 39.

CAPÍTULO III -

AS MISSÕES FRANCESAS E A FUNDAÇÃO DA USP

A universidade brasileira começa oficialmente em 1920, com um decreto do Governo federal criando a Universidade do Rio de Janeiro. Esta instituição é formada pelas Faculdades de Medicina, Engenharia e Direito já existentes. Não foi criado nenhum novo centro, nem atividades de pesquisa científica, apenas deu-se um novo nome ao que já havia. A universidade de fato só seria criada muitos anos mais tarde.

Naquele mesmo ano, São Paulo se torna o maior centro industrial do Brasil e, na década de 20, uma forte oposição política se organiza no Estado. Intelectuais, jornalistas, educadores e políticos do Partido Democrático, fundado em 1926, reúnem-se em torno do *O Estado de São Paulo*, expoente tradicional da imprensa liberal paulista. O objetivo deles é reformar a República. Estão convencidos de que a ausência de elites intelectuais capazes de compreender e enfrentar os problemas complexos do país é uma das causas principais da crise¹⁵⁷. Neste contexto, desenvolve-se na própria redação de *O Estado* o projeto de fundação da Universidade de São Paulo, que seria um centro de pesquisa científica e formação de quadros dirigentes e professores para o ensino secundário.

Em 1925, um editorial do jornal lamentava “o esquecimento total e absoluto da fundação de institutos de ensino verdadeiramente superiores, capazes de formar uma elite mental dirigente do país”. Falta no país estabelecimentos de alta cultura que permitam a “homens de talento” o estudo desinteressado de questões relacionadas com o destino do Brasil. São questões que nem todos os cérebros podem atingir. Esta falta

¹⁵⁷CAPELATO, Maria Helena Rolim et PRADO, Maria Lígia Coelho, “À l’origine de la collaboration universitaire franco-brésilienne: une mission française à la faculté de philosophie de São Paulo”, *Préfaces* 14 (1989) 100.

“tem sido a maior, senão a única responsável pela anarquia e pela balbúrdia em que nos vemos neste momento”¹⁵⁸. A partir de 1927, *O Estado* passa a publicar conferências e artigos de Fauconnet, Dumas e outros professores franceses defendendo a idéia de se criar uma universidade.

Neste período dos anos 20 até a fundação da USP, é indiscutível a importância do *Estado* como meio de comunicação. Calcula-se que, em 1933, o jornal tinha uma circulação diária de 110 mil exemplares¹⁵⁹. A fundação da universidade corresponde a um triplo projeto: político liberal, de formar elites paulistas para modernizar a nação brasileira; educativo, de ter uma universidade à imagem dos países europeus e melhorar os outros níveis de ensino; e científico, uma forte demanda de ciência para o ensino e para a formação de pesquisadores. As circunstâncias em que ela se deu são o encontro entre uma ‘oferta’ declinante de cooperação pelo *Groupement* e o Ministério de Assuntos Estrangeiros francês, de um lado; e uma ‘demanda’ emergente de ciência pelas elites brasileiras, de outro¹⁶⁰.

O modelo francês, que impressionou a aristocracia rural do século 19, voltava a ser utilizado, e de maneira metódica. A sociedade mais urbanizada buscava uma universidade correspondente. Em um momento de crise da elite, os valores que garantiriam permanência à universidade ainda eram os de orientação francesa¹⁶¹. Este projeto político de setores esclarecidos da classe dominante paulista¹⁶² situa-se em uma província que se considerava o braço mercantil de uma nação adormecida pelo torpor colonial, almejando elevar a sua juventude ao nível da cultura européia. Era necessário

¹⁵⁸*O Estado de São Paulo*, 14/4/1925, p.3.

¹⁵⁹CAPELATO, M. et PRADO, M., *O bravo matutino*, São Paulo, Alfa-Ômega, 1980, 121.

¹⁶⁰PETITJEAN, Patrick, “As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940)” in: HAMBURGER, Amélia Império et al., *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*, São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996, 261 e 329.

¹⁶¹MOTA, Carlos Guilherme, *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*, São Paulo, Ática, 1990, 33.

¹⁶²MELLO E SOUZA, Antônio Cândido de, entrevista in: FREITAS, Sônia Maria de, *Reminiscências*, São Paulo, Maltese, 1993, 29.

formar uma opinião pública civil e secular, ultrapassando o âmbito do Exército e da Igreja, de modo a abrir a cultura a uma influência mais ampla¹⁶³.

O principal personagem na criação da USP foi Júlio de Mesquita Filho. A sua trajetória intelectual ajuda a compreender as suas motivações e a sua concepção de universidade. Segundo Décio de Almeida Prado, Mesquita conhecia bem o ensino europeu, por ter estudado na Suíça, e o ensino superior no Brasil, por ter feito a Faculdade de Direito em São Paulo. Décio também cursou a mesma faculdade e compreendeu bem a insatisfação de seu colega.

Os professores eram advogados, profissionais que dedicavam algum tempo à faculdade, mas não tempo integral. Certamente ganhavam mais como advogados do que como professores. Aquela faculdade era um celeiro, não só de advogados e políticos - pois lá se aprendia a discursar - mas também de escritores, poetas e romancistas que não tinham um curso apropriado e por isso acabavam fazendo direito. Para Décio, pessoas que como ele não iam advogar no futuro, representavam uma carga morta. As turmas eram enormes, às vezes de 300 alunos; e as aulas, no estilo de conferência. Diversos professores, ao conquistarem a cátedra, organizavam seus cursos e os repetiam igualmente ano após ano. Os alunos, munidos de apostilas, podiam já prever os exemplos e até as piadas.

As Faculdades de Medicina e Engenharia, segundo Décio, eram menos criticadas pois os seus estudantes pretendiam exercer as respectivas profissões. Mesquita queria elevar o ensino universitário brasileiro ao nível da Europa. Ele também não se contentava com o Faculdade de Direito ter outros cursos de cultura geral e um

¹⁶³LEVI-STRAUSS, Claude, *De près et de loin*, Paris, Odile Jacob, 1988, 31 e *Tristes Trópicos*, Buenos Aires, Eudeba, 87.

certo caráter enciclopédico. Tudo isso levou Mesquita a conceber uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL)¹⁶⁴.

Em diversos discursos de paraninfo e artigos de jornal, Mesquita esboçou suas idéias de universidade e do que ela significa para o país. São idéias frequentemente revestidas de retórica, expressas em um contexto em que se visava a persuasão e a aprovação de um auditório, porém, não deixam de ser um claro testemunho de sua vida e do seu pensamento e tem o sabor dos acontecimentos.

A universidade permitiria superar a condição humilhante e subalterna de colônia intelectual e atingir a maioria cultural. Para Mesquita, o território brasileiro com sua imensidão, complexidade e suas adversidades coloca problemas comparáveis ao do Império Britânico de então, desafiando o poder de adaptação até do mais aparelhado dos povos. Para se haver com essa trama quase inextricável de terríveis problemas, com que conta o Brasil? Com os homens saídos das escolas de direito, de engenharia e de medicina. É desta trilogia escassa do ensino superior que se podia valer o Brasil para enfrentar as dificuldades com que sempre lutou. Neste estado de ‘inacreditável indigência cultural’, o país atravessou dois reinados no Império e mais de quarenta anos no regime republicano¹⁶⁵. A incapacidade dos dirigentes era a causa dos inúmeros erros que produziram a instabilidade institucional, da Proclamação da República à Revolução de 30 e ao Levante Constitucionalista¹⁶⁶.

Uma instituição de nível superior tem a missão de fazer progredir a ciência, formando e guiando pesquisadores. Tanto os titulares como os assistentes devem produzir trabalhos pessoais e dar exemplo aos estudantes. Só com essas condições, segundo Mesquita, pode existir ensino superior, que é essencialmente um ensino de primeira mão. Uma instituição cujos professores se limitam a expor a ciência que outros

¹⁶⁴PRADO, Décio de Almeida, entrevista: FREITAS, S., *Reminiscências*,...o.c., 143-145.

¹⁶⁵MESQUITA Fº, Júlio de, *Política e cultura*, São Paulo, Martins, 1969, 156-159.

produziram, estaria destinada à decadência. Só os mestres que realizam trabalhos pessoais e pesquisas originais podem conhecer a fundo os métodos próprios de cada ciência, podem dar vida a um ensino, ainda que elementar, e comunicar aos discípulos um espírito de curiosidade científica e de busca apaixonada da verdade, constituindo o verdadeiro homem de saber. Daí se pode ver o que não é o verdadeiro ensino superior, o que não é o verdadeiro ensino das ciências jurídicas. Este ensino marcou a geração de Mesquita e as gerações precedentes¹⁶⁷.

A derrota de São Paulo no Levante Constitucionalista, em 1932, teve um peso relevante na criação da Universidade. A elevação cultural do Estado era uma forma de compensar a derrota e de homenagear os soldados mortos. O próprio Mesquita admite: “Saíamos de uma crise extremamente grave, que nos custara o sangue generoso de alguns milhares de jovens e a autonomia do Estado. Vencidos pelas armas, sabíamos perfeitamente que só pela ciência e pela perseverança no esforço voltaríamos a exercer a hegemonia que durante longas décadas desfrutáramos no seio da Federação. Paulistas até a medula, herdáramos da nossa ascendência bandeirante o gosto pelos planos arrojados e a paciência necessária à execução dos grandes empreendimentos. Ora, que maior monumento poderíamos erguer aos que haviam consentido no sacrifício supremo...do que a Universidade?”¹⁶⁸

Aos formandos da Universidade paulista, conclama Mesquita, compete colocar o saber a serviço da coletividade. Eles tem por principal missão criar no espírito da juventude e instalar na alma coletiva a mística nacional. Se assim o fizerem, completarão a obra iniciada pelo paulista do ciclo da penetração¹⁶⁹. Assim como o bandeirante expandiu enormemente o território nacional, os egressos da primeira

¹⁶⁶*Ibidem*, 199.

¹⁶⁷*Ibidem*, 160-161.

¹⁶⁸*Ibidem*, 198-199.

¹⁶⁹*Ibidem*, 166.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) do país darão a sua contribuição difundindo no Brasil o conhecimento civilizador. O primeiro diretor da Faculdade, Antônio de Almeida Prado, inaugura os seus cursos proclamando que a disseminação do ensino universitário em todos os recantos do país promoverá o instinto comum da brasilidade e a universalização do sentimento nacional¹⁷⁰.

¹⁷⁰PRADO, Antônio de Almeida, “A função cultural do ensino”, *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 1934-1935*, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1937, 24.



1936

O anuário da FFCL tinha na capa uma gravura do Pátio do Colégio, local onde a cidade de São Paulo foi fundada, em torno de uma escola dos jesuítas. No centro do terreno, há uma árvore frondosa cujo tronco representa o próprio Colégio, e a copa representa a Universidade. Esta última é o fruto maduro da saga paulista de trezentos e oitenta anos de história: de 1554 a 1934.

A origem da universidade enquanto instituição, lembra Mesquita, remonta aos conhecimentos humanos que abrangem a ‘universalidade’ e no qual predominam os chamados estudos desinteressados. Na Idade Média, cada uma delas tinha a sua *alma mater*. Nascidas como escolas anexas às catedrais, a alma mãe de cada universidade era a própria catedral, fosse em Bolonha, Paris, Oxford ou Salamanca. Na USP, este papel caberia à FFCL. Todas as ciências puras como a matemática, a física, a química, a botânica, a zoologia, a biologia geral, a fisiologia, a anatomia e outras passariam das diferentes escolas para a FFCL, *alma mater* do organismo total e que se dedicaria aos chamados altos estudos desinteressados. O mesmo aconteceria com a economia política, que passaria a ser ensinada exclusivamente nesta Faculdade, onde os alunos de direito iriam cursá-la. As Faculdades de Farmácia, Odontologia, Engenharia, Direito, Agricultura, etc. teriam seus cursos reduzidos exclusivamente às cadeiras práticas.

O objetivo, explica ele, é submeter os alunos de diferentes especialidades a uma formação científica básica uniforme e a um convívio prolongado sob um mesmo teto, de modo que um mesmo espírito formativo tenha ação continuada. A passagem de todo o corpo discente pela FFCL lhe daria uma percepção nítida do espírito universitário da unidade do saber humano e da colaboração de todos no progresso da ciência e da nação. Haveria também uma imediata elevação do nível geral de cultura de todos quantos se dedicassem às profissões liberais. Isto não deixa de ser uma grande conquista em países da América, onde o progresso material excessivamente fácil teve como consequência

uma orientação demasiadamente pragmática e superficial da cultura. Além disso, há efeitos benéficos que o desenvolvimento do espírito de solidariedade, oriundo do convívio nos mesmos bancos escolares, necessariamente tem na formação dos universitários, quaisquer que sejam seus diplomas¹⁷¹.

Este convívio pode se estender mesmo às escolas do Exército e da Marinha. Para Mesquita, o desconhecimento e a separação entre civis e militares em nosso país tem sido a causa de um trágico mal-entendido entre ambos. A desconfiança mútua e o preconceito desapareceriam por completo se no período universitário os estudantes das armas e os civis tivessem a oportunidade de um convívio estreito na FFCL. Disciplinas como matemática, física, química e outras da carreira militar poderia ser cursadas neste mesmo centro comum¹⁷².

Deste sonho, pouco iria se concretizar, tanto na aproximação de militares e civis, quanto na aproximação dos civis de diversas áreas.

A criação da USP visava formar elites dotadas o quanto possível do *esprit de finesse* que Pascal considera o melhor do homem. Este espírito de fineza, assevera Mesquita, só se adquire no exercício aprofundado e rigoroso dos programas de humanidades. A vinda de uma missão francesa, formadora deste *esprit*, encontrava um empecilho. São Paulo tinha um número elevado de filhos da Península itálica, a maioria dos quais não escondia sua simpatia pela Roma fascista. A colônia e o Governo italianos exerceram pressão sobre o governo paulista, pretendendo que viessem professores daquela nação para a universidade. A dificuldade foi contornada oferecendo à Itália algumas cadeiras de ciência pura: análise matemática, geometria, estatística, geologia, mineralogia e língua e literatura italianas. Conservou-se para a França, “líder da liberal democracia”, as cadeiras ligadas à formação espiritual dos alunos: filosofia,

¹⁷¹MESQUITA Fº, *Política e cultura*,...o.c., 203-204.

¹⁷²*Ibidem*, 173.

sociologia, economia política, ciência política, geografia humana, letras clássicas, língua e literatura francesas. As cadeiras de química e história natural seriam preenchidas por alemães expulsos de sua pátria pelo nazismo ou a caminho da expulsão¹⁷³.

Outro testemunho importante é o de Cruz Costa. Ele era advogado, ingressou na primeira turma da FFCL, tornou-se assistente de Maugüe e, por fim, professor titular. Seus discursos de paraninfo também exprimem os sonhos da universidade nascente. Para Cruz Costa, historiador das idéias no Brasil, a primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do país - *avant la lettre* - foi o Colégio Real das Artes. Este esforço esplêndido realizado pela Companhia de Jesus formou gerações sucessivas de letrados, na missão de fixar a cultura jesuítica nos séculos 16 e 17 na terra brasileira. Entretanto, este esforço dos filhos de Santo Inácio se perdeu na imensa aventura da colonização, ainda que tenha deixado a sua marca na inteligência brasileira¹⁷⁴.

Uma vez realizada a obra da Independência, consolidada a unidade brasileira e instituído o regime republicano democrático, era mister começar outra obra difícil, mas fecunda: a da criação do pensamento nacional. A universidade vem realizá-la. Cruz Costa acredita que desta instituição hão de sair gerações mais felizes do que a sua, às quais caberá edificar o Brasil intelectual e culto, o Brasil do amanhã. A serenidade de espírito, a contemplação desinteressada das coisas e o amor à verdade só podem ser alcançados por um plano amplo de educação e de cultura, capaz de trazer aos espíritos inquietos a reflexão necessária para combater as paixões e a lucidez para compreender esse “misterioso destino brasileiro, tão incerto, tão complexo e tão precário¹⁷⁵”.

Até então, segundo Cruz Costa, os homens cultos do Brasil se fizeram por si mesmos, sem a cumplicidade dos governos. Ao ofício de inteligência pura, da vida

¹⁷³*Ibidem*, 192-193.

¹⁷⁴COSTA, João Cruz, “Discurso do professor João Cruz Costa, paraninfo da turma de 1949”, *Anuário FFCL - USP 1939-1949*, p.299.

¹⁷⁵COSTA, J. CRUZ, “O discurso pronunciado pelo orador da turma”, *Anuário FFCL - USP 1936*, 191-

científica e especulativa, só se apresentavam voluntários, porque não existiam quadros regulares onde fosse permitida a inteira consagração à vida de estudo e de meditação. A FFCL vinha operar no meio intelectual do país esta “grande revolução”. A literatura brasileira era o produto do esforço isolados dos escritores. Falta-lhe ainda espírito coletivo, justamente por carecer de um ambiente de verdadeira cultura, onde os problemas da nação sejam analisados com desassombro e lucidez. Era necessário que o nocivo regime individualista de autodidatas tivesse fim, pois se mostrou incapaz de constituir a base para a cultura nacional¹⁷⁶.

Não se deve, todavia, culpar os abnegados autodidatas. Nem sempre os seus direitos foram devidamente reconhecidos. Eles têm sofrido severas críticas e são acusados como responsáveis pela decadência do ensino brasileiro. Sujeitos a constantes reformas do ensino e insuficientemente pagos, eles são obrigados a um esforço que os esgota e inutiliza, sem recursos para a aquisição de livros. Desta forma arrastam consigo o ensino secundário do país à decadência. Cruz Costa considera os autodidatas ‘mártires’ de uma situação em que o trabalho intelectual não é apreciado pelo seu justo valor, num ambiente desorganizado onde tudo se improvisa, em que triunfa a *pansofia*¹⁷⁷ e o espírito de aventuras. Eles também são vítimas de um meio que confunde e nivela o trabalho paciente e honesto e a farfalhice dos audaciosos¹⁷⁸.

É preciso não esquecer, pondera Cruz Costa, que esses professores autodidatas formaram muitos dos que lutaram pela criação da universidade. O autodidatismo tem graves defeitos. O maior deles é não infundir o necessário espírito filosófico ou crítico. Ele conduz as pessoas a doutrinas ou sistemas cuja importância consiste mais na

193.

¹⁷⁶*Idem.*

¹⁷⁷Tipo de saber que quer abranger tudo sem a devida profundidade.

¹⁷⁸COSTA, J. CRUZ, *ibidem*, 194-195.

novidade do que nas suas qualidades intrínsecas. Esta é a razão do *filoneísmo*¹⁷⁹, tão conhecido no Brasil. Faltou quase sempre aos autodidatas, quando ainda jovens e abertos a todas as simpatias e aos instáveis entusiasmos, um critério que estabelecesse uma hierarquia entre sentimentos e idéias, uma escola de valores que não se prestasse a confusões. Quem não reconhece em Sílvio Romero - o homem culto autodidata, símbolo do Brasil - uma inteligência viva, mas tão desordenada e indisciplinada¹⁸⁰?

O primeiro esboço da nação brasileira, lembra Cruz Costa, foi a adaptação do Estado português às terras da América. Agora é a vez do 'fino gênio francês' adaptar-se ao espírito brasileiro em sua marcha para a civilização. Só um nacionalismo equivocado pode combater a preciosa colaboração dos professores estrangeiros. O seu contato com os alunos não dilui nestes a brasilidade. O exemplo deles, ao contrário, estimula e aviva o desejo de progredir. Percebe-se desde o início que, para ensinar, é preciso antes de tudo conhecer muito bem aquilo que se ensina. A ciência brasileira não é diminuída pela presença das missões estrangeiras que vieram concorrer com seu trabalho e a sua cultura para o aperfeiçoamento da nação¹⁸¹.

Um dos aliados de Mesquita no empreendimento universitário era Paulo Duarte. Ele estava convencido de que, com exceção da Faculdade de Medicina, nenhuma outra talvez pudesse ser considerada um verdadeiro instituto universitário, devido sobretudo ao seu corpo docente. Salvo exceções, ele permanecia rotineiro e atrasado. A Escola Politécnica sempre formou bons profissionais engenheiros, entre os quais Theodoro Ramos, ex-prefeito de São Paulo e representante do governo paulista que viajou à Europa para fechar o contrato das missões estrangeiras. Nem esta escola fugiria à regra,

¹⁷⁹Literalmente: amor ao novo.

¹⁸⁰COSTA, J. CRUZ, *idem*.

¹⁸¹*Ibidem*, 196.

menos ainda a Faculdade de Direito que, do ponto de vista universitário, seria uma lástima¹⁸².

Para Décio de Almeida Prado, com as missões estrangeiras veio uma concepção de ensino que só raramente vigorava no Brasil: professores que não tinham outra ocupação a não ser este ofício. Eles empregavam todo o seu tempo e toda a sua energia nos cursos que ministravam, variando-os de semestre a semestre, e nas publicações que preparavam, procurando deixar a sua matéria um pouco adiante do ponto onde a tinham encontrado. A relação com os alunos também se modificava: eles eram encaminhados aos autores e livros seminais, não a manuais ou obras de divulgação¹⁸³. Nos planos de criação da USP, a substituição dos professores estrangeiros seria progressiva, conforme esclarece Paulo Duarte. Os alunos que se revelassem promissores seriam enviados ao estrangeiro para um estágio de pelo menos três anos. Viriam depois ser assistentes dos professores estrangeiros, trabalhando cinco ou seis anos. Ao final deste longo tirocínio e trabalho árduo, estariam aptos a substituí-los¹⁸⁴.

A conjuntura política que levaria à fundação da USP remonta ao surgimento do Partido Democrático (PD), em 1926. Foi a primeira cisão no sólido bloco do Partido Republicano Paulista (PRP), que dominava inteiramente a vida política do Estado e era o mais influente na política nacional. Seu principal ponto programático era a introdução do voto secreto. Com ele, esperava-se acabar com a pressão direta sobre os eleitores e com as listas falsificadas de votos. Dessa forma, esperavam que melhorasse a representação dos setores mais progressistas da sociedade, quase sempre excluídos da vida política pela pesada burocracia partidária do PRP. O Partido Democrático apoiou Getúlio Vargas nas eleições de 1930. Depois da derrota, apoiou-o na Revolução que o

¹⁸²DUARTE, Paulo, “A Universidade e os professores estrangeiros”, *O Estado de São Paulo*, 25/1/1947.

¹⁸³PRADO, Décio de Almeida, “São Paulo, depois de 1934, nunca mais foi o mesmo”, *O Estado de São Paulo*, 27/1/2000, D9.

¹⁸⁴DUARTE, P., “A Universidade...”, o.c.

levou ao poder central. Porém, foi aliado do poder pelo vencedor, que preferiu confiar o governo de São Paulo aos tenentes¹⁸⁵.

Na campanha da eleição de 1930, Getúlio teve uma efusiva acolhida neste Estado. Depois de chegar ao poder, nomeou um tenente para governá-lo, João Alberto, que tinha menos de 30 anos. Em seguida, indicou o general Manoel Rebelo. Isto gerou na população local o sentimento de que o Estado estava sendo tratado quase como uma terra vencida. Os políticos ficaram muito desiludidos, e começou um movimento de opinião muito grande a favor de um governo civil e paulista. Os partidos até então antagônicos, PRP e PD, uniram-se numa frente única e se deflagrou o Levante Constitucionalista de 1932.

Após a derrota do Levante, Getúlio quis se aproximar dos políticos paulistas. Pediu a eles que fizessem uma lista com dez nomes bem aceitos por todos. Com o hábito de cooptar possíveis adversários, ele escolheu para interventor federal no Estado o engenheiro Armando de Sales Oliveira, genro de Júlio Mesquita, já então falecido, e cunhado de Júlio de Mesquita Filho. Décio considera acertada a escolha de Getúlio, mostrando muita habilidade política. O ‘Julinho’, como era conhecido, não era a pessoa certa para este cargo. Era um homem extremamente franco, dizendo tudo o que pensava. Quando tinha críticas a fazer, fazia-o diretamente. Já Armando, homem de opiniões firmes, era mais jeitoso no trato com as pessoas¹⁸⁶.

Com a chegada de Armando ao poder estadual, abriu-se o caminho para o projeto universitário. O grupo do *Estado*, com o apoio do educador Fernando de Azevedo, empenha-se em obter, em um mesmo decreto governamental, a criação da FFCL e a reunião das Faculdades existentes na Universidade de São Paulo. São agrupadas na mesma instituição as Faculdades de Medicina, de Direito, de Farmácia e

¹⁸⁵PRADO, D., “São Paulo, depois de 1934...”, o.c.

¹⁸⁶*Idem in*: FREITAS, S., *Reminiscências*,...o.c., 145-146.

Odontologia, as Escolas Politécnica, de Medicina Veterinária, de Agricultura e o Instituto de Educação.

O decreto sai em 25 de janeiro de 1934, data comemorativa da fundação da cidade de São Paulo. Naquele ano a cidade já atingia um milhão de habitantes. Theodoro Ramos é nomeado diretor da FFCL a ser constituída, e parte em março daquele ano para a Europa com a missão de estudar o funcionamento das universidades e de contratar professores. Inicialmente esta missão seria desempenhada por Mesquita F^o, entretanto, ele ficou retido por causa de uma campanha eleitoral.

A diplomacia francesa no Brasil se mobiliza para ajudar a formação e a vinda da missão de seu país. O cônsul de São Paulo, J. Pingaud, alerta o governo francês para o assédio italiano sofrido pelo Governo paulista: “Os italianos pensam que não podem se contentar com as duas cadeiras que lhes serão concedidas, que as oito cadeiras reservadas aos nossos compatriotas nas novas Universidades de Letras, Ciências, Filosofia e Física, devem lhes pertencer por direito, sobretudo aquelas de letras, pois eles são cerca de 500.000 aqui, que contribuíram para a prosperidade de São Paulo, e representam a civilização latina mais antiga”¹⁸⁷.

A latinidade não é única, mas múltipla. E duas latinidades estão em disputa: a francesa, oriunda da antiga Gália, e a italiana, da pátria de origem do latim e da Antiguidade romana.

Mesquita lembra ao cônsul “os resultados obtidos pela primeira missão militar francesa, o fascinante prestígio que ainda exerce o nome do general Gamelin, e a necessidade que temos de recuperar definitivamente, pelo envio desta missão intelectual, a influência perdida progressivamente desde 1920.(...) Politicamente,

¹⁸⁷Arquivo do MAE, Nantes, SOFE, vol. 443, “Confidentielle”, nº 33 - J. Pingaud, cônsul em São Paulo e Santos a L. Hermite, embaixador francês no Brasil, São Paulo, 22/2/1934.

intelectualmente, é em suma nossa própria civilização que nossos amigos de São Paulo nos pedem para ajudar a impor no Brasil”¹⁸⁸.

Para assediar, o governo italiano presenteia a passagem de navio de Theodoro Ramos até Gênova. O embaixador da Itália lhe deu uma carta a ser entregue pessoalmente a Mussolini. É urgente, adverte o cônsul, que sejam encontrados oito *agrégés*¹⁸⁹ franceses para comporem a missão de maio a outubro. Só desta forma o governo paulista poderá responder aos italianos e alemães que as vagas já estão preenchidas. E conclui: “é a nossa influência no Brasil, a nossa própria civilização que está em jogo. Trata-se de ganhar a partida; é preciso jogar rápido”¹⁹⁰. Não era exagero. Theodoro Ramos foi de fato recebido por Mussolini, com que teve uma audiência de meia hora¹⁹¹.

Os cursos finalmente começam no segundo semestre. Estavam em São Paulo Émile Coornaert, historiador; Paul Arbousse-Bastide, sociólogo; Étienne Borne, filósofo; Robert Garric, literato; Pierre Deffontaines, geógrafo, e Michel Berveiller, letras greco-latinas. O grupo era predominantemente católico com certo engajamento social. Deffontaine era considerado ‘de esquerda’. Borne era um dos fundadores da revista *Esprit*, de Emanuel Mounier, um dos mais importantes núcleos da esquerda católica francesa. Garric era um dos fundadores do movimento francês Equipes Sociais¹⁹². Veio ao Brasil diversas vezes e era bastante entrosado com o meio intelectual católico brasileiro. Coornaert, o menos engajado, colaborava nos *Annales*, e tinha um catolicismo considerado aberto. Arbousse-Bastide, por sua vez, era de origem

¹⁸⁸*Idem*

¹⁸⁹Professores do ensino secundário.

¹⁹⁰Arquivo do MAE, Nantes, SOFE, vol. 443, “Note - envoyée par M. Pingaud...”, 23/2/1934 (os grifos são do original).

¹⁹¹“Universidade de São Paulo - a missão do dr. Theodoro Ramos e os professores contratados”, *O Estado de São Paulo*, 30/4/1934, p.4.

¹⁹²Movimento católico de juventude destinado a promover intercâmbios educativos entre estudantes e jovens de classes populares.

protestante e positivista engajado ¹⁹³. Ele se tornou o chefe da missão. Suas motivações de vir ao Brasil são explicadas: “Desejava abandonar a França porque atravessávamos violências e incertezas: a ascensão do fascismo, mortes em passeatas, e uma atmosfera política carregada. Queria prosseguir minha carreira, iniciada em 1928, num país que estivesse vivendo um processo mais dinâmico em sua maior virgindade histórica (...) O Brasil era para mim, então, a terra ‘dos possíveis’, em relação ao mundo fechado que a França representava”¹⁹⁴.

O início da FFCL é bastante satisfatório na avaliação do cônsul Pingaud: “Eu quero aproveitar esta ocasião para homenagear os nossos ‘missionários’. Desde a sua chegada, a 10 de junho último, eles acolheram com confiança as minhas sugestões, e as seguem metodicamente e sem alarde, para a consolidação da amizade franco-brasileira e para a *conquista dos espíritos*”¹⁹⁵. Membros da diplomacia francesa colaboram para a vinda de novos membros da missão, de modo a “permitir a nossos compatriotas aceitar as propostas que fazem da Universidade de São Paulo no Brasil *uma verdadeira universidade francesa*, a despeito da concorrência da Alemanha e da Itália”¹⁹⁶.

O desenrolar dos acontecimentos é acompanhado com muita atenção. Os professores da nova Universidade fazem conferências públicas em São Paulo. Um deles, o italiano Francisco Piccolo, professor de literatura, falou sobre a influência da literatura italiana na formação do pensamento europeu. Ele conduziu a conferência até o ponto de mostrar as opiniões de Mussolini sobre Maquiavel, sugerindo que o atual *Duce* da Itália é o verdadeiro continuador da política ensinada pelo clássico florentino. Uma verdadeira propaganda fascista. Um jornal local protestou, alertando para o risco de se transformar

¹⁹³PETITJEAN, “As missões universitárias...”, o.c., 271-272..

¹⁹⁴ARBOUSSE-BASTIDE, P., entrevista, “A missão francesa de 1934”, *Folha de São Paulo*, 1978 in: MASSI, F., o.c., 433.

¹⁹⁵Arquivo do MAE, Nantes, SOFE, vol. 443, “J. Pingaud... ao ministro das relações exteriores”, São Paulo, 23/2/1934 (os itálicos são nossos).

¹⁹⁶*Ibidem*, “Note pour le cabinet du ministre”, 30/1/1935 (os itálicos não são do original).

os cursos da Universidade em comícios do fascismo, coisa a lei não permite aos estrangeiros¹⁹⁷.

Os temores não eram infundados, porém, não se confirmaram pois Piccolo não representava o conjunto dos professores italianos. Décio de Almeida Prado relata que a missão italiana não era propriamente uma missão fascista, mas vinha para valorizar a Itália no Brasil. Um dos pontos daquela ideologia era a *italianità*, a idéia de italianidade, aumentar o prestígio italiano inclusive através da guerra, como a da Etiópia. O governo italiano procurou enviar para o Brasil pessoas de categoria, professores universitários que eram excelentes didatas, com mais idade que os franceses. Era uma missão de “primeiríssima ordem”. Para a literatura italiana, veio em seguida o poeta Giuseppe Ungaretti, um dos grandes poetas da Itália e do mundo, que na juventude tinha sido amigo pessoal de Mussolini. Ungaretti não era fascista, nem antifascista. E além mais, ele era casado com uma francesa e conversava com os alunos em francês. Entre os outros professores, alguns tinham um certo entusiasmo pelo fascismo, mas a maioria deles apenas vivia dentro desse sistema político, como a maior parte dos italianos tinha que viver¹⁹⁸.

Em setembro de 1934, Arbousse-Bastide já percebe bem o perfil dos alunos, as pressões italianas e alemãs, alguns problemas que estão por vir e as providências que o Governo francês deve tomar: “Mesmo que o número de estudantes propriamente dito seja pouco, nós temos cursos muito bem frequentados, pois os amadores são muitos. No próximo ano, parece que teremos mais estudantes correspondendo à *definição européia de estudante*.(...) Nossos colegas italianos e alemães são bastante amáveis.(...) Chegou aos meus ouvidos pelas autoridades locais que os italianos e os alemães não perdem a esperança de um dia obterem as cadeiras de cultura. O Governo italiano chegou a

¹⁹⁷*Ibidem*, “Annexe a la lettre n° 75 - A Platea”, 12/6/1934.

¹⁹⁸PRADO, Décio de Almeida, in: FREITAS, S., *Reminiscências*,...o.c., 165-166.

propor assumir inteiramente as despesas dos professores se for concedida aos mestres italianos as cadeiras de letras, filosofia, ciências econômicas e sociologia. Não há dúvida de que quando os quatro franceses partirem, os italianos voltarão a insistir. Se nós demormos na substituição e nas novas nomeações, corremos o grave risco de sermos afastados¹⁹⁹”.

Os italianos e os alemães, prossegue A.-Bastide, “estão prontos a ceder em tudo para ampliarem suas posições. É uma tentação permanente para os brasileiros. O menor vacilo de nossa parte ou o menor atraso seriam fatalmente explorados. Os italianos e os alemães manifestaram claramente seu desejo de permanecer e realizar uma obra durável. Cabe a nós fazer o mesmo. Os brasileiros têm horror a turistas que vêm ao Brasil mais para conhecer o país do que para se ligar aos homens. Se nossas equipes vierem sem um desejo suficiente de verdadeira *colonização intelectual* e de longo fôlego, é o próprio futuro da missão francesa que estará comprometido”²⁰⁰.

O apelo de Arbousse-Bastide é atendido. Terminados os contratos de 1934, um novo grupo é constituído para o ano seguinte com um perfil diferente: predominam professores mais novos, menos titulados que os primeiros, oriundos do ensino secundário, que viriam por três anos. A.-Bastide e Berveiller permanecem. Os novos são: Pierre Hourcade (letras), Braudel (história), Claude Lévi-Strauss (sociologia), Jean Maugüé (filosofia) e Pierre Monbeig (geografia).

As críticas à missão francesa em São Paulo não faltam: os católicos contestam a presença de ‘racionalistas-materialistas’; os defensores do ensino técnico e profissional consideram inútil a presença dos franceses para ensinar ciências humanas; os integralistas - nacionalistas e xenófobos - protestam contra a presença desses

¹⁹⁹Arquivo do MAE, Nantes, SOFE, vol. 443, carta de Arbousse-Bastide, “S Paulo le 15 Sept 34” (os itálicos não são do original).

²⁰⁰*Idem*.

estrangeiros. Os adversários dos liberais questionam a própria existência da universidade, que julgam um capricho das elites²⁰¹.

Um novo relatório sobre a missão é feito em 1935 e enviado ao MAE: “Há toda uma corrente de opinião favorável aos americanos do Norte, aos alemães, aos italianos e ainda por cima bastante antifrancesa. Este ambiente se alegra em dizer que a França está atrasada, pouco aberta, sem novas gerações vivas e ativas. Sobre isto, é necessário assinalar que chamou a atenção e foi uma surpresa agradável para todos ver chegar a São Paulo professores franceses jovens ou relativamente jovens. O francês intelectual aí é frequentemente considerado um tipo artista puro, inepto para a ação, incapaz de enfrentar dificuldades práticas e deliberadamente debochado, de espírito refinado, pode-se dizer, mas inútil e mesmo nocivo para o Brasil atual e para São Paulo em particular. Acredito poder dizer que no conjunto os professores franceses desfizeram esta fama, se não a eliminaram totalmente”.

“(…) Temia-se não haver entre os franceses a firme resolução de trabalhar pelo ambiente onde se encontram e que, com a esperança e o desejo sempre voltados para Paris, façam do Brasil o seu tempo de colônia. Nada pior do que tal suspeita para prejudicar a confiança dos brasileiros. (...) É preciso confessar que a partida em massa do primeira equipe (4 em 5) não fez boa impressão. De agora em diante, os paulistas insistirão que haja um propósito de permanência longa. Eles não querem uma faculdade em que os professores pareçam conferencistas de passagem momentaneamente interessados pelo pitoresco do país e pela mistura de raças. Eles querem amigos que se empenhem por tempo indeterminado em compreender os seus problemas e em ajudá-los a resolvê-los”.

“(…) O público de estudantes é mais variado que no ano passado. Nós temos talvez menos amadores e mais estudantes propriamente ditos. Um certo número de

²⁰¹CAPELATO, M., “À l’origine de la collaboration...”, o.c., 102.

estudantes dos quais bolsistas ou ‘comissionados’ - professores do interior do Estado - eles foram enviados a São Paulo para seguirem os cursos da faculdade. (...) Os professores italianos e alemães assumiram a maior parte dos cursos públicos [conferências externas], a parte dos professores franceses ficou menor....No mais, ainda são os professores franceses que tiveram folgadoamente o lugar melhor. É o auditório deles que foi de longe o mais numeroso”²⁰².

Os professores estrangeiros faziam, por contrato, conferências realizadas geralmente na Faculdade de Direito, no Largo do São Francisco. Um dos estudantes de direito, Eduardo d’Oliveira França, assistiu a estas conferências e conta que havia um público enorme, ávido de revelações. A criação da FFCL respondia a uma aspiração do meio cultural de São Paulo, independente de compromissos de natureza política. Depois de formado, Eduardo França decide ingressar na nova faculdade. O desejo de aderir ao movimento cultural que começava e a sede de atualização contagiou uma geração de estudantes. Eles acreditavam que os professores importados iriam iniciá-los, como de fato o fizeram, nos segredos de uma cultura superior que eles não tinham acesso²⁰³.

As missões francesas no Brasil não se restringiram a São Paulo. Houve também uma importante missão no Rio de Janeiro e outra no Rio Grande do Sul. Vale a pena mencionar estas duas outras experiências ocorridas na mesma época, pois são fenômenos interligados pertencentes às relações culturais franco-brasileiras.

Nos anos 30, Pedro Ernesto Batista, prefeito do Rio de Janeiro, empreendeu reformas sociais na saúde e na educação, a fim de aumentar a autonomia política da capital federal em relação ao Governo da República. Ele confiou a Anísio Teixeira, membro da corrente democrática Escola Nova, a direção da instrução no Rio de Janeiro.

²⁰²Arquivo do MAE, Nantes, SOFE, vol. 443, “Remarques generales sur la faculte de philosophie...”, s/a, s/d, carta provavelmente escrita por Arbousse-Bastide no início de 1935 (os grifos são do autor, e os colchetes são nossos).

²⁰³FRANÇA, Eduardo d’Oliveira, entrevista in: FREITAS, *Reminiscências,...o.c.*, 180-181.

A escolha de Teixeira era em favor do sistema de escola pública, gratuita, obrigatória e não-confessional. Militando pela expansão e modernização do ensino primário e secundário, Teixeira buscou transformar a antiga Escola Normal, formadora de professores, em uma escola superior. Fundou assim, o Instituto de Educação. Em seguida, com o apoio de Anísio Teixeira, Pedro Ernesto cria em 1935 a Universidade do Distrito Federal (UDF). Seu decreto de criação contrariava orientações oficiais, pois subordinava a nova instituição ao poder municipal.

A UDF era composta pelo Instituto de Educação e por outras escolas, incluindo ciências, economia, direito, filosofia, letras e artes. O projeto daquela universidade visava a produção do saber, e não somente a sua conservação e difusão. Propunha-se a igualmente a formar um novo tipo de intelectual, capaz de agir com competência numa sociedade técnica e científica, mas também democrática. Estes valores se difundiriam na vida pública e cultural da cidade e nos demais níveis do ensino. O primeiro presidente da UDF foi Afrânio Peixoto, conhecido médico e professor na Bahia.

O projeto de Anísio Teixeira encontrou fortes resistências. Alceu de Amoroso Lima, intelectual católico, protestou junto ao Ministério da Educação, lembrando a posição dos católicos, cobrando firmeza contra os comunistas e exigindo do governo uma ação organizadora da educação. Os postos de responsabilidade deveriam ser confiados a homens moralmente confiáveis, e não a socialistas como o diretor de Departamento Municipal de Educação²⁰⁴, supostamente o próprio A. Teixeira.

A situação política se radicaliza com a eclosão Intentona comunista em novembro de 1935. O reitor da universidade e vários professores foram afastados, e o prefeito do Rio foi preso sob acusação de comunismo. Manter a universidade com seus

²⁰⁴Arquivo de Gustavo Capanema, série B, doc. 16, CPDOC-FGV *in*: FERREIRA, Marieta de Moraes, “Les professeur français et l’enseignement de l’histoire à Rio de Janeiro pendant les années 1930” *in*: CROUZET, F. et ROLLAND, D. (org.) *Pour l’histoire du Brésil - melanges offerts à K. de Queirós Mattoso*, Paris, l’Harmattan, 2000, 125.

quadros progressistas se tornava cada vez mais difícil. A existência da UDF contrariava o projeto de criação da Universidade do Brasil, almejado pelo governo federal e pelo ministro da Educação Gustavo Capanema. O clima de confrontação entre esquerda e direita no Brasil resulta no golpe de Estado de Getúlio, o Estado Novo, em novembro de 1937, acarretando logo depois a eliminação da UDF e a absorção de seus quadros na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil (UB), em 1939.

A direção da nova instituição é confiada a Francisco San Tiago Dantas, e Alceu se torna um dos responsáveis pela orientação da nova faculdade onde os católicos desempenham um importante papel na definição de quadros e na escolha de professores. Em meio a estas transformações, a França não deixou de estar presente com um grupo de professores²⁰⁵.

No início da UDF, coube a Afrânio Peixoto viajar a Paris para negociar com o governo francês a criação uma missão destinada ao Rio de Janeiro. Na área da história e geografia, vieram ao Rio nos anos 1930 Henri Hauser, Eugène Albertini e Pierre Deffontaines. Depois vieram Victor Tapié e Antoine Bon, na UB. Hauser pertencia à mesma geração de normalistas de Dumas, e foi um grande aliado dele no recrutamento de professores tanto para a USP quanto para a UDF. Usando sua rede de relações, Hauser indicou vários nomes, entre os quais Pierre Monbeig e Fernand Braudel²⁰⁶.

Coornaert e Hauser aproveitam sua estada no Brasil para conhecer a historiografia brasileira e escrevem sobre o assunto em revistas da França. É uma parte desse ‘campo privilegiado de estudos’, a América do Sul, que interessa às ciências sociais francesas, como dizia Lucien Febvre. Coornaert está convencido que as novas faculdades são necessárias para que mestres experimentados possam guiar e estimular os futuros historiadores. Para ele, já existe na historiografia brasileira diversos trabalhos

²⁰⁵FERREIRA, M., *ibidem*, 125-126.

²⁰⁶*Ibidem*, 129-131.

excelentes que não devem nada aos de melhor qualidade da Europa. A multiplicação de obras de pesquisa mostra que o Brasil adquire neste campo uma importância crescente, ainda que insuficientemente conhecida. O Brasil figura entre os países que criam uma civilização onde o conhecimento positivo e metódico é um elemento essencial²⁰⁷.

Hauser, por sua vez, é mais crítico. Ele julga que Coornaert escreveu com um certo entusiasmo de descobridor, sem alguns reparos. Na historiografia brasileira há certos trabalhos insuficientemente críticos. Frequentemente eles se repetem uns aos outros, sem recorrer novamente às fontes, e se deixam levar demais pela eloquência e pela efusão patriótica. Alguns ainda confundem discursos ou comemorações com trabalho histórico. Pecados de juventude - juventude das instituições mais que dos homens - que Coornaert até teria razão em não ser tão severo²⁰⁸.

O gosto pela história permanece vivo no Brasil, segundo Hauser. Entre os 'jovens' se manifesta um movimento muito interessante. Eles seguem com bastante curiosidade o trabalho histórico na América do Norte, na Europa e na França, em especial, e querem introduzir em seu país a severidade dos métodos críticos, denunciando com veemência as falhas dos seus compatriotas, mesmo que sejam ilustres. O movimento já constituiu um 'Centro de estudos históricos', e com o apoio do Arquivo Nacional lançou uma revista²⁰⁹ inspirada na *Revue Critique* de Gaston Paris e Gabriel Monod. Ainda é cedo para prever os resultados, pondera Hauser. Mesmo que cometam certas injustiças, serão uma advertência saudável aos historiadores renomados que insistem em permanecer nos métodos oratórios e nos trabalhos de segunda ou terceira mão²¹⁰.

²⁰⁷COORNAERT, Emile, "Aperçu de la production historique récente au Brésil", *Revue d'histoire moderne* 21 (1936) 60.

²⁰⁸HAUSER, Henri, "Notes et réflexions sur le travail historique au Brésil", *Revue Historique* 181 (1937) 85-86.

²⁰⁹Boletim do Centro de Estudos Históricos, Rio, Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional, 1936.

²¹⁰HAUSER, *ibidem*, 93.

Há muito a ser feito também para dar à história do Brasil uma sólida base documental. Os trabalhos do Arquivo Nacional mal começaram. Causa atraso as universidades brasileiras não terem na seção de história as ciências auxiliares deste ofício. A paleografia só é estudada pelos candidatos à arquivística. O clima tropical ameaça os documentos antigos. A maior ameaça são os insetos. Apesar de todas as adversidades, o Arquivo Nacional conserva tesouros inestimáveis e pouco conhecidos. Em meio a tudo isso, avalia Hauser, a historiografia brasileira parece ter entrado em uma nova etapa, a idade da crítica²¹¹.

Para os franceses, exorta ele, é preciso se darem conta de que a história do Brasil colonial é uma parte não desprezível da história geral da expansão européia. O Brasil foi uma peça no xadrez anglo-francês na época napoleônica, mas depois disso tem uma história peculiar digna de atenção, pois uma antiga colônia de um país pequeno tende cada vez mais a se tornar um grande Estado. ‘Uma metade do mundo não sabe como vive a outra’, dizia um velho autor francês. Convém saber, ou ao menos aprender²¹².

“Não podemos negligenciar, sobretudo na França, o trabalho feito com empenho pelos historiadores brasileiros”, aconselha Hauser. “Pensamos inclusive que nosso papel de nação de cultura latina é de ajudar nossos amigos do outro hemisfério, dando a conhecer na França o resultado de suas pesquisas e, na medida que quiserem aceitar nossas sugestões, de guiá-los no caminho que desejam trilhar²¹³”.

Para estes historiadores da missão francesa, a historiografia brasileira possui obras de valor e não deve ser ignorada. E Hauser atribui à França, fomentadora do pan-latinismo, um papel de discreta liderança no campo da ciência histórica.

A missão do Rio encontrou alunos promissores, que ajudou a formar. Henri Tronchon, professor de literatura comparada da Faculdade de Estrasburgo, já no topo da

²¹¹*Ibidem*, 95.

²¹²*Ibidem*, 98.

carreira universitária, teve por assistente Sérgio Buarque de Holanda. Tronchon já apreciava o seu talento notável²¹⁴.

Em Porto Alegre houve uma missão relativamente curta, com a participação francesa nas cadeiras de sociologia e economia política. Jacques Lambert ocupou a primeira em 1937 e 1938, e Maurice Byé ocupou a segunda em 1937. O cônsul francês em Porto Alegre, Magnan de Bellevue, teve um papel fundamental junto ao governo local para assegurar a presença de dois franceses na recém criada Universidade do Rio Grande do Sul, em um Estado onde as colônias italiana e alemã são bastante numerosas. Na cadeira de economia política, Byé foi sucedido por um jovem professor da universidade de Gênova, Amintore Fanfani, que depois da Segunda Guerra se tornaria primeiro-ministro da Itália.

Os professores franceses influenciaram na organização dos departamentos de ciências sociais e nos métodos de ensino e pesquisa daquela universidade. Lambert e Byé foram chamados outras vezes para ajudarem nos trabalhos da instituição. Outros professores das missões francesas do Rio e de São Paulo, como Arbousse-Bastide e Deffontaines, visitaram regularmente o Rio Grande do Sul, onde fizeram numerosas conferências²¹⁵.

Tudo isso ajuda a compor o universo cultural dos anos 30 no Brasil, onde a criação da universidade se situa num complexo jogo político e ideológico em que grupos sociais disputam a hegemonia. A vinda das missões francesas é uma vitória de alguns segmentos que tinham um projeto de modernização da sociedade passando pela democracia liberal. Eles não conseguiram evitar a ditadura do Estado Novo, mas

²¹³*Idem.*

²¹⁴TRONCHON, H., *Huit mois au Brésil*, Paris, Belles Lettres, 1936 in: LEFEBVRE, Jean-Paul, “Les professeur français des missions universitaires au Brésil (1934-1944)”, *Cahiers du Brésil contemporain* 12 (1990) 96.

²¹⁵LEFEBVRE, *ibidem*, 97.

criaram instituições que permaneceram, assegurando a continuação das missões francesas.

CAPÍTULO IV - O BRASIL TRANSFORMA BRAUDEL

A vinda ao Brasil que transformaria Braudel aconteceu de maneira inesperada. Um professor da Sorbonne tinha sido convidado para ensinar História da Civilização na USP, mas morreu inesperadamente. Tinha se suicidado. Georges Dumas procurava desesperadamente alguém para substituí-lo. As autoridades no Brasil queriam alguém para formar os estudantes do país nos métodos históricos desenvolvidos pela equipe dos *Annales*²¹⁶. Certamente foi por este motivo que Hauser indicou a Dumas o nome de Braudel. Ele ainda não era um historiador dos *Annales*, mas frequentava aquele ambiente intelectual nos encontros promovidos por Henri Berr.

Um dia, às onze horas da noite, Braudel recebe um pneumático de Dumas com o convite²¹⁷. Pneumático era um sistema de transmissão rápida de correspondência em tubos propulsionados a ar comprimido através de canalização subterrânea. “Na vida, a gente decide de uma só vez”, explica ele. “Apresentei-me e, como único candidato, fui aceito. A idéia de ir ao Brasil me seduzia, pois parte da minha vida passei correndo o mundo. Havia regressado da África do Norte, onde passei dez anos. Queria voltar para o estrangeiro novamente e a idéia de partir para o Brasil seduziu também minha mulher”²¹⁸.

Esta mudança o faz renunciar à promoção de “professor de retórica superior”, que significaria um passo a mais na carreira universitária e um salário melhor sem precisar deixar a França. Um colega do liceu lhe pergunta perplexo: “Que diabos vai fazer no Brasil?” Mas ele estava decidido. Coloca-se à disposição do Ministério de

²¹⁶MAUGÜÉ, J., *Les dents agacées*, o.c., 94.

²¹⁷DAIX, P., *Fernand Braudel...o.c.*, 129.

²¹⁸BRAUDEL, F., entrev. a Reali Jr.... (1984), o.c.

Assuntos Estrangeiros (MAE) por um período de cinco anos a partir de 21 de fevereiro de 1935, “com o objetivo de ensinar na Universidade de São Paulo”. A primeira filha do casal, Marie-Pierre, nasce em 14 de março. Logo em seguida, ele parte sozinho do porto de Havre no transatlântico *Marsilia* e chega a São Paulo em 3 de abril. Seus colegas tinham partido antes e já estavam lá. A esposa de Braudel, Paule, e a filha recém-nascida viriam depois²¹⁹.

A viagem foi muito agradável. Mais de duas semanas no mar foi um tempo tranquilo para reflexão. Chegar a Santos, para quem não conhecia um país tropical e o sua faixa litorânea, foi “uma surpresa fantástica”. Ele subiu a Serra do Mar numa ferrovia de cremalheira e encontrou os colegas e membros da FFCL esperando-o na estação em São Paulo. A primeira surpresa já foi grande, mas a importância do Brasil para Braudel só foi percebida por ele anos depois²²⁰. “Chegar a São Paulo foi maravilhoso”, relata. “Não se tratava da cidade que vocês conhecem, isto é, magnífica e absurda. Só havia um arranha-céu, o Martinelli. Quando estávamos perdidos nos subúrbios bastava olhar o Martinelli e já sabíamos a direção que deveríamos tomar. O Hotel Esplanada, onde nos hospedamos no início, estava ali do lado. Na época, o Esplanada era o luxo do luxo”. E Braudel ainda precisou alugar um quarto suplementar para guardar os microfilmes e o material da tese em andamento²²¹.

“Em relação a hoje”, diz ele nos anos 1980, “São Paulo era uma pequena cidade de interior. Mas eu esperava uma coisa banal, pois como vocês sabem os franceses são muito vaidosos. Mas acabei sendo agradavelmente surpreso. Morava numa casa da rua Padre João Manuel [travessa da Av. Paulista]; hoje, no local, construíram um prédio. A dona alugou a casa com tudo: carro, motorista italiano e cozinheira”²²². E Braudel

²¹⁹DAIX, P., o.c., 129-130.

²²⁰BRAUDEL, F., entrev. a Marcello Tassara, Paris, 1984, MIDIALAB, ECA-USP.

²²¹LÉVI-STRAUSS, Claude et ERIBON, Didier, *De près et de loin*, Paris, Odile Jacob, 1988, 37.

²²²BRAUDEL, F., entr. a Reali Jr... (1984), o.c. O texto entre colchetes não é do original.

impressionou seus colegas franceses com seu “Chevrolet rutilante”²²³. Na verdade, a casa foi alugada apenas nos meses em que ele e sua família ficavam no Brasil. Nas férias, quando viajavam para o Mediterrâneo, a proprietária reocupava o imóvel. Isto tornava o aluguel menos caro. O carro com chofer, incluído no contrato, só tinha custo adicional pelos quilômetros rodados²²⁴. “Arrumei minha vida direitinho”, conclui.

A missão francesa que chegou a São Paulo em 1935 era quase toda composta de professores no início de carreira. Para Maugüé, ninguém, a não ser Braudel, tinha a tentação de um tal “exílio”. Os outros professores tinham a obsessão de escapar do liceu de província na França, caminho natural nas suas circunstâncias, e retornar ao seu país com uma carreira assegurada. Desde a chegada em Santos, os professores franceses importunaram Júlio de Mesquita F^o para obterem salários que os igualassem aos mais bem pagos dirigentes universitários de São Paulo²²⁵. Depois de terem vivido em alojamentos muito modestos, puderam se instalar em vastas casas particulares com jardim e empregados domésticos²²⁶.

Para Lévi-Strauss, cada um deles tinha o sentimento decidir sua carreira no Brasil, o sucesso ou o fracasso. Cada um procurava formar uma corte exclusivamente sua, que fosse mais importante que a do colega. Isto era “muito francês, muito universitário”, porém, transposto para os trópicos, um pouco ridículo e não muito sadio²²⁷.

O bom nível de vida alcançado pelos franceses não era ainda a riqueza maior extraída do Brasil. Havia algo mais precioso e decisivo ao seu alcance. Segundo Maugüé, a etnografia francesa, com exceção do Museu do Homem, só conhecia os índios de ouvir dizer. Ela jamais tinha observado de perto e menos ainda tinha

²²³MAUGÜE, J., *Les dents agacées*, ...o.c., 97.

²²⁴BRAUDEL, Paule, entrevista com o autor, Paris, 8/5/2002.

²²⁵MAUGÜE, J., *Les dents agacées*, ...o.c., 80 e 93.

²²⁶LÉVI-STRAUSS, Claude, *Saudades de São Paulo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, 8.

convivido com eles. Lévi-Strauss assume a tarefa de encontrá-los e apresentá-los à França. O Brasil também ganhou com isto, pois os brasileiros viam os índios como seres um tanto míticos que deviam ser relegados às regiões inacessíveis. Apenas o velho Taunay - Afonso d'Escragnolle Taunay, professor de História da Civilização Brasileira da USP - ensinava algo sobre eles. Ainda assim, conclui Maugüé, uma história mais folclórica que científica²²⁸.

O sucessor de Lévi-Strauss na USP, Roger Bastide, encontrou seu futuro em um novo filão, não o dos índios mas o dos negros. E da mesma forma que Lévi-Strauss, ele se tornou o descobridor da negritude, tanto diante dos franceses quanto diante de seus estudantes. Bastide lhes revelou a sobrevivência tenaz das práticas africanas no Novo Mundo. E encontrou aliados em Jorge Amado e Mário de Andrade. O geógrafo Monbeig desenvolveu estudos sobre as zonas pioneiras do país. Tornou-se especialista em um conhecimento inédito, sobretudo no exterior, de maneira que a objetividade científica dificilmente poderia ser contestada²²⁹.

Afinal, quem na França, em 1937, poderia contestar o que Monbeig escrevia nos *Annales* sobre as zonas pioneiras de São Paulo?

“Meus colegas” - conclui Maugüé - “partindo para o Brasil, prepararam-se o melhor possível para retornar à França. Eles tinham o *fabuloso metal*. O único dentre nós que não precisava fazer sua *fortuna* na universidade era Fernand Braudel. Discípulo preferido do historiador Lucien Febvre, sua tese sobre o mediterrâneo no tempo de Felipe II já estava bastante avançada”²³⁰.

²²⁷LÉVI-STRAUSS et ERIBON, *De près et de loin*, ...o.c., 37.

²²⁸MAUGÜÉ, *Les dents agacées*, ...o.c., 93-94.

²²⁹*Idem*.

²³⁰*Idem*. Os itálicos não são do original.

Ao contrário de Maugüé, pode-se acreditar que também Braudel garimpou o “fabuloso metal” e fez sua “fortuna” no Brasil. É justamente este o objetivo desta tese e o que se pretende demonstrar.

Ao falar das impressões que teve do Brasil e das transformações que aí viveu, Braudel tem clareza de tratar de um país que muito se transformou depois. Nos anos 80, ele diz: “Eu tenho o sentimento de que, quando falo do Brasil, eu falo do *meu Brasil* e que este Brasil não existe mais hoje, ou ao menos, está terrivelmente transformado. O Brasil já era um gigante, e se transformou hoje em um monstro. Há mais de cem milhões de brasileiros. No tempo de minha juventude, mal havia quarenta milhões. Você se dá conta da diferença! O que eu digo do Brasil, eu o digo com ternura, humor, poesia, diria, com uma certa nostalgia. Não é o Brasil que os brasileiros hoje podem ver a cada momento de sua existência²³¹”.

“(…) A sociedade brasileira é uma sociedade que começa a se fazer...não é o vinho engarrafado, é o vinho prestes a se fermentar com a uva na cuba, prestes a se formar. Ora, é uma sociedade ao mesmo tempo mais fácil e mais perigosa. Mais fácil, porque eu terei sempre o meu lugar assegurado. Eu perco o meu lugar, uma pequena catástrofe, mas eu posso me restabelecer. Pode-se dizer, as regras nunca se fazem em uma sociedade assim, pois é uma sociedade onde você nunca tem certeza do amanhã. Você não sabe se vai acordar na prisão. Você não sabe se vai acordar no exílio. Você não sabe se vai acordar na pior das taras que é a pobreza. A pobreza no Brasil é um pouco, pode-se dizer, uma espécie de perigo para quem conheceu o luxo e a vida intelectual²³²”.

“Curiosamente, os laços de amizade são de tal sorte, de tal força que protegem contra tudo o que puder acontecer. Imagine que me aconteça de ser obrigado a deixar a

²³¹BRAUDEL, F., entrev. a M. Tassara (1984), ...o.c.

²³²*Idem*.

França. Eu chegaria em São Paulo, bateria na porta de Júlio de Mesquita...Eu tenho certeza de que ele me tomaria nos braços. Eu estaria com João Cruz Costa ou com Eurípedes Simões de Paula, eu me instalaria na casa deles. Gostaria de dizer que há poucos países no mundo onde eu possa dizer a mesma coisa. Existe um calor humano à medida que agente se aproxima do Leste, pois os países eslavos são extraordinários do ponto de vista da amizade, mas nada comparável, nas minhas lembranças e experiências, à força da amizade brasileira”²³³.

Braudel considerava Cruz Costa um filósofo admirável, um humanista de um requinte extraordinário e acrescenta: “Lembro-me de sua biblioteca e de sua cadeira de balanço. Foi nessa biblioteca que ele me ensinou a ver o Brasil²³⁴”. “*Monsieur* Braudel, o senhor precisa ler este livro, comportar-se desta maneira. Eram cenas assim, com a força da amizade que caracterizava os brasileiros e parecia incomum para um francês. O Brasil era um banho de juventude para quem vinha da Europa²³⁵”.

Outro grande amigo brasileiro foi Eurípedes Simões de Paula. Ele foi aluno e assistente de Braudel naqueles anos de 1935 a 1937. Era o aluno predileto. A amizade entre eles durou toda a vida. Eurípedes morreria em 1977, em um acidente de trânsito em São Paulo. Ao recordá-lo, Braudel desabafa: “Ele era meu amigo, era meu filho...Eu perdi com ele [com sua morte] uma das minhas conquistas, um dos meus afetos, ousou dizer, um dos meus amores. Eu o vi novamente...na sua glória, quando ele era diretor da Faculdade de Filosofia, eu o vi novamente tentando me retribuir o que lhe dei, mas você sabe, à brasileira, você deu um Réis e recebe um conto de Réis de volta. Ele me enriqueceria tanto e mais. Havia nele uma sinceridade, uma simplicidade, uma luminosidade. Eu não sei se defini bem. A bondade... Todos os intelectuais brasileiros

²³³*Idem.*

²³⁴BRAUDEL, F., entr. a Reali Jr. (1984),...o.c.

²³⁵BRAUDEL, F., “Primeiras histórias - USP, 50 anos: lembranças de um pioneiro francês”, entrevista a Rosa Freire d’Aguiar *Isto É* (1/2/1984), 38.

que conheci estão sob o signo da bondade, da generosidade e da amizade. Havia nele um coração de criança, e eu diria que agente só é historiador, um verdadeiro historiador, quando conserva um coração de criança, com a possibilidade de se surpreender, de se surpreender com a vida, de se surpreender pela história do passado e de enxergá-la como uma criança enxerga as primeiras imagens que chegam aos seus olhos. Perdendo-o, acredito que perdi muito, mas a Faculdade perdeu ainda mais que eu²³⁶”.

Além das amizades, Braudel ficou bastante impressionado com a alta sociedade: “eu descobri o que não conhecia e com uma certa violência: algo que parece com a alta sociedade privilegiada de outrora e, na base da sociedade, algo que parece com o início da sociedade industrial francesa”²³⁷. “Via-se uma estranha alta sociedade, pouco consciente de sua situação e plena de ilusão; uma alta sociedade que não se dá conta da posição que ela ocupa no mundo. Eles diziam: “nós não temos problemas sociais”. entretanto, você se levantava pela manhã, ia às estações de São Paulo e via desembarcar uma multidão de pessoas de cor. Oh! Não há questão social..., mas havia. Havia uma questão negra...Eu percebi²³⁸”.

“(...) Nós éramos considerados pela alta sociedade como pertencendo a ela, não no plano da igualdade, mas no plano das relações de sociabilidade. Estávamos lá, e você tinha o que fazer, você fazia toda uma série de conferências em salões extraordinários. Eram reuniões, eu diria, dignas de Proust. Era verdadeiramente um romance de Marcel Proust com uma complicação: a linha do tempo....Você poderia fazer a corte a uma mulher de quem gostasse. Isso poderia durar 8, 9, 10, 11 anos”²³⁹. “Os brasileiros da *bonne société* que eu guardo a melhor lembrança eram cativantes (*charmants*), complicados e falavam um francês maravilhoso. E imaginar que às vezes não falavam

²³⁶BRAUDEL, F., entrev. a M. Tassara (1984), ...o.c.

²³⁷BRAUDEL, F., entr. a F. Ewald e J.-J. Brochier...o.c., 18.

²³⁸BRAUDEL, F., entr. a J.-C. Bringuier (1983)...BnF, o.c.

²³⁹*Idem*.

bem o português. Eu conheci no Rio de Janeiro quem se expressava em francês mas, quando alguém na rua lhe pedia uma informação, eu era tão capaz quanto ele. Um mundo simpático, colecionador de telas francesas extraordinárias”²⁴⁰.

Outra recordação eram as famílias numerosas desta sociedade: “Toda segunda-feira nos reuníamos no cinema Odeon, que na época era o máximo... Lembro-me de uma família que, sozinha, ocupava duas fileiras. Um colega meu²⁴¹, enamorado, tentava ser mais astuto para colocar-se ao lado da namorada, mas a tia, a prima, a irmã, também se precipitavam e ele acabava sempre ao lado da futura sogra ou da avó”. Os professores franceses eram bastante requisitados: “para a alta grã-finagem, éramos o seu divertimento predileto. Eles nos procuravam para falar da França, para contar suas passagens por Paris, todos muito mimados²⁴²”.

Um entrevistador questiona Braudel por certa benevolência quanto à alta sociedade: ela teve ter suas deslealdades, suas soberbas, suas auto-suficiências, sua vaidade. Ele responde: “Sua vaidade, mas suas ternuras também; seus amores e suas violências. Bem, um historiador deve sempre se esforçar, mas não é difícil gostar da pessoa que o recebe com drinques. Bem, eles faziam uma porção de coisas para receber para um drink. Mas àquele que nos recebia, eu não lhe disse que ele tinha direito aos meus favores...eu não gosto de Felipe II...E se eu tinha que fazer um livro de Felipe II, eu procurei fazer um livro razoável. Portanto, fui contra meus sentimentos profundos...Mas um historiador pode também gostar dos outros”²⁴³.

O povo e a diversidade do Brasil também o impressionam. Quando foi à Bahia - Salvador e Feira de Santana: “achávamos feiras como as que existiam, diria, há 150 anos, rebanhos selvagens chegando, pastores vestidos de couro. Músicos cegos, um

²⁴⁰BRAUDEL, F., entrev. a M. Tassara (1984), ...o.c.

²⁴¹Provavelmente se trata de Maugüé, o único solteiro dos franceses: “as mulheres brasileiras o atraíam muito, mas tinha um dom excepcional para perdê-las” [BRAUDEL, F., entr. a Reali Jr. (1984),...o.c.].

²⁴²BRAUDEL, F., entrev. a R. d’Aguilar ... (1984), o.c., 38.

povo que canta e dança. A miséria é algo que existe sobretudo no Norte, que é a mais bela região do Brasil. Foi assim foi que estive na Bahia, *Bahia de todos los santos*²⁴⁴. Lá estando, é impossível deixar de entender. Diante de uma mesquita como a mesquita de Argel, entendo os elementos porque se trata de um trabalho, muito trabalho italiano, mármore, apliques de mármore, mas não entendo o que é uma mesquita, ao passo que entender as igrejas da Bahia é extremamente fácil: sinto-me à altura”²⁴⁵. Mesmo na Bahia, a elite local o assedia. Para não chamar a atenção, Braudel viajou com sua esposa para lá na segunda classe do navio. Entretanto, alguém tinha avisado as autoridades locais, e eles não escaparam de um almoço com o governador do Estado²⁴⁶.

Indo ao Nordeste, Braudel se dá conta que “não havia um Brasil, mas vários. Talvez eles hoje [1984] estejam mais próximos uns dos outros. O Brasil de São Paulo estava sendo feito. Havia japoneses, portugueses, italianos, pessoas de cor. Mas o mundo de São Paulo era muito distante, perdido. Tentei ver os outros lados do Brasil, visitando o Nordeste, que era uma outra coisa. (...) O Brasil era um país em fermentação”²⁴⁷. As viagens não se restringiram ao Brasil. Fernand e Paule Braudel também foram à Argentina e ao Chile. Chegam a Santiago de trem e retornam de avião. Antes de embarcarem no avião, recebem a notícia de que o vôo anterior sofreu um acidente e todos os tripulantes morreram. Os passageiros aterrorizados desistem de viajar, com exceção do destemido casal, que volta sozinho²⁴⁸. Eles tinham gosto pelo *dépaysement* (mudança de ambiente) e pela aventura.

²⁴³BRAUDEL, F., entrevista a J.-C. Bringuier (1983)...BnF, o.c.

²⁴⁴Em *portunhol* no texto. Segundo Eduardo França, Braudel preferia não falar português para não prejudicar o espanhol [entrevista, São Paulo, 25/9/2002]. Provavelmente por isto usa um termo em espanhol numa entrevista em francês para se referir a uma província brasileira.

²⁴⁵BRAUDEL, F., entre. a J.-C. Bringuier (1983) *in*: DAIX, P., o.c., 162.

²⁴⁶BRAUDEL, Paule, entr. com o autor (2002), o.c.

²⁴⁷BRAUDEL, F., entr. a Reali Jr... (1984), o.c

²⁴⁸BRAUDEL, Paule, entrevista, Paris, 18/6/2002. Não foi possível precisar a data desta viagem. Tudo indica as férias de julho de 1935 ou 1936.

O conhecimento do Brasil também se deu através de livros. Braudel leu Jorge Amado, Gilberto Freyre e outros, mas a lembrança mais forte é a de Paulo Prado, um homem inteligente e prodigioso, de enorme *finesse*, com uma coleção de pinturas “fantásticas”. Sua obra *Retrato do Brasil* é “um livro maravilhoso, um livro de inteligência profunda”²⁴⁹.

Todo este maravilhamento com o Brasil co-existe com uma complexa e conflitiva relação dentro da missão francesa. No dia de sua chegada, 3 de abril, Braudel tem uma áspera conversa com Arbousse-Bastide, o chefe da missão. A conversa até inicia com uma boa notícia trazida por Braudel: os professores receberão ajuda de custo do governo francês relativas à família e às viagens. Em seguida, A.-Bastide lhe coloca a par das negociações salariais. Braudel reage com veemência: não aceita salário igual a seus colegas e nem as horas-extras obtidas para as outras cadeiras.

“Ele contestou a legitimidade de minhas funções coletivas”- conta A.-Bastide - “afirmando que o senhor Dumas nunca lhe tinha falado e que se ele tivesse sabido que entre seus futuros colegas houvesse algo parecido a um “chefe de missão”, ele não teria vindo....Ele afirmou que tinha 42 anos - tem 32 - que ela era dos quadros de Paris e que seus anos de serviço eram mais que os meus, que ele não admitia haver tão pouca diferença ente o tratamento dispensado a ele e o tratamento dispensado a seus colegas mais jovens...Ele achou que nós tínhamos obtido um crédito que pertencia a ele”²⁵⁰.

Braudel ignorou o papel de A.-Bastide e resolveu negociar seu salário diretamente com as autoridades paulistas. Ele obtém do secretário de Educação um salário igual ao do seu antecessor, Coornaert, ou seja, 48 mil Francos por ano. Um privilégio, pois Coornaert era um professor da École des Hautes Études com muitos

²⁴⁹BRAUDEL, F., entrevistas. a Reali Jr., M. Tassara e R. d’Aguiar.

²⁵⁰Arquivo do MAE, Nantes, SOFE, vol. 443, A.-BASTIDE, “Confidentiel - Notes sur la Mission Universitaire Française à Sao Paulo (Fév.35 - Juillet 35)”, p.12-13.

anos de carreira. O cônsul da França serviu de intermediário e sancionou o acordo. A.-Bastide ficou contrariado, mas se resignou²⁵¹.

Um outro incidente envenenou o ambiente entre os professores franceses. Uma carta conjunta enviada pela missão a Braudel antes de sua partida da França, foi retransmitida oralmente a Dumas. O sentido teria sido alterado. Dumas reagiu furioso e escreveu a A.-Bastide: “Mesmo que Braudel não tenha me dado (a carta), é muito fácil de ver pelo resumo que ele me fez, que ela não era conforme nem no essencial, nem no tom, ao que eu acreditava poder esperar do senhor e dos seus consignatários”. A.-Bastide ficou arrasado. Na primeira reunião da missão, a carta de Dumas foi lida e Braudel se tornou suspeito de intriga. Ele negou e disse que se o instigador da carta fosse descoberto, deveria ser punido e chamado de volta à França²⁵².

As horas-extras também opuseram Braudel ao grupo. Ele foi contra, alegando ser um benefício excessivo e, ainda assim, não vendo razão para que ele próprio fosse excluído. Acusou os colegas de romperem a solidariedade do grupo e A.-Bastide de ser cúmplice. Com “tal carência de autoridade”, ele não participaria das reuniões de trabalho da missão, a não ser as do consulado e sob a presidência do cônsul. Os colegas suspeitaram que Braudel influenciou o cônsul e, por meio dele, o embaixador francês a considerarem as horas-extras um abuso que prejudicava o Governo paulista²⁵³.

A missão teve uma vida particularmente agitada, com conflitos quase permanentes, tanto pessoais quanto materiais ou pedagógicos. Dumas se vê obrigado a vir quase todos os anos para resolver os problemas. Ele vem em agosto de 1935, mas lamenta não poder vir em 1936: “Eu deveria colocar ordem em São Paulo durante os meses de julho e agosto, como havia feito no ano anterior, mas guardei uma lembrança

²⁵¹*Ibidem*, 15-16.

²⁵²*Idem*.

²⁵³*Ibidem*, 19-20.

tão ruim do trabalho que tive para chegar a este resultado, que finalmente optei por Lédignan”²⁵⁴.

Entre as lembranças ruins, está a seguinte: “tudo seria perfeito se os professores franceses não estivessem divididos por querelas pessoais e separados em dois campos de seis e um membros. O um é Braudel, e os seis são os outros, todavia, com a ressalva de que Maugüé (...) mantém boas relações com Braudel. (...) Eu me recusei a entrar nas discussões de fundo, mas devo reconhecer que há um perigo para a faculdade”²⁵⁵. E ele não esteve longe de ser excluído da missão francesa: “Uma cena violenta teve lugar diante de mim entre esses jovens e Braudel entendeu suas razões (...) ele se defendeu muito mal. (...) Veio me ver para perguntar o que fazer, e eu o motivei a demitir-se (...) Braudel terminou por assinar o novo contrato”²⁵⁶. As coisas acabam se apaziguando, apesar de verem nele um “caráter difícil, ciumento, orgulhoso e suspeito”²⁵⁷.

Dumas sugere que a função de A.-Bastide receba um outro nome. Ao invés de “chefe da missão”, ele se tornaria “correspondente de assuntos estrangeiros”. É uma maneira de evitar as suscetibilidades de Braudel e ser mais simpático aos colegas. O próprio Braudel acaba dizendo a A.-Bastide que não se opõe aos novos acordos e que se compromete a não criar dificuldades²⁵⁸. Para o ano de 1936, os contratos prevêem os seguintes salários mensais: Lévi-Strauss, 3.200 Francos; Hourcade, Berveiller, Maugüé e Monbeig, 3.500 Francos; A.-Bastide e Braudel, 3.666,66 Francos. Todos eles pagos metade em moeda francesa, metade em moeda brasileira²⁵⁹.

²⁵⁴SOFE, vol. 444, Carta de G. Dumas a J. Marx [31/10/1935 (sic!)] in: PETITJEAN, P., “As missões universitárias...”, o.c., 277-278. A data indicada não parece correta. O ano deve ser 1936. Não foi possível descobrir quem é este “Lédignan”. Provavelmente deve ser um funcionário do MAE.

²⁵⁵SOFE, vol. 442 (sic!), Carta de G. Dumas a J. Marx (17/8/1935) in: PETITJEAN, P., *ibidem*, 295. Provavelmente o volume correto seja o nº 444, como na citação seguinte.

²⁵⁶SOFE, vol. 444, Carta de G. Dumas a J. Marx (17/8/1935) in: PETITJEAN, P., *idem*.

²⁵⁷*Idem*.

²⁵⁸SOFE, vol. 443, A.-BASTIDE, “Suite des faits principaux...après le Départ de M. Dumas (le 19 Août 1935)”, p. 1 e 6.

²⁵⁹SOFE, vol. 443, “ADDITIF qu’ajoutèrent aux contrats des professeur français...”

Aqueles conflitos levam Dumas a acreditar que enviar um grupo de professores mais jovem foi um equívoco: “Nosso erro foi, eu creio, enviar a São Paulo, conforme o pedido de Mesquita, tantos professores efetivos de liceus que deixaram seus cargos na França, e assumiram somente os de São Paulo, atribuindo muita importância aos acontecimentos de sua vida universitária paulista. O sistema que nós aplicamos no Rio de Janeiro tem a vantagem de dar mais serenidade ao Brasil porque eles deixam raízes na França. Nós ainda falaremos disso, mas podemos verificar uma vez mais, que os franceses transplantados ao estrangeiro para uma causa comum passam seu tempo em conflitos entre si”²⁶⁰.

O primeiro ano no Brasil afastou Braudel de seus colegas. No entanto, ele logo fez muitos amigos brasileiros e publicou artigos no *Estado*²⁶¹. Muitos anos depois, ele faz alusão a estes incidentes: “Houve brigas, pois os franceses nunca estão num lugar sem arrumar umas briguinhas”²⁶². Aos poucos, porém, ele foi se aproximando dos colegas e conquistando a sua confiança. Lévi-Strauss relata: “Mais velho do que eu e os demais colegas da Missão Universitária Francesa, Braudel já estava mais avançado na carreira, a ponto de aceder ao ensino superior na França. Nós chegávamos ao Brasil, ainda, como simples professores do secundário”. Dessa diferença no currículo, “Braudel se aproveitava para nos espicaçar, nos aborrecer um pouco, mas essas manifestações divertidas de orgulho eram passageiras. Na verdade; tratava-se de um excelente companheiro, sensível, fidalgo, generoso e que, por ser mais velho, agia como nosso líder. Quando tínhamos algum problema, era ele quem se entendia com as autoridades brasileiras, com Júlio de Mesquita Filho, e acabava resolvendo as dificuldades. Já nessa

²⁶⁰SOFE, vol. 443, Carta de G. Dumas a J. Marx, 1/9/1936 in: PETITJEAN, P., *ibidem*, 279.

²⁶¹BRAUDEL, Paule in: DAIX, P., *Fernand Braudel...*, o.c., 135-136.

²⁶²BRAUDEL, F., entr. a Reali Jr.... (1984), o.c.

época Braudel se revelava extraordinariamente ativo, com imensa capacidade de trabalho”²⁶³.

Como contrasta este depoimento com os acontecimentos de 1935!

Em 1937, a relação com os colegas estava totalmente mudada, e a missão o elege porta-voz para dialogar com as autoridades e negociar os contratos do ano seguinte, a despeito das atribuições de A.-Bastide²⁶⁴. Os colegas já não viam mais Braudel como “difícil” e “suspeito”. Lévi-Strauss teve problemas na Faculdade. Júlio de Mesquita o considerou leviano por largar o curso no meio do ano e sair para fazer pesquisa com os indígenas²⁶⁵. Lévi-Strauss tem outra versão. Alega que A.-Bastide queria mandar na disciplina de sociologia e colocá-lo em posição subordinada. Como ele não se submetia, A.-Bastide tentou afastá-lo em nome da tradição comtista que Lévi-Strauss estaria traindo. A direção da Universidade, ligada ao *Estado*, estaria aceitando o que A.-Bastide queria. Lévi-Strauss só teria permanecido graças à solidariedade de Monbeig e Braudel²⁶⁶. Muitos anos mais tarde, ao saudar Braudel em seu ingresso na Academia Francesa de Letras, Lévi-Strauss exalta o senso de justiça de seu velho colega. Evocando aqueles anos brasileiros, Lévi-Strauss assevera que “nem naquela época, nem depois, quando advertido sobre uma manobra ou injustiça, eu o vi hesitar em empregar todas as forças para restabelecer o direito”²⁶⁷. Ao que parece, algumas velhas divergências foram esquecidas depois que a amizade entre eles se consolidou.

No seio da missão francesa, um grupo de professores se torna muito amigo: Lévi-Strauss, Braudel, Monbeig e Maugüé. Junto com suas esposas (só Maugüé era solteiro) formam uma equipe muito coesa. Não perdiam ocasião de sair pelos arredores

²⁶³LÉVI-STRAUSS, C. in: SABÓIA, N., “Os anos mais felizes de Braudel. No Brasil”, *O Estado de São Paulo*, 30/11/1985, p.11.

²⁶⁴PETITJEAN, P., *ibidem*, 296.

²⁶⁵PRADO, Décio de Almeida in: FREITAS, S., *Reminiscências*, o.c., 162-163.

²⁶⁶LÉVI-STRAUSS, C. et ERIBON, D., *De près et de loin*, o.c., 33.

²⁶⁷LÉVI-STRAUSS, C. et al., *Discours de réception de Fernand Braudel a l’Academie française...*, Paris,

de São Paulo atrás de descobertas, seja do lado do litoral, no fundo de barrancos atravessados por frágeis passarelas, seja ao norte da cidade, em áreas ainda plantadas de cafezais, para se entregarem “a veleidades de pesquisas arqueológicas”²⁶⁸. Na Faculdade, rivalizavam no sucesso. Cada um dava uma olhadela no prestígio do outro: número de pessoas no auditório, importância dos ouvintes e o grupo que acompanha o professor na saída. Segundo Maugüé, saíam do anfiteatro como *virtuoses* deixando a sala de concerto. No fim das contas, isto beneficiava os alunos pois cada um procurava dar o melhor de si²⁶⁹.

Maugüé recorda que a missão francesa teve momentos nada amistosos. Havia queixa de que Braudel queria mandar no grupo. As reivindicações dos professores às vezes eram insolentes. Qualquer que fossem os defeitos de Braudel, Maugüé lhe atribui duas virtudes essenciais: a bondade e a capacidade de amar. Era em sua casa que Maugüé encontrava refúgio. A sua partida em 1937 o fez sofrer muito²⁷⁰. Braudel considerava Maugüé o mais brilhante do grupo, adorado por seus estudantes e pelo seu “maravilhoso assistente” Cruz Costa²⁷¹. Braudel se aborrecia ao ver o amigo filósofo promissor desperdiçando seu tempo em uma vida social intensa que não lhe traria nada fora do Brasil. Questionava-o com insistência sobre onde tudo aquilo iria levá-lo se quisesse retornar à França, e o motivava a escrever uma tese²⁷².

O perfil dos alunos da FFCL mudou bastante naqueles anos. No primeiro ano em que Braudel lecionou, predominavam os filhos da sociedade paulista e dos fazendeiros do interior. Ele conta que “na sala havia representantes do governador, amigos de Júlio de Mesquita Filho...e diversos grã-finos que deixavam carrões estacionados na

Arthaud, 1986, 92.

²⁶⁸LÉVI-STRAUSS, C., *Saudades de São Paulo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, 18.

²⁶⁹MAUGÜÉ, J., *Les dents agacées*, o.c., 97-98.

²⁷⁰*Ibidem*, 117.

²⁷¹BRAUDEL, F., “L’Adolphe de Jean Maugüé”, *Le Monde*, 31/12/1982.

²⁷²MAUGÜÉ, *ibidem*, 95 e 98.

porta...Muitos vinham só para se distrair”. Porém, nos anos seguintes já foi diferente: “Em 1936, o governo de São Paulo procurou estudantes no ensino médio e deu várias bolsas de estudo. Chegaram quase trezentos novos alunos de meios sociais mais humildes, sem uma formação exemplar, mas foram esses que contribuíram para que a Universidade se consolidasse. A USP real se sobrepôs à USP mundana”²⁷³. Chegou a haver um certo mal-estar entre os dois grupos, como observa Braudel: “Se de um lado os estudantes não gostavam muito que esse pessoal frequentasse as aulas, do outro os políticos e certos intelectuais da sociedade não escondiam uma certa preocupação de ver que estávamos formando intelectuais novos, recrutados num nível relativamente modesto”²⁷⁴.

As atividades dos professores incluíam conferências públicas na Faculdade de Direito. Em 1935, foram ao todo 62 conferências. Os franceses, em geral, conseguiam platéias lotadas. Braudel fez três: 1) “O fim de Napoleão I”; 2) “Anatole France e a história”; 3) “O nascimento da Europa”²⁷⁵.

Os cursos na USP foram para ele uma oportunidade de se revigorar intelectualmente: “Com os alunos que tive, fui, na verdade, obrigado a recomeçar minha juventude. Foi muito difícil explicar aos estudantes brasileiros o que podia ser a História da Europa. Não que eles não dessem importância à Europa, mas eles não a conheciam. Antes de fixar o curso do Reno ou do Danúbio, de saber o que foram os séculos XIII e XIV, havia um esforço suplementar a ser feito, o que não acontecia em Paris, onde já lecionava na Sorbonne. Dessa forma, fui obrigado a recomeçar minha vida intelectual, ensinando aos estudantes toda a História da Civilização, o mundo antigo, Idade Média, o mundo moderno, o que não deixava de ser uma extravagância. Na verdade, foram os alunos que se encontravam diante de mim que me obrigaram a repensar e reexplicar.

²⁷³BRAUDEL, F., entr. a R. d’Aguiar (1984), o.c., 38.

²⁷⁴BRAUDEL, F., entr. a Reali Jr... (1984), o.c.

Chegava para dar aulas sem nenhuma anotação. Eu os ouvia e ia respondendo. Apesar de suas deficiências em matéria de conhecimentos, eram muito interessados e inteligentes. Havia um grande prazer em compreender, toda uma avidez intelectual, algo exemplar. (...) Ensinávamos em francês. Às vezes, quando as coisas não iam bem, falava espanhol, mas no final já falava português”²⁷⁶.

Um exemplo desta enorme abrangência é a ementa dos cursos de História da Civilização de 1936²⁷⁷:

HISTÓRIA GREGA

(1º e 2º anos)

O quadro geográfico - Civilizações pré-helênicas - O período aqueu - Evolução econômica e social do século 18 - A expansão helênica - Desenvolvimento político e social de Esparta e de Atenas no século 6º - As guerras médicas - A formação do império ateniense - A época de Péricles.

HISTÓRIA ROMANA

(1º, 2º e 3º anos)

As bases geográficas - Povos da Itália primitiva - Origens de Roma - O período real - A conquista do Lácio (expulsão dos etruscos - invasão gaulesa - dominação do Lácio) - A conquista da Itália (a guerra dos sanitas - a queda de Tarento) - A conquista do Mediterrâneo (guerras púnicas - guerras no Oriente) - A conquista do Ocidente - As instituições romanas no 2º século - Os primeiros choques revolucionários - Os Gracos.

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

(1º, 2º e 3º anos)

²⁷⁵Anuário da FFCL-USP 1934-1935, 224-225.

²⁷⁶BRAUDEL, F., entr. a Reali Jr... (1984), o.c.

²⁷⁷Anuário FFCL-USP 1936, 259-260.

Napoleão III - A 2ª República e o golpe de Estado de 1851 - O império autoritário: a guerra de Criméia - O atentado de Orsini - A universidade italiana - O império liberal: a política externa - as concessões liberais - O império parlamentar. O ministério Émile Ollivier - O plebiscito de 1870 - A Guerra Franco-prussiana e o fim do 2º império. Revoluções de 1848 - A unidade italiana - A unidade alemã.

CURSOS ESPECIAIS

(aulas de seminário)

Seminário (1º ano): Questões de História Geral - A unidade alemã - A unidade italiana.

Seminário (2º ano): Idade Média - A decadência e o fim do Império Romano - As grandes invasões - A reconquista de Justiniano - As invasões dos árabes - O Império Carolíngio - As invasões normandas - O Santo Império Romano-Germânico - A organização feudal.

Seminário (3º ano): Noções de paleografia e decifração de textos franceses, espanhóis e italianos. Pré-história - As primeiras civilizações do Oriente próximo e da Grécia antiga.

O ensino incluía atividades fora da sala de aula, nas quais Braudel orientava os alunos em pesquisas nos arquivos, trabalhos de cartografia histórica e de paleografia, bem como em pequenas monografias. Aos diplomandos que iriam se dedicar ao ensino, foi ministrado um curso de questões pedagógicas. Cada aluno teve que organizar uma série de lições, preparando-se para a vida prática²⁷⁸. Segundo Maugüé, Braudel se consagrou ao seu ofício com uma autoridade talvez “ranzinza” (*taquine*) e mesmo um

²⁷⁸Anuário FFCL-USP 1937/1938, 180-181.

pouco “tirânica”, porém, fecunda. Os estudantes de Braudel aprenderam história e aprenderam a ser historiadores²⁷⁹.

Para Eduardo França, Braudel era um tipo sedutor como professor. Ele retirava da exposição tudo o que não fosse interessante. Procurava uma justa medida do conteúdo no discurso, dizendo que não se deve expor uma idéia a cada dez metros, mas uma idéia a cada quilômetro. Ele era acolhedor, muito compreensivo, com uma grande capacidade de fazer amigos. Era enérgico, porém, não autoritário. Braudel dava muita atenção aos alunos promissores, que poderiam se tornar futuros historiadores, e recomendava não perder tempo com os outros. Ele gostava muito dos alunos Eurípedes Simões de Paula, Alice Canabrava, Branca Caldeira e, não se deve excluir, o próprio Eduardo França²⁸⁰.

Nas aulas, podia haver dificuldade em interessar os alunos pela história européia. No entanto, relata Braudel, quando se falava da Revolução Francesa, o ambiente se transformava completamente²⁸¹, “a menos que houvesse uma catástrofe. Um dia, falando da Revolução Francesa, eu mostrei os revolucionários e lhes disse uma palavra que não deveria ter pronunciado: que eles eram homens como os outros. O que é verdade, acredite. No fim do curso, um dos estudantes veio me ver e disse: ‘Professor, nós estamos decepcionados, totalmente decepcionados. A Revolução Francesa, nós não a vemos como vocês, a Revolução francesa, nós ainda aguardamos’. Mas eu lhe diria que eles não a viram chegar, e que uma outra revolução a substituiu no imaginário intelectual brasileiro: a Revolução Russa, de 1917, que ainda estava em seus primeiros anos e acabou criando círculos de adeptos”²⁸².

²⁷⁹MAUGÜÉ, J., *Les dents agacées*, o.c., 94-95.

²⁸⁰FRANÇA, E., entrevista, São Paulo, 25/9/2002.

²⁸¹“Alors là, ça marchait tout de suite”[BRAUDEL, F., entr. a M. Tassara... (1984), o.c.].

²⁸²*Idem*.

O empenho de Braudel o levava inclusive a receber alunos em sua própria residência para orientar a lição de casa. “Se fizesse isso, na época, na França, certamente seria vaiado²⁸³“, conta. “Nós discutíamos, discutíamos, eu diria, às vezes de maneira bem dura. Nós refazíamos a lição juntos e ele a fazia diante dos colegas. Havia neste trabalho, que era para mim um trabalho excitante, sucessos consideráveis, (...) verdadeiros sucessos. Eu formei historiadores. Eu formei três ou quatro que são de qualidade internacional”²⁸⁴.

Eduardo França conta que muitos assistiam às aulas de Braudel e mereciam a sua atenção. Mas aqueles que ele entendia serem os ‘seus’ alunos recebiam atenção especial. Eles eram convidados a almoçar em sua casa e a longas conversas até o anoitecer. “Era o grupo dos alunos dele”. Braudel afirmava ter poucos alunos e, quando França contestava por haver muita gente no curso, o mestre balançava a cabeça discordando. Para ele, alunos eram somente os que ele “elegia”. “Tive a sorte de estar entre esses, aos quais Braudel proporcionava uma convivência a que não estávamos acostumados”, prossegue França. Braudel se interessava tanto pela docência quanto pela pesquisa. Constantemente indicava a estes alunos o que deveriam fazer quando fossem professores. Dava-lhes conselhos, transmitindo a sua experiência de magistério. E lhes falava dos *Annales*, que tanto havia mudado a historiografia da época²⁸⁵.

Alice Canabrava recorda este tempo em que os professores franceses, principalmente Monbeig e Braudel, encantavam a todos e sempre convidavam as turmas para almoçar ou tomar um café em suas casas. Tímida, nunca foi a nenhum deles: “Imagine! Eu, caipirinha de Araras, almoçando na casa de Braudel, onde cada prato tinha um talher diferente. Um dia, ele me perguntou por que nunca aceitava e confessei

²⁸³BRAUDEL, F., entr. a Reali Jr... (1984), o.c.

²⁸⁴BRAUDEL, F., entr. a M. Tassara... (1984), o.c.

²⁸⁵FRANÇA, E., “Eduardo de Oliveira França: Professor de História”, *Estudos avançados* 22 (1994), internet.

a vergonha”. Só muitos anos depois Alice almoçaria com o mestre em Paris. Aluna bolsista da USP, reconhece: “Devo muito a Armando de Salles Oliveira. Se ele não tivesse convidado as professoras primárias para cursarem a faculdade, eu seria sempre a caipirinha do Interior”²⁸⁶.

As primeiras turmas da FFCL tinham mais mulheres do que homens. Houve muita resistência dos alunos e professores das outras Faculdades, principalmente dos cursos de direito e medicina, à presença das mulheres no ensino superior. A turma de 1937, que foi a segunda a se formar, tinha 50 mulheres e 27 homens, mas apenas os colegas não tinham preconceito. “Além da mudança de pensamento, a Faculdade de Filosofia realizou a primeira grande revolução no ensino superior, recebendo estudantes do sexo feminino. Mas o pessoal do Direito e da Medicina dizia que íamos baixar o nível”, conta Alice Canabrava²⁸⁷.

A coexistência da FFCL com as outras faculdades não foi tranquila. A FFCL não teve uma sede própria. Ela foi distribuída por empréstimo entre várias unidades, que se prestaram a ceder salas e gabinetes para que a Faculdade pudesse ter início. Os alunos de geografia e história usaram durante algum tempo as instalações da Faculdade de Medicina, na Avenida Doutor Arnaldo. Foi lá que Braudel lecionou. Entretanto, foram expulsos a pedradas pela intolerância e pelo egoísmo dos alunos da medicina. É provável que houvesse ciúmes dos professores estrangeiros. Isto gerou uma crise universitária que provocou a demissão dos professores Antônio de Almeida Prado, da FFCL, e Aguiar Pupo, da Medicina, ambos considerados grandes figuras²⁸⁸.

Com o panorama destes anos brasileiros de Braudel de 1935 a 1937, pode-se fazer um balanço das transformações que ele viveu. O que ele quer dizer com “eu me

²⁸⁶CANABRAVA, A. in: MAIOLINO, Sílvia, “Turma de 37 da USP faz festa”, *O Estado de São Paulo*, 15/5/1988.

²⁸⁷*Idem*.

²⁸⁸MASCARO, Carlos, in: MAIOLINO, S., *ibidem* e França, E., in: FREITAS, S., *Reminiscências*, o.c.,

tornei inteligente indo ao Brasil”? Ele mesmo tem certa dificuldade em explicar: “Esse não é bem o termo, talvez algo menos comum”²⁸⁹, ou então, “a palavra [inteligente] é ridícula... se me tornei menos banal...”²⁹⁰. Percorrendo as suas diversas entrevistas, talvez a que melhor explique seja esta: “Foi no Brasil que eu me tornei o que sou hoje”²⁹¹. Todas elas são reflexões feitas depois dos seus 80 anos de idade. Antes disso, o Brasil não era tão importante. Braudel só se dá conta do caráter decisivo dos anos brasileiros no final de sua vida.

“Tenho a impressão de que um dia ou outro temos de nos separar do que já vivemos, do que sabemos, do que compreendemos, partindo para uma experiência de vida diferente”²⁹², conta ele. O Brasil teria sido um desenraizamento fecundo. “Lá, tive de me separar do que já sabia, do que já vivera, para comunicar-me com os alunos. Os estudantes me obrigaram a pensar de outra forma”²⁹³. Ou seja, Braudel foi compelido a se situar em uma outra perspectiva que acabou por enriquecer sua visão de mundo.

“Eu passei os anos mais importantes de minha vida, como trabalho, como reflexão, como voltar-me para mim mesmo, durante o tempo em que estive particularmente feliz no Brasil. Particularmente feliz, porque precisei reaprender tudo”, considera ele. “A história que me circundava, eu não a conhecia; a natureza que eu via, foi preciso aprender a conhecer, o nome das plantas...A primavera que você vê hoje na França é qualquer coisa de maravilhoso, mas a primavera no Brasil é de todas as cores. O azul, o vermelho, o amarelo, os ipês amarelos da Avenida Paulista, é qualquer coisa de extraordinário. Os pássaros também. Fala-se com frequência da Academia Francesa

182.

²⁸⁹BRAUDEL, F., entr. a Reali Jr... (1984), o.c.

²⁹⁰BRAUDEL, F., entr. a R. d’Aguiar... (1984), o.c., 39. Os colchetes não são do original.

²⁹¹BRAUDEL, F., entrev. a F. Ewald e J.-J. Brochier...(1984), o.c., 18.

²⁹²BRAUDEL, F., entr. a Reali Jr... (1984), o.c.

²⁹³BRAUDEL, F., entr. a R. d’Aguiar... (1984), o.c., 39.

com suas vestes verdes, mas ver pousar de repente no jardim um bando de papagaios, de acadêmicos extraordinários, dos quais tirar o modelo²⁹⁴...”

“(…) Eu acredito que o Brasil foi para nós o início de uma segunda vida. Nós tínhamos chegado com nossa formação...Eu tinha feito meus estudos, minhas primeiras provas como historiador. Mas é como se fôssemos obrigados a transformar completamente nossa maneira de ver e de explicar”, prossegue Braudel. “Era preciso viver de modo diferentemente. Eu tenho a certeza de que existe a possibilidade de se conduzir a si mesmo, de se conquistar a si mesmo, de se lançar ao que se pode fazer de melhor, com a condição de mudar. Mas mudar não para rir. Mudar profundamente em todas as reações. Eu nunca mais fui o mesmo depois de ter estado no Brasil”²⁹⁵.

Há coisas que ele não pôde perceber na África do Norte, pois a civilização diferente constituía uma barreira. No Brasil, não havia esta barreira: “E então o Brasil foi para mim alguma coisa mágica. Vou explicar”, continua Braudel, “quando você está na África do Norte, você está diante de uma civilização estranha, contudo ela não é espontaneamente perceptível; você não a penetra. Agora, compreendo o mundo romano, o mundo grego, pois tenho estudo e, além disso, pertenço à mesma civilização. Ora, O Brasil, e toda a América Latina, é a mesma civilização, mas não na mesma idade. Se bem que tenho a convicção que foi verdadeiramente o Brasil que me permitiu chegar a uma certa concepção de história que eu não teria se tivesse ficado sempre em torno do Mediterrâneo. Todos os problemas se colocaram em outra perspectiva: a elite, a classe inteligente, a luta de classes, a geografia, o proletariado. São coisas absolutamente extraordinárias...eu poderia falar horas e horas”²⁹⁶.

²⁹⁴BRAUDEL, F., entr. a M. Tassara... (1984), o.c.

²⁹⁵*Idem*.

²⁹⁶BRAUDEL, F., entr. a J.-C. Bringuier... (1983), o.c., BnF.

Algumas vezes, ao falar desta transformação de se tornar inteligente no Brasil, Braudel acrescentou sorrindo: “Talvez foi porque lá é que eu aprendi a ser feliz”²⁹⁷. Esta felicidade certamente veio da amizade efusiva com os brasileiros, de um mundo diferente e desafiante, mas cognoscível, e de um vasto campo de trabalho para atuar e exercitar a criatividade. O Norte da África foi para ele uma civilização estranha e impenetrável. Braudel não aprendeu o árabe e viveu em um ‘enclave’ francês. O conflito social em andamento lhe passou despercebido. No Brasil, foi diferente. Ele pode penetrar na sociedade e na sua história em profundidade e interagir com ela.

Ao se referir àqueles anos em São Paulo, Lévi-Strauss arrisca sugerir que noções essenciais desenvolvidas por Braudel, como a de “economia-mundo” na *Civilização material*, teve como primeira inspiração o papel representado por São Paulo no Brasil, na época em que ambos lá viveram. Economia-mundo é uma grande área integrada pela economia e pelo comércio envolvendo diversos países, um conjunto de mercados interligados formando uma espécie de todo econômico. É diferente de economia mundial, pois não se trata do mercado de todo o planeta, e sim de uma região bastante conectada internamente. A economia-mundo possui um centro financeiro irradiador, localizado numa grande cidade, onde se organizam negócios a grandes distâncias. Esta estrutura está na origem e na expansão do capitalismo moderno.

“Não posso afirmar mas, talvez, São Paulo tenha sido o elemento que desencadeou a criação deste conceito, naturalmente aplicado depois por Braudel ao estudo da evolução das sociedades européias desde o século 15”, diz Lévi-Strauss. “Não poderia ter tido uma visão mais vívida e palpitante de um coração do que em São Paulo, onde, na época, vivíamos num equilíbrio instável absolutamente inusitado para nós, que vínhamos de uma velha Europa, cansada e desmotivado. Equilíbrio instável de uma São Paulo que, conciliando o velho com o novo, sequelas coloniais com elementos de uma

²⁹⁷GEMELLI, Giuliana, *Fernand Braudel*, Paris, Odile Jacob, 1995, 61.

nova civilização, funciona como cidade-centro, irradiando pelo Brasil uma vaga de transformações”²⁹⁸.

O conceito de economia-mundo em Braudel tem outra origem: as leituras de geógrafos e eruditos alemães feitas no cativeiro durante a Segunda Guerra²⁹⁹. De qualquer maneira, a “nova história” desenvolvida pelos *Annales*, esta sim, conquistou-os naqueles anos e o transformou profunda e definitivamente. Depois de sua estada no Brasil, diz ele, “eu tenho sido um homem totalmente diferente e, na medida em que esta experiência foi importante para mim, não creia, por exemplo, que eu teria escrito sobre o Mediterrâneo um livro diferente dos outros se eu não tivesse estado antes no Brasil; se eu não tivesse mudado, por assim dizer, totalmente. A história nova que eu defendi no *Mediterrâneo*, eu de certa maneira concebi, construí, sonhei quando estava no Brasil³⁰⁰. É porque esta história interessou os meus estudantes. Dizer-lhes que Richelieu nasceu em tal data ou que Corneille nasceu nesta outra, eu não digo que os deixava indiferentes, porém não os surpreendia. Mas uma história representando o conjunto das ciências humanas, esta espécie de invasão da história pela sociologia, pela geografia, pela economia, etc...isto, isto lhes apaixonava”³⁰¹.

Portanto, pode-se concluir: foi no Brasil, e de certo modo com a ajuda dos brasileiros, que Braudel se tornou “o Braudel do *Mediterrâneo*”. A pesquisa de seu doutorado em andamento e todo o material acumulado foram se situando em um novo horizonte. Quanto a serem aqueles anos “os anos mais felizes” de sua existência, Lévi-Strauss pondera: “Mas eu também faço a mesma idealização. Natural, o Brasil foi parte da nossa mocidade”³⁰². Mesmo que a lembrança da mocidade os leve a idealizar aqueles

²⁹⁸LÉVI-STRAUSS, C., in: SABÓIA, N., “Os anos mais felizes...”, o.c., 11.

²⁹⁹Ver cap. VI.

³⁰⁰“Je l’ai en quelque sorte conçue, bâtie, rêvée, quand j’étais au Brésil”[BRAUDEL, F., entrev. a M. Tassar... (1984), o.c.].

³⁰¹*Idem*.

³⁰²LÉVI-STRAUSS, C., in: SABÓIA, N., “Os anos mais felizes...”, o.c., 11.

anos como os mais felizes, há no caso de Braudel um tipo transformação humana e intelectual, diferente do que se passou com Lévi-Strauss. Braudel “vestiu a camisa” da nova historiografia. Lucien Febvre tem razão ao dizer depois que seu filho espiritual se transformou muito mais com o Brasil do que com o Mediterrâneo³⁰³.

Os decisivos anos brasileiros terminam em outubro de 1937, por causa da sua nomeação para a Escola Prática de Altos Estudos, em Paris. Esta nomeação foi anunciada em 1936, mas Braudel quis ficar mais um ano no Brasil³⁰⁴. Ao embarcar em Santos de volta à França, ele encontra L. Febvre retornando de conferências em Buenos Aires. Um encontro não menos decisivo: nos vinte dias da viagem que conviveram intensamente, surgiu uma forte amizade em que Febvre se tornou uma espécie de pai espiritual de Braudel³⁰⁵.

Ao partir do Brasil, Braudel deixa atrás de si um país que seria bastante abalado pelo Estado Novo. Getúlio nomeia interventor em São Paulo um inimigo da FFCL, Ademar de Barros. A sobrevivência da instituição esteve seriamente ameaçada. Na cadeira de História da Civilização, Braudel foi sucessivo pelo brilhante Jean Gagé, um professor de Estrasburgo que escrevia uma tese sobre o culto de Apolo no tempo de Augusto³⁰⁶. Gagé ficaria oito anos na USP. Braudel retornaria ao Brasil em maio de 1947, pouco depois de defender sua tese, e permaneceria até o final daquele ano. Nesta época, todavia, ele já estava intelectualmente formado. Os anos brasileiros formadores e decisivos foram os de 1935 a 1937.

³⁰³BRAUDEL, F., entr. a *Realí Jr...* (1984), o.c.

³⁰⁴*Idem.*

³⁰⁵Ver cap.I.

³⁰⁶MAUGÜÉ, *Les dents agacées*, o.c., 128.

CAPÍTULO V -

O ENSINO DE BRAUDEL NOS ANOS BRASILEIROS

Pode-se perguntar se as transformações que Braudel viveu no Brasil estão refletidas nos seus ensinamentos daquele período. A nova história defendida por ele no *Mediterrâneo*, supostamente concebida, construída e sonhada (*conçue, bâtie, rêvée*) nos anos brasileiros, encontra-se de alguma maneira em suas aulas, escritos e conferências daquela época? Esta questão é bastante relevante para se compreender o significado do Brasil na vida e no pensamento de Braudel, tema da presente tese.

Nesse período, ele fez conferências na Faculdade de Direito da USP e no Instituto de Educação, publicou artigos em *O Estado de São Paulo*, um texto no Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) e outro texto na revista do grêmio estudantil da mesma Faculdade. Algumas dessas conferências e artigos deixam transparecer a sua concepção de história e os caminhos que Braudel começa a trilhar. O seu primeiro artigo foi publicado em *O Estado* já um mês e meio depois de sua chegada. Intitula-se “Cartografia do mundo atual”³⁰⁷.

Braudel comenta a suposta divisão da Europa em duas partes, feita pelo jornalista Francis Delaisi. A primeira seria a “Europa A”, industrial, povoada de cavalos-vapor, abrangendo a Alemanha, partes da Rússia e da Polônia, a Itália setentrional, a Tchecoslováquia, a Áustria, a França, os Países Baixos, a Inglaterra e um fragmento da Espanha. São regiões com malhas de vias férreas e estradas de rodagem. A segunda parte seria a “Europa B”, sem indústria, com estradas primitivas, campos atrasados e ilimitados contingentes migratórios. Delaisi propunha a formação de blocos

³⁰⁷BRAUDEL, F., “Cartografia do mundo atual”, *O Estado de São Paulo*, 19/5/1935, 5.

nas duas Europas. O primeiro forneceria ao outro produtos manufaturados e receberia em troca os excedentes de trigo e produtos alimentícios.

Diante deste quadro, ele interroga: “Não existirá uma terceira Europa, a Europa C, a Europa colonial, ou melhor, de além-mar? Não serão também Europa, os Estados Unidos, o Brasil e muitos outros países?” No passado, a velha Europa conquistou o mundo, rompendo-lhe os limites imperfeitos. Só no plano mundial se reconheceria a sua verdadeira face³⁰⁸. Esta interrogação de Braudel certamente se deve à sua chegada ao Brasil e à intensa admiração que o país suscitou nele.

Em outubro de 1935, ele faz uma conferência na Faculdade de Direito sobre Anatole France³⁰⁹. Braudel recorda seu importante mestre Maurice Holleaux, professor de história grega na Sorbonne que, em tom provocador, considerava France “o maior historiador, porque não foi um profissional”. Braudel discorda de Holleaux, acrescentando que o próprio France nunca pretendeu ser o soberano da história ou o “príncipe de Clio”³¹⁰.

France conheceu a disciplina histórica “tão estreita ainda e tão arcaica”. Esta disciplina, segundo Braudel, vive um movimento que a renova em profundidade e a transforma na mais jovem, rica e vasta das ciências sociais da atualidade. A “escola nova”, que luta neste momento pela renovação, já não estuda apenas os aspectos espirituais e políticos das sociedades desaparecidas, mas também seus alicerces materiais ou corporais. Para bem apreender essas bases sólidas do passado, há historiadores que não hesitam em assimilar os métodos e pontos de vista das ciências

³⁰⁸*Idem.*

³⁰⁹Romancista e crítico literário francês do final do século 19 e início do século 20, bastante conhecido no Brasil. Anatole France foi muito engajado politicamente em favor dos ideais republicanos, envolvendo-se no caso Dreyfus contra o antissemitismo e militando por uma ordem social mais justa. Em 1921, recebeu o prêmio Nobel de literatura. A conferência de Braudel, “Anatole France e a história”, foi publicada em *O Estado de São Paulo* [parte I, 10/11/1935, 4; parte II, 17/11/1935, 4].

³¹⁰Clio era a musa da mitologia grega que inspirava os historiadores.

sociais afins, “nascidas ontem”, e apoiar suas pesquisas na economia política ou mesmo na matemática financeira³¹¹.

No presente, explica Braudel, estuda-se não a política de Luís XIV, porém o câmbio francês durante seu reinado na praça de Amsterdam; não a personalidade de Colbert, mas sim as oscilações dos preços e salários, que traduzem de modo tão evidente a brutalidade e o fracasso de sua ação; não os episódios da conquista brasileira, porém os ciclos econômicos que animaram consecutivamente a vida no Brasil: a cana, o café, a borracha...³¹². Braudel não menciona, mas este movimento na França é encabeçado pelo grupo da revista *Annales*.

“A esses novos pesquisadores”, aconselha ele, convém a lição de Anatole France, lição que não foi o único a dar mas que soube formular com o brilho de seu talento, lição em que ressalta a incerteza fundamental da ciência histórica apoiada no homem, esse ser tão desconcertante e complicado, e acentua as verdades psicológicas que as “tendências atuais dos historiadores induzem a desprezar”. As sociedades têm um corpo, mas também têm uma alma que é preciso apreender para o passado não somente nos encantar, mas aparecer na sua realidade. É nos homens que Anatole France, amador de história, deve ter pensado com ironia e obstinação, nos obscuros como nos mestres, em quem milhões de indivíduos sem história se amalgamam misteriosamente. Braudel assevera: a história não pode renunciar a traçar a curva das grandes vidas, pois afastando suas mais visíveis incertezas, apagaria ao mesmo tempo sua mais ardente chama³¹³.

Ele se revela aqui um homem que conhece as novas tendências da historiografia, mas que mantém certa distância e manifesta certa reserva.

³¹¹BRAUDEL, F., “Anatole France e a história”, parte I, o.c.

³¹²*Idem*.

³¹³*Idem*.

Uma semana depois, Braudel publica um novo artigo. Ele homenageia Henri Pirenne³¹⁴, historiador belga que pouco antes havia falecido. Ao homenageá-lo, Braudel mostra o quanto conhece a nova historiografia preconizada por Pirenne e o quanto ele mesmo se identifica com esta corrente. Braudel considera Pirenne o maior historiador da atualidade, além de ser um mestre da língua francesa, que o “acaso” fez nascer fora das fronteiras da França.

“Conheci o homem”, testemunha Braudel. Era dessas pessoas nítidas e abertas que se compreendem no primeiro encontro e nunca mais se esquecem. Braudel o viu em Argel lotando um auditório de mais de mil pessoas. Os estudos de história, sossegados e meio sonolentos, viram-se agitados com a sua chegada. Argel é uma cidade do Mediterrâneo tão jovem quanto São Paulo, embora menos movimentada, compara Braudel. Ela se situa num país que é uma “nova França”, de coordenadas bem diversas, largas, e onde, por isso mesmo, se respira um pouco desse ar dos países novos: encantamento profundo, alegria, imensidade, esperanças - tanto na Argélia quanto no Brasil³¹⁵.

Os homens da capital argelina também são formados na escola de uma existência ativa e rica em múltiplos ensinamentos. Pirenne trazia a eles justamente a imagem de uma Idade Média bem viva e compreensível. Os homens que ele evocava também se viam às voltas com realidades tangíveis, questões de transportes, problemas de salários, vida cara, construção de novas cidades, etc... Não eram personagens de vitrais ou miniaturas, de aspecto irreal o mais das vezes, mas homens que trabalhavam, penavam, revolviam a terra, abriam clareiras na floresta, cultivavam roças para suas aldeias, e prados e campos de trigo para o excedente de sua população. Embora sem recorrer às fortes e românticas visões de um Michelet, prossegue Braudel, Pirenne

³¹⁴BRAUDEL, F., “Henri Pirenne”, *O Estado de São Paulo*, 24/11/1935, 4.

³¹⁵*Idem*.

tornava o passado extraordinariamente vivo. Falava dele como de um país que acabasse de visitar, onde tivesse deixado amigos e recordações, colhido observações e compreendido tudo. Entre o mundo de outrora e o de hoje, com frequência fazia comparações. “Mas então é isto a história”, exclamava o público admirado. Não é erudição, simples instrumento, nem os fatos e gestos dos grandes da terra. Esta história que participa da arte é a própria vida³¹⁶.

A Primeira Guerra Mundial valeu a Pirenne dois anos de prisão em um campo de concentração alemão. Sendo professor *in aeternum*, ensinou aos companheiros de cativeiro a história da Idade Média (mal sabia Braudel que ele iria fazer o mesmo). Pirenne entusiasmou seu público, muitos dos quais eram simples operários. Ele soube dar vida aos Clodomiro e Clotários empoeirados dos manuais clássicos. Foi tão forte a impressão deixada por ele na memória de seus ouvintes que, anos mais tarde, um deles, dos mais simples e modestos, dava ao filho o nome de um desses personagens medievais. Tais personagens arcaicos, engraçados e mesmo um tanto ridículos hoje, “o mestre ressuscitou”. “Apraz-me lembrar esse êxito de Pirenne”, confia Braudel. Pirenne era inteligível e luminoso para todos ao mesmo tempo. Reconfortante, ele influenciava tanto os historiadores profissionais quanto os mais obscuros ouvintes. Ao escutá-lo, readquiria-se a confiança no trabalho de historiador, indispensável como a fé, pois este trabalho é mais penoso e estóico do que imaginam os leigos³¹⁷.

Braudel o escutou dizer: “As cidades novas da Idade Média? Mas eu só as compreendi ao contemplar as ‘boom towns’ da América”. E Braudel interroga: não é certo que, fora a técnica, nas novas Europas como o Brasil, as que deitaram raízes numa zona quase inédita, apenas marcada pelo esforço do homem, a história recomeça com os mesmos gestos, problemas e as mesmas etapas que nos países denominados velhos? E

³¹⁶*Idem.*

³¹⁷*Idem.*

não é certo que aí o presente vivo ilumina e inunda de luz o passado? No Brasil, a luta contra a árvore, o crescimento das cidades, o desenvolvimento da imprensa, a organização do ensino - entre outros problema - seguem em uma rapidez de sonho as estradas antigas³¹⁸.

Pirenne fez a “viagem de Talleyrand”, isto é, a viagem à América que faz imaginar a Europa do passado. E Braudel também estava fazendo a sua.

Dentre tantos trabalhos de Pirenne, Braudel aprecia *Cidades da Idade Média* e um artigo publicado nos *Annales*³¹⁹, além das páginas curiosas sobre a vida econômica da Europa medieval. Aos seus estudantes mais maduros para as pesquisas históricas, Braudel aconselha a leitura, nesta ordem, das *Etapas sociais do capitalismo*, da *História da Bélgica* e das *Cidades da Idade Média*. Aconselha-os ainda a ler tudo o que puderem encontrar do historiador belga³²⁰.

Na homenagem que faz, Braudel ainda revela um segredo: as autoridades paulistas haviam estudado a possibilidade de no ano seguinte solicitar a colaboração de Pirenne. “Estou certo de que teria vindo de bom grado ensinar na jovem Faculdade de S. Paulo”, especula. Para ouvi-lo e aplaudi-lo, o público se mobilizaria sozinho. “Espero que tenha tido conhecimento do projeto antes de sua última viagem, pois lhe teria dado a alegria que uma tal oportunidade de ‘dépaysement’³²¹ comporta para a sua curiosidade inteligente”³²². Quem então vivia a alegria do *dépaysement* com curiosidade inteligente era o próprio Braudel.

Neste artigo, Braudel se mostra mais próximo da nova história, citando nominalmente os *Annales*. Ao eleger Pirenne o maior historiador da atualidade, Braudel

³¹⁸*Idem.*

³¹⁹Ele não menciona, mas se trata do único artigo de H. Pirenne na revista: “L’instruction des marchands au moyen âge”, *Annales H. E. S.* 1 (1929) 13-28.

³²⁰BRAUDEL, F., “Henri Pirenne”, o.c.

³²¹Mudança e contraste d ambiente.

³²²BRAUDEL, F., “Henri Pirenne”, o.c.

faz dele seu modelo e sua principal referência. Os alunos de Braudel interessados em se tornarem historiadores eram exortados a se familiarizar com Pirenne. M. Bloch e L. Febvre ainda não são citados. A aproximação intelectual com ambos viriam depois.

Outro texto de Braudel é o do Anuário da FFCL da USP dos anos 1934-1935. É uma apresentação da cadeira de História da Civilização e seus objetivos, intitulada “O ensino da história - suas diretrizes”. Ele define a disciplina, reflete sobre a sua natureza, analisa as relações da história com as ciências auxiliares e aponta o caminho para o aprendizado³²³. O Anuário só foi publicado em 1937, por isso não é possível saber ao certo quando o texto foi escrito. Como o Anuário é referente ao biênio 1934-1935, e Braudel menciona o falecimento de Pirenne ocorrido em outubro de 1935, o texto deve ser do final de 1935 ou, no máximo, do início de 1936.

Braudel começa com problema da definição de história. O historiador não sente todos os dias necessidade de definir sua disciplina. Outros se encarregam disso, não o fazendo sempre de boa fé ou com competência. Será necessário definir uma atitude do espírito tão velha quanto o próprio mundo civilizado? Sempre, de maneira espontânea, as sociedades procuraram o seu “temps perdu”. A história existe, desde que a reflexão inteligente despertou, desde as primeiras lendas que o homem cantou. Este privilégio, contudo, é perigoso. Só as ciências sociais, nascidas ontem ou que vão nascer em breve, é que procuram se definir. No caso delas trata-se da justificação espiritual do seu nascimento; querem viver e é preciso que excluam as outras das suas novas possessões. Essas ciências não receberam, como a história, esta herança secular, este império, estas colônias, todas essas riquezas que tendem menos à ação que à tranquilidade das velhas potências³²⁴.

³²³BRAUDEL, F., “O ensino de história - suas diretrizes”, *Anuário da FFCL 1934-1935*, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1937, 113-121.

³²⁴*Ibidem*, 114.

A história é a mais antiga das ciências sociais, não a única, como bem se pode pensar. É a impotência do nosso espírito que nos obriga a fragmentar a realidade, não a dificuldade do objeto, que tem a sua importância. A cada ciência social pertence somente um fragmento de um espelho partido em mil pedaços. Muito além das nossas possibilidades, assevera Braudel, existe esse espelho intacto em que a sociedade reflete a sua imagem móvel e total. Esta sociedade, objeto de pesquisas, a economia política estuda nas suas condições de vida material; a estatística, sob o signo do número; a geografia, no espaço; o direito, no prisma das obrigações contratuais; a sociologia, no seu mecanismo; a etnografia e a etnologia, nas suas formas ainda balbuciantes.... A história, na sua realidade de ontem.... O historiador acrescenta à sua tarefa mais uma dificuldade. Os outros trabalham sobre o que é vivo, o que se vê, o que se mede; o historiador sobre o que já não existe... e aí, embora lhe faltem dados, é a totalidade da vida social que ele procura e recompõe, sem ter à sua disposição nem o objeto, nem o espelho; um que já não existe, outro que não pertence a este mundo. Desta comparação se pode deduzir as dificuldades do seu “métier”³²⁵.

Os fatos históricos, “somos nós que os criamos e pomos em circulação”, prossegue Braudel. Trabalha-se para a reconstrução das imagens do passado, ressurreição das sociedades de outrora. Pirenne dizia que a ilha de Robinson Crusóé não pertence ao domínio histórico. Só há história dos grupos sociais, e deles se deve dar a “história totalitária”. Se a história tem probabilidade de ser uma ciência, não é porque fixa este ou aquele ponto, mas porque conduz a verificações gerais sobre a sociedade, marcando semelhanças através de acidentes particulares. É nesses raros instantes que ela parece dar-nos a certeza de “reconstituir o espelho no seu todo”. A paisagem está inteiramente por se constituir. Quer se trate da verbosidade da diplomacia, às vezes tão grave; quer da vida política, onde se sintetiza toda a coletividade; quer se trate da

³²⁵*Ibidem*, 114-115.

história dos grandes homens, vítimas e algozes dos outros; quer se trate do preço do pão, do curso das rendas ou do câmbio - nenhuma destas minúcias pode ser isolada do conjunto social que com ela se relaciona³²⁶.

O aprendiz de historiador fará bem em tudo ver, em não limitar o seu campo de observação. Reduzir o passado apenas ao que é econômico, é tão absurdo como reduzir toda a série aos fatos políticos, tal como se fazia ainda ontem. Os trabalhos do historiador, diz Braudel, devem apreender as sociedades no seu todo. Além disto, devem reanimar a vida delas. Como o romancista, o historiador cria a vida. Ele a cria de novo sobre o plano da verdade. Esta é a sua tarefa, bela e nobre. Quem não conhece o enlevo dessa ressurreição do passado, de que fala Michelet, não pode compreender a alegria secreta do historiador nem o papel exato do professor de história, desse mestre de viagens através dos tempos. Há historiadores que o são apenas de nome. São eruditos semelhantes a um químico que reuniu todos os elementos de uma experiência mas nunca se decide a executá-la, por hábito ou por medo de acender os fornos³²⁷.

As ciências sociais são fundamentais, uma vez que o historiador busca recompor a totalidade da vida social. Estas ciências formam um bloco, uma coalizão. Elas são solidárias. Será sempre útil ao historiador passar em revista os seus métodos, o seu espírito e os seus resultados, considera Braudel. A etnografia, a sociologia e a economia política merecem a sua atenção. Não é necessário falar aqui da geografia, muito bem pensada, pois os alunos de história da FFCL estudam geografia ao longo de três anos. É muito. Um regime mais amplo e flexível conviria mais. Um acaso favoreceu o curso de história, dando-lhe como estudantes alguns juristas, o que é sempre benéfico³²⁸.

Aos que se destinam à história, ensina Braudel, também é necessário o domínio de três disciplinas: o português, o latim e uma sólida cultura filosófica. O latim porque

³²⁶*Ibidem*, 115-116.

³²⁷*Ibidem*, 116.

permite apreender o português na maior parte de suas raízes, dando ao historiador brasileiro um grande domínio da própria língua. Ao contrário do filósofo, do sociólogo, do jurista e do médico, o historiador não possui um que vocabulário que seja seu, mas usa o de todos, o que não é ruim. Não tendo um vocabulário seu, apesar de certas tentativas feitas neste sentido, o historiador ganha muito em se utilizar de uma linguagem que está em contato com a vida e com as suas realidades, rica desta vida e destas realidades. Theodor Mommsen³²⁹, Fustel de Coulanges, Henri Pirenne, Maurice Holleaux foram admiráveis escritores. São “exemplos dignos de meditação”. O latim traria ainda outras vantagens. Roma perde todo o seu sentido para o historiador que nem sequer abordou as declinações. A filosofia, enfim, é uma “mise en place”, arrumação do pensamento. Os estudantes, incluindo os melhores, têm uma forte tendência de filosofar sem o saber. Disciplinados neste domínio, desembaraçariam os seus trabalhos da névoa que se introduz sob o nome de idéia geral. Seguindo a velha fórmula, é preciso pensar o próprio pensamento³³⁰.

O período clássico tem grande importância e deve ser incluído no programa da Faculdade. É bom percorrer lentamente o caminho que leva do Oriente à Grécia, da Grécia a Roma e de Roma aos nossos dias, passando pelas etapas medievais, cuja pujante originalidade e valor hoje se conhece. Parece bem, julga Braudel, fazer viver o estudante nessas épocas tão longínquas e tão diferentes da nossa, épocas em que se deparam obscuridades que não se encontram em outras, mas que são obstáculos úteis para a inteligência que reflete neste mundo de coordenadas tão particulares, onde se começa a elaborar o que será e o que foi depois a Europa, antes da cesura que fez nascer o Brasil de Portugal. É nessas terras clássicas que o aprendizado do “métier” histórico é

³²⁸*Ibidem*, 118.

³²⁹Theodor Mommsen (1817-1903), historiador alemão especialista em Antiguidade romana, prêmio Nobel de Literatura em 1902.

³³⁰BRAUDEL, F., “O ensino de história...”, o.c., 117.

o mais direto e o mais proveitoso. Quase todos os historiadores da chamada história mundial foram especialistas do período antigo e medieval. Um último argumento em favor deste programa, e o melhor, é a simpatia evidente dos estudantes por estes severos problemas³³¹.

A função da cadeira de História da Civilização é formar mestres para o ensino secundário e para a pesquisa histórica. A cultura histórica não se adquire nos manuais nem nas obras consideradas essências. Ela se adquire no “domínio da história que se cria”, no meio das verdadeiras dificuldades, nas penas e nas alegrias da pesquisa. O que Braudel gostaria é de encaminhar os estudantes para esse campo avançado, para o aprendizado das disciplinas auxiliares como arqueologia, epigrafia, paleografia, de modo que realizem pesquisas dignas da erudição brasileira. Tudo isso é reconhecer a necessidade da especialização³³².

Esta especialização, todavia, não encontra lugar no programa já sobrecarregado da graduação. Os estudantes já são solicitados por diferentes trabalhos em cadeiras vizinhas, que os ocupam fora da universidade. Desta forma, não é boa vontade que lhes falta, é apenas tempo. “Aplaudimos”, diz Braudel, a organização inteligente do curso de doutoramento, modelado segundo o das faculdades francesas de letras. A cultura geral se impõe a todos, a especialização é uma questão de liberdade e de vocação. É preciso também assegurar a vida material daqueles que hão de ser os primeiros doutores da “nossa faculdade”. Para o professor secundário, é indispensável a bagagem de conhecimentos gerais. Na mais afastada das cidades do Estado de São Paulo, o professor deve continuar a pertencer ao mundo dos intelectuais. Acima de sua tarefa cotidiana, é preciso que ele não perca a ligação com esse mundo. Conhecemos aqui,

³³¹*Ibidem*, 119.

³³²*Ibidem*, 120.

como em toda a parte, o perigo social que representa o professor que não trabalha e que não estuda³³³.

Encontra-se já neste artigo alguns elementos da historiografia de Braudel que o acompanharão por toda a vida. A busca da totalidade da vida social, a “história totalitária”, é o que ele sempre perseguirá. No fim da vida, ele dirá que a história segundo os *Annales* é globalidade, ou seja, uma grande orquestração. Ela é a dialética permanente entre estrutura e não-estrutura, entre permanência e mudança, entre o que muda e o que não muda. A dificuldade reside em incorporar-lhe a massa inconsciente da história superabundante, “oceânica”, originária de um passado inesgotável ao mesmo tempo difícil de perceber e impossível de dominar³³⁴. A história global é uma história abastecida por todas as ciências do homem. Não se trata somente de escolher uma ciência e se “casar” com ela, mas de viver em “concubinato” com todas as ciências do homem³³⁵.

Quanto à questão da filosofia, Braudel não será fiel ao que ensina. Ao tratar da liberdade humana no *Mediterrâneo* e em outras obras, ele também filosofa sem saber. Braudel não gostava de definições e procurava evitá-las; alegando que definir de maneira precisa é acabar com a discussão. Não se pode mais discutir se houver definição. E criticava qualquer interlocutor que tinha o costume de definir o sentido das palavras e o sentido dos problemas, “como um teólogo”³³⁶.

Em agosto de 1936, Braudel publica um artigo na revista do grêmio da FFCL da USP, com o título: “Conceito de país novo”³³⁷. Ele faz uma comparação entre a Argélia, onde tinha vivido cerca de oito anos, a França, seus país de origem, e o Brasil, onde se deparava com novidades instigantes. Diante de três sociedades bem diversas, Braudel

³³³*Ibidem*, 120-121.

³³⁴BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história*, o.c., 356-357.

³³⁵*Une Leçon d'histoire de Fernand Braudel - Chateaufallon...*, o.c., 162.

³³⁶*Ibidem*, 160-161.

tenta desvendar as diferenças pesquisando o passado. No fundo, a “Europa C”, na qual ele estava vivendo, provocava constantemente a sua reflexão.

“Quantas vezes ouvimos frases como esta: Aqui estamos num país novo, onde tudo é recente... de grandes riquezas no futuro... onde em contraste com os países velhos tudo se espera...” - este é o ponto de partida de Braudel. Como é difícil a descoberta das verdades que se escondem nessas fórmulas repetidas a todo instante! Para isso, é mister recorrer às diversas ciências sociais e à história. No breve espaço que dispõe, ele quer se limitar a expor algumas reflexões, sem as explorar completamente, traçando principalmente considerações que provêm de uma experiência direta. Quaisquer que sejam as consequências, é preciso retocar as idéias da Europa, por detrás das quais, quer se queira, quer não, há florestas que são parques e campos batidos, jardins e pomares em perfeita ordem. Para sentir o que é um país novo, a melhor escola não será o viver nele?³³⁸

“Vivi bastante tempo - dez anos³³⁹ - em outro país que se diz novo, a Argélia” - confia Braudel, “sem dúvida a mais sólida e mais séria criação da expansão francesa”. O Canadá, muito vigoroso se desprende da França quase desde o início. A Argélia é uma criação menos celebrada na aparência que o Marrocos, e menos país novo que este, ainda que mais importante. A Argélia tem inúmeros traços clássicos de país novo em sua fisionomia: o crescimento rápido das cidades e o desenvolvimento decidido dos portos e dos mercados de produção. Argel e seus bairros concentram mais de 300 mil habitantes. Ela é talvez, depois de Paris, a mais bela das cidades francesas,

³³⁷BRAUDEL, F., “O conceito de país novo”, *Filosofia, ciências e letras* 2 (1936) 3-10.

³³⁸*Ibidem*, 3-4.

³³⁹Para ser exato, é preciso descontar o ano e meio em que ele prestou serviço militar na Alemanha, entre 1925 a 1926.

embora ainda marcada por feias construções antigas, estilo Luiz Felipe. A Argélia é o primeiro cliente e o primeiro fornecedor da França³⁴⁰.

Os traços mais visíveis de país novo se assinalam na raça de homens duros, audazes e enérgicos. O camponês que aí se fixou há 50 ou 75 anos, o fazendeiro argelino, tem o prazer do risco e o gosto da aventura muito mais que o gosto da cultura filosófica, “um não sei quê, com sabor de América”. Braudel reviu a Argélia depois de sua primeira estada no Brasil, ao que tudo indica, nas férias brasileiras do verão de 1935/36. Será a Argélia um país novo? - interroga-se. Jamais acreditei que o fosse, e agora menos ainda. Esta idéia é inseparável de uma característica de mocidade. Como cidade, São Paulo é um centro urbano bastante antigo, mas como cidade grande é de ontem e, portanto, nova. A Argélia, em sua nova fase, parece datar de cem anos, pois foi conquistada em 1830, mas é somente no século 20 que se processa seu grande desenvolvimento econômico. Assim é que, logo no começo desse século, formam-se as grandes vinhas, enriquecem-se suas produções de trigo e suas explorações de fosfato e minério de ferro. Também a Argélia tem um futuro promissor e, sem dúvida, está muito aquém do máximo de sua expansão. É ávida do dinheiro, do luxo e da inteligência que lhe chegam da Metrópole, à qual se liga estreitamente por um coração ardente e pela rapidez das comunicações³⁴¹.

Na base, nas raízes sociais, a Argélia repousa sobre o velho das sociedades aborígenes - o mundo milenário da montanha bérbere, da Numídia dos tempos clássicos, e sobre o mundo secular do pastor árabe que se fixou nas estepes do planalto desde os séculos 8º e 9º, principalmente depois da invasão hiladiana no século 10º. Essas sociedades, longe de desaparecerem, prosperaram largamente beneficiadas pela paz francesa. Em 1830, viviam na Argélia dois milhões de aborígenes; nos anos 1930,

³⁴⁰BRAUDEL, F., “O conceito de país novo”, o.c., 4.

³⁴¹*Ibidem*, 5.

existem cerca de seis milhões, assevera Braudel. Acima dessa massa, está o “homem novo” europeu, senhor dos postos de comando, cuja posse é de manutenção difícil. A história o comprova com veemência. No meio dessa massa inquieta, os “homens novos” não chegam a um milhão. Seriam necessários muitos mais, porque falta àquela massa plasticidade. No campo econômico, ela é o obstáculo contra o qual se luta. “Onde não atua o micróbio europeu, estaciona a vida econômica argelina”, disse Emílio Gautier. Assim foi o *squatter*³⁴² na Austrália, nas imensidões onde as plantas são raras; da mesma forma, a mediocridade das criações de carneiros nos planaltos elevados da Argélia. O motivo está no pastor aborígine que é ineducável³⁴³.

O progresso na Argélia se dá principalmente nas planícies sub-litorâneas vazias ou quase vazias de gente quando ocorre a ocupação francesa, numa região de águas estagnadas, de animais selvagens e onde a malária se disseminava. Nesses locais, diz Braudel, a experiência francesa se realiza sobre uma “tabula rasa”, misturando elementos humanos provenientes de todo o Mediterrâneo ocidental, italianos do Mezzogiorno, corsos da costa e da montanha, franceses meridionais, imigrantes da Alsácia e espanhóis do Levante. Na vasta Argélia se formam de certo modo três ou quatro pedaços de América. Nas outras regiões, no entanto, a sociedade indígena impede a produção do fenômeno americano³⁴⁴.

No Marrocos e na Tunísia as sociedades aborígenes subjacentes são ainda mais impermeáveis e de penetração mais difícil que na Argélia. É que aí elas se apoiam sobre cidades dotadas de burguesias intelectuais aborígenes: Túnis de um lado, e Fez, a cidade misteriosa, de outro. A Argélia, ao contrário, por onde a França forçou as portas da África do Norte, tem sido sempre uma zona atrasada entre duas regiões brilhantes: o Marrocos e a Tunísia. Se a tentativa francesa tivesse se desenvolvido de modo geral

³⁴²Posseiro. No caso australiano, criador de ovelhas.

³⁴³BRAUDEL, F., “O conceito de país novo”, o.c., 5-6.

sobre uma folha em branco, os resultados econômicos seriam muito maiores. Estes países entrariam totalmente na categoria de países novos. Não cabe censura, exime-se Braudel, pois a colonização francesa encontra sua justificação moral justamente neste alargamento da sociedade autóctone norte-africana. Ele, porém, não pretende tratar aqui desta questão³⁴⁵.

Países novos poderiam ser aqueles cujo desenvolvimento econômico é refreado pela rigidez dos elementos sociais? Interroga-se Braudel. Na França, a sociedade é dotada de uma coerência, de uma disciplina e de exigências que nem sempre convêm ao seu melhor rendimento. São exigências que vão contra a lógica da economia. A cada passo, os problemas econômicos se entrelaçam com as reclamações sociais. “Produzir” é a voz de comando das sociedades novas, “repartir”, a dos velhos mundos. A política tem como papel conciliar o econômico e o social, e nem sempre o faz em benefício do econômico. No Brasil, sobretudo em São Paulo e no Sul, a situação é diferente da Europa. Muitas vezes, observadores qualificados da vida paulista dizem: “Entre nós não existe questão social”. Obviamente, trata-se de uma tirada espirituosa, no sentido de que se existe, ela não se apresenta como na França. Não há aqui uma sociedade com divisões como se fosse um jardim segmentado. A sociedade brasileira possui extrema flexibilidade. Há uma maleabilidade espantosa da massa social, sempre predisposta a se remodelar do princípio ao fim da escala, quaisquer que sejam as condições econômicas, entregue ao sopro das idéias e ao progresso com todas as suas inovações, uma maleabilidade com borrascas que outras sociedades não poderiam suportar³⁴⁶.

Na sociedade francesa, um movimento contínuo faz subir em todo tempo elementos dos níveis inferiores para as camadas mais elevadas da sociedade, mas apenas no que é necessário para restaurar e conservar o alto do edifício. Ele é

³⁴⁴*Ibidem*, 6.

³⁴⁵ *Ibidem*, 7.

constantemente renovado, mas é sempre o mesmo. No Brasil, os movimentos verticais têm força de torrente tanto na ascensão quanto no naufrágio. E além disso, há estranhas correntes horizontais que arrastam o médico para o magistério, do magistério para a política, da política para as fazendas de café ou de algodão. A existência na França decorre numa linha precisa, enquanto nos países novos há um notável ziguezague, uma imprecisão da mocidade. Esta maleabilidade social, entretanto, não é fundamentalmente o elemento essencial do país novo, nem o único - conclui Braudel - mas é sem dúvida, o mais importante³⁴⁷.

Há um certo otimismo de Braudel sobre a estrutura social brasileira ao falar da maleabilidade social. Em outros pronunciamentos, ele é mais crítico. De qualquer maneira, há uma contradição aqui. Se a maleabilidade social não é um elemento essencial do país novo, como pode ser o mais importante? Ele tropeçou no raciocínio.

Quais seriam, então, os países novos? Interroga-se Braudel. Não é o Egito, nem a Índia, nem o Japão, nem a Abissínia nas vésperas da ocupação romana. Não são as civilizações pré-colombianas do México, Bolívia e Peru. Não é a África austral com as suas sociedades aborígenes. São, na verdade, a Argentina e o Brasil de tipo paulista. Há reservas quanto ao Canadá e aos Estados Unidos, onde se julga que a sociedade se consolida progressivamente. A Austrália e a Nova Zelândia se aproximam do conceito, mas são inteiramente ingleses, muito submissos ao padrão e à ordem da Metrópole.³⁴⁸

Eliminam-se todos os países candidatos ao título de país novo, com exceção do Brasil e da Argentina, conclui Braudel. Alguns imaginam São Paulo uma futura Chicago. Se esta imagem for realidade, a sociedade terá perdido a mobilidade que é causa de muitas das suas misérias, mas também a sua atração e a sua força sobre a natureza. As sociedades, mesmo as mais fluídas, tendem a uma certa ordem, que por sua

³⁴⁶*Ibidem*, 7-8.

³⁴⁷*Ibidem*, 8.

vez não é eterna. Há um ciclo da ordem à dispersão e da dispersão à ordem. O Brasil, no tocante à sua realidade social, quase se ausenta do Atlântico quando da navegação à vela. A navegação a vapor vai lhe trazer uma massa de imigrantes ali por 1890, e ele deixa de ser um país jovem. Pressionada pelas circunstâncias, bombardeada por exércitos de recém-chegados, a velha sociedade se abala, amplia suas malhas e “salva”, conserva de sua ordem primitiva tudo o que pode, incluindo sua língua e religião. Aí o Brasil se torna um país novo.³⁴⁹

Naqueles anos, Braudel ainda retoma esta idéia de país novo em outras ocasiões. No futuro, entretanto, irá abandoná-la. Outras idéias do artigo, como as permanências e as realidades sociais que atravessam os séculos, vão ocupar o centro dos seus interesses como historiador e se tornar o eixo do seu pensamento. No fim da vida, ele se define como “o homem da longa duração”. Já ha muito tempo, ele a buscava sob outros nomes. E esta longa duração são as permanências observadas nas civilizações. As primeiras civilizações que ele estudou a fundo foram as do Mediterrâneo, enriquecendo a sua reflexão com a observação de outras.

As civilizações no Mediterrâneo, dirá Braudel depois, são personagens complexos e contraditórios. Possuem determinadas qualidades e suas qualidades opostas: são fraternas, liberais, e ao mesmo tempo exclusivas e caprichosas; visitam as outras e são por elas visitadas; são pacíficas e guerreiras; rigidamente fixas e ao mesmo tempo móveis e vagabundas. São como as dunas, agarradas aos acidentes encobertos do solo: os seus grãos de areia voam, vêm, vão e se aglomeram ao sabor dos ventos, mas os inumeráveis movimentos têm uma soma imóvel, e a duna continua lá. Nelas se encontram a estrutura e a conjuntura, instante e duração, e duração muito longa. Uma civilização não consegue “beliscar” sensivelmente o domínio da outra, ainda que use da

³⁴⁸ *Ibidem*, 8-9.

³⁴⁹ *Ibidem*, 9-10.

força bruta ou do ensino amplamente difundido. No fundo, os jogos são realizados antecipadamente. A África do Norte nas lutas de independência não “traiu” o ocidente em 1962, mas desde o século 8º, com a fé islâmica, ou talvez até antes de Cristo, com a fundação de Cartago, filha do Oriente. Mobilidade e imobilidade acompanham-na, interagindo. E ambas permitem a abordagem da civilização, até mesmo a “poeira” de acontecimentos e os incidentes presentes em qualquer civilização viva³⁵⁰.

As civilizações em relação às outras são capazes de dar, receber, emprestar e recusar, ensina Braudel. É também seu destino “partilharem-se” a si próprias, como dizia Michel Foucault, operando-se a si mesmas e deixando para trás parte de suas heranças e bagagens. Incessantemente, toda civilização herda de si própria e escolhe os bens que os pais legam aos filhos³⁵¹. Dentro da civilização o homem goza de liberdade. Ele e seus bens materiais e espirituais podem empreender escaladas, realizar transferências e vencer entraves, mas apenas individualmente. Tratando-se de um grupo ou de uma massa social, o movimento é mais difícil. Uma civilização não se desloca com toda a sua bagagem. Atravessando a fronteira, o indivíduo se expatria. Ele “trai”, deixando para trás a sua civilização, abandonando-a. A civilização é ao mesmo tempo o paraíso e o inferno dos homens³⁵².

Refletir sobre o conceito de país novo, levou Braudel a tematizar, de um lado, a resistência da África do Norte ao “micróbio europeu” desenvolvimentista, a recusa a se ocidentalizar; de outro lado, a velha sociedade brasileira que se abala com o bombardeiro imigratório, “amplia suas malhas” e “salva de sua ordem primitiva tudo que pode”. A longa duração e as permanências que compõem as civilizações estavam sendo gestadas e tomando corpo nestes anos brasileiros.

³⁵⁰BRAUDEL, F., *O Mediterrâneo...*, vol. II, o.c., 119-120. A tradução brasileira de 1983 incorpora as mudanças da segunda edição francesa de 1966 feitas pelo autor. Só assim é possível tratar da independência da África do Norte.

³⁵¹*Ibidem*, 126 e 185.

Em setembro de 1936, Braudel faz uma conferência no Instituto de Educação sobre o ensino de história, expondo o modo como ele concebia o ensino da disciplina às crianças³⁵³. Esta conferência muito revela sobre o modo que ele concebia a própria historiografia e algumas idéias que nele estavam se formando.

A história é útil e também o seu ensino pela própria forma com que ela se oferece, como uma especulação lícita e valiosa do espírito, em que também há utilidades de ordem intelectual. Há uma idéia que se deve abandonar, exorta Braudel, é que o ensino de história deveria ter por finalidade a formação do cidadão ou, mais do que isso, do cidadão ideal. Todavia, a história é uma ciência, incerta como todas as que laboram no domínio social, e deve se manter fora da moral política como da moral religiosa. Quando eficaz, a história forma um certo modo de ver, de julgar, uma certa maneira de ser, toda intelectual. “E é só”. Resta saber se essa formação convém a este ou àquele pragmatismo político³⁵⁴.

Este ensino é o oposto do que ele recebeu quando criança: a *História da França* de Lavissee. Ela tinha por objetivo inculcar no aluno a lembrança viva das glórias nacionais e torná-lo um cidadão compenetrado de seus deveres e um soldado que ama o seu fuzil³⁵⁵.

Insistem que o historiador e o professor de história devem ser imparciais. Braudel não gosta do termo, pois ser imparcial, a rigor, é não tomar partido. É preciso tomar partido em meio às dificuldades e controvérsias que são próprias do ofício, como também é mister aceitar esta responsabilidade com vigor e mesmo com alegria. Na verdade o que pedem, em nome da imparcialidade, é não tomar partido antes do conhecimento e do exame dos fatos, para se decidir com inteira probidade, com toda

³⁵²*Ibidem*, 132 e 188.

³⁵³BRAUDEL, F., “Pedagogia da história”, *Arquivos do Instituto de Educação*, ano II, nº2, p.225-240, republicado em *Revista de História* 23 (1955) 3-21.

³⁵⁴BRAUDEL, F., “Pedagogia da história”, *Revista de história*, o.c., 3-4.

lealdade. Pode-se dizer então: “Esta conclusão é provisória, frágil por tal motivo, ou ainda, vejo as coisas assim, mas é possível outro caminho, que aqui está...”. Deve-se penetrar no passado com simpatia e serenidade³⁵⁶.

Braudel faz o elogio à simplicidade. Ela exige sacrifícios em que se deve consentir. É de grande importância que ao ensinar se abra mão de um mundo de pormenores. Uma lição não é um livro e não deve nem pode dizer tudo. É um convite a pensar, a refletir, uma impressão que se transmite. O professor que ficou preso às suas notas faz uma concorrência desastrosa com o livro. Se ele soubesse o quanto teria a ganhar em vigor, em simplicidade, em projeção, caso se desprendesse do papel a que está escravizado, para pensar diante de um auditório em bloco?³⁵⁷

Uma aula, na prática, dura menos de uma hora. Será possível nesse lapso de tempo, com a cumplicidade do mais atento e inteligente auditório, assinalar duzentos pormenores cronológicos importantes, com nomes próprios de pessoas ou de lugares, umas vinte observações e ainda por cima, uma dúzia de idéias gerais, com seu cortejo de idéias vassalãs? Interroga ele. Bem se vê que ter de apresentar claramente em uma conferência uma ou duas idéias de importância média, já é muito. A experiência o prova. Não se receie ter de repetir uma idéia importante dez vezes se assim for preciso. O auditório necessita familiarizar-se com as idéias, medi-las, transformá-las e mesmo, quando for conveniente, substituí-las por idéias contrárias, para comentar e digerir o ensino, o que exige tempo³⁵⁸.

Um exemplo de simplicidade, para Braudel, encontra-se no “insigne” H. Pirenne, o maior historiador contemporâneo de língua francesa. Durante os últimos anos de sua vida, Pirenne se contentou em repetir a mesma idéia luminosa, seja ao falar como

³⁵⁵Ver cap I.

³⁵⁶BRAUDEL, F., “Pedagogia da história”..., o.c., 4.

³⁵⁷*Ibidem*, 7-8.

³⁵⁸*Ibidem*, 5.

ao escrever. “A Idade Média”, explicava ele em um congresso em Oslo, “não começou com a invasão dos Bárbaros do século V, que ‘barbarizaram’ o mundo romano em sua região ocidental, mas não a suprimiram, pois que chegaram mesmo a se assimilar ao mundo romano do Ocidente. A Idade Média começou com as conquistas islâmicas que deram aos árabes uma porção considerável do mundo mediterrâneo que lhes entregam, nos séculos VIII e IX, o mar Tirreno, o Mediterrâneo ocidental, para dele fazerem um lago muçulmano em que, como diz Ibn Khaldoun, os cristãos ficaram impossibilitados de fazer flutuar um tábuca. Segregada do mar, a economia ocidental regride, reflui sobre si mesma, asfixia-se, para se levantar o feudalismo com sua pesada arquitetura...”. Dez, vinte vezes, Pirenne descreveu esse fechamento do mar e as consequências que dele advieram³⁵⁹.

O *Mediterrâneo* de Braudel vai pesquisar amplamente os fechamentos e aberturas desse Mar no século 16 e suas consequências sobre a vida das sociedade circundantes. Também ele repetirá no fim de sua vida, falando ou escrevendo, uma mesma idéia luminosa. E chega ao ponto de transformá-la no emblema de si mesmo: “Eu sou o homem da longa duração. Quero ver o que ela pode me proporcionar”³⁶⁰.

No caminho da simplicidade, Braudel aconselha aos futuros mestres: Sejam cortadas sem piedade as palavras eruditas que as crianças gostam mas não compreendem. É missão do mestre fazer com que entre largamente a vida no tumulto das idéias que provocam o espírito da infância e da juventude... A vida das coisas, a vida dos seres. Todo o acontecimento a ser narrado tem um lugar no espaço e não se compreende fora de seu ambiente. São as árvores, as rochas, as costas, os rios de um país que trazem de seu passado o mais rico dos testemunhos. Em uma época em que “uma geografia inteligente” proporciona os meios para indagar sobre essas coisas, não se

³⁵⁹*Ibidem*, 7.

³⁶⁰Ver cap I.

deixe de fazê-lo. Pergunte-se sempre onde se passaram os fatos que devem ser contados, “fixai-os ao solo”³⁶¹.

Imagine-se que na Europa - instiga Braudel - na velha Europa, um historiador proceda a estudos familiares ao professor Taunay³⁶² e queira apresentar um esquema das bandeiras, que fizeram o Brasil e lhe deram todo o volume, toda a espessura de que se construiu o país. Imagine-se ainda que ele se esqueça do cenário brasileiro, de sua imensidão fantástica, da infundável cortina de selvas, dos rios caudalosos, dos pantanais febris... Terá ele, assim, apresentado a verdadeira imagem dessa luta grandiosa contra a distância, contra o espaço, contra as forças hostis da natureza selvagem? E a vida dos seres também, sua imagem viva, a dos seres coletivos como a dos indivíduos de uma raça especial que se chama de grandes homens?³⁶³

Aqui o presente repete a cada instante, em que as coordenadas sociais são tão diferentes, a mesma observação a se impor, assegura Braudel: nada de durável se faz sem a cooperação de um grupo social. Há sempre um impulso especial, responsável por tudo, que o historiador deve buscar para compreender. Se o jesuíta pôde criar tanto no Brasil, é que ele trouxe consigo a disciplina, as idéias básicas da ordem, sempre fecundas no plano da vida. A esses grupos e classes, a essas células, consagre-se o melhor do tempo e da atenção. “Descrevei-os com precisão”³⁶⁴.

O *Mediterrâneo* será na sua primeira parte uma história geográfica; e na segunda parte, uma história social. Exemplos eloquentes que justificam este modo de proceder do historiador estão antecipados no caso do Brasil: a geografia para “fixar no solo” e compreender os bandeirantes, as ciências sociais para compreender os jesuítas.

³⁶¹BRAUDEL, F., “Pedagogia da história”..., o.c., 8.

³⁶²Afonso de Escagnolle Taunay, titular de História da Civilização Brasileira da FFCL-USP.

³⁶³BRAUDEL, F., “Pedagogia da história”..., o.c., 8-9.

³⁶⁴*Idem*.

Que sejam apresentados ainda, sem receio - convida Braudel - os grandes homens do passado. Há um problema difícil para o historiador na questão dos grandes homens. Não falta quem aponte a decadência do grande homem nos últimos anos. Como os historiadores raramente são homens eminentes e a eles cabe a tarefa de julgá-los e mesmo de criá-los, pela tendência com que se empresta aos outros a própria estatura, verifica-se uma obscura mas perpétua erosão do grande homem. Dizem que há um mecanismo, até mesmo nas menores sociedades, que fabrica o grande homem. Se o acaso lançar o professor de história nessa engrenagem automática, logo ele estará no cimo da sociedade, de onde os homens parecem pequeninos e onde tomará atitudes de estatura colossal³⁶⁵.

Sacrificando a idéia francesa de justa medida, aceite-se que os grandes homens, os super-homens, portadores de tochas, são produzidos pela sociedade. Porém, frequentemente se calam sobre ela, moldam-na ou a deformam com suas mãos fortes que quase nunca são mãos de cegos. Há grandes homens que só o são na aparência, mas há outros que o são de fato, prossegue Braudel. Entre eles existe toda uma escala de diferentes estaturas, cumprindo julgá-los pelas suas obras. É deplorável banir o grande homem das palestras escolares. Neles encontro ensinamentos de tamanho valor! Por eles o despertar da inteligência toma consciência do que há além do caso individual, do humano, do social. Ao lado dos grandes homens, “que magníficas janelas para as profundidades da vida”!³⁶⁶

Um autêntico grande homem é Bismarck. Ele pode ser visto em um momento grave de sua existência, o dia 3 de julho de 1866, no campo de batalha de Sadowa - Koenigraetz para os alemães. A data é intencionalmente escolhida porque serviu a um filósofo para fundamentar seu ensaio de demolição dos grandes homens, alerta Braudel.

³⁶⁵*Ibidem*, 9-10.

³⁶⁶*Ibidem*, 10.

A terrível batalha foi um golpe de machado decisivo em um carvalho, a casa real da Áustria. Bismarck quis essa guerra e chegou mesmo a impô-la. Se ele lá esta, segundo o filósofo em questão, é porque já há séculos milhões de alemães batem suas canecas de cerveja sonhando com a pátria alemã unida. Se ele está lá, é porque sobre a Alemanha flutuam sonhos incontáveis de unidade.... E a observação me parece justa, concorda o historiador francês. Mas dentre os sonhos que o impelem a agir, Bismarck escolheu o seu, o de sua raça, de sua família e foi este o que realizou um tanto em detrimento de outros³⁶⁷.

Estas posições sobre a liberdade do sujeito e a refutação do determinismo não serão mantidas por Braudel. No *Mediterrâneo*, ele acaba migrando para o lado oposto, empunhando a bandeira do filósofo outrora refutado. Acusar-se-á o *Mediterrâneo* de ter um viés determinista. Seria “um mundo insensível ao controle humano”³⁶⁸. Ao concluir a 2ª edição da obra em 1966, Braudel, bem encastelado do outro lado, responde às objeções feitas sobre os acontecimentos e a liberdade humana. Alega não ser filósofo e não estar motivado a tratar longamente destas questões. A palavra “liberdade” estaria carregada de múltiplos sentidos que não coincidem perfeitamente durante os séculos. Seria preciso distinguir a liberdade dos grupos e a liberdade dos indivíduos. O que é, em 1966, a liberdade da França? O que era a liberdade da Espanha em 1571? O que era a liberdade de Felipe II ou liberdade de D. João de Áustria perdido no meio do Mar, com seus navios e suas tropas? Cada uma destas liberdades lhe parece uma ilha estreita, “quase uma prisão”³⁶⁹.

Constatar a estreiteza desses limites não seria negar o papel do indivíduo na história. Mesmo que em determinada circunstância a escolha humana seja dada entre desferir ou não três golpes, a questão da liberdade prossegue: serás capaz de desferi-los

³⁶⁷*Ibidem*, 12-13.

³⁶⁸ELLIOT, J. H., *New York Review of Books*, 3/5/1973.

ou não? De desferi-los eficazmente ou não? Serás capaz de compreender estes golpes que estão ao teu alcance ou não? O grande homem de ação é aquele que avalia a estreiteza de suas possibilidades, e escolhe manter-se aí, aproveitando a seu favor o peso do inevitável. O sentido profundo da história nem sempre é o mais aparente, mas qualquer esforço na sua contracorrente está previamente condenado. Braudel vê o homem encerrado num destino que ele dificilmente constrói, numa paisagem desenhada nas perspectivas infinitas da longa duração. Na análise histórica é sempre o tempo longo que acaba vencendo, neutralizando uma infinidade de acontecimentos não incluídos na sua própria corrente, limitando o acaso e a liberdade dos homens³⁷⁰.

Na conferência do Instituto de Educação, Braudel exorta o professor a não suprimir da história que conta o seu interesse dramático, que deve ser sempre atraente. Há tantos professores de história que porfiam em tirar todo o interesse de seu ensino, e conseguem! “Por caridade, não matem a história, não destruam a inquietação, a incerteza, o interesse de quem vos ouve”. O futuro que parece de todo unido e visível, é visto projetar-se no presente, não em faixas luminosas, mas em enormes manchas de sombra. Sombras de montanhas que ainda se vêem e para as quais se sente estar a caminho. E dizer-se que dentro de cinquenta ou cem anos um historiador irá se aventurar a apresentar o ano de 1936 com uma imagem nítida e limpa, do tipo: “Cinderela tinha de se casar, meninos...”. Eliminar da paisagem histórica as sombras de incerteza e de dúvida, é desatualizá-la³⁷¹.

Como exemplo, Braudel cita a campanha napoleônica da Rússia em 1812, lance atraente para se ministrar, pelo cenário, com a planície russa, a neve, o frio e os personagens, o imperador, a *Grande armée*. Ele conheceu quando criança, antes da guerra, um professor primário encantador, numa aldeiazinha dos arredores de Paris, do

³⁶⁹BRAUDEL, F., *O Mediterrâneo...*, vol. II, o.c., 624.

³⁷⁰*Ibidem*, 624-625.

vale do Oise, que contava essa campanha da Rússia para os alunos de uma forma inesquecível³⁷².

Este professor deve ser aquele mesmo que recitava a história da França como um sacerdote celebrando missa, considerado prodigioso e inteligente³⁷³. A força da narração, o esmero na sua elaboração, é algo que Braudel incorporou para sempre. O *Mediterrâneo* é tido como uma narrativa primorosa. Paul Ricoeur identifica nesta obra um fio condutor, uma “intriga” ou “quase-intriga”, que é o declínio deste mar como herói coletivo da cena da história mundial. O fim da intriga não é a morte de Felipe II, mas o fim do enfrentamento dos dois gigantes políticos, o Império Espanhol e o Império Turco, e o deslocamento da história em direção ao Atlântico e à Europa do Norte. Nesta intriga global atuam três níveis. Um romancista poderia tê-los reunido numa única narrativa. Braudel procedeu de modo analítico. Ele não deixa de ser um narrador. Com seu método analítico e disjuntivo, articula estruturas, ciclos e eventos³⁷⁴.

Quando for preciso contar, sugere Braudel, e é preciso saber contar no ofício de professor de história, siga-se o declive do tempo. Dê-se a impressão dessa mudança que embarça as linhas dos fatos, deforma os seres, as sociedades, e marca o ritmo das gerações. Há um curso movediço das causas, ao qual se deve restituir a fluidez e a vibração. Experimente-se descrever a mentalidade de um contemporâneo. Automaticamente povoa-se o ambiente de sombras movediças em transformação, indícios que materializam a marcha do tempo. Para contar 1812, procure-se ser Davout, sem o dizer, ou Murat, ou um e outro³⁷⁵.

Esta conferência em 1936 mostra também a percepção que Braudel tinha das diversas fases da historiografia e dos seus enfoques: “Faltaria o nosso colega a todos os

³⁷¹BRAUDEL, F., “Pedagogia da história”..., o.c., 14.

³⁷²*Idem.*

³⁷³Ver cap I.

³⁷⁴RICOEUR, Paul, *Tempo e narrativa*, tomo I, Campinas, Papirus, 1994, 293-320.

deveres se só falasse a seus alunos de sociedades, de cheques, de preços do trigo. A essência histórica transpôs lentamente diversas fases: foi a crônica do príncipe, a história de batalhas, o espelho de fatos políticos, mas hoje, pelo esforço de denodados pioneiros, ela mergulha nas realidades econômicas e sociais do passado. São tais etapas como os degraus de uma escada que conduz à verdade. Não sacrifiqueis nenhum degrau quando estiverdes em companhia de estudantes. São perigosas as escadas truncadas. Gostaria de vos convencer ainda mais. Em França o historiador ao ensinar é também geógrafo. Tive, assim, de explicar inúmeras vezes o mecanismo das marés, ajuntando o [ou] subtraindo as atrações do sol e da lua”³⁷⁶.

As diversas fases da historiografia são, portanto, diferentes pontos de vista igualmente válidos. Não se deve prescindir de nenhum deles. O historiador deve contemplar todos. Não só as ciências sociais são úteis, mas também as diversas formas de se fazer história. Braudel está elaborando uma síntese entre as historiografias antagônicas de então: é a “escada que conduz à verdade”, onde nenhum degrau deve ser suprimido.

“Para cada assunto tomai sempre a longa escada que o pensamento histórico vem construindo através dos tempos”, propõe ele. Um exemplo é Napoleão: imagine-se que triste figura a desse Napoleão desmoralizado pela história! “Leva-lo-ei degrau por degrau, pela minha escada”. Na história do príncipe, ele ressurgirá na história das batalhas - com a leitura de alguns boletins da *Grande Armée*. Na história política, mostrar-se-á como ele sufocou a liberdade, mesmo a de pensamento, como tentou dotar o país de uma administração lógica, por demais dispendiosa para seus recursos. Ainda um pouco e em seguida se passará às realidades econômicas e sociais que lhe são caras. Um historiador gostava de dizer: “Ainda bem que Waterloo foi um vitória inglesa. O

³⁷⁵BRAUDEL, F., “Pedagogia da história” ..., o.c., 15.

³⁷⁶*Ibidem*, 18. Os colchetes não são do original.

êxito de Napoleão era o fruto de uma técnica inferior. Seus soldados eram de uma raça de camponeses, a França um país quase totalmente absorvido pela vida rural. A Inglaterra, entretanto, já havia iniciado seu impulso industrial. Observai que a artilharia inglesa já se utiliza de bombas explosivas...”. Procure-se analisar, retoma Braudel, se apenas esta consideração, bastante discutível, seria suficiente para o ensino nesse capítulo napoleônico³⁷⁷.

Está concebido um método de se fazer história. Assim como a escada em cada degrau dá acesso a uma prateleira diferente, com um mundo de coisas e dados disponíveis, o historiador utiliza diversas abordagens sucessivamente. Cada abordagem é um nível a ser amplamente explorado. Todas elas vão compor um todo que é o conhecimento histórico. Esta será a metodologia empregada no *Mediterrâneo*, onde os degraus são as temporalidades geográfica, social e individual. Cada uma delas têm uma velocidade própria. E Braudel admite que não há só duas ou três temporalidades, mas sim dezenas, cada qual implicando uma história particular. Só a sua soma, apreendida no feixe das ciências do homem, a serviço retrospectivo “do nosso *métier*”, constitui a história global cuja imagem continua a ser difícil de reconstituir plenamente³⁷⁸. A “escada” de Braudel já existia em 1936; a decisão de utilizá-la no *Mediterrâneo* e escolha dos respectivos degraus se darão anos depois na prisão nazista.

A conferência no Instituto de Educação retoma a idéia de que o Brasil é uma Europa. Sempre vale a pena elevar-se a uma idéia geral, ainda que mereça dez horas de trabalho, sugere Braudel. Há pelo mundo cinco ou seis Europas. Se se deixar de lado a Europa australiana, a da Nova Zelândia, as Europas africanas, resta no mínimo três Europas. A velha Europa, cujos limites para o Oriente estariam por se fixar. A Europa norte-americana, anglo-saxônica, já endurecida, em vias de se cristalizar e a última

³⁷⁷*Ibidem*, 19.

³⁷⁸BRAUDEL, F., *O Mediterrâneo...*, vol. II, o.c., 620.

Europa sul-americana, que é alguma coisa a mais e a menos que a América Latina, a mais e a menos que a América do Sul, a mais e a menos que o Brasil. Toda a medula paulista é desta Europa jovem, a mais moça entre todas e também a mais rica de futuro³⁷⁹.

Braudel se perde um pouco neste jogo de termos. Não pode haver uma Europa sul-americana mais do que a América do Sul. Mesmo que toda a população fosse de origem européia, a Europa sul-americana não seria maior do que a América do Sul.

A sociologia ajuda a compreender o que se passou no Brasil com a imigração. Uma velha sociedade entre 1880 e 1890, coerente em toda a sua estrutura e de uma índole toda peculiar, estava a ponto de se dissolver quando no Atlântico Sul a vela é substituída pelo vapor. A imigração européia bombardeia a velha sociedade colonial como esses átomos destruidores com que os físicos podem bombardear a matéria e a esmagar. Sob a pressão dessa ofensiva a velha sociedade cede, alarga suas malhas, adquire fantástica fluidez, salva a língua, a religião, o essencial; e aceita a alternativa de se curvar sobre o machado, nessa luta contra a vasta e selvagem natureza brasileira, que é preciso vencer, seja na floresta, nos alagadiços e na distância. Mas amanhã, arrisca Braudel uma profecia, ela se solidificará, engrandecida de novo, coerente, renunciando a cristalização pelo aparecimento, em meio à massa líquida, de cristais já formados, cada dia mais numerosos³⁸⁰.

As três Europas, a velha, a juvenil e a moça, estão todas com suas costas no Atlântico, prossegue ele. A europeização do Atlântico é o grande fato da história moderna, que se fez realidade mais tangível nos séculos 19 e 20. No futuro, o que se acaba de dizer precede uma verdade tão evidente e tão simples como as especulações escolares sobre o Mediterrâneo, esse “rio marítimo”. O Atlântico é um “mar oceânico”.

³⁷⁹BRAUDEL, F., “Pedagogia da história”..., o.c., 21.

³⁸⁰*Ibidem*, 18.

Por que não atribuir esse lugar ao “Mediterrâneo moderno” que une os Continentes e em que está o destino desta tríplice e una civilização? O ensino não deve hesitar diante de fórmulas que às vezes pecam por grandiosidade. Que ele não deixe de reservar um lugar ao *mare nostrum*, o Atlântico³⁸¹.

Esta idéia do Atlântico como um “mar oceânico”, um Mediterrâneo moderno, é bastante cara a Braudel, que vai retomá-la depois. Assim como o Mediterrâneo, o Atlântico tem sua vida, seu ritmo, suas conexões e vicissitudes que desempenham um papel bastante relevante na história dos países que o circundam. Trata-se de um “filão” historiográfico abundante, que será bastante explorado por discípulos dele como Alice Canabrava, Frédéric Mauro e Pierre Chaunu.

Para ensinar bem a história, é necessário afastar os alunos da realidade ambiente sempre ela se opuser à do ambiente que descrito, aconselha Braudel. Pode-se mostrar o passado do mundo pelas frestas e janelas que o presente e o passado do Brasil oferecem. Não se julgue a história do mundo senão através da história de seu país. Aos alunos a quem se descreve o século 13 europeu, por que não conduzi-los pela imaginação à terra virgem onde o homem ainda não terminou sua luta com a floresta, com a terra hostil, em que surgem novas cidades geométricas? Do espetáculo dessa Idade Média moderna, povoada de automóveis, rasgada pelos trilhos e pelas estradas, não é difícil deslizar para a Idade Média propriamente, em que o homem dilatou as clareiras das florestas e eliminou os pantanais. Em um como em outro não há o encontro, como no início da história, do homem com da natureza para ele desconhecida? O homem nesse longo período se tornou mais forte, o que é tudo, como pormenor de indiscutível importância³⁸².

³⁸¹*Ibidem*, 21.

³⁸²*Ibidem*, 20.

É oportuno, prossegue ele, ao se falar da Grécia, tecer reflexões como: a Ática é tão pequena que seria impossível situar em uma de suas planícies uma cidade como São Paulo; Mégara é do tamanho do Instituto de Educação; esta sala cujas dimensões equivalem às de uma praça pública grega, com suas lojas pitorescas, muitas instaladas ao ar livre. A terra grega é assim o contraste exato da terra brasileira, feita da soma desses três elementos: o mar, a montanha e o céu. O mar, sombrio, azul ou escuro como o vinho; o céu, limpo e sem nuvens; a montanha, descalvada, nua, esquelética, branca, cinza ou malva³⁸³. Aqui, ao contrário, a montanha tem seu manto vegetal opulento, o céu é toldado de nuvens, em que o sol habitualmente reflete suas cores espetaculares, e o oceano é de um verde claro ou azul pálido. Os eupátridas da planície ática, diria sem hesitação, são os vossos fazendeiros, mas donos de domínios pequenos, de famílias numerosas, de oliveiras, vinhedos e alguns cavalos³⁸⁴.

Aqui Braudel faz uma alusão indireta à viagem de Talleyrand. O passado do mundo pode ser mostrado pelas frestas e janelas que o Brasil oferece, tanto para a Idade Média quanto para a Antiguidade. Todavia, ele dá um conselho perigoso: não julgar a história do mundo senão através da história de seu país. Por que? O inverso não pode ser proveitoso? A história não pode ser uma chance de se sair do pequeno mundo nacional? Não pode ser um conhecimento desinteressado de outras realidades que ampliem o horizonte e ajudem a relativizar tantos pretensos absolutos? Por que tudo deve ser submetido à “régua” do próprio país? Braudel transparece um certo viés etnocêntrico. Aliás, uma das críticas que o *Mediterrâneo* receberá é justamente a de ser um mundo pensado a partir de Felipe II, seu marco cronológico. A maior potência mediterrânica do século 16 não foi a Espanha, mas sim a Turquia. O Mediterrâneo

³⁸³Cor rosa-arroxeadada da flor de malva, erva medicinal clássica originária da Europa.

³⁸⁴BRAUDEL, F., “Pedagogia da história”..., o.c., 21

daquele tempo era principalmente o de Suleimã, não o de Felipe II. Braudel ainda pensa o mundo a partir da velha Europa.

Depois de visitar a Bahia, em julho de 1937, ele escreve um artigo em *O Estado*, contanto as impressões que teve e refletindo sobre a realidade encontrada³⁸⁵.

A Bahia, diz ele, deixa a impressão ligeiramente irritante de que tem tantas coisas a dizer, sobre si mesma e sobre os outros, que a todo instante se corre o risco de não a compreender. Logo ao chegar, impressionou-lhe a cidade e o encantou pelos pormenores estritamente “nortista” que lhe dão o seu caráter próprio: as vendedoras ambulantes de laranjas e doces enrolados em folhas de bananeiras, morenas e finas com seus vestidos multicores; a cozinha africana; as igrejas pesadas, rutilantes. No interior, Feira de Santana, com seu gado semi-selvagem vindo das pastagens de Minas, guiado pelos gritos demorados dos vaqueiros a cavalo; seu mercado ao ar livre, em que se assavam as espigas de milho junto à carne de sol, aos objetos de palha tecida, à cerâmica rudimentar e às frutas abundantes. Impressões vivas, desordenadas, que se ressentem um pouco da escassez do tempo e do acaso de seus passeios³⁸⁶.

Ele revê o dois de julho, dia de festa³⁸⁷, a vendedora de laranjas com suas saias imensas e engomadas de bordado inglês, a multidão das praças à noite, conversando no beiral das portas, os encontros que teve nos arquivos e ministérios, as casas em que lhe receberam com tanta amabilidade. Sensibilizou a Braudel em especial certa qualidade do riso, da resposta, tão cheios de simpatia, que dão à gente a ilusão de estar em casa. Ora, essa sociedade, “a mim que sou um pouco paulista, deu-me a impressão de sociedade velha, ou seja, coerente”. Ela tem um perfume da Europa, enquanto São Paulo lhe sugere Chicago ou Nova Iorque. No Brasil meridional a gente se espanta com

³⁸⁵BRAUDEL, F., “Bahia”, *O Estado de São Paulo*; parte I (20/10/1937) 4, parte II (24/10/1937) 4.

³⁸⁶*Ibidem*, parte I.

³⁸⁷Na Bahia, a comemoração da Independência do Brasil se dá no dia 2 de julho, fim das batalhas contra as tropas leais a Lisboa.

a fluidez da sociedade, com a sua falta de resistência diante dos imperativos econômicos. Se o café não dá mais lucro, o fazendeiro planta algodão.... Na Europa, ao contrário, a sociedade é resistente, compacta³⁸⁸.

Braudel está convencido da importância dessa coesão social. Ela lhe parece decisiva para a compreensão do mundo americano. Ele acredita que as sociedades, ao sabor de sua história, solidificam-se e depois se fundem, para novamente se cristalizarem. A velha sociedade paulista viveu este processo com a imigração européia do fim do século 19. A sociedade baiana não sofreu uma ruptura idêntica. Entretanto, desde o início do século 19, foram feitas tentativas para estabelecer colônias estrangeiras, principalmente germânicas. Todas fracassaram. Na Bahia, o tecido social não será cerrado demais para permitir o desenvolvimento das experiências estrangeiras por entre suas malhas ou às suas margens?³⁸⁹.

No Brasil, como na América, Braudel crê no papel influente das cidades durante os primeiros séculos. Cidades que, de resto, nada têm a ver com as configurações urbanas que lhes conservam os nomes. Elas lhe sugerem as cidades antigas, donas de si mesmas, resolvendo sozinhas seus negócios habituais, penetradas pela vida rural que as envolve e anima. Cidade portuguesa, plantada em seu lugar pela vontade real, não viveu assim a Bahia³⁹⁰ durante longos anos, ao modo antigo, produzindo o seu açúcar, plantando as suas árvores frutíferas, tirando a sua iluminação do azeite de peixe de suas pescarias? Seria necessário um livro inteiro para contar essa vida antiga e mostrar a que ponto influenciou sobre o Brasil ao ajudar-lhe a formação³⁹¹.

Posteriormente Braudel retoma esta reflexão sobre o relativo isolamento das cidades coloniais perdidas na imensidão do Continente americano. As distâncias

³⁸⁸BRAUDEL, F., "Bahia", parte II, o.c.

³⁸⁹*Idem*.

³⁹⁰Neste artigo, Braudel utiliza quase sempre o termo "Bahia" para se referir a Salvador.

³⁹¹BRAUDEL, F., "Bahia", parte I, o.c.

vastíssimas impostas pela geografia geraram um tipo de vida coletiva próximo da auto-suficiência.

Na vida baiana de todos os dias, Braudel constatou a simplicidade de uma polidez requintada, a arte de uma cozinha original e, principalmente, esse gosto pela medida. Há nos arranha-céus truncados, na arte dos jardins, nas casas que falam da velha Lisboa ou do Porto, uma harmonia de notas repetidas, misturadas, fundidas que tornam homogênea a civilização da Bahia. Sente-se uma sociedade coerente, capaz de movimentos de conjunto, que conhece as classes sociais e suas exigências, que comporta seus novos ricos, como todas as sociedades, mas sabe identificá-los, que tem seus problemas sociais. Em São Paulo ele escutou com frequência dizerem: “Nós não temos problemas sociais”. Braudel responde: “é porque vocês não tem sociedade”. Ele entende por sociedade a sociedade rígida, no sentido europeu da palavra, com elementos entrosados uns com outros. Há no Norte um pouco dessa rigidez européia, e os problemas se assemelham aos da Europa. O que cria os problemas sociais, existentes em todas as sociedades qualquer seja a sua consistência, é a consciência que delas tem a massa. Na Bahia, essa consciência existe seguramente e provem da idade da cidade e do seu ser³⁹².

Nesta cidade, insiste Braudel, o passado pesa sobre o presente, vive dentro dele e põe no presente sua poesia e suas experiências. O passado impregna a cidade desse perfume sutil que faz o seu encanto e lhe dá uma alma tal qual essa luminosidade espantosa, tão bela quanto a de Florença, que se insinua, circula e explode na paisagem³⁹³.

Esta presença do passado no presente - vivendo dentro dele, impregnando-o - é um aspecto da longa duração. Tempos depois, Braudel dirá que nos movimentos que

³⁹²*Ibidem*, parte II.

³⁹³*Idem*.

afetam a massa da história atual há uma herança fantástica do passado. O passado lambuza o tempo presente. Toda sociedade é atingida pelas águas do passado. Este movimento não é uma força consciente, é de certa forma inumana, o inconsciente da história. O passado, sobretudo o passado antigo, invade o presente e de certa forma toma nossa vida. Por mais que nos esforcemos, somos arrastados pela massa³⁹⁴. O presente em grande parte é a presa de um passado que teima em sobreviver; e o passado, por suas regras, diferenças e semelhanças, é a chave indispensável para qualquer compreensão séria do tempo presente. Em geral, não há mudanças sociais rápidas. As próprias revoluções não são rupturas totais³⁹⁵.

Outra grande história da Bahia, tão grande e tão bela quanto a precedente, desenvolve-se sobre a imensidade do mar. A seu lado, no Recôncavo, o Atlântico se faz menor, desce a dimensões razoáveis, preso à rede da Bahia e do arquipélago baiano. Transforma-se “num Mediterrâneo”, afirma Braudel, em um enorme jardim marítimo que a Bahia cultiva e explora desde o berço. E o explora de tal maneira que o empobreceu terrivelmente. Hoje não existe mais a indústria do óleo de peixe, da caça à baleia que atraiu às suas plagas os pescadores da Biscaya no início do século 17. Eles ensinaram ao mundo a arte perigosa e dramática de arpoar. Para compreender e interpretar o passado, sem dúvida não existem obras tão luminosas e ricas em cores quanto a que Gilberto Freyre escreveu sobre Recife. Uma das censuras a serem feitas a esse brilhante historiador é a de ter esquecido a Bahia oficial e o Mediterrâneo baiano com todas as suas velas.³⁹⁶

Pode-se notar que “Mediterrâneo” no pensamento de Braudel se torna uma grandeza geográfica, um modo de classificar e de medir uma configuração marítima e civilizatória.

³⁹⁴BRAUDEL, F., entrevista a J.-C. Bringuier in: DAIX, P., *Fernand Braudel...*, o.c., 457 e 646.

³⁹⁵BRAUDEL, F., *Civilização material, economia e capitalismo - séculos XV-XVIII*, vol. III, 10 e 50.

A viagem de Braudel incluiu uma breve pesquisa nos arquivos baianos. Explorou-os tão rapidamente, explica, que a eles só rapidamente pode aludir. “Sonhei, mais do que examinei, nesses arquivos, a história oceânica da Bahia”. O acaso e a boa vontade do arquivista lhe colocaram em mãos um documento dos anos 1802 a 1809. Espera publicá-lo quando tiver oportunidade. Trata-se de um relatório do Serviço da Saúde da Bahia e se refere ao tráfico dos negros e às sumacas³⁹⁷ que já traziam à Bahia a carne de sol do Rio Grande do Sul. Esse tráfico de escravos estava nas mãos de armadores baianos, talvez portugueses, mas instalados na Bahia³⁹⁸.

Há conexões da história baiana com a história européia e norte-americana através do Oceano. Durante a sua guerra de independência, os norte-americanos enviaram corsários até a Mancha. O mesmo se repetiu durante a guerra de 1812-1814, que os opôs novamente à Inglaterra, lançando contra o comércio inglês os *clippers*³⁹⁹. Um destes, “The true blooded yankee”⁴⁰⁰, fazia escala na Bahia em 1814 e era recebido pelo conde de Arcos, apesar dos protestos do cônsul inglês. A história da Bahia, Braudel deseja ressaltar, conjuga-se à “grande história”, pelo seu arsenal e pelos seus homens do mar⁴⁰¹.

Posteriormente, a conquista do Atlântico pelo *steamer*, navio de ferro a vapor, resulta na imensa vitória da velha Europa. O americano, de Boston ou da Bahia, foi o grande vencido dessa revolução tão importante, que não se menciona nunca nas histórias gerais. A Bahia fala de uma época em que o Atlântico era muito mais americano do que hoje. Os veleiros brasileiros animavam então a rota da África e o litoral do Brasil. Sumacas, brigues, escunas, barcos com seus repetidos deslocamentos,

³⁹⁶BRAUDEL, F., “Bahia”, parte I, o.c.

³⁹⁷Antigo navio à vela, muito usado na costa do Brasil.

³⁹⁸BRAUDEL, F., “Bahia”, parte I, o.c.

³⁹⁹Veleiros rápidos.

⁴⁰⁰O verdadeiro yankee sanguinário.

⁴⁰¹BRAUDEL, F., “Bahia”, parte I, o.c.

sem dúvida fizeram muito em prol da unidade brasileira. Já se reivindicou para o rio São Francisco o direito ao primeiro lugar na formação do Brasil moderno. E o Atlântico? E a Bahia? Não serão primordiais? Tanto pelas longas estradas do interior, quanto pelas rotas do oceano, não contribuiu a Bahia para a formação do Brasil, material e espiritualmente? Disse-lhe um crítico baiano: “Outrora o Brasil era baiano”. Braudel responde com um termo de comparação: “quando a América espanhola era sevilhana”. Pois Sevilha fez esta América e a selou com sua doçura⁴⁰².

A história oceânica da Bahia com a qual Braudel sonhou faz parte das conexões Atlânticas do Brasil nascente, que posteriormente ele vai aprofundar⁴⁰³. Já em 1937, Braudel estava atento a este assunto nas suas pesquisas pelos arquivos europeus. No Arquivo Nacional de Paris, ele encontra uma carta do bispo coadjutor da Bahia, de 1587, dirigida à autoridade portuguesa que governava em nome de Felipe II. A carta trata de corsários ingleses que passaram pela Bahia naquele ano. O documento se encontrava em Simancas, Espanha, mas fora levado por Napoleão I à França. Depois, foi restituído aos espanhóis. Braudel o publica em *O Estado*⁴⁰⁴ em 1947.

A sua última conferência na Faculdade de Direito se deu em outubro de 1937, pouco antes do seu retorno à França. Braudel tratou da formação das Américas. Não se tem o texto completo da conferência, apenas um resumo publicado em *O Estado*⁴⁰⁵.

O assim chamado “catedrático da Sorbonne”⁴⁰⁶ expõe uma visão da história das Américas e sua relação com a Europa. Há um contraste entre duas Américas, duas regiões de conformação diferente. Uma no Prata, cuja construção se fez de fora para dentro, e outra onde os espanhóis já encontraram uma adiantada civilização. A América

⁴⁰²*Idem.*

⁴⁰³Ver cap.VI.

⁴⁰⁴“Corsários ingleses na Bahia de Todos os Santos em 1587”, *O Estado de São Paulo*, 14/12/1947, 9.

⁴⁰⁵“Notícias diversas - Universidade de S. Paulo”, *O Estado de São Paulo*, 5/10/1937, 8.

⁴⁰⁶Embora tenha lecionado nessa Universidade como encarregado de conferências, Braudel nunca foi catedrático da Sorbonne. Tentou, porém não conseguiu e carregou esta mágoa por toda vida (ver cap.I).

de certa forma reproduz a Europa. O Brasil também tem uma Europa. Uma mostra dela é o que notou Oliveira Vianna: a ânsia com que a aristocracia rural do Brasil procurava reproduzir o luxo europeu dos tempos coloniais. São Paulo vive uma rápida evolução, mais rápida do que o resto do país, no sentido de uma acentuada europeização. Mas ela se dá também no restante do Brasil e da América. A América está muito mais próxima da Europa do que a própria Rússia. Esta oscilou durante muito tempo entre o mundo oriental e o mundo ocidental, e só tardiamente se inclinou para o segundo, enquanto a América era francamente européia⁴⁰⁷.

Cabe aqui uma crítica. A Europa vai da Península ibérica até os Montes Urais. Moscou está dentro do Continente europeu. Se a Rússia, tão diferente e peculiar, possui a sua capital e um território tão vasto nesse Continente, é preciso alargar o próprio conceito de “Europa” e de “europeu”. Braudel está restringindo a Europa à sua parte ocidental e, quando muito, à sua parte central.

As nações da América, afirma ele, parecem reproduzir a história da Europa em todos os seus pormenores. Discute-se se no Brasil houve uma Idade Média. Parece mais certo dizer que a época colonial brasileira retrata a Antiguidade européia. O Brasil se constrói sobre a escravidão, e a escravidão na Europa se deu no tempo da Antiguidade mediterrânea, anterior à Idade Média. As cidades coloniais são repúblicas em miniatura, com governo próprio, mais ou menos à margem da vida das metrópoles. São governadas pelos homens ricos que, levando rida rural, lembram Atenas nos seus primeiros tempos. As famílias são muito grandes, com escravos e agregados, recordando a *gens* romana com os seus inúmeros clientes. Braudel conhece o caso de uma família no Sul da Bahia que possuía terras tão extensas cujo tamanho equivale a 1/4 ou 1/5 do território da França⁴⁰⁸.

⁴⁰⁷BRAUDEL, F., “Notícias diversas...”, o.c.

⁴⁰⁸*Idem*.

Na história brasileira e americana tem grande importância o Oceano Atlântico, um tanto esquecido pelos historiadores, volta a insistir Braudel. Uma longa rivalidade com os povos ibéricos, que se julgavam donos do Atlântico, fez com que a Inglaterra, a França e a Holanda enviassem corsários pelo Oceano tornando impossível a navegação segura. O afluxo de imigrantes para o Brasil foi quase totalmente impedido. Depois de outras considerações, ele fala da revolução introduzida pelo navio a vapor no Atlântico, que se refletiu na vida dos povos americanos em geral⁴⁰⁹.

Os fechamentos e aberturas do Mediterrâneo, de que falava Pirenne, são agora aplicados por Braudel ao Atlântico. Esta idéia também será desenvolvida posteriormente.

Há uma certa concordância, diz ele, entre a vida da América e a vida da Europa. Existem aqui as mesmas condições sociais que lá. Em quatro séculos e pouco, o mundo americano atravessou todas idades que a Europa levou milênios para percorrer. Isto significa que a história americana se desenvolveu com extraordinária rapidez. Este avanço se acentua no século 20, e esta veloz transformação é o que explica a atual fluidez da sociedade na América. Este Continente é o herdeiro da civilização européia, embora modificando-a num sentido humano, mais prático e eficaz⁴¹⁰.

Como não se dispõe do texto desta conferência, mas apenas de um resumo, não se pode saber com precisão o que ele disse. Entretanto, é possível ver aí um panorama, quase um inventário, da “viagem de Talleyrand” de Braudel, ou seja, quanto do passado europeu pôde ser imaginado e pensado na medida em que ele conhecia o Brasil, e quais eram algumas das “frestas” e “janelas” do passado e do presente brasileiros que permitiam espreitar os tempos idos do velho Continente.

⁴⁰⁹*Idem.*

⁴¹⁰*Idem.*

Como Braudel concebeu, construiu e sonhou no Brasil a nova história defendida no *Mediterrâneo*? Logo no início, ele se dá conta que está em uma “nova Europa”, que lhe permite espreitar o passado do velho Continente, imaginando-o e compreendendo-o melhor. No Brasil, o passado vive no presente, impregnando-o e, às vezes, oferecendo-lhe resistência, como na Argélia. As civilizações se mantêm, ainda que fazendo concessões e assimilando o novo.

Braudel já conhece a nova corrente historiográfica dos *Annales*, que então se apresentava como uma história econômica e social, e dela se aproxima progressivamente. Ele se recusa a abandonar as grandes vidas e alerta para este perigo. Em Pirenne, Braudel encontra um guia teórico seguro e um mestre capaz de “ressuscitar” o passado, de “passear” pela Idade Média e de dar vida aos Clodomiro e Clotários. Ele já vislumbra fragmentos do “espelho” capazes de refletir a realidade social do passado, o todo que dá sentido e constitui a essência do conhecimento histórico. As ciências sociais tem um papel importantíssimo neste empreendimento do historiador.

Uma das intuições originais de Braudel é ver nas diversas fases da historiografia abordagens relevantes de um mesmo tema. Estas podem ser usadas sucessivamente como uma escada de diversos degraus que conduz à verdade. E outra intuição é a importância do Atlântico na formação e na história das Américas, criando uma rede de conexões ligando países e Continentes. Uma história global não pode menosprezar esta grandeza geográfica que se tornou um “Mediterrâneo moderno”. As grandes vidas, a liberdade do indivíduo, a importância dos acontecimentos e da história ocorrencial são questões que ele ainda iria modificar bastante em sua teoria da história⁴¹¹.

Braudel estava em um país que o fascinava e o instigava, tinha a experiência viva de outros dois Continentes e o ofício de ensinar história a um público bastante

motivado, do qual queria suscitar historiadores. É nestas circunstâncias favoráveis que ele “veste a camisa” dos *Annales*, e a veste a seu modo, com uma originalidade que se mostrará bastante fecunda.

⁴¹¹Ver caps. VI e VIII.

CAPÍTULO VI -

A PRISÃO NAZISTA, O MEDITERRÂNEO E O BRASIL

Ao retornar do Brasil, Braudel começa a ensinar em Paris, na Escola Prática de Altos Estudos, já em 1º de novembro de 1937. As três semanas precedentes, ele e sua mulher passaram no navio em companhia de Lucien Febvre e sua esposa. Este encontro foi decisivo para a aproximação dos dois, que criaram um forte vínculo de amizade por toda vida⁴¹², apesar de atritos posteriores.

O curso de Braudel versava sobre a história dos povos ibéricos e o Mediterrâneo ocidental, da Idade Média ao século 18. O membro da banca de seleção da Escola que apresentou a sua candidatura mostrou a dimensão atlântica e global da história mediterrânica que Braudel desejava ensinar: “O ensinamento que nós vos propomos criar, novo em Paris e na França (...) permitiria desenvolver, garantir a pesquisa hispânica (...) Seu programa comportaria: a Península ibérica da Idade Média ao século 18, com extensão, de um lado, a todo o Mediterrâneo ocidental, e de outro lado, à expansão ibérica na América (para a qual o senhor Braudel preparou, em suas pesquisas no Brasil, o tema de sua segunda tese)”⁴¹³

Este curso era uma ocasião de manter Braudel envolvido com o Mediterrâneo, tema de sua tese principal, e com a história colonial da América, tema de uma tese secundária que já estava em curso. Febvre propõe a Bloch que Braudel colabore regularmente nos *Annales*. Bloch considera positivo que haja renovação na equipe. Mesmo sem saber nada sobre Braudel, a não ser do seu gênio “bastante suscetível”,

⁴¹²ver cap.I.

⁴¹³Arquivo da Quarta Seção da Escola Prática de Altos Estudos in: PARIS, Erato, *La genèse intellectuelle de l'oeuvre de Fernand Braudel: La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II (1923-1947)*, Atenas, Institut de Recherches Néohelléniques, Fondation Nationale de la Recherche Scientifique de Grèce, 1999, 259. O documento de apresentação da candidatura não está assinado. Os

Bloch não faz objeção à sua colaboração⁴¹⁴. Em 1938, Braudel começa a publicar resenhas na revista.

Neste período, ele relê o seu volumoso fichário, fruto de leituras e intenso trabalho nos arquivos desde os anos 1920, e o classifica. Em 1939, pressionado por L. Febvre, Braudel começa a redigir sua tese. A guerra explode. Sendo oficial da reserva, ele logo foi convocado. Mas antes de sua convocação, Braudel já tinha escrito algumas páginas de introdução⁴¹⁵.

A França é rapidamente derrotada e dividida em duas zonas: uma ocupada pelo exército alemão, incluindo Paris, a zona ocupada; e outra de um governo aliado aos alemães comandado pelo marechal Pétain, com sede em Vichy, a zona de Vichy. Em 1940, a imensa maioria dos franceses se ligou a este marechal, com o sentimento de que, graças a ele, a França não estava totalmente à mercê dos vencedores. Era uma espécie de mal menor. Mesmo sendo petainistas, quase todos os franceses eram anti-alemães⁴¹⁶.

Muitos aderiram a Pétain na esperança de que a França reencontrasse a sua “integridade”, graças a uma reforma profunda da educação ancorada no espírito latino, mediterrânico e católico do país, além da expulsão do estrangeiro judeu, dos recém-naturalizados e dos francomaçons, “alógenos” às raízes galo-romanas francesas⁴¹⁷. Com o armistício de 22 de junho de 1940, Braudel é preso nas Vosges uma semana depois, compondo o contingente de 2 milhões de prisioneiros franceses. Ele se sente a própria “França perdida, como a poeira que o vento arranca de um monte de areia”⁴¹⁸. Sendo

parênteses são do original.

⁴¹⁴Carta de M. Bloch a L. Febvre, 12/11/1938 in: anexo à tese de doutorado de PARIS, Erato, *La genèse intellectuelle de l'oeuvre de Fernand Braudel: La Méditerranée...*, Paris, E.H.E.S.S., 1997.

⁴¹⁵BRAUDEL, Paule, “Braudel en captivité” in: CARMIGNANI, Paul (org.), *Autour de F. Braudel*, Perpignan, Presses Universitaires de Perpignan, 2002, 15.

⁴¹⁶DUBY, Georges (dir.), *Histoire de la France*, III, Paris, Librairie Larousse, 1972, 287-288.

⁴¹⁷LEQUIN, Y. et SCHNAPPER, D., “Les chemins de Vichy”, LEQUIN (dir.), *La mosaïque France*, Paris, Librairie Larousse, 1988, 422 in: PARIS, E., *La genèse intellectuelle...o.c.*, 1999, 268.

⁴¹⁸BRAUDEL, F., citada na “Exposição sobre F. Braudel em fevereiro de 1989 na M.S.H., apresentada

oficial, Braudel é enviado a uma das “prisões aristocráticas e tristes dos Oflags”⁴¹⁹, primeiro a Mogúncia, até 1942, depois a Lübeck, onde permanece até o fim da guerra.

Na correspondência entre Febvre e Braudel de 1941 a 1944 pode-se ver a miséria de milhões de famílias francesas submetida a uma grave deterioração da vida cotidiana, e também o sacrifício voluntário para ajudar material e moralmente seus membros feitos prisioneiros, confinados em diversas prisões e campos de concentração⁴²⁰. Em Paris, Febvre enxerga em toda parte a brutalidade alemã, acompanhada da imposição pelo invasor de uma visão do mundo “nórdica”, estendendo-se a toda a zona ocupada. É uma zona de penúria. Falta alimento, bebida e combustível para o aquecimento no inverno. As bicicletas substituem os automóveis. O pão, a carne, o leite e derivados, o açúcar e o café são racionados⁴²¹.

Alguns meses antes da libertação de Paris, a população vive um cotidiano de horror, com bombardeios aliados frequentes e represálias dos alemães aos membros da resistência francesa. Estes são executados, bem como os suspeitos, e suas famílias são mortas ou enviadas aos campos de concentração. O filho de Lucien Febvre, Henri, ingressa na resistência, com risco para si e para sua família. L. Febvre relata a Braudel: “Pode-se ver o fim do túnel, talvez. Só existe a família. Fora dela, a cada dia ocorrem tragédias que não posso nem contar. Atmosfera de pesadelo, onde desmorona tudo o que acreditamos serem os últimos fundamentos da humanidade, as mais antigas conquistas sobre a selvageria”⁴²². Contemplando o semblante de sua esposa Suzanne, Febvre confia a Braudel em uma carta um de seus pensamentos mais íntimos:

por Germaine Tillon”, arquivo pessoal de F. Braudel na Maison de Sciences de l’Homme.

⁴¹⁹BRAUDEL, F., “La captivité devant l’histoire”, *Revue d’histoire de la Deuxième Guerre Mondiale* 25 (janeiro de 1957) 4 in: PARIS, E., *ibidem*, 276. Oflag vem do alemão *Offizierlager*, campo de oficiais.

⁴²⁰PARIS, E., *ibidem*, 284.

⁴²¹*Ibidem*, 282.

⁴²²Carta de L. Febvre a F. Braudel, 20/3/1944, arquivo pessoal de Henri Febvre, Paris. As cartas eram escritas em um espaço bastante limitado. Por isso os autores frequentemente economizam palavras e artigos.

“como ele envelheceu, esbranqueceu, como ele avelhantou vinte anos em quatro anos: ‘ele’ ‘quero dizer’ ‘ela’”⁴²³.

Na França dominada, Febvre e Bloch vivem um dilema. A censura proíbe que judeus publiquem artigos e sejam citados. Para Bloch, manter os *Annales* sem seu nome e sem poder citar H. Hauser era inclinar-se diante das leis raciais. Ele se recusava. Febvre, por sua vez, via na continuação da revista um núcleo que cultivaria a inteligência francesa, uma forma de resistência diante da “Besta”- o instinto selvagem imposto pelo dominador visando rebaixar o ser humano ao seu nível mais primitivo, o de matar para comer. Bloch acaba cedendo. A revista muda de nome entre 1942 e 1944, *Mélanges d'histoire sociale*, e não tem mais publicação periódica⁴²⁴. O nome de Bloch é substituído por um pseudônimo: M. Fougères.

Em seu testamento espiritual, escrito em 1941, Bloch exprime seu drama e suas motivações: “Eu afirmo, portanto, se for preciso face à morte, que eu sou nascido judeu, que eu jamais sonhei em me defender (...) Em um mundo tomado pela barbárie mais atroz, a generosa tradição dos profetas hebreus que o cristianismo, no que ele teve de mais puro, retomou para expandir, não continua sendo uma das melhores razões de viver, de acreditar e de lutar”⁴²⁵. Bloch ingressa na resistência francesa em 1944. Logo depois, é preso pelos nazistas e fuzilado.

Braudel, por sua vez, vivia sob o regime do *Oflag* para os oficiais prisioneiros, fixado na Convenção de Genebra em 1929 e observado pelos alemães. As condições de higiene deveriam ter o mínimo necessário para se evitar epidemia. Os prisioneiros recebiam soldo mensal, estavam dispensados do trabalho manual e tinham direito a cantina e a distrações intelectuais e esportiva. Sob a censura da Gestapo, eles podiam se

⁴²³Carta de L. Febvre a F. Braudel, 22/8/1944, *ibidem*.

⁴²⁴FEBVRE, L., “Témoignages: le sort des Annales: un grave débat de conscience”, *Annales H. S.*, 1945, 22-26.

⁴²⁵BLOCH, M., “Testament spirituel de Marc Bloch”, *Annales H. S.*, 1945, sem páginas numeradas.

corresponder com suas famílias e amigos e receber pelo correio alimentos, livros e documentos científicos. O alimento distribuído pelos alemães era insuficiente, por isso a ajuda vinda pelo correio era imprescindível⁴²⁶.

Cada cela possuía doze prisioneiros. Em cada uma, eles se dividiam em sub-grupos para compartilhar os alimentos, as *popotes*. Tais subgrupos, formados aleatoriamente ou por afinidades, tornaram-se núcleos de convivência que nos cinco anos de prisão substituíram as famílias ausentes, onde os prisioneiros partilhavam suas alegrias e angústias. No quarto nº7 do *Oflag XII B*, em Mogúncia, Braudel e os demais prisioneiros se dividiam em três *popotes*⁴²⁷.

A vida intelectual prosperava nos *Oflags*. Com a ajuda da Cruz Vermelha, das universidades da zona de Vichy e com os livros enviados pelas famílias, os prisioneiros organizam cursos de preparação para o exame final do curso secundário, da graduação e da licenciatura. Depois da libertação, o Governo francês concede aos ex-prisioneiros o direito de validar os exames feitos na prisão, caso forem aprovados pelas bancas universitárias⁴²⁸. Forma-se uma espécie de universidade no cativeiro. A Faculdade de Letras, à qual Braudel estava vinculado, organiza cursos de história, geografia, literatura, filosofia e línguas⁴²⁹. Tudo isso era um estímulo a elevar o moral dos prisioneiros, a preservar a identidade francesa e formar um espírito de amizade e colaboração entre os franceses e os outros prisioneiros sujeitos à dominação alemã.

Em 1941, Braudel é nomeado pelos alemães reitor da Universidade do *Oflag* de Mogúncia. Entusiasmado, ele trabalha na “pequena Universidade do campo como se fosse uma grande e verdadeira”⁴³⁰. Braudel organiza cursos semanais ou quinzenais para

⁴²⁶FLAMENT, Pierre, *La vie à l'Oflag II D-II Gross-Born et Arnswalde (Poméranie)*, tese, Alençon, CNRS, 1957, p.57-59 e 407-467 in: PARIS, E., *ibidem*, 276-277.

⁴²⁷Entrevista com Louis MAZON, companheiro de cela de Braudel, Versalhes, 11/11/1994 in: PARIS, E., *ibidem*, 278.

⁴²⁸FLAMENT, P., *ibidem*, p. 147-149 e 168-169 in: PARIS, E., *ibidem*, 280.

⁴²⁹*Idem, ibidem*, 133 e 154 in: PARIS, E., *ibidem*, 281.

⁴³⁰Carta de F. Braudel a L. Febvre, 29/4/1942, arquivo de H. Febvre.

um público de 30 a 50 prisioneiros, além de preparar dez candidatos ao certificado de história moderna e uma dúzia de pessoas à redação de seus trabalhos finais⁴³¹. Também são organizadas conferências fora do âmbito universitário sobre temas que alguns conheciam bem, como o nascimento da ópera, a obra de Paul Valéry e o automóvel Renault⁴³².

Braudel soube cativar o seu público. Era considerado um orador brilhante. Rapidamente ele se torna conhecido em todo o campo de prisioneiros, e seus companheiros lhe dão o título de “mestre”⁴³³. Esta vida intelectual contrastava bastante com a penúria. Frequentemente faltava carvão para aquecimento e os prisioneiros sofriam com o frio e com a luz deficiente. Costuravam os cobertores em forma de sacos e forravam os leitos com papel e jornal. No inverno, contudo, entre duas e quatro horas da madrugada, o frio intenso os despertava⁴³⁴.

É nestas circunstâncias que Braudel prossegue o seu *Mediterrâneo*, enviando os manuscritos a L. Febvre que os corrige e os devolve. Febvre tem acesso à casa de Braudel em Paris e lhe envia também livros e apontamentos pedidos, sem os quais o trabalho seria impossível. O mestre o encoraja vivamente: “Amigo, não fique triste... Seja historiador, tome distância e veja com amplitude”⁴³⁵. Com seu soldo de oficial prisioneiro, Braudel adquire grandes livros alemães de erudição, que tratam da geografia do Mediterrâneo, dos Fugger⁴³⁶, etc.... Ele logo se vê “mergulhado nestes livros alemães que eu nunca tive ocasião de ler com tanto lazer e profundidade”⁴³⁷. Estas leituras provavelmente foram interpretadas pelos carcereiros com uma homenagem à cultura germânica. Tal deferência e o prestígio de “reitor” lhe permitiram

⁴³¹Carta de F. Braudel a L. Febvre, 21/6/1941, *ibidem*.

⁴³²Entrevista com L. MAZON in: PARIS, E., *ibidem*, 292.

⁴³³Entrevista por escrito com Yvez BOURGEOIS in: PARIS, E., *ibidem*, 292.

⁴³⁴FLAMENT, P., *ibidem*, 79 in: PARIS, E., *ibidem*, 290.

⁴³⁵Carta de L. Febvre a F. Braudel, 25/4/1941, rquivo de H. Febvre.

⁴³⁶Tradicional família de banqueiros alemães do século 16.

⁴³⁷Carta de F. Braudel a P. Braudel in: BRAUDEL, Paule, “Braudel en captivité”, o.c., 16.

obter, em setembro de 1941, autorização para tomar emprestados livros da Biblioteca universitária de Mogúncia, imprescindíveis para o seu trabalho pessoal⁴³⁸. Outros prisioneiros redigindo tese também obtêm a mesma autorização⁴³⁹.

Os rascunhos do *Mediterrâneo* trazem uma alegria enorme a Febvre. Naqueles tempos trágicos, formar seu sucessor se tornou para ele uma das razões de viver⁴⁴⁰. Ao final de 1941, com 18 meses de cativo, Braudel termina a primeira versão da obra: 1.600 páginas manuscritas. E confia à sua esposa: “sem este cárcere, não haveria este livro”⁴⁴¹. O *Mediterrâneo* foi a resposta existencial aos tempos trágicos que ele atravessava, um refúgio na longa duração, no suposto ponto de vista de Deus Pai que lhe permitia se distanciar dos acontecimentos contrariantes do presente, relativizá-los, até o ponto de rejeitá-los e negá-los⁴⁴². Era uma forma de evasão, como um narcótico. Seus colegas de prisão o viam como “um guru perdido em seus sonhos”. Braudel jamais falava dos acontecimentos da guerra e nem mesmo se queixava do frio⁴⁴³.

No fundo, a aposta existencial naqueles anos angustiantes era convencer-se de que as vitórias de Hitler estariam condenadas pela ‘História’, com ‘h’ maiúsculo, em um horizonte de tempo maior. Para os seus colegas, era um sopro de esperança. Conta-se que, ao anúncio dos triunfos militares alemães, gritava-se pelos corredores de Mogúncia em tom de desabafo: “É simplesmente acontecimento, nada mais que acontecimento”⁴⁴⁴. Em suas conferências, Braudel critica com ferocidade a história ocorrencial que gira em torno do acontecimentos militares. Ele mostra aos seus companheiros a sua preferência

⁴³⁸BRAUDEL, Paule, *ibidem*, 15-16.

⁴³⁹FLAMENT, P., *ibidem*, 145 in: PARIS, E., *ibidem*, 281.

⁴⁴⁰Ver cap. I.

⁴⁴¹Carta de F. Braudel à sua esposa, janeiro de 1942 in: BRAUDEL, Paule, “Braudel en captivité”, o.c., 13.

⁴⁴²Ver cap.I.

⁴⁴³BERA, Marc-André, “In memoriam Fernand Braudel”, *La revue administrative* (março-abril de 1986), 200 in: PARIS, E., *ibidem*, 290.

⁴⁴⁴BRAUDEL, Paule, *ibidem*, 24.

pelo simples soldado ao chefe militar, que ele despreza⁴⁴⁵. Foram os chefes, não os soldados que perderam a batalha em 1940. Seu julgamento coincide com o de Marc Bloch em *A estranha derrota* e se alicerça no “combate” dos *Annales* ao longo dos anos 30 contra a história nacionalista.

Qual é o balanço do ensinamento tradicional da história ensinada em muitas escolas e universidades européias? O espírito crítico, abafado pela história ocorrencial, não foi suficientemente cultivado para enfrentar o fanatismo e a selvageria. O que se viu foi o interesse pelo grande homem, a adoração do chefe, fosse Hitler ou Mussolini, o culto do acontecimento, ao mesmo tempo em que o fascismo se erguia, as democracias tombavam, a França fracassava e milhões de inocentes eram massacrados nos campos de batalha ou enviados à morte por questão de raça. Esta pura intolerância, espalhada pelas escolas européias, preparou o terreno para líderes fanáticos que difundiam a propaganda odiosa do fascismo. Sofrendo com o exílio, com os dias intermináveis e com a tragédia mundial, Braudel combate com ardor a história nacionalista⁴⁴⁶.

Os temas tratados por ele nas conferências eram a história econômica e social no espírito dos *Annales*, a história da América do Sul e da África do Norte. Braudel mostrava sua admiração por Michelet e frequentemente se referia a L. Febvre e F. Simiand⁴⁴⁷. Um de seus assuntos favoritos era o atlantismo, o mundo atlântico. Ele previa uma futura associação econômica e moral entre a Europa ocidental e os Estados Unidos⁴⁴⁸.

Depois da Guerra, diversas publicações francesas aderem à mensagem pedagógica dos *Annales* dos anos 1930, convencidas de que o atraso das ciências

⁴⁴⁵Entrevista com L. Mazon in: PARIS, E., *ibidem*, 292-293.

⁴⁴⁶PARIS, E., *ibidem*, 293.

⁴⁴⁷Entrevista com L. MAZON in: PARIS, E., *idem*.

⁴⁴⁸Entrevista com Yves Bourgeois in: PARIS, E., *ibidem*, 294.

econômicas e sociais é uma das causas das desgraças da humanidade⁴⁴⁹. Organismos internacionais como a UNESCO tiveram uma enorme expansão. Criada em 1946, a UNESCO tem por objetivo um humanismo próximo dos *Annales*: uma cooperação intelectual internacional entre especialistas de ciências sociais, visando aproximar pacificamente diferentes civilizações e compreender com profundidade a cultura universal⁴⁵⁰. “Poderá, em 1946, existir um humanismo atual sem uma história ambiciosa, consciente dos seus deveres e dos seus imensos poderes”⁴⁵¹? Assim Braudel introduz o seu *Mediterrâneo*. Uma das ambições de sua história universal é manter e enriquecer os valores humanos de um mundo que deve tender para o bom entendimento⁴⁵².

A estada de Braudel em Mogúncia termina em junho de 1942. Ele é transferido para Lübeck, para o *Oflag X C*, um campo disciplinar (*Sonderlager*) reservado aos prisioneiros considerados inimigos da Alemanha, aos “resistentes”. A que se deve esta transferência de Braudel? Os motivos foram mal explicados, incluindo denúncias de ligação dele com a maçonaria francesa. Braudel atribui ao seu temperamento contestador, às suas “rebeliões de filho da Lorena”⁴⁵³. As prisões de oficiais naquela época seriam marcadas por um forte conflito ideológico interno, contra ou favor de Pétain, a “França dividida contra si mesma”. Quem não fosse petainista, como era o caso dele, tinha muitos aborrecimentos⁴⁵⁴.

A versão de Braudel é corroborada por seu discípulo e companheiro de prisão Gilbert Guilleminault. Braudel teria polemizado duramente com outro preso, o professor de direito Albert Pietre, fiel defensor de Pétain. Houve uma oferta dos alemães a oficiais

⁴⁴⁹DROUARD, Alain, “Réflexions sur une chronologie: le développement des sciences sociales en France de 1945 à la fin des années soixante”, *Revue française de sociologie* 1 (1982) 57 in: PARIS, E., *ibidem*, 324.

⁴⁵⁰PARIS, E., *idem*.

⁴⁵¹BRAUDEL, F., *O Mediterrâneo...vol.I*, o.c., 26.

⁴⁵²PARIS, E., *ibidem*, 325.

⁴⁵³BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história*, o.c., 11.

prisioneiros para se transformarem em “trabalhadores livres” e ajudarem o “esforço de guerra alemão”. Alguns oficiais, deprimidos com o cativo, estariam tentados a aceitar. Outros oficiais os criticaram com veemência e o conflito se instalou, revelando subitamente posições políticas até então dissimuladas. Braudel estaria entre os contestadores e “sem dúvida foi denunciado como contrário a Vichy e gaulista convicto”⁴⁵⁵.

Ele chega a pedir a L. Febvre para providenciar uma investigação oficial sobre sua suposta filiação à Maçonaria, para que fosse inocentado⁴⁵⁶. Outros companheiros de prisão, por sua vez, dizem que naquela época De Gaulle não era conhecido entre eles e negam que houvesse em Mogúncia um conflito entre gaulistas e petainistas. O provável motivo da transferência parece ter sido simplesmente a condição de Braudel de reitor da Universidade do campo, centro atuante que os alemães passaram a considerar um núcleo de resistência⁴⁵⁷.

A recepção em Lübeck foi aterrorizante. Um coronel com um cachorro feroz e espada na mão advertia a cada um que chegava: “Deste campo não se sai jamais...Qualquer que seja o resultado da guerra, vocês jamais verão de novo o seu país”⁴⁵⁸. E no final da guerra, em 1945, em represália aos bombardeios de Dresden, Hitler chegou a ordenar a execução daqueles prisioneiros⁴⁵⁹. Madame Braudel, que até então desconhecia a gravidade da situação do campo, ouviu por acaso uma solene advertência na rádio de Londres ao coronel comandante do *Oflag X C*: se os prisioneiros estiverem destinados à execução geral, conforme os rumores, o comandante alemão será

⁴⁵⁴BRAUDEL, F., entrev. a J.-C. Bringuier...(1984), o.c.

⁴⁵⁵GUILLEMINAULT, G., in: BRAUDEL, Paule, “Braudel en captivité”,...o.c., 16-17.

⁴⁵⁶Carta de F. Braudel a L. Febvre, 24/6/1942, arquivo de H. Febvre, o.c.

⁴⁵⁷Entrevista com L. MAZON, in: PARIS, E., *ibidem*, 297-298.

⁴⁵⁸BRAUDEL, Paule, “Braudel en captivité”,...o.c., 18.

⁴⁵⁹Ver cap. I.

responsabilizado pessoalmente no final da guerra⁴⁶⁰. A execução não se concretizou devido a um acordo à parte feito por Himmler⁴⁶¹.

Apesar da recepção nada amistosa, Braudel experimenta no novo presídio “condições materiais e outras suportáveis”. As “Franças desunidas” dos outros campos não existem lá. Há paz⁴⁶². Pouco tempo depois, ele descreve o lugar como “agradável, vasto e repousante”⁴⁶³. Seus companheiros de prisão são pilotos ingleses da Royal Air Force, poloneses defensores de Varsóvia, oficiais franceses de origem judia e padres considerados perigosos⁴⁶⁴. Braudel continua a receber de Febvre as obras de que necessita. Em Lübeck, ele não é mais reitor, mas continua a ler, ensinar e escrever⁴⁶⁵.

As vicissitudes da guerra continuam a atingir Braudel. Além da correspondência de Febvre, ele troca cartas com sua esposa, que na época tinha se mudado com suas filhas para Tiaret, na Argélia. Em novembro de 1942, o desembarque aliado no Norte da África interrompe as relações da Argélia com a França. É um duro golpe para Braudel, que perde contato com sua família. Ele desabafa com Febvre: “Eu não lhe digo nada do pode significar para mim a ruptura de relações com a África do Norte. Eu me esforço em não pensar nisso, em me iludir dizendo que a guerra não vai durar muito tempo, que os acordos são sempre possíveis. Pobre Europa, pobre França, pobre mundo”⁴⁶⁶.

Febvre continua encorajando seu discípulo no cativeiros: “la thèse, vite, vite, vite! (a tese, rápido!)”. É preciso obter o título de doutor o mais rápido possível. Depois, escolher o caminho, eventualmente o Colégio da França. O *Mediterrâneo* deve ser publicado em bloco⁴⁶⁷. E prossegue: “Você...não é simplesmente um bom historiador,

⁴⁶⁰BRAUDEL, Paule, *idem*.

⁴⁶¹Ver cap.I

⁴⁶²Carta de F. Braudel a L. Febvre, 19/8/1942 in: BRAUDEL, Paule, *idem*.

⁴⁶³Carta de F. Braudel a L. Febvre, 12/8/1942, arquivo de H. Febvre, o.c.

⁴⁶⁴BRAUDEL, F. *Reflexões sobre a história*, o.c., 11.

⁴⁶⁵Carta de F. Braudel a L. Febvre, 14/8/1942, arquivo de H. Febvre, o.c.

⁴⁶⁶Carta de F. Braudel a L. Febvre, 27/12/1942, *ibidem*.

⁴⁶⁷Cartas de L. Febvre a F. Braudel, 17/5, 22/6 e 22/8/1944, *ibidem*.

mas verdadeiramente um grande historiador, rico, lúcido, abundante....Tenha confiança em si, e no futuro”⁴⁶⁸.

O drama da guerra e a crise da história nacionalista fazem Braudel enxergar de outro modo os grandes homens. Na luta pela unificação alemã, o papel de Bismarck diminui bastante. Ele deixou de ser o elemento mais importante. E nem é tampouco o mais simples. O mais importante é o povo alemão, que em seu conjunto, como se fosse um homem, luta e atua como um “personagem que dura, a substância viva da história alemã”⁴⁶⁹.

A leitura das obras de geografia alemãs fascina Braudel e o fazem refletir e perceber as insuficiências da geografia francesa. Ele chega à conclusão de que os geógrafos franceses estudam muito pouco o ambiente geográfico e biológico, além de negligenciarem o lugar verdadeiramente significativo para o homem que é a sociedade. Há poucas obras sobre os hábitos alimentares, culturais, linguísticos, o vestuário e as crenças humanas. Há um “esquecimento frequente do homem, dizemos nós, mas um esquecimento sistemático da sociedade entre nossos geógrafos franceses”⁴⁷⁰. Os geógrafos alemães, por sua vez, lhe parecem mais ousados que os franceses, “mais empenhados em desenvolver as consequências de uma idéia ou de uma tese, a mostrá-la sob todos os seus aspectos, a esgotar-lhe as possibilidades”⁴⁷¹.

Na literatura geográfica alemã, Braudel encontra a tríade: *Raum*, espaço, *Wirtschaft*, economia, e *Gesellschaft*, sociedade⁴⁷². A partir daí, ele elabora o conceito de “geo-história” para trabalhar a história quase imóvel e de longa duração do ambiente natural da humanidade. A geo-história “é o estudo de uma dupla ligação, da natureza ao

⁴⁶⁸Carta de L. Febvre a F. Braudel, 15/11/1944, *ibidem*.

⁴⁶⁹“L’histoire, mesure du monde”, *Les écrits de Fernand Braudel*, vol. II, Paris, Fallois, 1997, 28-29 (texto que reúne conferências do tempo de prisão).

⁴⁷⁰*Ibidem*, 55.

⁴⁷¹*Ibidem*, 54.

⁴⁷²*Ibidem*, 63.

homem e do homem à natureza, o estudo de uma ação e de uma reação, misturada, confusa, recomeçando sem cessar na realidade de cada dia. É mesmo a qualidade, o poder deste esforço que nos obriga a reverter a abordagem do geógrafo”⁴⁷³. A geografia alemã lhe sugere um outro tipo de determinismo, não mais físico, mas do próprio ser humano: ele é até certo ponto prisioneiro de seus antecessores. É daí que vem as chamadas “as prisões de longa duração”⁴⁷⁴.

No campo econômico, Braudel vê os escritores alemães pensando e situando a vida econômica em espaços mais ou menos vastos, as *Weltwirtschaften* (economias-mundo). A economia mundial no presente seria a soma, mais ou menos bem feita e mais ou menos soldada, das economias-mundo. Elas seriam a especificidade espacial da economia. Esta idéia se estende também ao Mediterrâneo antigo⁴⁷⁵. Braudel vai incorporá-la e explorá-la até o fim, tornando-a um dos principais pilares de sua trilogia *A civilização material*, uma obra bastante vasta que lhe ocupará mais de vinte anos de trabalho e pesquisa. Nas leituras alemãs do cativo nazista, ele encontra uma riqueza que saberá guardar e multiplicar, constituindo um vasto patrimônio intelectual.

Ao retornar da prisão, Braudel propõe a Febvre que os *Annales* divulgem a produção alemã de geógrafos, economistas e sociólogos. Febvre, traumatizado pelas atrocidades da ocupação, reage com forte indignação: “toda esta produção alemã coloca um terrível problema. Cultura, dizem eles. De que? Em todo caso, nenhuma humanidade. E frequentemente desumanidade.(...) Mais tarde, bem mais tarde os alemães, talvez.... Mas não aqueles que atuaram nesta tragédia. E dos quais nenhum levantou um dedinho para dizer basta. Nenhum sem baixeza se dessolidarizou com o que era feito em nome da Alemanha. Mais tarde, muito mais tarde, se nós pudermos

⁴⁷³*Ibidem*, 73.

⁴⁷⁴BRAUDEL, F., *Escritos sobre a história*, o.c., 50.

⁴⁷⁵BRAUDEL, F., “L’histoire, mesure du monde”, o.c., 65.

ajudar, por pouco que seja, a Alemanha a retornar à comunidade moral das nações civilizadas da qual ela se afastou”⁴⁷⁶.

Madame Braudel comenta este episódio dizendo que, logo que voltou da prisão, seu marido ainda não conhecia nada dos horrores da guerra alemã, da Gestapo e do massacre dos judeus. E o que ele odiava era a própria guerra, não os alemães. Tanto assim que, após a rendição, vendo uma tropa de soldados alemães em Lübeck indo se entregar, Braudel lhes disse: “Imbecis! Disfarcem-se de civis”⁴⁷⁷. Ele relativizou todo o sofrimento vivido. Ao recordar aquele cativo, afirma: “como voltei são e salvo dessas longas provações, queixar-me seria vão e até mesmo injusto”⁴⁷⁸.

Para ele, os males sofridos não diminuíam o valor da cultura alemã. No entanto, era querer demais que seus compatriotas tivessem a mesma postura naquele momento, quando feridas profundas ainda estavam bem abertas.

Os escritos de Braudel no cativeiro e sua correspondência com L. Febvre trataram também de outro assunto: o Brasil. Febvre o exorta: “Em seu lugar, por mil razões evidentes eu teria preocupação de não negligenciar o Continente descoberto (salvo engano) por Álvarez Cabral. Nós temos necessidade de não perder o contato. O que você diria da Descoberta do Atlântico Sul? Você entende o que eu quero dizer por descoberta? As primeiras ações de posse. E depois, a expansão progressiva. As trocas. O oceano que se povoa e se anima mais e mais. O interesse que desperta. Os problemas que coloca. Isto seria um belo tema. Pode ser belo demais? Você deve permanecer ao mesmo tempo mediterraneanista e brasilianista. Nós temos necessidade dos dois”⁴⁷⁹. Pode-se ver aqui os ecos do início dos *Annales* e seu interesse pela América do Sul, “um campo privilegiado de estudos”.

⁴⁷⁶Carta de L. Febvre a F. Braudel, 28/5/1945, arq. de H. Febvre.

⁴⁷⁷Nota de Paule Braudel à carta de L. Febvre, *idem*.

⁴⁷⁸BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história*, o.c., 11.

⁴⁷⁹*Vous devez rester à la foi méditerranéen et brésilien. Nous avons besoin des deux* [Carta de L. Febvre a

Febvre volta ao assunto: “Eu lhe disse, quanto a você: 1) Não deixar escapar o Mediterrâneo. 2) Não deixar escapar também os estudos sul-americanos. Eu insisto nisso”⁴⁸⁰. Já no final de 1937, a expansão ibérica na América, a partir de estudos feitos no Brasil, era o tema da tese secundária de Braudel em andamento. O Mediterrâneo e a América do Sul deviam andar juntos na sua pesquisa. No tempo do cativo, ele se dedica também a ler a obra de Gilberto Freyre e a escrever sobre o Brasil. Já em 1937, antes de retornar à Europa, Braudel tinha lido uma parte dela e comentado⁴⁸¹. No cativo, ele completa a leitura de cinco livros do sociólogo brasileiro⁴⁸² e faz uma resenha geral de sua obra. O texto é enviado a L. Febvre, que em setembro de 1943 o revisa e depois o publica⁴⁸³. É o primeiro artigo de Braudel nos *Annales*. Foi considerado um grande artigo, bastante apreciado.

Antes de publicá-lo, Febvre comenta: “Acabo de passar a manhã com você, revisando o seu Gilberto Freyre. Ah, visitar este Brasil um dia com você como guia! Tarde demais! Nada mais me resta senão esperar o fim, na certeza agora de uma continuidade. Mais do que nunca eu digo: estada em um país novo, necessidade absoluta para formar o historiador. Nisto, São Paulo é melhor do que Roma”⁴⁸⁴. Assim, Febvre mostra a Braudel o valor de seus anos brasileiros, da experiência vivida, das transformações ocorridas, dos estudos realizados, enfim, de todo este aprendizado. Além de Lévi-Strauss, Monbeig e R. Bastide, também Braudel encontrou no Brasil o que Maugüé chamou o “fabuloso metal”. Cabe dizer ainda que, contrariando suas

F. Braudel, 16/5/1942, arq. de H. Febvre].

⁴⁸⁰Carta de L. Febvre a F. Braudel, 19/6/1942, *ibidem*.

⁴⁸¹Ver cap.V.

⁴⁸²“Freyre veio jantar em nossa casa e meu marido disse a ele algo que o deixou feliz: que havia lido toda a sua magnífica obra histórica e sociológica sobre o Brasil, no campo de prisioneiros, onde esteve preso durante a guerra” (Paule Braudel *in*: SABÓIA, N., “As lembranças dos vagalumes das noites brasileiras”, *O Estado de São Paulo*, 19/12/1998, D5). Os livros que Braudel leu naqueles anos são: *Casa Grande & senzala, Sobrados e mucambos, A guia do Recife, O Nordeste, Mucambos do Nordeste (Les écrits de Fernand Braudel*, vol. III, o.c., 583).

⁴⁸³Ver cap.I.

⁴⁸⁴Carta de L. Febvre a F. Braudel, 4/9/1943, arq. de H. Febvre.

próprias previsões, Febvre viveria muitos anos mais e visitaria o Brasil em 1949. O seu pessimismo dos anos da Guerra não se confirmou.

No artigo sobre Gilberto Freyre, Braudel mostra o quanto conhecia da historiografia brasileira daquele tempo, apontando limites e caminhos possíveis. *Os sertões* de Euclides da Cunha, *Retrato do Brasil* de Paulo Prado e *Dom Portugal* de Afrânio Peixoto são os primeiros mencionados. *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque é considerado elegante, pequeno demais talvez, mas com um título evocador. De todos estes ensaístas, Gilberto Freyre é considerado, senão o mais brilhante, o mais rico, o mais lúcido e o mais documentado⁴⁸⁵.

A *História econômica do Brasil* de Roberto Simonsen é para Braudel um balanço de primeira ordem, arejado, que resume em dois volumes tudo o que é possível saber sobre o estado das questões até então⁴⁸⁶. Já a *História política do Brasil*⁴⁸⁷ de Caio Prado Júnior é luminosa, ainda que parcial. Uma obra de juventude que precisaria ser retomada, ampliada e rebatizada. O título não é bom, pois se trata de uma história social em relação à política. G. Freyre não está só entre os historiadores brasileiros com abordagem social. Há livros muito belos de Pedro Calmon que seriam o melhor resumo coerente da história brasileira⁴⁸⁸.

G. Freyre é considerado por Braudel um autêntico aluno de Franz Boas⁴⁸⁹, formado nos métodos realistas e frutuosos da sociologia e da antropologia norte-americanas. Ele tem o senso das grandes paisagens históricas, a arte de situar as massas compactas do passado e o gosto pelos vastos problemas, formulados com clareza, tentando sempre resolver com toda honestidade intelectual. Não se trata de um

⁴⁸⁵*Les écrits de Fernand Braudel*, vol. III, o.c., 64.

⁴⁸⁶*Ibidem*, 66.

⁴⁸⁷O título correto é *Evolução política do Brasil*.

⁴⁸⁸*Les écrits de Fernand Braudel*, vol. III, o.c., 68.

⁴⁸⁹Franz Boas (1858-1942): antropólogo alemão naturalizado norte-americano, lecionou por várias décadas na Universidade de Columbia, em Nova Iorque.

inventário minucioso, claramente ordenado, com os traços eruditos do rigor. Ao contrário, “felizmente estamos diante de um pensamento ousado, vivo”, atento aos valores humanos, combativo, que jamais deixa de retornar às suas demonstrações e às suas teses com insistência cerrada, às vezes desordenada, mas freqüentemente irresistível⁴⁹⁰.

Gilberto Freyre, sociólogo, autor de *Casa grande & senzala*, é também historiador, muito mais do que ele imagina, e brasileiro, com lucidez e fervor, considera Braudel. Ele pertence à inteligência de um país que se busca, uma busca febril de si mesmo, de sua essência, das coordenadas exatas de seu destino⁴⁹¹. Em meio a tantos problemas diversos e complexos, há uma grande tentação dos historiadores brasileiros de explicar todo o político pelo econômico. Outra tentação é reduzir um passado múltiplo e variado somente ao problema de raças. O primeiro mérito de Freyre é de não aceitar estas simplificações amplamente oferecidas. Difícil tarefa é pensar diferentemente dos outros. Formulando os problemas “em termos sociais, em termos de humanidade”, ele devolve aos fatos a sua verdade. Onde se diz com freqüência: os governantes, as capitanias, o açúcar, as raças; ele vê os homens, as famílias, os meios sociais, as aristocracias e os povos escravos. O progresso é enorme⁴⁹².

No que concerne a colocar os grandes problemas do passado brasileiro em termos de história social, ninguém terá sido tão feliz quanto Gilberto Freyre. Ninguém teria avançado com tanta atenção à realidade quanto ele. Aí está o seu grande mérito, segundo Braudel⁴⁹³. Na arquitetura e nas antigas moradias estão os documentos mais evocadores e mais reveladores do passado, que não foram lidos nem utilizados antes dele. Freyre sabe extrair, como um mágico de sua caixa, mil recordações precisas, mil

⁴⁹⁰*Les écrits de Fernand Braudel*, vol. III, o.c., 63.

⁴⁹¹*Ibidem*, 64.

⁴⁹²*Ibidem*, 67.

⁴⁹³*Ibidem*, 68.

imagens coloridas e tudo o que há de essencial no “passado profundo” do Brasil. A velha Recife se torna um livro de história onde ele extrai riquezas de civilização: tradições, cozinha e uma fineza admirável são amostras da doçura inefável da Europa plantada nos trópicos, em um Brasil elegante do Norte. Lá, o português fincou o seu pé lento e pesado de camponês, seu “pé de boi”. Lá está o ponto fixo dos tempos coloniais⁴⁹⁴.

A história que Freyre conta, em uma ordem perfeita, considera Braudel, é a história nordestina de Recife, suas “casas grandes”, seus “sobrados”, seus canais, seus rios lentos, seus bacharéis românticos, seu povo misturados pelos séculos, seus grandes homens, seus políticos eloquentes do fim do Império, sua sociedade coerente e fina, sua civilização de “bom quilate”⁴⁹⁵. A obra dele tem também deficiências, segundo o historiador francês. No passado brasileiro e mesmo no presente, há uma considerável massa humana flutuante e vagante. Não encontramos em G. Freyre o bandeirante, o tropeiro e o vaqueiro. O Brasil de ponta a ponta, do passado e do presente, tem um grande massa flutuante, que inclui sertanejos do Norte, garimpeiros, seringueiros, tropeiros, mascates, judeus sefarditas, cearenses e outros⁴⁹⁶. Ele não se deu conta de quanto a vida sedentária no Brasil foi tocada, ameaçada e atraída pelo movimento; e de quanto esta sociedade tão estável parece fluída aos olhos de um europeu. Freyre escolheu o sedentário construtor de casas estáveis, igrejas e cidades. O seu Brasil é apenas uma parte do Brasil real⁴⁹⁷.

É uma pena também, julga Braudel, que ele não tenha estendido suas análises ao terreno sólido da economia e que não tenha se ocupado dos mucambos do Império.

⁴⁹⁴*Ibidem*, 72.

⁴⁹⁵*Ibidem*, 82.

⁴⁹⁶*Ibidem*, 68-69.

⁴⁹⁷*Ibidem*, 70-71.

Entretanto, o essencial do problema é tratado com maestria⁴⁹⁸. O passado brasileiro é mais complicado e diversificado que G. Freyre supõe. Mas ele tem preocupações que não são “as nossas”⁴⁹⁹. Provavelmente Braudel se referem aos historiadores que, entre outras coisas, sofrem com as omissões de datas e com a despreocupação cronológica.

Seria injusto, prossegue ele, criticar Freyre por não ver o passado mais complexo, por criar hierarquias meio rígidas, por admitir exclusividades e, às vezes, por generalizar demais.⁵⁰⁰ O Brasil é um país de contrastes fortes, uma família de civilizações diversas para além de suas semelhanças. Sua história é uma história de acordos e divergências. Negligenciando estas histórias conflitantes, G. Freyre ficou à vontade para generalizar e estender ao país inteiro as cores e os tons de seu próprio Brasil.⁵⁰¹ Os seus livros são vivos e originais, um vigoroso estudo do Brasil do Norte, porém pecam ao estender rápido demais seus argumentos ao país inteiro⁵⁰².

Braudel acaba tropeçando no próprio raciocínio ao criticar Freyre por simplificar o passado e generalizar demais.

As paisagens arquiteturais não são tudo na paisagem humana, pondera Braudel. Há clareiras, há civilizações, há o momento histórico. G. Freyre, apesar das aparências, elaborou livros muito breves, onde a geografia do passado não foi suficientemente esboçada além do seu Nordeste natal. “Eu sonharia”, confessa Braudel, com um “alargamento horizontal” da obra de Freyre, um livro sobre as casas senhoriais do tempo do ouro em Minas, do café em São Paulo e outras. Pode-se contestar que os diferentes Brasis recomeçam a mesma vida, o mesmo ciclo social. Sem dúvida, mas à sua maneira, à sua hora, como um indivíduo retoma a vida de seu antepassado, porém,

⁴⁹⁸*Ibidem*, 79.

⁴⁹⁹*Ibidem*, 80-81.

⁵⁰⁰*Idem*.

⁵⁰¹*Ibidem*, 82.

da maneira original que o distingue. A Lorena não é a Borgonha. São Paulo não é, e nunca foi, o Recife ou a Bahia⁵⁰³.

O Recife ensinou a Freyre, entretanto, algo mais do que a história colonial da própria cidade, considera Braudel. O Recife ensinou a ele algo do país inteiro. A civilização da *casa grande* é a rocha sobre a qual o Brasil se construiu. Desde o extremo Sul, passando pelo interior e pelas Minas Gerais, pode-se constatar as realidades onipresentes e repetidas de uma primeira Idade uniformemente senhorial⁵⁰⁴. Através de Recife, Freyre descobre o passado profundo do Brasil.

As considerações finais de Braudel tratam do Atlântico e suas conexões e apontam um campo fecundo da historiografia brasileira, como ele já havia dito em 1936⁵⁰⁵. Este campo foi bastante explorado depois por seus discípulos. Historiador da Europa, elaborando tese sobre o Mediterrâneo, Braudel pretende ver o passado brasileiro de modo diferente de G. Freyre e dos brasileiros, abordando sua dimensão oceânica, européia e mundial. O Brasil seria antes de tudo uma Europa americana, uma Europa alicerçada no “Mediterrâneo moderno”, que é o Atlântico. Este Oceano tem uma vida própria mais ou menos animada, participando da história geral e da vida amalgamada das ‘Europas’ que o cercam, sejam elas velhas ou novas⁵⁰⁶.

Os historiadores brasileiros, assevera Braudel, esquecem bastante o Atlântico portador de riquezas, com rotas próximas e grandes transversais, com sua vida animada ao longo dos séculos. Há momentos em que esta vida inter-oceânica é perturbada e mesmo suspensa. Assim como Henri Pirenne falava do fechamento do Mediterrâneo, pode-se falar do fechamento do Atlântico. Pode-se conhecer sua “aceleração” de vida no século 18, a conquista do Atlântico Sul pelo navio a vapor, no século seguinte, e o

⁵⁰²*Ibidem*, 83.

⁵⁰³*Idem*.

⁵⁰⁴*Ibidem*, 76.

⁵⁰⁵Ver cap.V.

progresso urbano generalizado no século 20. A vida deste Oceano, ora intensa, ora débil, faz o Brasil se voltar intensamente para imensidão marítima, por assim dizer “se colar” nela, ou recuar em sua profundidade continental, quase se isolando. O grande ritmo do Atlântico não é o único ritmo que afeta o país, mas muitos outros dependem dele.⁵⁰⁷

O Brasil, repete Braudel, com suas variações múltiplas e suas oposições profundas e ferozes, recomeça a Europa, esta longa história que vem da Antiguidade clássica. A escassez de homens disponíveis no início da Colônia, as grandes famílias, suas ‘gentes’, seus escravos e suas cidades parecidas com a Tebas de Epaminondas ou a Atenas de Péricles, possuem um perfume da Antiguidade. Em um mundo desprovido de superestruturas políticas eficazes, o elemento de base se tornou a família. G. Freyre viu na casa-grande a matriz da família patriarcal. A recíproca também é verdadeira. Foi a família que construiu a habitação colonial.⁵⁰⁸

Depois deste artigo, passados mais de vinte anos, Braudel volta a tratar da obra de G. Freyre no prefácio da tradução italiana de *Casa-grande & senzala*⁵⁰⁹. Com mais distância das leituras que fez nos anos 30 e 40, Braudel não perde a sua fascinação. Para ele, o Brasil na obra de Freyre se escancara infinitamente diante dos leitores, tranquilo e múltiplo, com o cheiro das suas plantas, florestas, casas, cozinhas e seus corpos brilhantes de suor.

Quando o livro surgiu no Brasil, em 1933, o país estava “doente, como o mundo da época”, segundo Braudel. Sofria na sua vida material e na sua realidade política, social e intelectual. O novo livro, de finíssima escritura, causou um escândalo imediato, pois o Brasil daquele tempo queria ser Europa e se colocava do lado da casa-grande, dos brancos. Uma resenha da época, guardada por Braudel, mostra o choque daquela

⁵⁰⁶*Les écrits de Fernand Braudel*, vol. III, o.c., 83-84.

⁵⁰⁷*Ibidem*, 84.

⁵⁰⁸*Idem*.

⁵⁰⁹BRAUDEL, F., Prefácio in: FREYRE, G., *Padroni e eschiavi...*, Turim, Einaudi, 1965 [trad: *Novos*

linguagem de casamento entre três raças, a branca, a “vermelha” e a africana. A indígena ainda seria tolerável, mas a negra!? Como aceitar aquela negação de uma luta de classes e entre as peles de várias cores, em nome de uma genérica promiscuidade de relações sexuais? O senhor de engenho conhecia bem o caminho da senzala. Seus filhos, brancos e mestiços, eram criados todos juntos nas grandes mansões coloniais. Aquele sangue misto pouco a pouco marcou todos os homens e mulheres do Brasil nordestino, criando um paraíso erótico no qual todos, ao final, tiravam vantagens⁵¹⁰.

Era uma história muito estranha aquela, quase uma ciência que confundia os gêneros, assevera Braudel. Era como se, escreveu Alain Bosquet, “para ensinar geometria, o espaço fosse ilustrado por nus femininos, ou como se a economia fosse uma planta coberta por mangas e flores”⁵¹¹. A lição dada por G. Freyre foi quase prontamente compreendida no Brasil, e é justo comemorar, prossegue Braudel. Depois de uma primeira careta, o país se reconheceu nesse retrato tão simpático e sincero. Simpático, sim, e cada vez mais à medida que o modelo europeu da superioridade racial se diluía no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Sincero também, pois o Brasil foi o primeiro país do Novo Mundo a dominar o complexo das raças ditas inferiores e dos odiados sangues mistos. *Casa grande & senzala* é uma obra-prima, em que o país assume o seu verdadeiro passado. É uma “revolução, uma vitória do amor dos homens pelos seus semelhantes”⁵¹².

Só mais tarde, passado o encantamento, percebe-se a inteligência aguda desta obra, admite Braudel. É uma inteligência que não se impõe à moda francesa, com uma construção preconcebida, lógica e autoritária. Ela nasce de “páginas tumultuadas, mais cantadas do que escritas”. Ele soube ver e tornar visíveis a realidade, a cor e o perfume

estudos 56 (2000) 13-15].

⁵¹⁰BRAUDEL, F., *Novos estudos* 56 (2000) 13-14.

⁵¹¹BOSQUET, Alain, in: BRAUDEL, F., *ibidem*, 14.

⁵¹²BRAUDEL, F., *Idem*.

dos seres e das coisas. “O milagre decisivo é ter sabido misturar uma narração histórica exata, atenta, com uma sociologia de uma finura sem defeitos, o tempo frenético dos acontecimentos com o tempo semi-adormentado das realidades sociais”⁵¹³.

Na mansão dos patrões, nas cabanas dos escravos e no açúcar dos engenhos se tem o quadro no qual se move a grande família, *gens* primitiva, em cujo seio se formou o primeiro Brasil. E, dependendo das regiões brasileiras, especula Braudel, poder-se-ia substituir o açúcar dos engenhos pelo ouro extraído dos rios e das areias, pelo algodão das plantações ou pelo café das grandes fazendas. Este primeiro Brasil era patriarcal, duro e terno, pagão e cristão, negro e branco, feliz de viver, obrigado a se abandonar a uma vida excessiva, violenta e sempre circunscrita⁵¹⁴.

A introdução de Braudel dirigida ao público italiano termina com um convite a conhecer a primeira onda de urbanismo que vai modificar esta paisagem primitiva. É *Sobrados e mucambos*, a migração de patrões e de escravos em direção à cidade brasileira dos séculos 17 e 18, em direção à curiosidade, às indiscrições e à modernidade das ruas. Uma migração recente e já distante no tempo, nos anos em que D. Pedro II, ainda moço, era o protótipo dos jovens intelectuais brasileiros. O leitor italiano tem a ocasião de imaginar a migração da nobreza fundiária em direção à inquietas cidades da Itália do século 13⁵¹⁵.

Braudel não perde a chance de fazer mais uma vez a “viagem de Talleyrand”, uma visita ao passado medieval europeu instigada pelo passado mais próximo do Brasil.

Como avaliar o que F. Braudel terá aprendido com G. Freyre? A sua *Civilização material* é uma busca das permanências e da história lenta nas diversas manifestações da vida material: modos de vestir, morar e se alimentar, construções, cidades, transportes, comunicações, técnicas e instrumentos diversos, etc... G. Freyre ousou

⁵¹³*Idem.*

⁵¹⁴*Ibidem*, 14-15.

enxergar nas antigas moradias os documentos mais evocadores e mais reveladores do passado. Ele dizia que os homens e os livros muitas vezes mentem. A arquitetura, por sua vez, quase sempre diz a verdade através de seus sinais de dedos de pedra⁵¹⁶. A cidade como um livro de história e a busca do essencial no passado profundo são lições que o historiador francês encontrou no sociólogo pernambucano nos anos 1930.

A obra de Freyre está mergulhada na longa duração. É uma história estrutural, além das conjunturas e dos acontecimentos. Ele elaborou não só uma história social do Brasil mas, com argúcia intelectual e olhar atento para a totalidade da vida das pessoas, tratou da vida material da civilização da cana-de-açúcar: dos bichos, das coisas e das técnicas que convivem nas casas-grandes e senzalas e em sobrados e mucambos do Nordeste⁵¹⁷. Nos anos 30, Freyre refletiu sobre a história cultural da rede e da cadeira de balanço, símbolos da voluptuosa ociosidade que os brasileiros em geral supostamente herdaram dos colonos de Pernambuco. Nos anos 60, Braudel escreveu em sua *Civilização material* passagens famosas sobre a história social de cadeiras e mesas. Tópicos como estes, outrora considerados superficiais ou triviais, foram vistos por ambos historiadores como chaves para as estruturas subjacentes às diferentes culturas⁵¹⁸.

Braudel viu na obra gilbertiana as grandes questões do passado brasileiro colocadas em termos de história social, e reconhece aí o seu grande mérito. Tal como na pesquisa braudeliiana, o desafio maior de G. Freyre é a mediação entre continuidade e mudança, a determinação das condições que tornam possível, ao mesmo tempo, o conhecimento daquilo que permanece e daquilo que muda, os pequenos nada fugazes,

⁵¹⁵*Ibidem*, 15.

⁵¹⁶FREYRE, G., *Artigos de jornal*, Recife, Casa Mozart, 1935, 82.

⁵¹⁷WESTPHALEN, Cecília Maria, *A palavra do Sul - cem anos de Gilberto Freyre*, Curitiba, CD, 2000, 46 e 99-100.

⁵¹⁸BURKE, Peter, "Gilberto Freyre e a nova história", *Tempo social* 2 (1997) 3.

mas também os regimes político-sociais⁵¹⁹. Ao proferir seu manifesto da *nouvelle histoire* no Colégio da França, Braudel afirma que a dificuldade do historiador não é conciliar, no plano dos princípios, a necessidade da história individual e da história social. A dificuldade é ser capaz de sentir uma e outra ao mesmo tempo, apaixonando-se por uma sem desdenhar a outra⁵²⁰. Pois justamente o “milagre decisivo” da obra gilbertiana, segundo Braudel, é a conciliação do tempo frenético dos acontecimentos com o tempo semi-adormecido das realidades sociais. E Braudel conheceu esta obra já nos anos 30, quando o Brasil o transformou.

O artigo dos *Annales* sobre G. Freyre suscitou na França o interesse pela sua obra. *Casa-grande & senzala* foi traduzida em francês por Roger Bastide e publicada em 1952, com prefácio de L. Febvre⁵²¹. O cotidiano social e a vida privada iriam despertar o interesse da historiografia francesa. A divulgação daquela obra na França faz parte de uma circulação de idéias mais ampla.

Freyre estudou na Universidade de Columbia, Nova Iorque, onde teve contato com a *new history* norte-americana. Este movimento pleiteava uma história que tratasse de todos os aspectos da atividade humana e se valesse das descobertas de antropólogos, economistas, psicólogos e sociólogos. O seu manifesto⁵²² foi lançado em 1912, bem antes da fundação dos *Annales*. G. Freyre estudou ciências sociais em um momento em que as disciplinas dessa área estavam mais próximas entre si do que estariam na geração seguinte. Foi nesse ambiente que ele desenvolveu suas idéias de uma história sociológica, psicológica e antropológica⁵²³.

A *new history* teve menos repercussão do que a *nouvelle histoire* e nunca produziu uma obra tão importante quanto o *Mediterrâneo*. Entretanto, ela ofereceu ao

⁵¹⁹WESTPHALEN, C., *ibidem*, 47.

⁵²⁰BRAUDEL, F., *Escritos sobre a história*, o.c., 35.

⁵²¹FREYRE, G., *Maîtres et esclaves: la formation de la société brésilienne*, Paris, Gallimard, 1952.

⁵²²ROBINSON, James H., *The new history*, Nova Iorque, Macmillan, 1912.

jovem Freyre, ao contrário dos franceses estudados por ele na mesma época, um sistema de referências multidisciplinar que lhe permitiu assimilar idéias de diferentes fontes e transformá-las em um todo coerente. Para Peter Burke, Freyre pode ser lembrado como um importante vínculo que une a *new history* e a *nouvelle histoire*. O caminho de Nova Iorque a Paris passou por Recife⁵²⁴. E pode-se dizer também, pelo cativo de Braudel na Segunda Guerra.

Além do artigo sobre Freyre, Braudel trabalhou em outro tema brasileiro: a *História do Brasil*, sua tese secundária em andamento. Por volta de novembro de 1943⁵²⁵, ele redige mais de duzentas páginas de um ensaio sobre o Brasil do século 16. O cativo de Braudel é conhecido como um tempo sofrido e genial em ele escreveu *O Mediterrâneo*, uma obra-prima da historiografia do século 20. Este período bastante penoso e criativo foi também de estudos brasileiros, em que Braudel, seguindo fielmente a orientação de seu mestre, foi ao mesmo tempo mediterraneanista e brasilianista.

⁵²³BURKE, P., *ibidem*, 8.

⁵²⁴*ibidem*, 8-9.

⁵²⁵BRAUDEL, Paule, “Braudel en captivité”, o.c., 20.

CAPÍTULO VII - *A HISTÓRIA DO BRASIL DE BRAUDEL*

No final de sua vida, perguntam a Braudel porque ele nunca escreveu sobre o Brasil, ao contrário de seus colegas de missão francesa. E ele responde: “Eu escrevi um livro sobre a história do Brasil, mas não quis publicá-lo, apesar da insistência de meu amigo Júlio de Mesquita Filho”⁵²⁶. Ficou a curiosidade dos leitores, principalmente do público brasileiro, sobre o conteúdo deste livro. Em junho de 2002, foi possível ter acesso ao texto, que se encontra no arquivo privado de Paule Braudel.

O manuscrito, cuja data estimada é novembro de 1943, foi escrito em folhas de caderno escolar tamanho pequeno, material de que Braudel dispunha na prisão⁵²⁷. São mais de duzentas páginas avulsas formando um grande rascunho. Há frases soltas, parágrafos e trechos mais longos. Algumas frases e parágrafos estão riscados, mas são reaproveitados e refeitos adiante. O modo de Braudel produzir era justamente este: escrever e reescrever várias vezes sucessivamente. Não é possível saber qual seria o produto final deste texto caso ele tivesse prosseguido. Dispõe-se apenas de uma considerável justaposição de fragmentos. Todavia há um objeto principal que perpassa o conjunto: O Brasil do século 16. A obra é uma tentativa de apresentá-lo e de explicá-lo. O presente capítulo, por sua vez, é uma sistematização e apresentação deste manuscrito de Braudel, com atenção às grandes linhas de seu pensamento.

Em vida, ele não concluiu o texto, nem o publicou. No entanto, seu trabalho é fruto da vivência e do encantamento com o Brasil, de algumas viagens e pesquisas, de muita leitura e reflexão. O desejo de situar o passado brasileiro nos quadros de sua

⁵²⁶BRAUDEL, F., entrev. a R. d'Águiar... (1984), o.c., 39 e entrev. a Reali Jr...(1984), o.c.

⁵²⁷Entrevista com Paule Braudel, 18/6/2002, Paris.

historiografia, já torna o manuscrito por si mesmo interessante, além de revelar um lado menos conhecido dele, o Braudel brasilianista.

Para uma exposição coerente e uma melhor compreensão do manuscrito, os diversos assuntos dispersos no texto foram agrupados por tema, formando as seguintes partes: 1) introdução, 2) a imensidão do território brasileiro, 3) a geografia, 4) fragmentos maiores onde certas idéias são desenvolvidas em várias páginas, 5) final. Tudo o que ele diz no sentido de definir o seu objeto e de relatar os passos dados para estudá-lo em profundidade, compõe a parte introdutória.

1) Para compreender a localização da primeira experiência brasileira, segundo Braudel, é preciso recorrer às luzes e ao auxílio das disciplinas vizinhas da história, desde a geografia, que é fundamental, até as riquezas inexploradas do folclore. A documentação enorme, proporcional ao país, deve ser consultada. Aí reside um problema quase insolúvel. Para conhecer inteiramente a Europa, é necessário uma vida inteira e um pouco de sorte. Percorrer o Brasil todo não é fácil, e poucos têm a chance de fazê-lo. Tais conhecedores do país são raros. Braudel mesmo não se inclui entre eles⁵²⁸.

As dificuldades cruciais da história do Brasil nascente podem ser explicadas, prossegue Braudel. As cidades do país, ao contrário das cidades argentinas, não conservaram seus arquivos, salvo exceções brilhantes como São Paulo. Os arquivos da Europa e de Portugal contêm os primeiros documentos sobre o Brasil. As consequências desta grave lacuna são previsíveis. Ao pesquisador europeu que tem os textos e somente os textos, falta a experiência da vida brasileira que pode animá-los e lhes dar sentido. Ao erudito brasileiro, não falta a experiência, mas a prova escrita. Isto força a visita.

⁵²⁸BRAUDEL, F., manuscrito do *Ensaio sobre o Brasil do século 16*, 1943, p.2-3, arquivo privado de Paule Braudel, Paris.

Mas não é esta a dificuldade a ser vencida, a outra face de quem parte de um lado ou de outro do Atlântico⁵²⁹?

Em princípio, Braudel se contentaria em fazer um levantamento do conhecimento adquirido, em resumir a literatura sobre o tema, bastante rica, considera ele. Esta literatura é pouco acessível à erudição, tanto na França quanto fora. O seu trabalho fará uso das obras de grandes historiadores brasileiros como Varnhagen, Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia, Afonso d'Escragnolle Taunay e Yan de Almeida Prado. Ele hesitou sobre o título. Ao invés de um ensaio sobre o Brasil do século 16, um comentário bibliográfico. No entanto, o desejo de organizar documentos e informações dos outros à sua maneira, de ir além de nomes e de títulos, ainda que acompanhados de notas críticas, de ir além dos livros sobre os quais se apóia, o fez mudar de idéia. Ele quer dar sua opinião e assumir suas responsabilidades⁵³⁰.

“Eu não quis apenas resumir o que outros estabeleceram”, afirma Braudel. Ele quer também, na margem de outros livros, dizer o que pensa dos acontecimentos narrados, da maneira como são narrados e interpretados. Não quer julgá-los, mas explicá-los e coordená-los. Quer retomar os problemas colocados, e eventualmente enfocá-los e resolvê-los de modo diferente dos outros autores⁵³¹.

Muitas vezes, adverte ele, o estudo do passado brasileiro pára na metade do caminho, não ultrapassando o estágio da erudição, da pura erudição. Um exemplo disso é um estudo e uma classificação por ordem alfabética dos primeiros colonos do Planalto Paulista, pioneiros do século 16. “Não vos enganeis”: o estudo é excelente e útil, porém, anos de trabalho o separam de uma verdadeira história das terras elevadas paulistas. Não é uma loucura - interroga Braudel - uma vertigem, querer atingir os homens um a um no início da história do Brasil? De saída, eles já escapam. Não há história que não seja de

⁵²⁹*Ibidem*, 61.

⁵³⁰*Ibidem*, 83.

seus grupos. Conhecer os habitantes de São Paulo dos primórdios é um sonho, e não é o objetivo de Braudel. “Não há história digna de interesse a não ser dos grupos sociais”, da sua coletividade urbana, transcendendo a abordagem das histórias individuais. Afinal, conta-se o café por grão ou por saca?⁵³²

Estas obras perigosas, conclui ele, contêm uma lição útil: a coragem de se arriscar no meio de grandes problemas, das realidades compactas que a história brasileira propõe à atenção do pesquisador, ao menos de tentar. Eis porque Braudel as leu e se serviu delas apesar de seus defeitos. O seu manuscrito tem uma dívida para com elas e o autor a reconhece com prazer⁵³³.

Braudel pretende abordar a história brasileira como um estrangeiro capaz de se surpreender, sentindo no plano americano e mundial a sua profunda originalidade. O Brasil, segundo ele, é a única Europa tropical e subtropical de alguma importância que conseguiu nascer nos tempos modernos. Sua “criação”, melhor do que “nascimento”, foi laboriosa e penosa e continua ainda “sob nossos olhos”. Ele se surpreende diante da história desta Europa singular, como diante das paisagens naturais e humanas. “A gente conserva sempre consigo como medida secreta”, confessa ele, “os horizontes do próprio país, os campos que são jardins, os pomares, os múltiplos caminhos, as aldeias enraizadas de séculos, as cidades muito velhas, tudo isso...por toda a França ou na Europa Ocidental”⁵³⁴.

Apesar dos trabalhos já realizados, as terras a decifrar são ainda imensas no que diz respeito às origens brasileiras, avalia Braudel. Seria preciso trabalhar intensamente. A esperança de traçar uma nova linha de partida, apesar das dificuldades e dos riscos, o impulsionou a escrever “e depois a publicar este livro”. Ele certamente não faz um

⁵³¹*Ibidem*, 88-90.

⁵³²*Ibidem*, 87-88.

⁵³³*Ibidem*, 88.

⁵³⁴*Ibidem*, 90.

balanço completo do pesado século 16. Para fazê-lo, seria preciso empreender ainda anos de pesquisa, ir a Portugal, prolongar sua estada no Brasil e aumentá-lo enormemente. As circunstâncias jamais o permitiram. Fora alguns poucos documentos novos inéditos, ele nada acrescenta ao acervo. Sua documentação se baseia em textos e fatos comuns. A substância do livro se deve aos historiadores que o precederam, a quem se deve a publicação tanto de textos clássicos do Brasil quanto de livros de base⁵³⁵.

Enfim, Braudel expõe o plano do livro. Ele é constituído de três narrações justapostas, que se repetem ao invés de se seguirem. A primeira pretende tratar das fontes diversas da história do século 16; a segunda busca, atrás dos fatos conhecidos, as realidades de base sobre as quais se apóia e se desenvolve a experiência brasileira, com a lógica ou com a falta de lógica das circunstâncias; por fim, a terceira e última narração mostra como as etapas cronológicas do primeiro século brasileiro se conectam e se apóiam uma sobre a outra. A última parte, a rigor, poderia incorporar quase toda a matéria do livro de modo remanejado. É nela que desembocam as partes precedentes como em uma conclusão. Não é preciso insistir, admite ele, o plano tem vantagens e desvantagens. Ele permite um exame preciso dos resultados adquiridos e uma boa organização das hipóteses novas. Uma narração dita “lógica” insiste sobre o que se move e se transforma e exclui as discussões e os caminhos bloqueados. O plano adotado tem o perigo de repetições. Ele procura reduzi-las ao mínimo. São, portanto, três partes escritas: folheando os livros, situando o jogo das realidades brasileiras e marcando as etapas⁵³⁶.

Esta divisão em três partes lembra *O Mediterrâneo*. A diferença é que, em lugar do tempo geográfico, o inventário bibliográfico. As realidades quase imóveis da relação com o meio figuram na segunda parte, junto com as realidades sociais. A última parte

⁵³⁵*Ibidem*, 82.

⁵³⁶*Ibidem*, 62.

trata dos fatos, sua cronologia e suas conexões. Novamente Braudel faz um exercício intelectual de fatiar, por assim dizer, o tempo histórico para compreendê-lo mais profundamente. Ele busca tanto as mudanças rápidas quanto as permanências do passado profundo. É o historiador do *Mediterrâneo*, antes de sua publicação, exercitando a mesma metodologia original no Brasil do século 16.

A geografia do território brasileiro é resumida por ele da seguinte maneira: O Brasil “tabular”, esquemático, é cortado em dois por um desnível abrupto de quase mil metros. De um lado, uma plataforma litorânea mal separada das águas; do outro, um enorme planalto que desce gradualmente em direção aos Andes. O grande problema é passar de um ao outro, “da calçada à plataforma”⁵³⁷. O marco cronológico que Braudel pretende fixar não corresponde exatamente ao início e ao fim daquele século, mas a eventos que configurem o início e o fim de uma etapa histórica. Daí surge um outro problema: o norte e o sul do Brasil são diferentes também neste ponto. Suas duas histórias não são sincronizadas. É preciso estar atento ao ritmo destes dois extremos. 1624 é uma data decisiva para o Norte e não para o Sul. Para o Sul, o “verdadeiro corte”, a mudança maior é marcada pelos anos 1638-1640. Há um tempo holandês e um tempo espanhol⁵³⁸.

Ao tentar esquematizar os diferentes Brasis com suas características, Braudel se depara com dificuldades: “sim ao pau-brasil, sim ao açúcar, mas são bases estreitas”. Há também as ilhas, e o Recôncavo Baiano é grande como a Ilha da Madeira. Na estreiteza da faixa litorânea, é a vida que fica contida neste limite, mesmo no Norte. Se o Norte e o Sul se opõem, não é tanto por suas dimensões horizontais, e sim por causa de seus

⁵³⁷*Ibidem*, 183.

⁵³⁸*Ibidem*, 201.

limites continentais respectivos: a serra e a caatinga. Para falar da caatinga, é preciso ser da região, tê-la visto de perto. Há um drama da água ao norte do Rio São Francisco⁵³⁹.

A expansão colonial dos povos europeus criou do outro lado do Oceano e dos mares uma série de Europas, afirma Braudel. O Brasil tem seu lugar à parte entre as novas Europas: é a única Europa tropical autêntica. As Antilhas, o Havaí, as Ilhas Reunião e Maurício, as Guianas não podem ser comparados a ele. Mesmo a Índia, a Indochina⁵⁴⁰ e a África tropical recortada em colônias, só são européias na aparência. A Índia, por sua vez, é única. Mesmo sem completar a lista, é importante aproximar o Brasil, país tropical e subtropical, dos outros da mesma natureza. Foi o que fez Gilberto Freyre. Se “o enxerto europeu”⁵⁴¹ se desenvolveu tanto aí, não se pode duvidar que seja em grande parte por causa de sua qualidade particular, o português⁵⁴². As civilizações indígenas se esvaem. São um suporte fugidio. O português não criou sobre o índio, mas no lugar do índio, instalando-se às suas custas⁵⁴³.

Nos capítulos a serem escritos, Braudel não pretende descrever com detalhes o território brasileiro, nem escrever a história do Atlântico do século 16, porém tanto em um caso como no outro, conectar a história brasileira aos fatores e às forças que os comandaram e, de certa forma, determinaram. Não se trata de resumir o trabalho de etnógrafos e antropólogos, de reconstruir a fisionomia diversificada das tribos indígenas no tempo de Pizon ou de Cabral. Trata-se de mostrar o vínculo que vai da história indígena à aventura européia, “ou melhor, brasileira”⁵⁴⁴.

Habitado à história européia do século 16, Braudel se confessa propenso a procurar os vínculos da história do Brasil que se prolongam além do Brasil mesmo e da

⁵³⁹*Ibidem*, 210.

⁵⁴⁰Atual Vietnã.

⁵⁴¹*La greffe européenne*.

⁵⁴²BRAUDEL, F., manuscrito do *Ensaio...*, o.c., 49.

⁵⁴³*Ibidem*, 201.

⁵⁴⁴*Ibidem*, 36.

América do Sul, e que muitas vezes o explicam. Por mais vasta e espessa que seja, a história de um país jamais lhe parece cindida ou separada do resto do mundo. No século 16 como no presente, a história do mundo cerca, marca e estreita os destinos brasileiros. Aqui como lá, é preciso conectar o particular ao geral para compreendê-lo bem. O passado brasileiro transborda os limites de sua própria geografia. “Quem pode de fato duvidar”? - desafia ele. Procurar os fios que ligam o primeiro passado brasileiro à história de Portugal, aos destinos da França, à aventura dos europeus do Norte através do Atlântico, não significa ignorar sua poderosa originalidade, seja no plano mundial, seja no plano americano. O Brasil é uma “Europa”, porém singular, a única que se desenvolveu. Há outros sucessos nas zonas equatoriais, tropicais e subtropicais, mas sem envergadura. O Brasil se desenvolveu às custas de esforços repetidos e somados que continuam ainda hoje “sob nossos olhos”, pois o país ainda não atingiu seu crescimento, nem ultrapassou sua primeira juventude⁵⁴⁵.

O plano de Braudel de escrever uma história brasileira se depara com o limite da própria pesquisa científica: o passado e o território brasileiros não são conhecidos com suficiente profundidade para que se possa traçar relações seguras de um ao outro⁵⁴⁶. Mesmo assim, ele não desiste. Propõe-se mostrar o papel do espaço antes de estabelecer sua grandeza. Com isto, acredita, pode-se raciocinar melhor⁵⁴⁷.

A imensidão brasileira também perpassa o *Ensaio* de Braudel. Evocando sua própria experiência, ele diz não ser possível escapar desta impressão de imensidão esmagadora que deixa uma viagem pelo Brasil. Atualmente, o país é formado pela soma de duas regiões enormes, dois mundos: a Amazônia, com suas florestas, águas e aluviões; e o Planalto Brasileiro, pedaço de África de rochas antigas e duras às quais

⁵⁴⁵*Ibidem*, 58-59.

⁵⁴⁶*Ibidem*, 168.

⁵⁴⁷*Ibidem*, 11.

este fragmento sul-americano outrora se ligava⁵⁴⁸. A quem viaja de avião, por muitas horas o Planalto oferece em “blocos alucinantes” sua paisagem grandiosa e monótona. São fazendas reduzidas a manchas minúsculas verdes e brancas com as casas vizinhas dos colonos enfileiradas, esparsos cafezais em série como pontos sobre a terra avermelhada, horizonte enorme rodeado pela bruma quente e rios intermináveis mal incrustados no solo. Esquecer o espaço no Brasil, é condenar-se a nada compreender, nem do presente, nem do passado⁵⁴⁹.

O Brasil do século 16 sem dúvida não é o do século 20, incluindo a Amazônia e o Planalto Brasileiro, explica Braudel. O chamado Brasil histórico incluía majoritariamente aquelas terras elevadas. As bandeiras antes de 1624 se limitaram a elas. Este espaço histórico não foi ocupado imediatamente. Por muito tempo, a presença européia se reduziu a alguns pontos do litoral, a certas ilhas ou penínsulas. O Recôncavo Baiano, com suas terras xistosas, arenosas e férteis é mais vasto do que a Ilha da Madeira. Rapidamente, em uma data difícil de precisar, mas que certamente corresponde às primeiras viagens marítimas, o Planalto Meridional é alcançado, a clareira paulista onde se cruzam as grandes rotas da aventura indígena⁵⁵⁰.

A mobilidade humana que existe no país é uma característica dos países novos, consequência da imensidão brasileira, do espaço suberabundante e do vazio humano. O Brasil, assevera Braudel, sem dúvida “emagreceu como o resto do mundo” com o aumento da velocidade dos transportes, porém ele continua fabulosamente grande, representando a metade da América do Sul e um quinze-ávos das terras emersas. Ao falar do mundo russo, Leroy-Beaulieu usava a expressão “um importante pedaço do planeta”. É preciso retomar esta fórmula para a vastidão incomensurável do mundo brasileiro, propõe Braudel. Algumas vezes, comparam-se partes do Planalto Brasileiro

⁵⁴⁸*Ibidem*, 31.

⁵⁴⁹*Ibidem*, 48.

às regiões francesa do Maciço Central e das Vosges. Estas comparações são um tanto perigosas pois não levam em conta a escala de grandeza⁵⁵¹.

Na Europa, a paisagem foi transformada pelo trabalho milenar dos homens; na América, por sua vez, a marca humana é muito menos forte, sobretudo no Brasil. Fora das grandes rotas e das zonas economicamente ricas, pode-se encontrar com frequência a natureza bruta tal qual certamente existia no tempo da chegada dos portugueses ou mesmo antes, afirma Braudel. É necessário precisar quais foram as bases geográficas do século 16 brasileiro, uma tarefa que teoricamente parece difícil. A pesquisa geográfica trata das condições do país no presente. Ela é recente e não dispõe sempre de instrumentos de base que permitam conclusões prováveis. O mundo brasileiro mudou muito desde aquele século, com exceção das “zonas novas”, de natureza bruta. Da imagem presente que se conhece de modo imperfeito, como deduzir a imagem passada diferente e incerta? Talvez, arrisca ele, vendo as coisas mais de perto e de modo concreto, o problema se torne mais fácil de resolver do que parecia antes⁵⁵².

Os núcleos urbanos brasileiros são separados por enormes distâncias. Eles se apoiavam ao mesmo tempo sobre o Atlântico Sul e sobre o interior, sendo pontos de ligação entre a rota oceânica e a rota continental, que animava a vida das minúsculas veredas urbanas e rurais. Rapidamente estes núcleos urbanos vão se lançar sobre o interior como enxame, com rapidez surpreendente, diz Braudel, fazendo uma prospecção e um inventário das profundezas do Continente. Desde o principio da conquista, os europeus transpõem a Serra do Mar e atingem a clareira paulista, onde se cruzam as rotas da aventura indígena. A vida brasileira se dilui na imensidão do país, tendo que vencer distâncias enormes e superar obstáculos. A massa indígena, que não

⁵⁵⁰*Ibidem*, 177.

⁵⁵¹*Ibidem*, 173.

⁵⁵²*Ibidem*, 42.

deve ser excluída da história do Brasil, é de certo modo protegida por este mesmo espaço de um declínio que teria sido dez vezes mais rápido⁵⁵³.

Este espaço que frequentemente limita e bloqueia o impulso europeu deve ser avaliado na escala do século 16, considera Braudel, onde as distâncias devem ser sentidas dez, vinte ou cem vezes mais do que no presente. Esta circulação primitiva, ora lenta, ora impossível, é uma questão capital. Entre Rio e São Paulo, por exemplo, o corredor do Vale do Paraíba atrás da Serra do Mar oferece uma ligação ideal, utilizada pela estrada de ferro da Central do Brasil. Mas foi preciso esperar até o fim do século 19 para torná-la possível e útil. A ligação se fazia antes por Santos ou Taubaté, descendo a Serra e seguindo pelo mar até a Baía de Sepetiba. E, neste meio tempo, os corsários pilhavam os navios que às vezes transportavam o ouro de Minas Gerais. Desde o século 17, sonhava-se com esta ligação continental que suprimiria o terrível risco do trajeto marítimo. No entanto, é ainda pelo caminho misto por Taubaté que circula o correio entre Rio e São Paulo estabelecido em 1773⁵⁵⁴.

Qual é o peso do espaço na realidade brasileira? Interroga-se Braudel. Ele é uma riqueza e ao mesmo tempo um transtorno. É uma riqueza pois as terras empobrecidas pela exploração destrutiva são abandonadas. Despreza-se a economia, o adubo, a fabricação do sal, a “avareza européia, chinesa ou hindu” para que a família, a casa e o capital se mudem para terras novas de zonas pioneiras. O percurso das cidades é feito pelo desperdício sucessivo do espaço. E quanto à floresta, vale o mesmo tratamento pois ela é ilimitada. Se os ciclos de vida são tão breves, se o homem da terra, o camponês propriamente (*paysan*), ainda não surgiu, é por causa do espaço superabundante que seduz, agarra e arranca os homens⁵⁵⁵.

⁵⁵³*Ibidem*, 24-25.

⁵⁵⁴*Ibidem*, 25-26.

⁵⁵⁵*Ibidem*, 28.

A carência do homem da terra é de fato geral, segundo Braudel. Seja nas planícies descobertas, nas florestas ou montanhas, em lugar nenhum se encontra o *paysan*, o homem adaptado ao meio físico. Na floresta, o homem aparece como um verdadeiro caçador de árvores preciosas, um transeunte; na montanha, ele conduz, é um tropeiro transportando cargas de sal em mulas e burricos, sem as quais o gado se depauperaria. As florestas permanecem sempre surpreendentemente selvagens. Exploradas de modo predatório, em seguida são rejeitadas e deixadas por sua conta sem selecionar as espécies, como ocorre ao longo do litoral. “Ao lado de nossas florestas domesticadas”, elas evocam a desordem, a negligência e a despreocupação dos homens. Este espetáculo demonstra por contraste “tudo o que nossas florestas devem aos homens”, o quanto são estimadas e cultivadas⁵⁵⁶.

Pode-se notar aqui que Braudel está se dirigindo ao público francês, tomando como medida a sua própria terra e a sua própria natureza. No espelho do Brasil, ele vê o seu país de outro modo.

Há uma novidade neste quadro. As florestas de eucalipto plantadas desde o século 19 evocam um ordem florestal para a qual o Brasil pode se encaminhar no futuro, especula Braudel. As florestas brasileiras são tão pouco penetradas pelo homem que existem muitos elementos sem nome na língua vulgar. É uma floresta anônima em parte e, de certo modo, à margem dos homens. Se for comparada com a Índia, nada se assemelha às florestas das vertentes do Himalaia semeadas de pequenos sítios⁵⁵⁷.

Um dos dramas da terra brasileira é o esgotamento rápido das riquezas naturais. Um quarto de século com frequência é suficiente para acabar com a fertilidade de terras muito boas, avalia Braudel. O solo arável é ameaçado pelas chuvas diluvianas do verão austral. A menor chuva faz enxurradas momentâneas cuja erosão é fortemente

⁵⁵⁶*Ibidem*, 21.

⁵⁵⁷*Idem*.

penetrante. As vias estão à mercê de uma chuva mais forte que pode corroê-las e interrompê-las. O desgaste causado pelo Sol, no planalto como em outros lugares, forma extensas áreas de solo erodido. Por milhares de quilômetros se estende o seu manto avermelhado, infértil. Pela secura, as terras expostas viram poeira, um verdadeiro açúcar em pó que a primeira chuvarada engrossa com força devastadora. Os lamaçais na época das chuvas atolam as carroças e o gado. Os automóveis só escapam com a ajuda de correntes. As terras erodidas e expostas são a miséria atual do solo sem cobertura vegetal suficiente. O resultado final é uma espécie de necrose. O homem contribuiu muito para isso. Nas terras altas, ele foi o agente destruidor da floresta⁵⁵⁸.

O homem destrói a floresta também no presente, “sob nossos olhos”, testemunha Braudel. Ele destrói as zonas pioneiras de modo devastador em vários lugares sem que haja protestos. De maneira dissimulada, retiram as árvores mais nobres, reduzindo a vegetação a uma floresta inferior que só tem aspecto de floresta para turistas não avisados. De qualquer maneira, o mundo vegetal tem aí um equilíbrio instável, como na África ocidental. A floresta se recompõe por si mesma. Ela tem tanta relação com o solo quanto um chapéu de frade capucinho com o hábito. Isto vale para a floresta tropical da África, mas tem algo a ver com o Planalto Brasileiro.⁵⁵⁹

No Brasil do século 20 a floresta foi suprimida em enormes espaços, prossegue ele, e conservada em faixas estreitas ao longo dos rios, em galerias de florestas, nos picos do interior expostos aos ventos chuvosos e em regiões indígenas. De qualquer modo, ela é frequentemente degradada. Não se deve esquecer que é contra a floresta que cresceu, bem ou mal, difícil ou facilmente, o Brasil moderno. As diversos mapas que marcam as etapas de penetração no Oeste são discutíveis, mas eles mostram bem o avanço da ocupação rural e o recuo da árvore. O Brasil do século 20 ajuda a encontrar a

⁵⁵⁸*Ibidem*, 53-54.

⁵⁵⁹*Ibidem*, 54-55.

sua realidade do século 16, a enorme massa florestal que os homens destruíram. Pode-se perguntar aos economistas se a riqueza criada compensou o que foi destruído⁵⁶⁰.

3) Além da imensidão brasileira, Braudel trata de outros aspectos da geografia e da importância da própria geografia enquanto disciplina. O que importa aos historiadores desejosos de conhecer o passado, diz ele, não é descrever como um geógrafo, e sim localizar os fatos históricos, delimitar sua área e procurar em seus limites uma explicação, caso houver alguma relacionada com o solo, as formações vegetais, os fenômenos do clima ou o jogo das vias de comunicação. A história não tem estatura se a geografia, seu olho direito e luz natural, não andar na frente⁵⁶¹.

Não existe atualmente, assevera Braudel, uma história que não comece por dedicar algumas linhas ao meio, à cena geográfica. Muitas vezes, entre estas linhas e a história a ligação é mal feita, mas a introdução geográfica nunca falta. Na literatura histórica do Brasil, por sua vez, ela está ausente. Sistemáticamente, omite-se um personagem da multidão dos figurantes: o próprio país. E mesmo quem trata dos personagens semilegendários das façanhas nacionais esquece o peso enorme e esmagador dos fatores geográficos. Sem dúvida, em qualquer lugar é difícil interpretar os dados geográficos, de avaliar sua incidência exata. A cena não mudou geograficamente e não continua mudando? O país não pesou através de seus elementos, um após o outro? O problema se complica aqui pelo fato de que ele é mal conhecido⁵⁶².

Sem precisar recorrer aos cálculos térmicos oferecidos pela meteorologia atual, pode-se dizer que o Norte brasileiro do século 16 vai se revelar como uma grande zona de cana-de-açúcar, e o Sul era menos favorecido neste ponto, conclui Braudel. O primeiro Brasil aparece como um ambiente um tanto homogêneo no que se refere às florestas, às chuvas e mesmo à temperatura. O negro de Angola aí encontrou um habitat

⁵⁶⁰*Ibidem*, 55-56.

⁵⁶¹*Ibidem*, 12-13

comparável ao da África e criou raízes. Há um forte contraste entre o Sul e o Norte, não resta dúvida, mas por razões que não as do clima. O padre Simão de Vasconcelos, membro e historiador da Companhia de Jesus em terra brasileira, percebe bem a mudança do mundo atlântico a partir de Vitória. Ao contrário dos geógrafos modernos, ele estava atento ao relevo, não às rochas. A partir do paralelo de Vitória, o que muda de modo geral é o relevo do interior. Ao Sul, o Planalto Brasileiro termina com uma alta e brusca muralha sobre o Oceano. Caminhando alguns quilômetros para o interior, o relevo de repente sobe mil metros. Esta muralha acompanha a costa continuamente em sua linha azulada com nuvens esbranquiçadas de Vitória até Tubarão e Porto Alegre. É uma verdadeira linha de fortificação⁵⁶³.

O espaço brasileiro, que tem uma importância notável no presente, precisaria ser de certa maneira dilatado em suas dimensões para se compreender o seu significado na aurora da história brasileira, afirma Braudel. Isto porque percorrer as distâncias exigia um tempo várias vezes maior, além de serem maiores as dificuldades. Não há um coeficiente exato como termo de comparação, um índice multiplicador para as distâncias como para os preços. Só poderia haver se ele se referisse ao mesmo percurso e às mesmas condições⁵⁶⁴.

Para se ter noção dos transportes e das distâncias, Braudel propõe: “Imaginem um museu de veículos do século 16 brasileiro”. É algo que não existe de fato, mas ajuda a pensar. Eis a piroga indígena cavada no troco de árvore, a canoa feita de crosta, a liteira levada à mão, os cavalos vindo do Cabo Verde ou dos Açores, animais bastante magros mas infatigáveis. Pode-se ver pelo litoral os esquifes oscilando e as naves portuguesas com suas velas quadrangulares infladas. De São Paulo a São Vicente, transportadores de caixas de marmelada pelos caminhos infernais da Serra, que depois

⁵⁶²*Ibidem*, 99-101.

⁵⁶³*Ibidem*, 180.

voltarão ao Planalto com peixes do oceano. Passos dos homens, incursões a cavalo, escorregões nas pirogas, viagens de navios corsários, do rei de Portugal ou de Dieppe⁵⁶⁵, a velocidade varia de um tipo de locomoção para outro. As velocidades não só aumentaram com o tempo, mas se tornaram muito mais regulares. Antes, descia-se o rio com uma velocidade e se subia com outra. De acordo com a época do ano, a água seria mais ou menos volumosa e a corrente mais ou menos rápida. Nas terras endurecidas pelo Sol ou enlameadas pela chuva, há uma velocidade do verão e outra do inverno⁵⁶⁶.

Mesmo em um oceano tranquilo como o Atlântico Sul da Guiné ao Brasil, prossegue Braudel, é preciso três meses para se ir de Lisboa à Bahia. Cabral, por sua vez, na primavera de 1500, gastou menos de um mês e meio na rota clássica que corta os Arquipélagos das Canárias e de Cabo Verde. No entanto para retornar à Europa, leva-se cerca de cinco ou seis meses pela rota menos habitual dos Açores. Nada é certo. Jean de Léry ficou 5 semanas parado na altura do Equador. Pode-se pensar em outros exemplos como a velocidade de circulação das tropas no Sertão, o trabalho infernal que vai resultar no surgimento tardio do carro de boi no século 17 e sobretudo nas minas. Goiás, no coração geométrico do Brasil, vê chegar no século 18 uma multidão de empreendedores e de escravos negros vindos para explorar minas de metais preciosos e de ferro. Este ferro vai em comboio de Goiás ao Rio e não leva menos que cinco meses para alcançar a costa atlântica. Nestas condições, conclui ele, é inútil tentar procurar um coeficiente⁵⁶⁷.

Além das distâncias, Braudel faz alusão à vizinhança brasileira, a lateralidade. O único exemplo citado, entretanto, é a Argentina. Depois da primeira descoberta, a terra argentina não foi abordada pelo Atlântico, mas pelo Continente. Daí se deve o seu

⁵⁶⁴*Ibidem*, 28-29.

⁵⁶⁵Cidade do litoral francês, situada na Normandia.

⁵⁶⁶BRAUDEL, F., manuscrito do *Ensaio...*, o.c., 29.

⁵⁶⁷*Ibidem*, 29-30.

povoamento, a sua instalação urbana. Jamais se destacou a importância deste fato para o destino do Brasil. E, no entanto, a sua incidência é enorme. O nascimento continental da Argentina possibilitou o livre desenvolvimento do Brasil⁵⁶⁸.

Esta idéia de Braudel, tratada *en passant*, não é suficientemente clara. Caberia explicar porque o suposto desenvolvimento continental da Argentina teria possibilitado o livre desenvolvimento do Brasil. Além do que, a Argentina também tinha porto e, no final do século 16, um importante comércio atlântico.

4) Os fragmentos maiores do manuscrito, onde algumas idéias são desenvolvidas em várias páginas, permitem supor que se o livro fosse concluído e publicado, é bem provável eles constariam, ainda que com modificações. Um deles é o prefácio. Outros tratam da imensidão brasileira, da semi-imobilidade (história lenta), de comparações entre a colonização portuguesa e a espanhola, da língua tupi, das zonas pioneiras, dos contrastes Norte-Sul e do Atlântico.

No prefácio do *Ensaio sobre o Brasil do século 16*, Braudel começa pelo marco cronológico, os anos 1500 a 1600. Os “nevoeiros do princípio” não são um bom ponto de partida. A história erudita talvez tenha dado importância demais aos detalhes das viagens dos Descobrimentos, estas incursões rápidas das caravelas, às vezes aparentes, ao longo das costas nebulosas do Brasil. Estes anos, sem dúvida importantes, foram inflados. O verdadeiro nascimento do Brasil português data de 1532, com a expedição de Martim Afonso de Souza. O ano de 1600 vale menos ainda como ponto de chegada⁵⁶⁹.

Para se encontrar um marco relevante, pondera Braudel, é preciso ir além do século 16 até os anos 1614-1624, que vão do fim das tentativas francesas em São Luís do Maranhão e o começo do será, na verdade, a Segunda Guerra Holandesa. Esta guerra

⁵⁶⁸*Ibidem*, 186.

⁵⁶⁹*Ibidem*, 74

foi tão grande e profunda que abalou a história do Nordeste brasileiro. Ela não pode ser comparada ao que ele arrisca chamar a “Primeira Guerra”: uma séria de golpes e atentados ao longo das margens atlânticas entre 1590 e 1609, um pontilhado de pequenos acontecimentos que no conjunto continua sem nome. Este século continua um imenso domínio engrandecido e deslocado. Várias zonas continuam ainda obscuras. A pesquisa nos arquivos da Europa e do Brasil, por mais empenhada que tenha sido, continua incompleta. Ignora-se muitas coisas, além do legado pré-colombiano sobre o qual se constrói, mais do que se imagina, o novo país. Também não se conhece suficientemente a cena geográfica sobre a qual esta história se apóia, para que se possa elaborar uma síntese com chance de ser duradoura sobre as origens do Brasil moderno. “Pode-se estudar uma floresta sem se conhecer bem o solo”⁵⁷⁰?

Pode-se pensar que ele não quis ou que não podia dizer tudo destas origens complexas e frequentemente confusas e difíceis de compreender, de um desenho que lhe parece mais retocado e caótico do que aos historiadores brasileiros, confessa Braudel. Um empreendimento deste tipo exigiria um aprofundamento muito maior do que o deste livro, pesquisas muito longas e pacientes, uma vida inteira de trabalho como a de Capistrano de Abreu, por exemplo. Foi tentador dar ao público francês um livro exaustivo sobre o primeiro século da história européia do Brasil. Mesmo com erros e lacunas, tal livro poderia dar o essencial de uma literatura muito rica, frequentemente vigorosa, ainda que apressada, fora das regras do *métier* de historiador. Ela é quase totalmente inacessível fora das bibliotecas brasileiras. As circunstâncias não permitiram a Braudel assumir uma tarefa tão vasta⁵⁷¹.

Esta literatura rica e vigorosa, fora das cânones da historiografia tradicional à qual ele se refere certamente inclui Gilberto Freyre. O modelo de livro exaustivo sobre

⁵⁷⁰*Idem.*

⁵⁷¹*Ibidem*, 75.

o século 16 que Braudel tinha em mente, ainda que com erros e lacunas, era o próprio *Mediterrâneo*. Naquele momento, sua elaboração já tinha vinte anos de trabalho.

“Deste livro que eu não pude escrever, encontrar-se-á aqui um esboço”, afirma Braudel. Ele se contenta em indicar as grandes obras, os livros clássicos, assinalando-lhes o essencial, o justo e o criticável em suas discussões. A originalidade desta história singular é esta: a verdadeira história da única Europa tropical e subtropical de certa envergadura que pôde nascer nos tempos modernos. Ele evita simplificar uma história que lhe parece em geral mais complexa que aos historiadores e ensaístas brasileiros, de um desenho refeito e retocado, apagado e encoberto de esboços e arrependimentos. François Simiand chamava os acontecimentos de poeira dos fatos. Talvez agrade à erudição recolher estes grãos de poeira. Os historiadores quase sempre têm procurado linhas simples, uma espécie de equação que basta resolver, ou uma máquina que basta fazer funcionar para explicar⁵⁷².

Há uma grande tentação, adverte Braudel, de limitar o passado e toda existência brasileira à fermentação do mundo rural, à simbiose entre a casa grande do senhor de engenho e o cortejo de senzalas cobertas de sapé, ou ao duelo produtor e comerciante, ou ao encontro, mistura e separação de três humanidades: das cidades, das aldeias indígenas e dos acampamentos negros. Ou se pode também esquartejar todo este tempo perdido. De qualquer maneira, não se pode restringir o passado brasileiro aos livros de Pierre Denis, de Paul Gaffarel⁵⁷³ ou às conferências de Oliveira Lima feitas na Sorbonne⁵⁷⁴.

Braudel diz que poderia estender em um sentido único a matéria um tanto plástica do passado brasileiro, vinculando-a aos destinos do Atlântico Sul, explicando

⁵⁷²*Idem*.

⁵⁷³Paul Gaffarel (1843-1920) é autor de *Histoire du Brésil français au seizième siècle*, Paris, Maisonneuve et Librairies, 1878.

⁵⁷⁴BRAUDEL, F., manuscrito do *Ensaio...*, o.c., 75-76.

tudo por aí. Talvez os seus amigos gostassem. Há uma justa medida, acredita ele, entre a erudição pela erudição, obstinada a contar os indivíduos e atolada na história familiar, e a síntese um pouco apressada que faz tudo depender de um ponto de vista ou de uma idéia. O seu ensaio quer se situar no signo da prudência. Na Espanha como no Brasil existem historiadores, verdadeiros ensaístas, mesmo quando se denominam sociólogos ou antropólogos, que buscam o essencial do passado. Eles são úteis ao estrangeiro que sai de casa e de sua história nacional. Eles indicam as mudanças do clima, da atmosfera e lhe revelam o odor particular das coisas, do presente e do passado. “Eu considero genial certas páginas de Euclides da Cunha”, confessa Braudel, “elas sentem de verdade a terra, as plantas e o sol dos Sertões”. As obras de Gilberto Freyre fazem o leitor ter a impressão de viver na Bahia ou em Pernambuco, em um engenho de açúcar e sua casa grande onde se conta a vida melhor do que um historiador, como um poeta ou um romancista. Para quem não é espanhol, antes de falar da história da Península, é preciso ler os principais livros de Miguel de Unamuno, Angel Ganivet⁵⁷⁵ e Ortega y Gasset - “A Espanha é um botão de rosas”. Depois fechá-los, e lançar-se no trabalho. Do passado, eles dão o odor, o perfume e a essência. O mesmo vale para o Brasil⁵⁷⁶.

O que dizer deste primeiro Brasil como zona pioneira? Em um espaço superabundante, a busca do ouro e a caça ao índio criam uma atmosfera febril, afirma Braudel. De modo rude, busca-se a riqueza, o lucro, o luxo. Uma impressionante mistura étnica acontece. Quase toda a Europa tem aí seus representantes. Será preciso esperar o regime espanhol de 1580, segundo a opinião corrente, para que a imigração - se o termo estiver correto - seja um pouco controlada. Até então, era um regime de entrada franca. Bastava ser católico para desembarcar no Brasil. Por isso, em Recife e na Bahia, os não-portugueses adquirem importância: espanhóis, flamengos, italianos

⁵⁷⁵Angel Ganivet (1865-1898), escritor, teatrólogo e diplomata espanhol, é autor de *Ideário espanhol* (1897).

(muito numerosos e com frequência ricos), franceses e ingleses. Não é correto ver aí uma liberalidade excessiva ou negligência das autoridades portuguesas. Trata-se do regime capitalista que marca a primeira economia produtiva do Brasil, a do açúcar. O rigor que se atribui ao regime hispânico pós-1580 é exato? Se a diversidade imigratória termina, até onde se pode saber, não será na verdade pela ruptura das rotas atlânticas⁵⁷⁷?

No momento interessa a mistura étnica dos primórdios da colônia, prossegue Braudel. Ela pode ser encontrada com todas as outras características atuais do Brasil na região do Nordeste, em Pernambuco e na Bahia. É lá em Olinda, no Recife e no Recôncavo que surge um espaço de economia capitalista com os reis do açúcar, o luxo dos senhores de engenho, os florentinos e os Cavalcantis. Estas cidades do Norte, em seu nascimento, são bons exemplos do *melting pot*⁵⁷⁸ americano, que agrega à população indígena os elementos negros e os elementos europeus mais diversos⁵⁷⁹.

Sobre estes, há um testemunho de rara precisão: os documentos inquisitoriais, assevera Braudel. A inquisição naturalmente vai fazer suas investigações neste dois entroncamentos do Norte, aí pelo fim do século 16. Tais investigações iluminam com clareza as profundidades do meio colonial nortista. Denúncias e confissões ao Santo Ofício revelam o rebuliço dos marranos⁵⁸⁰, a presença de ingleses, flamengos, franceses, italianos e alemães; e nos permitem decifrar a primazia da língua portuguesa e da mulher portuguesa, com sangue mais ou menos tingido de vermelho ou de negro. É ela, no fim das contas, que conquista para a massa portuguesa estes estrangeiros ricos, assimilando-os e vinculando-os. Há um clarão que vem desses documentos. Eles abrem uma janela curiosa, nem sempre de fachada, sobre as profundidades da vida baiana e recifense. Fora estes clarões localizados, não é possível reconhecer os indícios mais

⁵⁷⁶BRAUDEL, F., manuscrito do *Ensaio...*, o.c., 77.

⁵⁷⁷*Ibidem*, 143-144.

⁵⁷⁸Expressão inglesa que significa caldeirão em que os elementos derretem e se misturam.

⁵⁷⁹BRAUDEL, F., manuscrito do *Ensaio...*, o.c., 144.

evidentes da vida brasileira, da vida pioneira, e ligá-los por analogia a certos aspectos do Norte do Paraná ou do Mato Grosso⁵⁸¹? Sem buscar uma correspondência exata, pode-se ainda constatar que o Brasil do século 20 cresce como cresceu no passado: a aventura européia tem sempre diante de si os mesmos obstáculos e quase os mesmos elementos⁵⁸².

O contraste entre o Nordeste e o Sudeste é comentado por Braudel utilizando uma longa citação dos *Sertões* de Euclides da Cunha. Para Euclides, há distinções e contrastes que se manifestaram na crise colonial do século 17, sobretudo durante a dominação holandesa. Esta dominação centralizada em Pernambuco repercutiu no Nordeste da Bahia ao Maranhão e reuniu as três raças que formam a nação para combaterem o inimigo comum. Enquanto isso, os sulistas permaneciam alheios a este drama e se revoltavam, sim, contra os decretos da metrópole, em um divórcio total com os combatentes do Nordeste. O Sudeste seria um inimigo tão perigoso quanto o batavo, um povo separado de mestiços com tendências próprias bem diferentes, orientado para outros destinos, buscando seu caminho e rejeitando as bulas e alvarás que lhe molestavam⁵⁸³.

Braudel discorda de Euclides em alguns pontos. Alguns paulistas também atuaram na guerra holandesa. Os sertanejos, “paulistas do Norte”, também têm algum sangue mestiço⁵⁸⁴. É preciso aceitar o contraste Nordeste-Sudeste, entre os pólos Bahia-Pernambuco e São Paulo, mas convém acrescentar à análise de Euclides algumas observações que conjugam o histórico e o acidental com geográfico e permanente. Se o Sudeste se desenvolve sozinho, sem muita rapidez e brilho, é porque ele se enxerta muito mais do que a experiência nordestina sobre as sociedades indígenas bastante

⁵⁸⁰Judeus convertidos ao cristianismo que mantinham algumas práticas de sua religião de origem.

⁵⁸¹Quando Braudel escrevia, nos anos 40, estas zonas eram pioneiras.

⁵⁸²BRAUDEL, F., manuscrito do *Ensaio...*, o.c., 144-145.

⁵⁸³*Ibidem*, 154-155.

densas e coerentes. Estas sociedades indígenas já tinham tomado posse das terras altas, estabelecido suas trilhas e conquistado um patrimônio que fora, na costa baiana, por exemplo, não se encontra equivalente⁵⁸⁵.

O Nordeste é dirigido por famílias ricas e nobres, prossegue Braudel. Lá, a concessão de terras pelo regime de sesmarias foi muito mais difundida do que no Sudeste. O sertão da Bahia chega a ser possuído por duas famílias. A imigração sulista é recrutada no meio português menos brilhante e pobre de recursos. O Nordeste adquiriu um perfume que jamais se evaporou. Este contraste sensível tem outras razões que os acidentes apontados por Euclides, que a barreira da caatinga que isola a Bahia e suas igrejas do interior. O Nordeste é uma região que não pode viver por si mesma. O Sudeste, por sua vez, se permite falar de autarquia. O Nordeste fará fortuna com o açúcar, mas o açúcar precisa ser vendido, o que cria uma dependência em relação aos mercadores e aos revendedores de Lisboa. O Nordeste precisa ser pago, por isso também precisa comprar⁵⁸⁶.

O Atlântico era um de seus temas favoritos de Braudel naquela época. Ele recorda os três anos vividos na universidade brasileira, em São Paulo. As muitas conversas com seus estudantes e amigos são a melhor recordação de sua estada na América do Sul. Por diversas vezes, ele abordou este passado tão original e diferente do seu país. Muitas vezes, ele quis reivindicar o justo lugar na história que é devido ao Atlântico, “este Mediterrâneo europeu da era moderna”. Em resposta, os estudantes ofereciam uma “máquina Atlântica” de explicações para a compreensão do passado brasileiro. Por melhor que seja, esta máquina ou qualquer outra não podem esclarecer na totalidade um passado tão complicado, que ele enxerga mais complicado ainda que os historiadores do Brasil. É um desenho retocado sem cessar, hachurado, cheio de

⁵⁸⁴*Ibidem*, 156.

⁵⁸⁵*Ibidem*, 157-158.

contornos, de repetições e desenvolvimentos bruscos parecidos com desenhos de crianças. No Brasil, como em outros lugares, a história que é vida não se deixa aprisionar em uma fórmula⁵⁸⁷.

Braudel não quer limitar sua abordagem do oceano ao Atlântico Sul. Ele trata da ligação entre a Europa ocidental e o Brasil. Nessas condições, é preciso abordar este oceano quase inteiro, pois o retorno dos navios que passam pelo Brasil se faz perto da rota dos galeões espanhóis na altura de Nova Iorque⁵⁸⁸. O Brasil na sua imensidão oceânica, prossegue ele, é como uma longa fita que acompanha a borda de um esquadro. Antes de tudo, é uma rota de ida e vinda no caminho das Índias. Isto explica por que o Rio de Janeiro até o século 19 foi um entreposto de produtos indianos e de chá do Ceilão. Foi assim enquanto durou no Atlântico o reinado do barco a vela e o primado da rota do Cabo da Boa Esperança. A vela se manteve até o início do século 20, porém o Canal de Suez foi aberto em 1869, e a ligação entre o Brasil e a Índia se rompeu⁵⁸⁹.

As exigências da vela, explica Braudel, ajudam a compreender a permanência de tal itinerário oceânico. De um lado ao outro das calmarias equatoriais, o motor é o duplo sistema de ventos alísios. Estas duas correntes de ar são desviadas pela rotação da Terra para o Oeste. O veleiro que pega o alísio norte na altura das Canárias ou dos Açores é empurrado para a América. Depois, passando a calmaria equatorial, ele deve velejar em diagonal contra o alísio sul, o que o faz avançar mais para o Oeste. As instruções náuticas do presente ajudam a explicar com clareza os conselhos do século 16 recomendando situar-se no Oeste. Os alísio do Norte e do Sul impediam de costear a África.⁵⁹⁰

⁵⁸⁶*Ibidem*, 158-159.

⁵⁸⁷*Ibidem*, 86.

⁵⁸⁸*Ibidem*, 103.

⁵⁸⁹*Ibidem*, 108.

⁵⁹⁰*Ibidem*, 108-109.

Há uma história própria do Atlântico, afirma Braudel, na qual se deve restituir o passado brasileiro. Resta escrever esta história com os fragmentos das histórias continentais disponíveis. O trabalho se mostra bastante difícil. Esta história só pode ser completa, “totalitária”, fornecendo tanto os detalhes técnicos quanto os fatos econômicos de base. Com certa facilidade só se pode conhecer os acontecimentos políticos. Aqui, entretanto, como nos temas do país, não se pode se contentar com um “decalque grosseiro”. O problema não é estudar o passado oceânico em si mesmo, mas mostrar sua incidência sobre as origens brasileiras⁵⁹¹.

A vocação marítima de Portugal tem início em 1415 com a conquista de Ceuta. A primeira conquista do Atlântico, no entanto, foi feita pelos mediterrânicos, italianos mais que ibéricos, segundo Braudel. Para atingir o oceano, foi preciso se desembaraçar de práticas milenares da própria navegação mediterrânea, renunciar a seguir a costa como uma corrente que se faz elo por elo, para se lançar nos perigos da navegação de alto mar. Foi preciso se desprender do remo para confiar unicamente na vela, e passar da vela latina triangular para a quadrangular que capta a força dos alísios. Se a navegação portuguesa se prendeu tanto à costa africana, é porque, entre outras razões, ela custou a se desembaraçar de sua herança mediterrânea⁵⁹².

Com a primeira viagem de Colombo, em 1492, tem início a conquista do Oceano pelos europeus, prossegue Braudel. De Sevilha a Londres, partem navios com cartógrafos, pilotos, aventureiros, mercadores e chefes de terras a serem descobertas. São um “enxame” maior do que se imagina. Se não for levado em conta este contingente, há o risco de não se compreender os primeiros trinta ou quarenta anos do século 16. São estas expedições da Nova França⁵⁹³ ao Estreito de Magalhães que dão os primeiros nomes àquelas terras, com seus marinheiros que chegam à terra ou que

⁵⁹¹*Ibidem*, 114.

⁵⁹²*Ibidem*, 114-115.

escapam dos naufrágios e os soldados que se instalam no novo país, configurando a primeira semente européia. Há fases diferentes na conquista do Oceano. Antes de 1540, ocorre uma mudança em que esta vida um pouco anárquica se regulariza. Carlos V e sua administração são os senhores dos Andes, da América Central e dos planaltos mexicanos e não mais os aventureiros. Cria-se o Vice-Reinado do Peru. No Brasil, a intervenção do governo português ocorre entre 1526 e 1532. Algo semelhante se dá na Nova França e nas colônias inglesas. Um segundo período ocorre por volta de 1530 a 1572. As posições continentais são oficialmente consolidadas⁵⁹⁴.

Os ciclos econômicos de que fala Lúcio de Azevedo a respeito de Portugal e do Brasil - a madeira de tingir, o açúcar e, acrescenta Braudel, os negros - não deveriam ser examinados no plano do Atlântico? Interroga-se Braudel. Acaso se conhece a madeira de Campeche, rival do pau-brasil, o açúcar das Antilhas, rival dos produtos do Recife e da Bahia? Toda a América tropical não é compradora de negros? Enfim, estes ciclos desembocam ou passam pela Europa. É a Europa que consome os produtos da América nascente, comandando os navios, os preços e as necessidades. No que diz respeito ao Brasil, Braudel procurará indicar as ligações na medida do possível. Entenda-se, assevera ele, que uma história do conjunto do Atlântico levando em conta estas realidades de base só existe na imaginação⁵⁹⁵.

No período de 1590 a 1609, mais que em qualquer outro, manifesta-se a incidência da história atlântica sobre o país em via de formação, afirma ele. Estes vinte anos representam o momento mais encarniado da Guerra Atlântica. São vários saques e incêndios de corsários ingleses na costa brasileira, no Caribe, nos Açores, no litoral de Portugal e da Espanha ; além do avanço dos comerciantes holandeses na costa africana até chegarem às Índias Orientais. Não significam estes vinte anos o “fechamento

⁵⁹³Atual Canadá francês.

⁵⁹⁴BRAUDEL, F., manuscrito do *Ensaio...*, o.c., 115-117.

oceânico”? Interroga-se Braudel. Sem querer parafrasear o fechamento do Mediterrâneo depois das invasões muçulmanas, tão bem esclarecidas por Henri Pirenne, não se pode falar de uma ruptura das rotas oceânicas? Esta hipótese não se verifica quando no Brasil se inicia a fase continental com a multiplicação de expedições ao interior? Há uma concordância entre o início do bandeirantismo e a Guerra Oceânica. Não é simples coincidência, mas ligação de causa e efeito. O Brasil precisou se dobrar sobre si mesmo. De 1590 a 1630, a Bahia foi invadida ou pilhada quatro vezes⁵⁹⁶.

O Brasil cresceu tanto sobre o Atlântico quanto sobre seu próprio interior, segundo Braudel. O Atlântico Sul se abre e se fecha, utilizando-se uma expressão não tão exata. Com a substituição da vela pelo vapor, concluída em 1900, o Oceano se povoa, e o Brasil suporta a sua mais forte europeização desde o seu nascimento. Porém, o Atlântico se torna quase um deserto entre 1914 e 1918, conforme a expressão que Braudel toma emprestado de Henri Hauser, para se reanimar depois, de 1918 a 1927, e em seguida se esvaziar. Deste movimento de diástole e sístole, pode-se dizer que o coração não é tudo em um organismo, mas merece seu justo lugar. Pode-se esquecer um só instante que, ontem como hoje, a história do Brasil é a história do Atlântico e vice-versa? Um pêndulo contínuo faz inclinarem os destinos brasileiros para o Leste e para o Oeste, para o interior e suas zonas pioneiras e para a Europa, com seu luxo, suas disputas e suas velhas civilizações⁵⁹⁷.

Este longo fragmento sobre o Atlântico, um capítulo importante do *Ensaio sobre o Brasil do século 16*, é fruto das intuições de Braudel em sua estada no Brasil. Na conferência de 1936 sobre a pedagogia da história, ele já considerava este oceano um “Mediterrâneo moderno”, unindo a Europa e as civilizações americanas de origem européia, um novo *mare nostrum*. Em 1937, ele sonhava com uma história oceânica da

⁵⁹⁵*Ibidem*, 122-123.

⁵⁹⁶*Ibidem*, 123-126.

Bahia⁵⁹⁸, fundamental para explicar o Brasil nascente. A vida do Atlântico, ora intensa, ora débil ou hostil, faz o país se voltar intensamente para a imensidão marítima ou recuar em sua profundidade continental, quase se isolando. No artigo sobre Gilberto Freyre⁵⁹⁹, da mesma época do *Ensaio*, Braudel faz alusão à importância desta história oceânica, negligenciada pelos historiadores brasileiros. Aqui, ele a desenvolve explorando suas “diástoles” e “sístoles”.

5) Na parte final do manuscrito encontram-se algumas considerações que podem ser ou conclusivas, ou indícios de novos caminhos a serem percorridos.

A importância da mestiçagem ibero-indiana para Braudel não é enorme. Só há prolongamento da vida indígena onde a conquista não impôs novas normas, onde a europeização foi superficial. É o caso de São Paulo até o século 19. Um dos primeiros efeitos da conquista não foi de repelir para dentro da floresta a vida indígena com seus potes e cerâmicas? É uma pressão que começa logo no início com as rotas da Serra do Mar. Nos cafezais perto de Pirassununga, os arados com frequência reviram pedaços de cerâmica. Os cafezais só chamuscaram o Planalto Paulista no fim do século 19⁶⁰⁰.

Sobre o Brasil do século 16, dispõe-se dos escritos de Capistrano de Abreu, seguramente o maior historiador brasileiro, afirma Braudel. Capistrano se especializou justamente na pesquisa deste primeiro século de história. No entanto, ele tem contra si o tempo que já envelheceu sua obra⁶⁰¹. A história do Brasil, prossegue Braudel, faz parte de um conjunto mais vasto incluindo o Atlântico, as Europas, o próprio mundo. Em um lugar como em outro, há economias fechadas sobre enormes espaços onde a civilização exterior penetra gota a gota. Entretanto, isto permanece uma exceção⁶⁰².

⁵⁹⁷*Ibidem*, 127.

⁵⁹⁸Ver cap. V.

⁵⁹⁹Ver cap. VI.

⁶⁰⁰BRAUDEL, F., manuscrito do *Ensaio...*, o.c., 202

⁶⁰¹*Ibidem*, 204.

⁶⁰²*Ibidem*, 206.

Não é fácil traçar as grandes linhas da história do Brasil do século 16, tão ampla e profundamente original, conclui Braudel. Seu texto se serve do trabalho de historiadores brasileiros, de conversas, de discussões, de viagens, de diversas lembranças e enriquecimentos de uma longa estada em uma universidade que ele viu nascer e recorda com ternura. O livro pretende ser uma maneira de agradecer seus anfitriões, estudantes e amigos. E ele faz um agradecimento especial ao Dr. João Cruz Costa, ao Dr. Eurípedes Simões de Paula, e às senhoritas Branca da Cunha Caldeira e Alice Piffer Canabrava que o ajudaram no trabalho material de aperfeiçoar o *Ensaio*⁶⁰³.

As última cinco páginas do manuscrito são tabelas completas das cidades baianas com as respectivas datas de fundação. Começando por Porto Seguro, em 1534, são enumeradas as 31 cidades da Bahia colonial, as 60 cidades da Bahia imperial e, por fim, as 56 cidades da Bahia republicana, terminando em 1933. Talvez Braudel pretendesse desenvolver alguma idéia com base nesta longa série.

A afirmação no prefácio de que o livro já estava pronto, desperta a curiosidade sobre qual seria a sua versão final. Não é possível saber. Certamente seu autor já a tinha concebido. O *Ensaio sobre o Brasil do século 16*, entretanto, existiu apenas na mente de Braudel; o que resta é somente um rascunho. Com respeito ao plano do livro, a primeira parte, que deveria comentar as principais fontes e autores, é bastante modesta. A segunda, sobre as realidades de base em que a experiência brasileira se apóia, está bem desenvolvida. A terceira - que mostraria a conexão e as ligações entre as etapas cronológicas, onde as partes precedentes desembocariam como uma conclusão - também é bastante modesta. Há diversas alusões a mapas e esquemas que não constam no manuscrito.

⁶⁰³*Ibidem*, 207-208.

Este trabalho de Braudel pode ser melhor compreendido à luz da carta de Lucien Febvre escrita um ano e meio antes⁶⁰⁴. Ele não negligenciou o “continente descoberto por Álvarez Cabral”; ao contrário, fez reviver suas lembranças, conversas, viagens, pesquisas e leituras. Completou a leitura da obra de Gilberto Freyre. Tentou perceber, no primeiro século da descoberta e do povoamento, os traços e as realidades profundas que estão na base do território e da sociedade em transformação. Braudel tratou bastante das ações de posse, da expansão progressiva, das trocas e dos problemas que isto coloca. A descoberta do Atlântico Sul, Oceano que se povoa e se anima em um ritmo de diástoles e sístoles, mereceram notável atenção. Com os apontamentos e as reflexões de Braudel, não se pode negar o quanto a história brasileira está vinculada ao Atlântico e quanto se desconhecia daquela história oceânica que de certo modo determinava tantas outras.

Os traços dos *Annales* estão bem presentes, como a crítica da historiografia ocorrencial, da pura erudição e dos reducionismos. As viagens dos descobridores, narradas em detalhes, inflaram a importância daqueles anos. O Brasil português só nasceria em 1532, com a fundação de São Vicente. A história coletiva é bem mais importante do que os feitos individuais estrondosos. Da mesma forma, a história individual dos colonos paulistas em ordem alfabética é considerada por Braudel um estudo excelente, mas que está longe de captar a realidade social e o meio, o que caracteriza uma história digna de interesse. Nos reducionismos estão as tentativas de se explicar o passado brasileiro a partir de uma única linha determinante, como a simbiose entre a casa grande e a senzala, o duelo produtor e mercador, o encontro, a mistura e a separação das raças ou o conflito entre os pólos Pernambuco e São Paulo. Braudel elogia G. Freyre por não ceder aos reducionismos, por não cair na tentação de explicar o

⁶⁰⁴De 16/5/1942. Ver cap. VI.

político pelo econômico e por não limitar o passado múltiplo e variado do Brasil ao problema de raças⁶⁰⁵.

A história que Braudel quer fazer do Atlântico é completa, “totalitária”, fornecendo tanto detalhes técnicos quanto os fatos econômicos de base. Ele percebe o quanto ela é difícil por dispor somente de fragmentos de história continental. Isto não o desmotiva. Ele não se contenta com “decalques grosseiros”, explicações frágeis e insuficientes. A questão permanece em aberto: Até que ponto é possível conceber uma história oceânica dispondo-se de fragmentos de história continental? Aqui como no *Mediterrâneo*, Braudel se lança em uma história abrangente e totalizante, mesmo admitindo não ter estudado todos os documentos de arquivos e que as conclusões são provisórias e substituíveis. Todavia, ele crê ser assim que a história progride e deve progredir⁶⁰⁶.

Braudel é perspicaz ao perceber que a história do Brasil tem vínculos que se prolongam além do Brasil mesmo e da América do Sul; vínculos que muitas vezes o explicam. O passado brasileiro transborda os limites de sua própria geografia. Isto porque a história de um país jamais está cindida do resto do mundo. É preciso conectar o particular ao geral para compreendê-lo bem. Assim como L. Febvre no primeiro número dos *Annales* atacava os muros que confinavam as ciências humanas nas suas respectivas especialidades, Braudel se volta aqui contra as histórias nacionais enclausuradas nos respectivos países, um enorme empobrecimento.

A procedência de Braudel de um país de dimensões muito menores com espaços intensamente cultivados, bem como a ênfase da geografia na sua formação de historiador, deram a ele uma grande sensibilidade para os fatores geográficos na história brasileira. A história dos grandes homens frequentemente esquecia as configurações e as

⁶⁰⁵Ver cap. VI.

⁶⁰⁶BRAUDEL, F., *O Mediterrâneo...*, vol. I, o.c., 23.

realidades sociais. No caso da historiografia brasileira, ao se tratar de grandes personagens e suas façanhas, omitia-se o peso da geografia, desdenhava-se um “importante personagem: o próprio país”. O Mar Mediterrâneo na obra de Braudel tem uma ação coerente a ponto de se tornar ele mesmo uma espécie de sujeito, um personagem. Da mesma forma o Brasil, com sua imensidão esmagadora, transforma-se em um personagem.

Ao mesmo tempo em que Braudel critica as simplificações do passado, a pura erudição e a supervalorização dos acontecimentos, ele reconhece o valor de Euclides da Cunha, cuja obra “sente” a terra, as plantas e o sol do sertão; como também de G. Freyre, que de certo modo transporta o leitor à Bahia e a Pernambuco coloniais, fazendo-o viver no engenho de açúcar e na casa-grande. São autores que, captando no passado o odor, o perfume, a essência, o meio e a sociedade, muito lhe ensinaram.

Lançando-se no passado brasileiro do século 16, ele reconhece uma realidade difícil de ser apreendida e esboçada. A pesquisa nos arquivos, de um lado ou de outro do oceano, ainda era incompleta. Sobre o legado pré-colombiano, pouco se sabia; e a cena geográfica sobre a qual esta história se apóia, não era conhecida o bastante. Nesta penumbra onde pouca coisa se vê, surge um clarão: os documentos da Inquisição, revelando a presença de marranos, de tantos europeus não-portugueses e, ao mesmo tempo, o papel da língua e da mulher portuguesas. É uma janela que permite vislumbrar a profundidade da vida na Bahia ou no Recife. Nestes documentos, Braudel se encontra nos raros instantes por ele referidos em que a história dá a certeza de “reconstruir o espelho no seu todo”, onde se pode ter uma compreensão do conjunto social de um mundo que já não existe mais⁶⁰⁷.

Este livro de Braudel é uma exaltação do Brasil: a única Europa tropical e subtropical de certa envergadura que surgiu nos tempos modernos. A única no seu

gênero em todo o mundo. O Brasil, segundo ele, ainda não atingiu o seu crescimento e nem ultrapassou a sua primeira juventude. Ainda que a objetividade destas afirmações seja um tanto questionável, não se pode negar uma grande simpatia do autor para com o país onde ele viveu os anos mais felizes de sua vida. Ele procurou reviver a surpresa e a admiração de sua chegada ao Brasil para de certo modo transmiti-la ao público francês.

Certamente o estudo do Brasil nascente trazia ganhos teóricos a Braudel. Com a união ibérica, o Império de Felipe II passou a incluir essa colônia portuguesa. O mundo mediterrânico estava conectado ao Atlântico Sul. A primeira economia produtiva do Brasil, a do açúcar, era uma exemplo do capitalismo em expansão, com sua vida material, sua sociedade, instituições, agentes, negócios a distância e conflitos. Uma parte da economia-mundo, que anos depois ele iria tratar longamente. Esta tese secundária lhe foi bastante útil, como mais adiante se verá. Além disso, o Brasil foi para ele uma oportunidade de observar o tempo longo: realidades perceptíveis “sob nossos olhos” no século 20 que remontam o século 16. O olhar do historiador pode ser testemunha.

O mundo indígena neste texto é algo controverso. Admitindo que o legado pré-colombiano fosse pouco conhecido, Braudel não quer subestimar a civilização indígena e afirma ser ela menos balbuciente do que se imagina. No entanto, ele utiliza a nomenclatura que se refere ao “mundo bárbaro da América do Sul pré-colombiana”. Será que as ciências sociais e a antropologia, com as quais os *Annales* dialogavam, ainda empregavam esta terminologia? Não seria o caso de questionar ou mesmo de abandonar esta linguagem um tanto etnocêntrica? Comparada ao Brasil, a África negra é reduzida a “um Brasil fracassado⁶⁰⁸”, uma colonização que não deu certo. Aí fica mais claro o seu etnocentrismo europeu.

⁶⁰⁷BRAUDEL, F., “O ensino de história - suas diretrizes”, o.c., 114-116. Ver cap. V.

⁶⁰⁸*Un Brésil raté* (BRAUDEL, F., manuscrito do *Ensaio...*, o.c., 202).

Ele poderia ter escrito um livro exaustivo, incluindo o comentário da rica literatura sobre a história européia do primeiro século brasileiro. O próprio Braudel confessa que se sentiu tentado a fazê-lo dirigindo-se ao público francês. Ele poderia também ter escrito um *Mediterrâneo* sobre o Brasil daquele tempo. Não lhe faltaram grandes intuições sobre a vasta geografia, a semi-imobilidade e a história lenta, a sociedade colonial, a base material da vida econômica, os ritmos impostos pelo Atlântico e as possibilidades oferecidas, os fios condutores dos acontecimentos e outras. No entanto, tal empreendimento exigiria uns vinte e cinco anos de trabalho como exigiu o *Mediterrâneo*. Duas tarefas iguais na mesma época seriam impossíveis. O *Mare nostrum* era a sua tese principal; o *Brasil*, a tese secundária. E secundária ficou.

Os anos trágicos da guerra e do cativeiro angustiante motivaram Braudel a uma resposta existencial. Os acontecimentos contrariantes eram abstraídos por meio de uma evasão mental transportando-o ao Mediterrâneo do século 16. Braudel contemplou aquele mar durante anos, cara a cara, longe dele no tempo e no espaço⁶⁰⁹. Revivendo a serenidade e a majestosa imobilidade do Mediterrâneo, ele se lança na busca do tempo quase imóvel, de lentíssimo desenrolar, obstinado em repetir-se. No observatório do tempo longo, ele se sente refugiado na própria posição de Deus Pai⁶¹⁰.

Da prisão de Lübeck próxima ao Mar Báltico, Braudel encontra um outro refúgio no século 16, bem mais além do Mediterrâneo: o Brasil nascente. Um país-continente de imensidão esmagadora, uma enorme costa atlântica, serras, rios e planaltos, densas florestas tropicais e sertões. Aí circulam caravelas e colonizadores, mercadores e corsários, pirogas e esquifes na lentidão imposta pelo meio e pela técnica. O tempo longo também se faz presente tanto no mundo indígena com sua mandioca, suas línguas e danças; quanto na civilização européia miscigenante, com seus senhores e

⁶⁰⁹BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história*, o.c., 12.

⁶¹⁰Ver cap. I e VI.

escravos e sua luta contra a floresta. O capitalismo em expansão aí extrai madeira de tingir e constrói engenhos de açúcar.

Revivendo os seus anos mais felizes e transformadores no Brasil, Braudel se lança nos primórdios do país com Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre e Euclides da Cunha. A aposta desse prisioneiro de Lübeck era convencer-se de que as vitórias de Hitler estariam condenadas pela “História com ‘h’ maiúsculo” e não durariam⁶¹¹. Esta história rodava lentamente na serenidade do Mediterrâneo e na imensidão do Brasil.

⁶¹¹Ver cap. VI.

CAPÍTULO VIII - DEPOIS DA GUERRA

Qual é o destino do brasilianismo de Braudel, este aspecto pouco conhecido de sua biografia? E a sua teoria da história, filha dos *Annales*, gestada nos anos brasileiros e amadurecida no cativeiro nazista? Alguns acontecimentos depois da Guerra elucidam, ao menos parcialmente, estas questões.

O *Ensaio sobre o Brasil* não recebeu mais atenção porque Braudel não queria se dispersar da sua tese sobre o Mediterrâneo⁶¹². Ele alega também que era difícil fazer um livro de história brasileira, pois os arquivos de Lisboa não estavam em ordem⁶¹³. Isto significa que ele não se contentou com o panorama geral das principais obras publicadas, conforme a proposição do prefácio do *Ensaio*. Júlio de Mesquita F^o insistiu para que ele publicasse, no entanto Braudel não quis, afirmando que falar do Brasil para os franceses era uma coisa, mas falar para os brasileiros era uma responsabilidade muito maior⁶¹⁴. Ora, se ele não o fez para os franceses, muito menos o faria para os brasileiros.

Há também um outro motivo: ao apresentar à Sorbonne sua tese sobre o Mediterrâneo, defendida em 1947, Braudel consegue que um artigo de sua autoria publicado em 1928 seja aceito como tese secundária⁶¹⁵. Ele já pensava nesta hipótese em 1941 e a concretiza aproveitando um benefício em favor dos prisioneiros de guerra⁶¹⁶. Isto o poupou de um trabalho que postergaria a defesa, ou seja, concluir o *Ensaio sobre o Brasil*. Braudel ganhou com isto, mas a história do Brasil saiu perdendo.

⁶¹²BRAUDEL, F., entrev. a R. d'Aguiar (1984), o.c., 39.

⁶¹³BRAUDEL, F., entrev. a Reali Jr. (1984), o.c.

⁶¹⁴*Idem*.

⁶¹⁵BRAUDEL, F., "Les espagnols et l'Afrique du nord de 1492 à 1577", *Revue Africaine* n^{os} 2 e 3 (1928) pp. 184-233 e 351-428, republicado em *Les écrits de Fernand Braudel*, vol.I, o.c., 31-89.

⁶¹⁶BRAUDEL, Paule et AYALA, Roselyne de, nota introdutória ao artigo "Les espagnols et l'Afrique du nord...", *Les écrits de Fernand Braudel*, *ibidem*, 31.

Em 1946, o decano de história contemporânea na Sorbonne, Pierre Renouvin, o convida para um curso destinado a preparar candidatos ao exame de agregação. Era sobre as Américas, de 1763 a 1825. Renouvin se ocuparia dos Estados Unidos e Canadá, e Braudel, da América Latina. O curso foi um sucesso extraordinário entre os alunos. Toda a riqueza da nova história dos *Annales* abordando aquele subcontinente foi uma grande novidade para eles, uma enorme lufada de ar do exterior⁶¹⁷. O ‘fabuloso metal’ de Braudel, tudo o que ele aprendeu no Brasil, começa a lhe render uma ‘fortuna’. No entanto, ele considera este súbito sucesso a causa de sua rejeição pela Sorbonne. Tal êxito representaria uma ameaça à história tradicional. Por isso aquela Universidade lhe fechou as portas, impedindo que ele se tornasse professor titular⁶¹⁸.

O seu ensino nesta área, porém, prossegue. Ele organiza um curso semestral sobre “América Latina contemporânea” no Instituto de Ciências Políticas de Paris, de 1946 a 1949⁶¹⁹. Os temas do *Ensaio* retornam, como a imensidão das distâncias e a ocupação do território, a luta contra a floresta, a sociedade colonial, as estruturas econômicas, a questão racial e a civilização. A diferença é que são tratados em nível latino-americano e abordando questões do século 20, como as elites e a política naquela época⁶²⁰. O brasilianismo de Braudel é aproveitado, ampliado e direcionado em estudos sobre a América Latina. Isto dá a ele a oportunidade de fazer comparações e pesquisar conexões, o que é tão próprio de sua história globalizante.

Braudel retorna ao Brasil em 1947, permanecendo de maio a dezembro. Encontra São Paulo bastante modificada e a USP bem diferente. Já era uma universidade brasileira no seu corpo docente, conduzida por seus antigos alunos⁶²¹. Ele

⁶¹⁷DAIX, P., *Fernand Braudel...*, o.c., 259-262.

⁶¹⁸*Une Leçon d'histoire de Fernand Braudel - Chateaufallon*, o.c., 216.

⁶¹⁹AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio, *Braudel a debate - ensayos sobre su itinerario intelectual y su obra*, Caracas, Tropykos/Buría, 1997, 65.

⁶²⁰BRAUDEL, F., *Cours sur l'Amérique Latine*, seis conferências de fevereiro a março de 1948, manuscrito, arquivo privado de Paule Braudel, Paris.

⁶²¹BRAUDEL, F., entrev. a Reali Jr. (1984), o.c.

leciona história da civilização moderna e contemporânea. Ao contrário da sua estada nos anos 30, Braudel já estava intelectualmente formado, e a sua tese sobre o Mediterrâneo já tinha sido aprovada e estava a caminho da publicação⁶²². Ele reviu amigos, passou pela Argentina e pelo Chile e aprofundou estudos latino-americanos. A sua biblioteca particular foi reunindo livros, artigos e ensaios sobre este tema, chegando a ter mil e duzentos textos sobre a América Latina⁶²³.

Em 1948, os *Annales* fazem um número especial sobre o assunto com quatro artigos e quarenta e oito resenhas. Braudel é um dos organizadores. Roger Bastide escreve sobre as religiões afrobrasileiras, divulgando estudos inéditos. Este número da revista é um fruto maduro dos planos de L. Febvre de estudos sul-americanos anunciados em 1929. Febvre atribui à França um papel intelectual especial, e não só no que concerne à América Latina. Este papel intelectual foi expresso na carta de um amigo chileno de Braudel, que lhe escreveu em 1947. Braudel adota esta posição em suas conferências e comunica a Febvre, que a assume nos *Annales*:

“Nenhum país atual possui, no mesmo nível da França, o grau de civilização e o vigor humano que permitam oferecer ao mundo uma solução possível, racional e viva dos grandes problemas que agitam nossas consciências. O princípio da solução pode bem nascer na Rússia, na Alemanha, na Itália, na Inglaterra ou nos Estados Unidos: esta solução carece de valor universal enquanto não for retrabalhada no grande laboratório da consciência francesa, hoje como no século 18. Não que eu acredite que os franceses sejam mais sábios, mais inteligentes ou mais poderosos do que os outros povos, ou mesmo que o Destino com D maiúsculo lhes tenha designado para esta missão, mas simplesmente porque, na minha opinião, eles não perderam o dom de falar a todos os

⁶²²Ver cap. IV.

⁶²³AGUIRRE R., *Braudel a debate...*, o.c., 63.

homens”⁶²⁴. A França, portanto, é detentora do discurso universal. E para Braudel, a França no século 20 teria ainda no plano da historiografia o papel que foi desempenhado pela Alemanha no século anterior⁶²⁵.

Este número dos *Annales* traz a resenha de obras de antigos alunos de Braudel na USP: Astrogildo de Melo, Olga Pantaleão e Alice Canabrava. Todos pesquisam a história atlântica preconizada pelo mestre. Os livros de Alice tratam do comércio português no Rio da Prata⁶²⁶ e do açúcar nas Antilhas⁶²⁷. O primeiro é a sua tese de doutorado, o segundo, a sua tese de livre-docência. O comércio lusitano no Rio da Prata, durante a união das coroas ibérica, era a rota clandestina do metal precioso vindo das minas de Potosi. Ele fez surgir e desenvolver cidades argentinas, e tornou Buenos Aires compradora do açúcar e da carne brasileiras. O açúcar das Antilhas era o concorrente do açúcar brasileiro no mercado europeu. Um não poderia ser compreendido sem o outro⁶²⁸.

A obra de Alice recebe uma consideração especial por parte da revista. Braudel tece um grande elogio à sua discípula formada e orientada na leitura e no conhecimento dos *Annales*⁶²⁹. A revista considera a sua obra rica, bem fundamentada e muito viva. É de fato a historiografia no sentido que os *Annales* compreendem e desejam: total e humana⁶³⁰. A passagem de Braudel pelo Brasil traz assim novos frutos. O trabalho de sua discípula se torna uma fonte e um modelo da nova história que os *Annales* propõe. O livro sobre o comércio platino se torna uma obra de referência que abre caminho na

⁶²⁴Citado em FEBVRE, L., “Introduction”, *Annales E. S. C.* 4 (1948) 391-392.

⁶²⁵BRAUDEL, F., “Posições da história em 1950”, *Escritos sobre a história*, o.c., 36.

⁶²⁶CANABRAVA, Alice Piffer, *O comércio português no Rio da Prata (1580-1640)*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1984. Publicado inicialmente em 1944.

⁶²⁷CANABRAVA, Alice Piffer, *O açúcar nas Antilhas (1697-1755)*, São Paulo, IPE/USP, 1981. Publicado inicialmente em 1946.

⁶²⁸Ver cap.VII.

⁶²⁹BRAUDEL, F., “L’essor économique. Du Potosi à Buenos Aires: une route clandestine de l’argent”, *Annales E. S. C.* 4 (1948) 547.

⁶³⁰GODINHO, Vitorino Magalhães, “Industrie et commerce antillais: sur le sucre des Antilles”, *Annales E. S. C.*, *ibidem*, 544.

historiografia brasileira para a importância do Atlântico na formação do Brasil. Outros autores trilhariam depois esta vereda. Braudel tinha uma enorme estima por Alice. Agindo como um “pai-coruja”, chega ao ponto de considerá-la a maior historiadora contemporânea⁶³¹.

Em 1950, Braudel ingressa no Colégio da França assumindo a cadeira de história moderna. No ano letivo de 1951-1952, ele ministra um curso sobre o Oceano Atlântico no século 16 e outro curso sobre problemas históricos e atuais da América Latina⁶³². Dois temas que ele gostava e que há muito tempo estudava. O “fabuloso metal” continua lhe rendendo. No final de 1953, Braudel faz uma viagem de três meses ao México, ao Peru, ao Chile e ao Brasil, onde tem contato com intelectuais e grupos afinados com os *Annales*, em luta contra velhas formas dominantes da historiografia. É o momento culminante dos seus estudos e intensos contatos com a vida latino-americana⁶³³.

A partir daí, seus cursos tratarão de outros temas e seus interesses mudarão. O seu foco de pesquisa se encaminha para a história mundial da cultura material e do capitalismo, respondendo ao convite feito por L. Febvre em 1952. Por que Braudel abandona a América Latina em favor da vida material e do capitalismo? Provavelmente porque uma história mundial responde melhor à ambição de totalidade de sua história globalizante, que pretende abarcar a realidade social no seu todo. O mundo é maior do que um subcontinente.

Quanto à sua teoria da história, ela a amadurece no tocante à concepção e à apresentação da história social. É preciso abordar as realidades sociais em si mesmas e por si mesmas, afirma Braudel. Elas abrangem todas as formas amplas da vida coletiva,

⁶³¹AQUINO, Célia Freire de, entrevista, São Paulo, 26/12/2002 e LINHARES, Maria Yedda, entrevista, Rio de Janeiro, 15/8/2002.

⁶³²*Les écrits de Fernand Braudel*, vol. III, o.c., 156-159.

as economias, as instituições, as “arquiteturas sociais” e as civilizações. Os historiadores do passado não ignoraram estas realidades, porém salvo exceções, viram-nas frequentemente apenas como parte do cenário para explicar as ações de indivíduos excepcionais nos quais o historiador se demora com complacência⁶³⁴.

O perigo de uma história social, admite Braudel, é absorver-se na contemplação dos movimentos profundos da vida dos homens e se esquecer de cada homem às voltas com sua própria vida, seu próprio destino; é esquecer-se ou talvez negar o que cada indivíduo sempre tem de insubstituível. Neste ponto L. Febvre, com a refinada cultura de um humanista, foi ao mesmo tempo sensível aos conjuntos, à história total do homem visto sob todos os seus aspectos; e capaz de sentir e de exprimir fortemente o que houve de particular e de único em cada aventura individual do espírito⁶³⁵.

Há, no entanto, algo novo que se coloca para Braudel no horizonte da nova história: os homens, mesmo os maiores, não lhe parecem tão livres quanto pareceram a seus precursores na historiografia. Mesmo assim, o interesse por suas vidas não deve diminuir por isso. O problema não é conciliar, no plano dos princípios, a necessidade de uma história individual e de uma história social. O problema é ser capaz sentir uma e outra ao mesmo tempo, de se encantar por uma sem desprezar a outra⁶³⁶.

Não será fácil para Braudel resolver esta questão sem cair em um certo reducionismo. Já na época da Segunda Guerra, o papel que ele atribuía aos grandes homens havia diminuído. O povo alemão é um personagem muito mais consistente do que Bismarck⁶³⁷. Nos anos 1960, ao preparar a segunda edição do *Mediterrâneo*, ele pretendia suprimir a terceira parte, dos acontecimentos e do tempo individual, e deixar somente a primeira e a segunda, dos tempos geográfico e social. Marc Ferro, seu

⁶³³AGUIRRE R., *Braudel a debate...*, o.c., 70-72.

⁶³⁴BRAUDEL, F., “Posições da história em 1950”, o.c., 25.

⁶³⁵*Ibidem*, 35.

⁶³⁶*Idem*.

discípulo, o contestou argumentando que dessa forma Braudel corria o risco fazer do livro um agrupamento de micro-histórias ocorrenciais com temas novos, como a história da pimenta e a história dos barcos. E além disso, um livro é uma obra datada. Modificando-o, ele pode perder sua identidade. Braudel terminou por manter a terceira parte⁶³⁸.

Nos anos 1980, ele muda de posição em relação aos acontecimentos. Há acontecimentos que são raros, afirma Braudel, através dos quais se pode enxergar a profundidade da massa em movimento. Ele não é cegamente contra à história ocorrencial, mas, sim, contra a história ocorrencial isolada, da mesma forma que seria contra a história de longa duração isolada⁶³⁹. Avaliando a sua extensa obra sobre história mundial da vida material, ele lamenta que L. Febvre não tenha podido redigir a sua parte. Febvre se ocuparia do lado espiritual do mundo, do século 16 ao 18, e Braudel se ocuparia do lado material. Os três volumes lhe consumiram mais de vinte anos, porém a obra não responde exatamente à sua concepção de história. Para ele, só existe história global. Uma história material é uma história recortada e segmentada dentro da realidade⁶⁴⁰.

Ao contrário dos acontecimentos, a liberdade humana na teoria da história e na visão de Braudel é bastante restringida. Para ele, a história do mundo, onde estão inseridas tantas outras histórias, é uma história que vai em certa direção e, quaisquer que sejam nossas agitações, vontades, desejos e fantasmas, somos levados neste movimento geral. A memória da nossa história vivida condiciona o nosso devir. Quando se trata de um grupo humano extenso, apesar do voluntarismo, tentativas, desejo de fazer o bem, idéias de reforma, explosões revolucionárias, ele é como uma balsa levada pela corrente

⁶³⁷Ver cap. VI.

⁶³⁸FERRO, Marc, "Au nom du Père", *Espaces Temps* 34/35 (1986) 8.

⁶³⁹BRAUDEL, F., entrevista a F. Ewald e J.-J. Brochier (1984), o.c., 21-22.

⁶⁴⁰*Ibidem*, 19.

de um rio, deslocando-se lentamente de um modo quase imperceptível. Braudel conclui com grande melancolia: “cada vez que eu reflito, a liberdade dos homens se encolhe mais e mais”⁶⁴¹.

Cada vez mais, Braudel vê o homem encerrado em um destino que ele dificilmente constrói, em uma paisagem desenhada nas perspectivas infinitas da longa duração. Na análise histórica é sempre o tempo longo que acaba vencendo, neutralizando uma infinidade de acontecimentos não incluídos na sua própria corrente, limitando o acaso e a liberdade dos homens⁶⁴².

Cabe dizer aqui que conceitos como longa duração, determinismo histórico e liberdade humana, só podem ser devidamente aprofundados em um amplo diálogo interdisciplinar, senão permanecem superficiais e equívocos. Uma história globalizante, como a que Braudel se empenhou durante toda a sua vida, não pode se esquivar deste desafio. Ele avançou bastante propondo um “concubinato” da história com todas as ciências do homem⁶⁴³. Seguindo o programa dos *Annales*, um longo caminho foi percorrido no que toca as ciências sociais. Todavia, a filosofia ficou fora deste “concubinato”, e estes temas inegavelmente lhe dizem respeito. Braudel excluiu um interlocutor fundamental.

A que se deve esta exclusão? Trata-se de um problema intrinsecamente ligado aos *Annales*, abordado certa vez por Roger Chartier. A aproximação com a filosofia gerava nos historiadores o temor de verem ressurgir os fantasmas da filosofia da história. O próprio Lucien Febvre considerava história e filosofia dois universos do saber muito estranhos um ao outro. A epistemologia filosófica não interessa aos historiadores, pois não tem pertinência operatória. Os historiadores não se reconhecem

⁶⁴¹Une Leçon d'histoire de Fernand Braudel - Chateaufallon..., o.c., 8 e 158.

⁶⁴²Ver cap. V.

⁶⁴³Une Leçon d'histoire de Fernand Braudel - Chateaufallon..., o.c., 162.

nas reflexões filosóficas sobre a história e procuram produzir eles mesmos a reflexão teórica de que seu trabalho necessita⁶⁴⁴.

História e filosofia teriam duas interfaces: a história da filosofia e a filosofia da história. A filosofia da história e seus conceitos (liberdade, necessidade, totalidade, finalidade, sentido, continuidade, consciência) representam tudo aquilo que os *Annales* recusaram. A história da filosofia postulada pelos filósofos é o tipo de história que os historiadores rejeitam: a absoluta liberdade de criação intelectual, totalmente desconectada das condições de possibilidade materiais, políticas e sociais; e a existência autônoma das idéias, alheias ao contexto onde foram elaboradas e onde circularam. Ela está longe da história produzida pelos historiadores, parecendo-lhes ela própria filosofia. O olhar do historiador é diferente: quer reconstruir a “realidade” de certas doutrinas, partindo das condições reais de produção e recepção dos discursos sustentados por filósofos neste ou naquele mundo de discursos⁶⁴⁵.

Braudel não gostava de definições e procurava evitá-las; pensava que definir de maneira precisa é acabar com a discussão. Não se pode mais discutir se houver definição. E criticava qualquer interlocutor que tinha o costume de definir o sentido das palavras, o sentido dos problemas, “como um teólogo”⁶⁴⁶.

A questão da liberdade humana exige uma explicitação do próprio conceito de liberdade com o qual se opera. Este conceito é pressuposto por Braudel, mas não tematizado, o que gera problemas e equívocos. Quando ele fala em “ilhas estreitas” ou “prisões de longa duração”⁶⁴⁷, pretendendo restringir enormemente a liberdade, é necessário que diga o que entende por liberdade. Se é uma autonomia que pretende

⁶⁴⁴CHARTIER, Roger, “Philosophie et histoire: un dialogue” in: BEDARIDA, F. (dir.), *L’histoire et le métier d’historien en France 1945-1995*, Paris, Maison des Sciences de l’Homme, 1995, 149-169; também REIS, José C., *A escola dos Annales*, o.c., 133.

⁶⁴⁵*Idem*.

⁶⁴⁶*Une Leçon d’histoire de Fernand Braudel - Chateaufvallon...*, o.c., 160-161.

⁶⁴⁷BRAUDEL, F., “Posições da história em 1950”, o.c., 50.

excluir ao máximo os condicionamentos, mesmo a previsibilidade, ele pode ter razão. No entanto, se se trata da ausência de coação e da interação do indivíduo na configuração de seus limites, então, não. Essas prisões que encarceram o indivíduo são projeções do olhar retrospectivo do historiador em um enorme lapso de vários séculos. Os que viveram em outras épocas jamais as enxergaram. O sentido profundo da história não é dado *a priori* nem coage o ser humano. O movimento de longa duração é uma construção do historiador *a posteriori*, não arbitrária, sem dúvida, mas insuficiente para explicar a vida vivida e a trama das liberdades interagindo com os condicionamentos.

L. Febvre certa vez escreveu que o espírito filosófico e o histórico são dois espíritos irreduzíveis. Não se trata de reduzi-los um ao outro, mas de fazer com que, permanecendo um e outro em suas posições, não ignorem o respectivo vizinho ao ponto de lhe ser estranho ou hostil⁶⁴⁸. A nova história, por sua vez, surgiu da aliança com as ciências sociais e da exclusão da filosofia. Antes, a história chegou a se sustentar teoricamente na filosofia. A nova história significou o desmembramento da história, um tanto ruidoso e agressivo, sustentando-se teórica e tecnicamente nas ciências sociais⁶⁴⁹.

Parece haver atualmente o ressurgimento de uma assim chamada “filosofia da consciência”, com o retorno, nos anos 1980, das abordagens do sujeito através da narração. Esta filosofia da consciência recusa determinismos sociais e certos condicionamentos coletivos, restabelecendo a eficácia histórica da ação intencional de sujeitos interagindo em situações dadas. A dimensão política recupera aí uma posição central, e a nova história não pode se afastar da ciência política e do direito. Não se pode ignorar a teoria da ação, do evento, de sujeito e motivos, que necessita do apoio conceitual da filosofia⁶⁵⁰.

⁶⁴⁸FEBVRE, L., *Combats pour l'histoire*, Paris, A. Colin, 1965, 279.

⁶⁴⁹REIS, J. C., *A escola dos Annales...*, o.c., 131-134.

⁶⁵⁰*Idem*.

Para Chartier, é possível um diálogo epistemológico entre historiadores e filósofos, porém sob algumas condições: a filosofia deveria abandonar o seu desprezo pelo “empírico”, identificado ao histórico, deveria abandonar o apriorismo e se interessar pela documentação, pelo arquivo, pela realidade econômico-social e mudar a forma de fazer a sua própria história⁶⁵¹.

Nos anos brasileiros, começando sua carreira, o próprio Braudel havia ensinado que o domínio da filosofia é necessário aos que se destinam à história. A filosofia é uma *mise en place*, arrumação do pensamento. Os estudantes, incluindo os melhores, têm uma forte tendência de filosofar sem o saber. Se forem disciplinados neste domínio, desembaraçariam os seus trabalhos da névoa que se introduz sob o nome de idéia geral. É preciso pensar o próprio pensamento⁶⁵². Braudel acabou deixando de lado a filosofia e, como os melhores alunos, filosofou sem o saber e sem o devido rigor.

A sua própria biografia contradiz o que ele pensa a respeito da liberdade do indivíduo, confinado em ilhas estreitas ou em prisões de longa duração. O Brasil, por exemplo, foi para ele “o início de uma segunda vida”. Refletindo sobre esta experiência, Braudel diz ter “a certeza de que existe a possibilidade de se conduzir a si mesmo, de se conquistar a si mesmo, de se lançar ao que se pode fazer de melhor”⁶⁵³. Cada vez que refletia, enxergava com pesar a liberdade dos homens se encolher mais e mais. No entanto, ao pensar nos anos brasileiros, esta liberdade se expandia mais e mais. A vida de Braudel contrariou a sua teoria, para melhor.

⁶⁵¹*Idem.*

⁶⁵²Ver cap. V.

⁶⁵³Ver cap. IV.

CONCLUSÃO

Os vínculos de Braudel e o Brasil entre 1935 e 1945 remetem a um país bem diferente do atual, como se pôde ver. O papel da cultura francesa na vida brasileira já não é mais o mesmo. Entretanto ele foi por muito tempo o caminho seguro rumo à modernidade e ao progresso verdadeiro. A universidade nasceu em meio a fortes conflitos ideológicos, acalentando os sonhos de aproximar os saberes e de formar quem pudesse compreender o misterioso destino brasileiro e contribuir de modo eficaz.

Braudel na Segunda Guerra Mundial representou o drama de uma Europa arruinada, vivido na pele de um prisioneiro que sonhava com a derrota dos nacionalismos enlouquecidos e dos ditadores. Este sonho, acalentado em um cotidiano angustiante, nutriu-se avidamente de um passado distante no século 16, onde a história rodava lentamente na serenidade do Mediterrâneo e na imensidão tropical do Brasil.

A viagem mental pelo passado brasileiro foi guiada por grandes autores capazes de captar a realidade, a cor e o perfume dos seres e das coisas. Nos diferentes brasis, há uma mesma vida, um passado profundo, configurando a sociedade colonial. Braudel se encantou com a obra de Gilberto Freyre, onde o Recife lhe ensinou algo do país inteiro. O caminho da nova história dos *Annales* era precisamente este, a apreensão do todo: os movimentos profundos da vida dos homens, as formas amplas da vida coletiva, as “arquiteturas sociais” e as civilizações, bem como as conexões entre os diversos mundos. Tudo isto sem desdenhar a aventura individual do espírito, o que cada pessoa sempre tem de insubstituível. Lucien Febvre conseguiu fazê-lo; Braudel, não, embora tenha avançado muito nos campos da longa duração e das conexões.

O Brasil ensinou a Braudel algo do mundo e da Europa em diversas fases de sua história, algo de totalmente novo, até então desconhecido. Neste cenário instigante, com

o calor humano da amizade efusiva e um vasto campo de trabalho, ele viveu seus anos mais felizes e uma intensa criatividade, onde pôde reaprender tudo, pensar de outra maneira e reler a história na ótica dos *Annales*. Ele experimentou a possibilidade de conduzir a si e de se lançar ao que podia fazer de melhor. A idéia que ele formou do país, o seu brasilianismo, é extensa e elaborada: “eu poderia falar horas”⁶⁵⁴. No entanto ela não avançou tudo que poderia. O seu brasilianismo permaneceu inconcluso.

Na historiografia de Braudel, certas realidades coletivas ou inanimadas atuam de modo coerente como se fossem um sujeito. Elas se tornam “personagens”. Isto se dá com o povo alemão, mais importante do que Bismarck, com o Mar Mediterrâneo e com o Brasil, na sua imensidão esmagadora e nos seus fatores geográficos. Braudel escolheu uma perspectiva bem definida para focalizar o Brasil: uma Europa americana, a única Europa tropical e subtropical em todo o mundo com certa envergadura. Esta perspectiva lançou luzes sobre o passado brasileiro e captou a riqueza da história atlântica, imprescindível para a compreensão do país, porém resultou em um certo etnocentrismo inaceitável.

Braudel teve a humildade e a grandeza de reconhecer que a história brasileira, como toda a história, é vida e não se deixa aprisionar em uma fórmula. A atitude fundamental do historiador é conservar um coração de criança, com a possibilidade de se surpreender com a vida, com o passado e enxergá-lo como uma criança enxerga as primeiras imagens que chegam aos seus olhos. Este coração de criança, aberto, simples e generoso, ele encontrou em Eurípedes Simões de Paula. O Brasil foi, de fato, para Braudel um desenraizamento libertador, um tempo feliz - o mais feliz de sua vida. O seu brasilianismo, apesar de inacabado, foi fecundo e inovador.

⁶⁵⁴Ver cap. IV.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. Fontes Manuscritas

Arquivo Diplomático de Nantes, seção “Oeuvre-Brésil”, Pasta nº 443.

Arquivo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (Centro de Apoio à Pesquisa Sérgio Buarque de Holanda).

Arquivo Pessoal de BRAUDEL, Fernand, Maison de Sciences de l’Homme, Paris.

Arquivo privado de BRAUDEL, Paule, Paris.

Arquivo privado de FEBVRE, Henri, Paris.

2. Entrevistas

Entrevista com AQUINO, Célia Freire de, São Paulo, 26/12/2002

Entrevista de BRAUDEL, F., a J.-C. Bringuier. Produção: Dominique Froissant, Paris, 1983 (exibida na televisão francesa em 15 e 22/8/1984), Biblioteca Nacional da França (BnF). Cópia transcrita.

_____, a Marcello Tassara, Paris, 1984, MIDIALAB, ECA-USP.

Entrevista com BRAUDEL, Paule, Paris, 8/5 e 18/6/2002.

Entrevista com FRANÇA, Eduardo d’Oliveira, São Paulo, 25/9/2002.

Entrevista com LINHARES, Maria Yedda, Rio de Janeiro, 15/8/2002.

3. Material Publicado

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio, *Braudel a debate - ensayos sobre su itinerario intelectual y su obra*, Caracas, Tropykos/Buría, 1997.

ALEIXO, José Carlos Brandi, “Integração na América Latina”, *Revista de informação legislativa - Brasília* 81(1984) 19-32.

Anuário da faculdade de filosofia, ciências e letras 1934-1935 (USP), São Paulo, Gráfica da Revistas dos Tribunais, São Paulo, 1937.

Anuário...1936.

Anuário...1939-1949.

ARANTES, Paulo, “Le positivisme au Brésil. Brève présentation du problème pour un lecteur européen”, *Préfaces* 14 (1989) 85-93.

BLOCH, M., “Testament spirituel de Marc Bloch”, *Annales H. S.*, 1945, sem páginas numeradas.

BRAUDEL, Paule, “Origines intellectuelles de Fernand Braudel: un témoignage”, *Annales E. S. C.* 1 (1992) 237-244.

_____, Conferência no Colóquio Internacional sobre a Hungria e a Europa Mediterrânica (Budapest, 1996), manuscrito, arquivo privado da autora.

_____, “Braudel en captivité” in: CARMIGNANI, Paul (org.), *Autour de F. Braudel*, Perpignan, Presses Universitaires de Perpignan, 2002, 13-25.

BRAUDEL, Fernand, “Les Espagnols et L’Afrique du Nord”, *Revue Africaine* n^{os} 2 e 3 (1928) 184-233, 351-410.

_____, “Cartografia do mundo atual”, *O Estado de São Paulo*, 19/5/1935, 5.

_____, “Anatole France e a história”, *O Estado de São Paulo* [parte I, 10/11/1935, p.4; parte II, 17/11/1935, p.4].

_____, “Henri Pirenne”, *O Estado de São Paulo*, 24/11/1935, 4.

_____, “O conceito de país novo”, *Filosofia, ciências e letras* 2 (1936) 3-10.

_____, “O ensino de história - suas diretrizes”, *Anuário da FFCL 1934-1935*, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1937, 113-121.

_____, “Bahia”, *O Estado de São Paulo*; parte I (20/10/1937) 4, parte II (24/10/1937) 4.

_____, “À travers un continent d’histoire: le Brésil et l’oeuvre de Gilberto Freyre”, *Mélanges d’Histoire Sociale - IV, Annales d’Histoire Sociale* (1943) 3-20.

_____, “Corsários ingleses na Bahia de Todos os Santos em 1587”, *O Estado de São Paulo*, 14/12/1947, 9.

_____, “L’essor économique. Du Potosi à Buenos Aires: une route clandestine de l’argent”, *Annales E. S. C.* 4 (1948) 546-550.

_____, “Pedagogia da história”, *Arquivos do Instituto de Educação*, ano II, n^o2, p.225-240, republicado em *Revista de História* 23 (1955) 3-21.

_____, “L’Adolphe de Jean Maugüé”, *Le Monde*, 31/12/1982.

_____, “Une vie pour l’histoire”, entrevista a F. Ewald e J.-J. Brochier, *Magazine littéraire* 212 (1984) 18-24.

_____, entrevista a Reali Júnior, “USP, lembranças do início, por um de seus mestres: Fernand Braudel”, *Jornal da tarde*, 28/1/1984.

_____, “Primeiras histórias - USP, 50 anos: lembranças de um pioneiro francês”, entrevista a Rosa Freire d’Aguiar, *Isto É* (1/2/1984), 38-39.

_____, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*, 2 vol., São Paulo, Martins Fontes, 1984.

_____, *A dinâmica do capitalismo*, Lisboa, Teorema, 1985.

_____, *Gramática das civilizações*, São Paulo, Martins Fontes, 1989.

_____, *L’identité de la France*, Paris, Flammarion, 1990.

_____, *Escritos sobre a história*, São Paulo, Perspectiva, 1992.

_____, *Reflexões sobre a história*, São Paulo, Martins Fontes, 1992.

_____, *Civilização material, economia e capitalismo - séculos XV-XVIII*, São Paulo, Martins Fontes, 1995.

- _____, *Les écrits de Fernand Braudel*, vol. I, *autour de la Méditerranée*, Paris, Fallois, 1996.
- _____, *Les écrits de Fernand Braudel*, vol. II, *les ambitions de l'histoire*, Paris, Fallois, 1997.
- _____, prefácio in: FREYRE, G., *Padroni e eschiavi...*, Turim, Einaudi, 1965 [trad: *Novos estudos* 56 (2000) 13-15].
- _____, *Les écrits de Fernand Braudel*, vol. III, *l'histoire au quotidien*, Paris, Fallois, 2001.
- BURKE, Peter, *A Escola dos Annales (1929-1989) - a Revolução Francesa da historiografia*, São Paulo, Unesp, 1990.
- _____, BURKE, Peter, “Gilberto Freyre e a nova história”, *Tempo social* 2 (1997) 1-12.
- CANABRAVA, Alice Piffer, *O comércio português no Rio da Prata (1580-1640)*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1984. Publicado inicialmente em 1944.
- _____, *O açúcar nas Antilhas (1697-1755)*, São Paulo, IPE/USP, 1981. Publicado inicialmente em 1946.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim et PRADO, Maria Lígia Coelho, “À l’origine de la collaboration universitaire franco-brésilienne. Une mission française à la faculté de philosophie de São Paulo” *Préfaces* 14 (1989) 100-105.
- CARDOSO, Irene de A. R., *A universidade da comunhão paulista*, São Paulo, Cortez, 1982.
- CARELLI, Mario, “À la confluence de la nature et de la culture”, *Préfaces* 14 (1989) 81-84.
- CHAGAS, Carlos, “Une vision personnelle de la coopération scientifique entre la France et le Brésil, de 1758 à 1966”, MARTINIÈRE, G. et CARDOSO, Luiz Cláudio (org.), *France-Brésil. Vingt ans de coopération*, Paris, I.H.E.A.L., Grenoble, P.U.G., 1989, 26-30.
- CHARTIER, Roger, “Philosophie et histoire: un dialogue” in: BEDARIDA, F. (dir.), *L’histoire et le métier d’historien en France 1945-1995*, Paris, Maison des Sciences de l’Homme, 1995, 149-169.
- CHAUNU, Pierre, *L’instant éclaté*, Paris, Plon, 1992.
- Discours de réception de Fernand Braudel a l’Academie française et réponse de M. Maurece Druon*, Paris, Arthaud, 1986.
- COORNAERT, Emile, “Aperçu de la production historique récente au Brésil”, *Revue d’Histoire Moderne* 21 (1936) 44-60.
- DAIX, Pierre, *Fernand Braudel - uma biografia*, Rio de Janeiro, Record, 1999.
- DOSSE, F., *A história em migalhas - dos Annales à nova história*, São Paulo, Ensaio, 1994.

- DUARTE, Paulo, “A Universidade e os professores estrangeiros”, *O Estado de São Paulo*, 25/1/1947.
- FEBVRE, Lucien, “Un champ privilégié d’études: l’Amérique du Sud”, *Annales d’Histoire Économique et Sociale* 1 (1929) 258-278.
- _____, “Témoignages: le sort des Annales: un grave débat de conscience”, *Annales H. S.*, 1945, 22-26.
- _____, “Introduction”, *Annales E. S. C.* 4 (1948) 385-392.
- _____, “Un livre qui grandit: *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l’époque de Philippe II*”, *Revue historique* 203 (1950) 216-224.
- _____, *Combats pour l’histoire*, Paris, A. Colin, 1965.
- FRANÇA, E., “Eduardo de Oliveira França: Professor de História”, *Estudos avançados* 22 (1994), internet.
- FERREIRA, Marieta de Moraes, “Les professeur français et l’enseignement de l’histoire à Rio de Janeiro pendant les années 1930” in: CROUZET, F. et ROLLAND, D. (org.) *Pour l’histoire du Brésil - melanges offerts à K. de Queirós Mattoso*, Paris, l’Harmattan, 2000, 125, 123-140.
- FERRO, Marc, “Au nom du Père”, *Espaces Temps* 34/35 (1986) 6-10.
- FREITAS, Sônia Maria de, *Reminiscências*, São Paulo, Maltese, 1993.
- GEMELLI, Giuliana, *Fernand Braudel*, Paris, Odile Jacob, 1995.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, “Industrie et commerce antillais: sur le sucre des Antilles”, *Annales E. S. C.* 4 (1948) 541-545.
- HAUSER, Henri, “Notes et réflexions sur le travail historique au Brésil”, *Revue Historique* 181 (1937) 85-98.
- LEFEBVRE, Jean-Paul, “Les professeur français des missions universitaires au Brésil (1934-1944)”, *Cahiers du Brésil contemporain* 12 (1990) 89-100.
- LEVI-STRAUSS, Claude, *Tristes Trópicos*, Buenos Aires, Eudeba, 1970.
- _____, et ERIBON, Didier, *De près et de loin*, Paris, Odile Jacob, 1988.
- _____, *Saudades de São Paulo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- LIMA Jr., Augusto de, *Pequena história da Inconfidência de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1955.
- MAIOLINO, Sílvia, “Turma de 37 da USP faz festa”, *O Estado de São Paulo*, 15/5/1988.
- MARTINIÈRE, Guy, *Aspects de la coopération franco-brésilienne*, Paris, Maison de Sciences de l’Homme/Presses Universitaires de Grenoble, 1982.

- MARTINIÈRE, Guy et CHONCHOL, Jacques., *L'Amérique Latine et le latino-américanisme en France*, Paris, l'Harmattan, 1985.
- MASSI, Fernanda Peixoto, "Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras, 1930-1960" in: MICELI, Sérgio (org.), *História das ciências sociais no Brasil*, vol.1, São Paulo, Vértice/Revista dos tribunais, Idesp, 1983, 410-456.
- MAUGÜÉ, J. *Les dents agacée*. Paris: Buchet Chastel, 1982.
- MELLO, Evaldo Cabral de, "Historiadores no confessionário", *Folha de S. Paulo* (24/12/2000), caderno *Mais!*, 18-19.
- MESQUITA Fº, Júlio de, *Política e cultura*, São Paulo, Martins, 1969.
- MOTA, Carlos Guilherme, *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*, São Paulo, Ática, 1990.
- "Notícias diversas - Universidade de S. Paulo", *O Estado de São Paulo*, 5/10/1937, 8.
- PARIS, Erato, *La genèse intellectuelle de l'oeuvre de Fernand Braudel: La Méditerranée...*, tese de doutorado, Paris, E.H.E.S.S., 1997.
- _____, *La genèse intellectuelle de l'oeuvre de Fernand Braudel: La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II (1923-1947)*, Atenas, Institut de Recherches Néohelléniques, Fondation Nationale de la Recherche Scientifique de Grèce, 1999.
- PETITJEAN, Patrick, "L'influence scientifique française au Brésil entre 1800 et 1940", *Préfaces* 14 (1989) 93-96.
- _____, "As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940)", HAMBURGER, Amélia Império et al., *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*, São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996, 259-330.
- PRADO, Décio de Almeida, "São Paulo, depois de 1934, nunca mais foi o mesmo", *O Estado de São Paulo*, 27/1/2000, D9.
- REIS, José Carlos, *Escola dos Annales - a inovação em História*, São Paulo, Paz e Terra, 2000.
- _____, *Nouvelle histoire e tempo histórico - a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*, São Paulo, Ática, 1994.
- RICOEUR, Paul, *Tempo e narrativa*, tomo I, Campinas, Papirus, 1994.
- SABÓIA, Napoleão, "Os anos mais felizes de Braudel. No Brasil", *O Estado de São Paulo*, 30/11/1985, p.11
- _____, "'Espetáculo do mundo' fascina Paule Braudel", *O Estado de São Paulo*, 26/11/1995, p. D5.
- SUPPO, Hugo, "A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias", *Revista de história* 142-143 (2000) 309-345.

Une Leçon d'histoire de Fernand Braudel – Châteauevallon / octobre 1985, Paris, Arthaud, 1986.

Universidade de São Paulo - a missão do dr. Theodoro Ramos e os professores contratados”, *O Estado de São Paulo*, 30/4/1934, p.4.

WESTPHALEN, Cecília Maria, *A palavra do Sul - cem anos de Gilberto Freyre*, Curitiba, CD, 2000, 46 e 99-100.

ANEXO I –

FERNAND BRAUDEL -
ENTREVISTA A MARCELLO TASSARA
PARIS, ABRIL DE 1984.

MIDIALAB – ECA/USP

- Professeur, qui êtes-vous?

Fernand Braudel : « Eh, bien, je peux vous répondre comme Miguel de Unamuno, ce qui est prétentieux de ma part : « Soy quien soy », mais je pense que vous me demandez des renseignements plus précis.

J'ai été, il y a longtemps, professeur à l'Université de Saint-Paul et je dois dire que cela représente les meilleures années de ma vie : 1935, 1936, 1937. Je suis revenu une année encore en 1949, et je suis passé, mais très vite, une huitaine ou une quinzaine de jours, en 1955. C'est à dire que j'ai laissé loin de moi Saint-Paul et le Brésil depuis une trentaine d'années. Et j'ai le sentiment que, quand je parle du Brésil, je parle de **mon** Brésil et que ce Brésil-là n'existe plus aujourd'hui, ou du moins, s'est terriblement transformé.

Le Brésil était déjà un géant, c'est devenu aujourd'hui un monstre. Il y a plus de cent millions de brésiliens ; au temps de ma jeunesse, il y en avait à peine quarante millions. Vous vous rendez compte de la différence ! Si bien que ce que je dis du Brésil, je le dis avec tendresse, avec humour, avec poésie, je dirais, avec une certaine nostalgie. Ce n'est pas le Brésil que les brésiliens d'aujourd'hui peuvent voir, je dirais, à chaque moment de leur existence.

Arrivé à Santos – on y arrivait par le bateau, c'est à dire qu'on avait passé en mer entre 15 jours ou 21 jours, deux semaines ou trois semaines, et je peux vous dire que ces semaines-là étaient délicieuses. Délicieuses, parce que ça vous donnait le temps de réfléchir, de vous promener sur le pont. Et l'arrivée à Santos, évidemment pour quelqu'un qui ne connaissait pas encore les pays semi-tropicaux, comme cette façade maritime du Brésil, c'était une surprise fantastique. On montait par le chemin de fer à crémaillère jusqu'à la gare de Saint Paul, et j'y revois encore les membres de la Faculté de Filosofia, Ciências e Letras, qui étaient là pour m'accueillir. La première surprise a été une très grande surprise, mais l'importance du Brésil, pour moi, ça n'est pas d'entrée de jeu, c'est, je dirais, quand le jeu s'est terminé.

J'ai passé les années les plus importantes de ma vie, comme travail, comme réflexion, comme retour sur moi-même, pendant ces années où j'ai été, au Brésil, particulièrement heureux. Particulièrement heureux, parce que j'ai dû tout réapprendre. L'histoire qui m'entourait je ne la connaissais pas, la nature que je voyais, il me fallait apprendre à la saisir, connaître le nom des plantes... Le printemps que vous voyez, aujourd'hui, en France, est quelque chose de merveilleux, mais le printemps, au Brésil, est de toutes les couleurs. Le bleu, le rouge, le jaune, les ipês jaunes sur l'Avenida Paulista, c'est quelque chose d'extraordinaire. Les oiseaux aussi. On parle souvent de l'Académie Française avec les habits verts, mais voir brusquement descendre, dans un jardin, une volée de petites perruches, des académiciennes extraordinaires, sur lesquelles on devrait prendre modèle...

Il y a des surprises, et passer 8 jours ou 2 jours ou 3 jours, dans une fazenda brésilienne, notamment dans la fazenda de Júlio de Mesquita, vivre d'une façon, je dirais, prodigieuse. Même les odeurs...

Et en plus, et en plus, et avant tout, les brésiliens, tous les brésiliens. Les brésiliens de la bonne société, dont je garde le meilleur souvenir, étaient charmants, étaient compliqués et charmants, parlant un français merveilleux. A croire qu'il leur arrivait quelquefois de ne pas bien parler brésilien. J'en ai connu, notamment à Rio de Janeiro, qui étaient capables de s'exprimer en français, mais, quand on avait à demander un renseignement dans la rue, j'étais aussi fort qu'eux. Un monde, je dirais, sympathique, collectionneur de toiles françaises extraordinaires. Pensez à tout ce qu'avait comme richesses un homme aussi intelligent que Paulo Prado, avec son livre « Retrato do Brasil », qui est un livre merveilleux, un livre d'intelligence profonde. Songez à tout ce qu'un homme aussi gentil que João Cruz Costa, un philosophe, pouvait

apprendre à ses collègues français. Quand on arrivait, il les prenait en mains. Il leur apprenait tout ce qu'ils auraient dû savoir avant d'arriver. Mais je vous assure qu'il y avait beaucoup de choses à apprendre : toute l'histoire du Brésil, la philosophie brésilienne, les mouvements, les particularités de la vie politique, de la vie matérielle aussi, du Brésil, une éducation extraordinaire. Alors, le résultat...

Ah, j'oublie l'essentiel : la Faculté. La Faculté était non pas bonne, elle était admirable. Non pas tellement pour les étudiants, mais pour les professeurs. Il était très difficile, surtout s'exprimant en français, devant des étudiants qui ne connaissaient pas parfaitement notre langue, mais qui au bout de deux ou trois mois, n'avait plus aucun mystère, je dirais, difficile à franchir quand il s'agissait de français, mais ils n'avaient pas la vision, les connaissances, l'habitude de vivre dans ce monde d'Europe dont on leur parlait depuis le matin jusqu'au soir. Il était très difficile de les intéresser. Il y avait la façon de parler de la Révolution Française. Alors là, ça marchait tout de suite. Ça marchait tout de suite, sauf catastrophe. Un jour, comme cela, parlant de la Révolution Française, je montrais les révolutionnaires et je leur ai dit un mot que jamais je n'aurais dû prononcer : qu'ils étaient des hommes comme les autres. Ce qui est vrai, croyez-moi. À la fin de mon cours, l'un de ces étudiants est venu me voir et m'a dit : « Monsieur le Professeur, nous sommes déçus, tout à fait déçus. La Révolution Française, nous ne la voyons pas comme vous, la Révolution Française, nous l'attendons encore. Mais je vous dirai qu'ils ne l'ont pas vue arriver et que c'est une autre révolution qui a pris place, je dirais, dans l'imaginaire des intellectuels brésiliens, c'est la révolution russe, de 1917, qui était encore dans sa jeunesse et qui a fini par faire les cercles, les intrusions que vous connaissez. « Nous attendons encore la révolution française »... Bon.

Il y avait donc la nécessité, pour un intellectuel français, de s'adapter à son milieu, et on n'était pas toujours sûr de réussir. J'avais une habitude qui va vous faire sourire. Quand un étudiant brésilien avait une leçon à me faire, il venait d'abord me la faire chez moi, dans ma maison. On discutait. On discutait, je dirais, quelquefois de façon très violente. Nous refaisions donc la leçon ensemble et il la faisait ensuite devant ses camarades. Il y avait dans ce travail, qui était pour moi un travail exaltant, certainement la possibilité de transformer certains intellectuels et j'ai eu, je dirais, des succès considérables, non pas comparables à ceux des professeurs de physique, qui ont eu des succès, comme vous le savez, extraordinaires, mais enfin, de vrais succès. J'ai formé des historiens. J'en ai formé qui sont de qualité internationale, trois ou quatre. Je n'ai pas toujours eu beaucoup de chance, puisque celui que je préférais à tous les autres, Eurípedes Simões de Paula, qui a été pendant trois ans mon assistant, qui a été mon ami, qui a été mon fils, en quelque sorte, a eu la mauvaise idée de lutter contre un camion brésilien – les camions brésiliens sont terribles, comme tous les camions du monde – et ce n'est pas lui qui a eu le dernier mot, ainsi que vous le savez. J'ai perdu avec lui une de mes réussites, une de mes affections, j'oserais dire, même, un de mes amours. Et j'ai revu, bien entendu, Simões de Paula, dans sa gloire, quand il était le directeur de la Faculdade de Filosofia, je l'ai revu, essayant de me rendre ce que je lui avais donné, mais vous savez, à la brésilienne, vous avez donné un Reis et on vous donne un « conto de Reis » en échange. Il m'aurait enrichi tant et plus. Il y avait chez lui une sincérité, une simplicité, une clarté. Je ne sais pas si je le définis bien. La bonté... Tous les intellectuels brésiliens que j'ai connus sont sous le signe de la bonté, de la générosité et de l'amitié. Il y avait chez lui un cœur d'enfant, et je dirais que l'on n'est un historien, un véritable historien, que quand on conserve un cœur d'enfant, avec la possibilité de s'étonner, d'être surpris par la vie, d'être surpris par l'histoire du passé et de regarder cela comme un enfant regarde les premières images qui parlent à ses yeux. En le perdant, je crois que j'ai perdu beaucoup, mais la Faculté a perdu encore plus que moi.

Puis-je dire ce que j'ai le plus aimé dans ce monde brésilien que j'évoque à presque 50 ans de distance ? L'amitié. La société brésilienne est une société en train de se faire. Je crois que je vous disais dans notre conversation : ce n'est pas du vin mis en bouteille, c'est le vin en train de fermenter avec le raisin dans la cuve, en train de se former. Or, c'est une société à la fois plus facile et plus dangereuse. Plus facile, parce que j'y aurai toujours ma place. Je perds ma place,

j'ai une petite catastrophe, mais je peux me rétablir. Si vous voulez, les jeux ne sont jamais faits dans une société comme celle-la, mais c'est une société dans laquelle vous n'êtes jamais sûr du lendemain. Vous ne savez pas si vous ne vous réveillerez pas en prison. Vous ne savez pas si vous ne vous réveillerez pas dans l'exil. Vous ne savez pas si vous ne vous réveillerez pas dans la pire des tares qui est la pauvreté. La pauvreté, au Brésil, c'est un peu, si vous voulez, pour ceux qui ont connu le luxe, la vie intellectuelle, c'est tout de même une sorte de danger.

Curieusement, les liens d'amitié sont d'une telle sorte, vous entendez, d'une telle force, que c'est une assurance contre tout ce qui peut vous arriver. Imaginez qu'il me soit arrivé d'être obligé de quitter la France. Je serais arrivé à Saint-Paul, j'aurais sonné à la porte de Júlio de Mesquita, qui a été le vrai créateur de la faculté de philosophie et des sciences. Je suis sûr qu'il m'aurait pris dans ses bras. J'aurais été chez João Cruz Costa ou chez Eurípedes Simões de Paula, je me serais installé dans leur maison. Et, je voudrais dire, il y a peu de pays au monde dont on peut dire la même chose. Il y a, si vous voulez, une chaleur, à mesure qu'on s'éloigne vers l'Est, car les pays slaves sont aussi extraordinaires au point de vue amitié, mais il n'y a rien de comparable, dans mes souvenirs, dans mes expériences, à la puissance de l'amitié brésilienne.

Voilà ce que je voudrais dire : je crois que pour tous les collègues qui sont venus en même temps que moi à Saint-Paul, et dont j'évoque avant tout celui qui a été l'un de mes grands amis, Claude Lévi-Strauss, que vous allez, je crois, interroger demain, je crois que le Brésil, pour nous, a été le début d'une seconde vie. Nous étions arrivés avec notre formation, Lévi-Strauss était beaucoup plus jeune que moi, mais quand j'étais arrivé, quand même, j'avais une trentaine d'années. J'avais fait mes études, j'avais fait mes premières preuves, si vous voulez, comme historien. Mais c'est comme si on avait été obligés de transformer complètement notre façon de voir et d'expliquer. Il a fallu vivre autrement. Or, j'ai la certitude qu'il y a la possibilité de se maîtriser soi-même, de se conquérir soi-même, de se pousser à ce que l'on peut faire de mieux, à condition de changer. Mais changer, pas pour rire. Changer profondément, dans toutes ses réactions. Je ne suis jamais resté le même, après avoir été au Brésil. J'ai été un homme tout à fait différent, et, dans la mesure où cette expérience a été importante pour moi, ne croyez pas, par exemple, que j'aurais écrit sur la Méditerranée, un livre, tout de même, qui n'était pas comme les autres, si je n'avais pas d'abord été au Brésil. Si je n'avais pas changé, en quelque sorte, mais totalement. L'histoire nouvelle que j'ai défendue dans la Méditerranée, je l'ai en quelque sorte conçue, bâtie, rêvée, quand j'étais au Brésil. Parce que cette histoire-là intéressait mes étudiants. Tandis que leur dire que Richelieu est né à telle date ou que Corneille est né à telle date, je ne dis pas que ça les laissait indifférents, mais ça ne les surprenait pas. Mais une histoire représentant, je dirais, l'ensemble des sciences humaines, cette sorte d'invasion de l'histoire par la sociologie, la géographie, l'économie, etc., ça, ça les passionnait.

J'ai été poussé vers ce que sont peut-être mes défauts majeurs, par les amitiés brésiennes. D'Eurípedes Simões de Paula à Júlio de Mesquita, João Cruz Costa, ils m'ont poussé, je dirais, dans le mauvais chemin, dans la « via mala », où je me trouve tout à fait à l'aise, même cinquante ans plus tard.

Fini. »

ANEXO II -
FERNAND BRAUDEL

MANUSCRITO DO
ENSAIO SOBRE O BRASIL DO
SÉCULO 16

Arquivo privado de Paule Braudel, Paris

1⁶⁵⁵ – Bilhete de Paule Braudel

Brésil

Je pense papiers anciens utilisés pour le cours – Papiers anciens, corrigés (parfois 2 pages 4, ou 5 etc...) et qui ne sont ni en ordre, ni complets. Comparer les qq pages sur « le pays » et « l'Atlantique » avec Cours Sciences Po. Cela éclairera peut-être ma lanterne. Mais de toute façon, papiers inutilisables pour un public quelconque. Attention.

2 - texto datilografado das 4-5a

Les Sources

I - Les données géographiques, archéologiques, linguistiques, anthropologiques, ethnographiques. Le folklore.

On ne peut penser un seul instant, ici, à ~~réduire les sources~~ se limiter aux seules sources manuscrites et imprimées. Les méthodes que l'on peut, à la rigueur, employer, bien à tort d'ailleurs, pour le XVI^e s. européen, s'avèrent, en terre brésilienne, d'une insuffisance criante. Il faut faire appel, pour comprendre la mise en place de la première expérience brésilienne, aux lumières et au secours des ~~seienes~~ disciplines voisines de l'histoire, depuis la géographie, capitale en l'occurrence, jusqu'aux renseignements que peuvent nous livrer les richesses, encore inexploitées malheureusement, du folklore. Ce recensement, nous le ferons ~~très~~ rapidement, d'autant que les lacunes sont extrêmement nombreuses en ces domaines où la recherche scientifique en est vraiment encore à ses débuts. [Ainsi donc, c'est beaucoup plus aux pratiques de l'histoire ancienne qu'il importe de se référer] ?

1. Les données géographiques. On connaît les ouvrages de base : 1. Reclus 2. Denis. 3.....

Pas de carte du relief.

C'est évidemment surtout dans la mesure où ces travaux nous renseignent sur la géographie humaine d'hier et d'aujourd'hui, où ils nous permettent de localiser les faits historiques, qu'ils présentent un intérêt pour notre recherche. Nous disposons, en dehors de ces grands ouvrages, d'une poussière d'études de détail. Voici la liste des travaux que j'ai consultés.

Elle est loin d'être exhaustive. Pour se rendre compte de la multiplicité des publications géographiques, un exemple peut suffire, celui de l'Itatiaya.

Il y a beaucoup à apprendre sur les constantes de l'histoire brésilienne dans les ouvrages des voyageurs.

3 - texto datilografado das páginas 5b-7a

Le document énorme, je veux dire le pays, il importe surtout de le voir et c'est là un problème quasi insoluble. Pour connaître entièrement l'Europe, il nous faut une vie entière et quelques accidents favorables. ~~Au Brésil~~ Le tour du Brésil réclame une telle quantité d'accidents favorables que peu de gens ont la chance de le réaliser. Ces connaisseurs de la terre brésilienne sont assez rares. L'auteur de ces lignes n'est pas de leur nombre.

2. Les données archéologiques. Il devrait y avoir deux archéologies brésiennes, l'une portant sur les vestiges amérindiens, l'autre sur les premiers monuments européens. Scientifiquement, elles en sont l'une et l'autre à leurs débuts. Les premiers monuments européens se ~~conservent~~

⁶⁵⁵ Numeração correspondente às páginas na ordem em foram encontradas. Não consta no original.

mal sont mal conservés sous le climat trop chaud de la côte. Bâties avec la chaux des coquilles marines même des « sambaquis », avec du bois et même de la terre, ils ne présentaient pas une résistance suffisante. Ce n'est qu'avec le XVII^e s. que l'on rencontre des constructions résistantes dans le N E, où l'on construit les fortifications hollandaises et les casas grandes des seigneurs d'engenhos. On en est réduit, pour le XVI^e s., à quelques très rares documents iconographiquement survivances : l'église du couvent des Jésuites à São Paulo, qui a presque vécu, sous sa forme première, jusqu'en 1907, Mais on ne dispose d'aucune le couvent São Francisco à Bahia ruisselant d'or... De ces vestiges on ne saurait dresser un relevé, et moins encore une carte. Pas plus qu'une liste des documents figurés qui nous donneraient une idée de ces monuments disparus.

En ce qui concerne les vestiges amérindiens, la moisson est surabondante en apparence, mais elle ne représente qu'une très faible partie de ce que l'on peut mettre à jour. Les trouvailles sont surtout importantes dans la zone amazonienne et dans l'île de Marajó, dont la céramique et la poterie sont justement célèbres.

Mais la difficulté c'est de dater et d'interpréter. Les interprétations les plus fantaisistes ont cours. La seule méthode acceptable et pensable c'est de resituer ces détails archéologiques dans le cadre de ce que l'on appelle parfois les civilisations sub-andines, on devrait plutôt dire extra-andines. Il semble permis de les étendre à l'Amérique du Nord, là, des travaux extrêmement précis et rigoureux ouvrent la voie à toute une série d'hypothèses par analogie d'analogies par comparaison. Il est bien évident qu'il faut aussi regarder vers les Andes. La découverte récente, dans l'état de São Paulo, de tout un lot de haches semi-lunaires vient nous rappeler de façon opportune ces résonances dans le milieu amérindien du Brésil des influences de la civilisation incasique.

Pirassinunga

7b-8

3. Les données linguistiques Le Brésil du XVI^e s. est indien presque dans la proportion de 999 pour 1000. Que l'étude du vocabulaire de la lingua geral nous offre de précieuses lumières, on n'a pas le mérite de le découvrir. Il est demeuré accroché aux plantes, à la topographie, aux usages... Ici, nous abordons un monde d'accès difficile.

Ce qui nous intéresse, c'est moins la technique que les résultats entiers. Cette incorporation dans la langue « brésilienne » de ces milliers de mots pris au tupy guarani, c'est le signe d'une véritable transfusion, peut-on en dresser la liste ? Très mal, pensons-nous. Là encore, il manque des études orientées dans un sens historique. Les linguistes ont travaillé pour eux seuls. Le meilleur point de détail est à chercher dans le livre clair, de vulgarisation intelligente, de Plínio Ayrosa Primeiras Noções de Tupi, 1933 (s. indic. d'édit.)

1620 ou 16 Du même auteur à signaler un dictionnaire

9 4. Les données anthropologiques

10 5. Les données ethnographiques

- a. Les musées
- b. Les expéditions
- c. Les livres de synthèse

6. Le folk-lore

II Les archives

III La bibliographie historique

11

Livre II

Les données réalités de base

Plan montrer
le rôle de l'espace
tout de suite avant
d'en établir la grandeur. Je crois qu'ainsi
le raisonnement se suivrait mieux.

12

Livre II

Les données de base

1 – Le pays brésilien

Je ne vois pas d'historien qui ait été vraiment attentif à ce document, à ce personnage de taille cependant, le Brésil, ni Capistrano d'Abreu (1), ni A. D'Escragnolle Taunay, ni même Oliveira Lima (2). Les grandes histoires classiques du Brésil, celles de Southey (3), de Varnhagen (4), d'Handelman (5), de Rocha Pombo (6) négligent, en vérité, les données géographiques. Varnhagen leur consacre bien un chapitre, mais si rapide et au fond si vide pauvre ! On ne trouvera pas non plus de données utiles dans ces quatre cents pages, si vides/médiocres, que Rocha Pombo, au seuil de son ouvrage monumental, consacre à la terre brésilienne. Un mauvais lyrisme à la Buckle (7) les anime et aboutit à ces images contestables, si non sur la magnificence, du moins sur la douceur – la gentilidade – du milieu pays brésilien. Disons-le avec force, le problème, pour nous historiens, désireux de comprendre le passé, ce n'est pas de décrire, comme un géographe - à chacun son métier – mais de localiser les faits historiques, de délimiter leur aire et de chercher dans ces limites une explication, s'il y en a une qui soit donnée par le sol, les formations végétales, les phénomènes climatiques ou le jeu des voies de communication...

13

L'on ne doit faire état d'aucune
Histoire, si la géographie, son
œil droit et lumière naturelle, ne
marche devant. En quoi →
Vianna

I – Le pays brésilien

Les grandes histoires classiques du Brésil, celles de Handelman ?, de Rocha Pombo, de Varnhagen, négligent les données géographiques. Je ne vois pas d'historien, en ce domaine, qui ait été vraiment attentif à ce document, à ce personnage de taille, cependant, le Brésil lui-même, ni Capistrano d'Abreu, ni A. d'Escragnolle Taunay, ni même Oliveira Lima. C'est la scène même de l'histoire qui disparaît de la sorte et cela ne va pas sans graves conséquences, car la scène a commandé, déterminé en partie, l'histoire brésilienne. Les considérations géographiques érudites de d'Avezac sur l'histoire du Brésil, [le livre génial d'Humboldt] sur le Sud Amérique ne doivent pas nous tromper. La géographie, pour lui/pour l'un comme pour l'autre de ces auteurs, est non pas celle du Brésil [ou du Sud Amérique], mais celle des cheminements nautiques des découvretes. Nous sommes avec eux au milieu de l'Atlantique Sud ou sur ses côtes occidentales, mais, proches ou éloignés, toujours en dehors ou en marge de la terre brésilienne. Ce sont les essayistes qui, là déjà, nous signaleraient, si besoin en était, cette lacune inattendue,

Euclides da Cunha, Gilberto Freyre. L'un et l'autre ont senti, ~~signalé~~ montré l'importance du milieu brésilien, soupçonné et ~~montré~~ décelé les liens, gros comme des câbles, qui ~~ici~~ ont attaché l'histoire des

14

néanmoins, tous historiographes de quelque temps et langue qu'ils soient ont toujours failli com' à plusieurs autres choses

Les Trois Mondes par le seigneur de La Popelinière, Paris, 1582
Cité en épigraphe par J.M. Normano
Brazil. A Study of Economic Types
Chapel Hill The University of North
Carolina Press 1935 254 p.80
p1

15

hommes au relief, au climat, aux eaux, aux plantes, à la forme de la terre ~~qui les portait~~ brésilienne. Ce sont les géographes ~~qui sont~~ encore en train de prospecter le Brésil qui demain nous donneront peut-être la solution du problème. Qu'il nous suffise maintenant d'en voir l'importance et la difficulté car, il faut bien l'avouer ~~en effet que~~, ce problème oublié résiste à notre bonne volonté.

16

hommes au relief, au climat, aux eaux, aux plantes, à la forme de la terre qui les portait. ~~A côté des essayistes signalons heureusement~~ les géographes qui sont encore en train de ~~conquérir~~ prospecter le Brésil ~~par leurs travaux, ceux d'un Elisée Reclus, d'un Pierre Denis, heureusement touchent très souvent à l'histoire~~ N'empêche que malgré tout le problème oublié que nous ~~voulons~~ tentons de définir résiste à notre bonne volonté.

Il implique ~~toutes~~ les difficultés générales que comporte un tel genre de problèmes [apporte avec lui] et dont on prendrait la mesure sur des ~~exemples~~ cas classiques. Celui de la Grèce ancienne, par exemple, à propos duquel des historiens, géographes d'un instant, ont commis plus d'une bévue. Or, sur la scène qui nous occupe, les dangers de se tromper, ~~de prendre pour un câble des fils de la vierge~~ existent plus qu'ailleurs, ~~car~~ le passé ici nous échappe ~~un peu~~ et le milieu ne nous est pas encore connu avec toute la rigueur scientifique désirable. ~~L'enquête géographique commence seulement.~~ Bien plus ~~une difficulté exceptionnelle~~ un obstacle nous arrête. On peut imaginer la Grèce classique au travers de ses souvenirs de voyage, de la vision du présent, penser, comme on l'a fait, avec un talent exceptionnel, que l'agriculture grecque de l'antiquité se survit à elle-même, très souvent dans ses formes actuelles. Entre l'homme et la nature, en ces terres d'occupation millénaire, un ~~équilibre~~ paysage

17

d'équilibre a été depuis longtemps atteint, dont on peut voir, deviner, évaluer les lentes déformations. Je ne crois pas qu'il soit aisé de retrouver, sur place, ainsi en terre brésilienne les signes ~~encore~~ vivants du passé. ~~Il faut tenir compte de~~ Là ~~ici~~ intervient en effet la puissance destructrice du climat, ~~et plus encore de un climat épuisant~~ qui ne laisse aucun repos au sol, dont les pluies diluviennes qui dissolvent la terre arable, emportent les chemins, ~~Il faut tenir compte également de~~ la puissance de la végétation, l'indiscipline de la même, l'érosion humaine, ~~en plein travail, extrêmement puissante qui a modifié et modifie encore~~ sans cesse en travail, la nature partt (particulièrement) puissante. L'équilibre ~~n'est pas atteint et~~, quand il est atteint, ne peut durer comme dans les terres européennes... ~~Ne l'oublions jamais que~~ Le Brésil est un monde mouvant ~~qui s'est déformé et se déforme sans cesse~~, où ce qui est s'évanouit assez vite pour ne plus revenir à la vie, et cela dès le principe. C'est le très grand historien Luzio d'Azevedo qui a trouvé pour le Portugal et le Brésil l'heureuse formule de cycles économiques.

Disons cycles de vie. Ils se ferment en pays brésilien avec une ~~exceptionnelle~~ vitesse surprenante rapidité. Avec eux naissent et meurent des cultures, des formes de vie, des villes.

~~[Il y a déjà eu ici aussi bien des centaines dizaines de Brésils ...]~~

~~L'équilibre, la semi-immobilité ne se rencontrent pas ici. Ni dans les hommes, ni dans les choses. Saisir en ces conditions les rapports, au XVI^e s., de la vie des hommes et du pays ; une tâche difficile.~~

18

(Obs. do autor : placer ici les détails trouvés ds Hoehne

Saisir, dans ces conditions, les rapports, au XVI^e s., de la vie des hommes et du pays, une tâche difficile. La semi-immobilité ne se rencontre ni dans les hommes, ni dans les choses. Mais justement cette mouvance ~~que l'on accuse de brouiller~~ qui brouille les lignes, par qui tout s'efface, ne conserve-t-elle pas dans son mouvement même l'image du passé, n'est-elle pas l'éternel retour de formes analogues de vie ? Sur les pentes de l'Itatiaya, le massif le plus élevé du Brésil où, l'hiver, il reste encore de l'humidité, des bosquets verts, des pâturages, les troupeaux, quelques centaines de bêtes, montent seuls des pays asséchés de Minas et du Parahyba. Dans l'île de Marajó, le bétail vit en liberté, à peine a-t-on soin d'aménager le dos des collines sur lesquelles il se réfugie quand les eaux submergent les bas pâturages. N'est-ce pas ainsi que vivaient les troupeaux de bœufs à São Paulo, au XVI^e s., à travers les herbages du campo, parfois dans les terres ensemencées, jusque dans les rues de la ville naissante ? * ~~Cette mouvance, principe du Brésil, elle nous explique le présent et le passé, à condition que l'on en saisisse les raisons. Un géographe a mis en cause le climat, et cela à propos du plateau pauliste, où dit-il en substance, l'homme de la terre enraciné au sol comme sa maison n'a fait pas encore fait son apparition avec son cortège de noms de terroirs et de pays. La construction est heureuse mais que penser de l'explication ? Sans doute le soleil~~

19

* Un très bon observateur des réalités brésiliennes, Hoehne ne s'y est pas trompé, à ~~... ???...~~ les ~~signes de~~ répondre/reprendre (?) sur le monde végétal du XVI^e siècle. Les témoignages des contemporains, de Gandavo au perspicace Cardin, il ne peut résister au besoin de souligner leur actualité. Cette danse moderne du « cururu » et que Jean de Léry vécut avec sa minutie habituelle pour le milieu du XVI^e s., Hoehne l'a vue identique à elle-même dans le Matto Grosso et en Bolivie orientale presque quatre siècles plus tard. De même à Pará et toujours dans le Matto Grosso, il a retrouvé, en 1909-1912, les mêmes flèches que celles que décrivait Jean de Léry. Le pseudo « colon » bourguignon et « gènevois » retrouverait ainsi aujourd'hui, ici et là, le Brésil du temps de Fort Coligny. C'est l'allemand Sladen qui, ~~vers 1550~~ vers le milieu du siècle, lui aussi nous a conté ses observations souvent naïves et exactes. Les indiens qui l'avaient capturé, raconte-t-il, venaient d'apprendre de Français avec qui ils étaient en rapports, l'usage du sel. Cette ignorance du sel qu'il dit fréquente alors, Hoehne la rencontre parmi les aborigènes de la Serra do Norte, il y a une centaine d'années seulement. Il retrouve chez eux aussi la même méthode ancienne pour préparer la farine de manioc. Des détails, dira-t-on, et tous saisis dans ce milieu indien, primitif, et qui,

20

du fait qu'il est primitif, a peu évolué, étant d'un conservatisme étonnant. « Les primitifs sont les peuples les plus conservateurs que nous connaissions », notait en 1917 Roquette Pinto dans son livre classique Rondonia 183-L. Mais cette immobilité nous ramène au XVI^e s., même au-delà s'il était besoin. Dans ces réserves indiennes des profondeurs brésiliennes ou tous nos témoins du XVI^e s.. Gandavo, Jean de Léry et les autres ne seraient pas dépaysés, l'avance européenne se fait comme au début de la conquête, grâce à la farine de manioc, la farine sèche, dite de guerre, et que l'on emporte pour subsister au long de la route sans fin. Ainsi, les seringaleiros de la forêt amazonienne, chasseurs de lianes et d'arbres à caoutchouc, vivent, ou plutôt vivaient avant la débâcle de leur industrie, du manioc que leur livraient les tribus

indiennes. Au cœur du Matto Grosso, les troupes du Général Rondon, hier, renonçaient aux vivres de l'intendance et réclamaient la farine de manioc, comme au temps des « bandeiras » à travers le « sertão ». En somme, il y a deux Brésils imbriqués, à l'époque actuelle, superposés parfois, l'un qui est presque de bout en bout gagné au pain, résultat récent, et l'autre, immense encore, qui reste celui du manioc. De temps à autre, dans ce Brésil qui représente à peu près tout le Far West, se rencontrent les rétrospectives comme dans un musée...

Cette mouvance, principe du Brésil, elle nous explique le présent et le passé du pays, mais à condition d'être saisie elle-même dans ses raisons profondes. Un géographe a mis en cause le climat, et cela à propos du plateau paulista où, dit-il en substance, l'homme de la terre, enraciné au sol comme sa maison, n'a pas encore fait son apparition avec l'habituel cortège des noms de lieux, de terrains et de pays. La constatation est heureuse, mais que penser de l'explication ?

21

Cette carence de l'homme de la terre, elle est vraiment générale, qu'il s'agisse des plaines découvertes, des forêts ou de la montagne, nulle part on ne rencontre le « paysan », l'homme adapté au milieu physique. Dans la forêt, l'homme apparaît comme un vrai chasseur d'arbres précieux, un passant. Dans la montagne, il ~~apparaît pour~~ voudra conduire ses troupeaux, ou mieux, guider l'indispensable convoi de sel à dos de bourricots et de mulets, sans quoi le bétail dépérirait. La forêt reste toujours étonnamment sauvage. On la coupe à blanc, on la laisse ensuite, comme au long du littoral, repousser à sa guise, sans sélectionner les essences. À côté de nos forêts domestiquées, elle évoque le désordre, la négligence, l'insouciance des hommes. Son spectacle nous démontrerait par contraste tout ce que nos forêts doivent aux hommes, combien elles sont voulues, cultivées. Ce sont les forêts d'eucalyptus plantées depuis un siècle à peu près qui évoquent l'ordre forestier vers lequel peut-être demain le Brésil s'acheminera. Songez que ces forêts brésiliennes sont si peu pénétrées par l'homme que nombreux en sont les éléments qui n'ont pas de nom dans la langue vulgaire. Une forêt anonyme en partie, et en partie aussi en marge des hommes. Rien de comparable, en somme, si l'on veut se reporter à l'Inde, à ces forêts du versant himalayen semées d'ermitages..

22

Buarque

Il est dans toute sa masse une zone pionnière de l'Europe, du monde, hier et partiellement encore aujourd'hui. Une zone de cueillette, non pas pour lui seul, mais pour les autres. Il faut qu'il produise à bon compte et par quantités massives, le pau brasil, le sucre, ???..., le café, le coton, aujourd'hui et cela pour payer l'exploitation ... ???... et capitaliste, son équipement, son luxe, sa civilisation qu'on lui fait payer très cher, le luxe d'être une Europe... C'est pourquoi la thèse d'Oliveira Vianna rachète le livre assez mauvais qu'il aura écrit sur le Brésil méridional et qui vaut pour le Brésil tout entier. Au-dessus de cette vie rurale de base (1) qui gaspille les richesses millénaires du sol pour produire au maximum, qui mange son « bled vert », aurait-on dit chez nous au XVI^e s., le luxe des maisons, que l'on veut seigneuriales avec vaisselle d'argent et linge de bonne toile de Hollande s'élève avec peine, puis s'abat. C'est le cas, au principe, de Recife, de Bahia et de ses églises d'or, puis, plus tard, d'Ouro Preto et de ses magnificences architecturales, puis de Rio, de São Paulo. Un luxe qui coûte très cher et que l'on demande au dehors, en paiement des terres épuisées, des produits miniers prospectés avec fièvre et des forêts sans fin brûlées pour faire place aux productions rémunératrices du moment...

Ces constatations, il faut maintenant en voir l'importance, non plus en général, mais pour le XVI^e s. en particulier.

23

(texto riscado) :

~~grave esquisse~~ définit assez bien du coup ~~la physionomie essentielle~~ l'allure de ce couloir essentiel.. Mais outre les différences de sol, de climat, d'économie végétale ou humaine, il y a entre les points de repère français et les régions brésiliens d'énormes différences de grandeur. Non le couloir de Parahyba qui bien plus vaste que la France n'est pas l'image de notre Massif Central. Sait-on que si l'on mettait un calque des côtes brésiliennes sur une carte de l'Europe, alors que Recife (Pernambouc) se situerait à Oslo Porto Allegre serait à la latitude de Naples. Cet artifice scolaire ne dit pas encore assez bien à l'esprit la grandeur brésilienne. Leroy Beaulieu parlant du monde russe, disait « un important morceau de la planète ». Il faut ~~appliquer~~ reprendre sa formule pour le monde brésilien.

Aujourd'hui ~~encore~~ on n'échappe pas à l'impression d'immensité écrasante que laisse un pareil pays. Même au voyageur aérien, c'est par blocs hallucinants que le Brésil présente ses paysages sans fin, même aux jours les plus clairs, ourlés de brume chaude à l'horizon, ses fleuves interminables à peine enfoncés dans le sol, ses forêts à couleur de prairies et, sur le plateau pauliste, ses fazendas réduites à des taches minuscules vertes et blanches, avec la brochette des maisons de colons – nous disons de « manouvriers » agricoles rangées auprès d'elles en files régulières – leurs colonnes rougeâtres avec l'étrange pointillé des caféiers...

24

Or, il en est ainsi dès le principe. Le Brésil « européen » du XVI^e s. n'est sans doute pas le Brésil actuel. Ce dernier comprend un morceau des pays de la Plata, l'étage amazonien et, entre les deux, le Plateau brésilien, plaque de roches anciennes ici et là recouverte par des revêtements sédimentaires. Seul cet étage élevé intéresse les origines brésiliennes ; c'est là que l'aventure européenne va s'installer, de là qu'elle rayonnera sur les terres basses du Nord, de l'W et du Sud. Les cartes I et II montrent bien cette vérité/réalité première, c'est vraiment sur le plateau que s'appuie le Brésil enfant, c'est vraiment lui qui constitue ce que l'on appelle, d'une formule heureuse et obscure à la fois, le Brésil historique. Mais cette première base, elle n'est pas occupée tout de suite par l'Européen. Longtemps, sa présence se limitera à quelques points de la côte, îles, ou vraies ou fausses, mais îles tout de même, qu'il s'agisse du Recôncavo de Bahia et de ses ~~riches~~ terres schisteuses, friables et ... ???..., ou de l'île de São Vicente. Ce sont là des postes exigus. Le Recôncavo est-il au juste plus étendu que Madère ? Mais l'exiguïté de ces terroirs ne doit pas nous rendre aveugles aux réalités de l'espace brésilien. Ces points occupés sont séparés l'un de l'autre par d'énormes distances ~~tout d'abord~~, ils s'appuient à la fois sur l'~~énorme~~ surface de l'Atlantique Sud et sur celle de l'arrière-pays. Ils sont des points de relai à la fois

25

de la course océanique et de la course continentale qui, l'une et l'autre, animent la vie de ces minuscules sentiers urbains et ruraux ~~à la fois~~. Or, très vite, ces « îles » ont essaimé vers l'intérieur, ont prospecté, inventorié les profondeurs du continent, avec une rapidité surprenante⁶⁵⁶ et que l'on a signalée avec raison. Presque dès le principe de la conquête, nous y reviendrons, des européens gagnent, au-delà de la Serra do Mar, la clairière pauliste où se croisent les routes de l'aventure indienne. C'est dire que la vie brésilienne en somme se dilue dans l'immensité du pays, ~~en adopte~~ doit vaincre les énormes distances, en subir ~~le rythme~~ l'obstacle.. ~~Cela~~ C'est d'autant plus exact qu'il ne faut pas exclure de l'histoire du Brésil ~~elle~~ de la masse indienne, que cette masse est même protégée par cet espace même contre une chute qui eût été dix fois plus rapide ~~encore~~. C'est l'espace qui souvent limite et stoppe la poussée européenne, d'autant plus qu'il importe d'évaluer les distances selon l'échelle du XVI^e s., les sentir dix, vingt, cent fois plus considérables qu'aujourd'hui. Question capitale que ~~elle~~ de cette circulation primitive, lente, et parfois même impossible. Ainsi, de Rio à São Paulo, le couloir d'effondrement du Parahyba en arrière de la Serra do Mar, offre une liaison idéale, en

⁶⁵⁶ Deffontines Préface

apparence, celle-là même qu'utilise la voie ferrée de la Central do Brasil. Or, il faut attendre la fin du XIX^e s. pour

26

que cette liaison soit vraiment possible et utile⁶⁵⁷. La liaison se faisait auparavant soit par Santos, soit par Taubaté, l'escalade de la Serra et ensuite la baie de Sepatiba, ~~ainsi que~~ (voir le croquis). Et, cependant, les corsaires pillent sur la baie les navires de charge qui transportent parfois l'or de Minas Geraes. Dès le XVII^e s., Rodrigo César de Menezes songe à établir cette liaison uniquement continentale qui supprimerait le terrible risque du trajet maritime. Inutilement⁶⁵⁸. C'est la voie mixte par Taubaté que prend encore le courrier postal établi en 1773 entre Rio et São Paulo.

27

[texto riscado]

[que cette liaison soit vraiment possible, utile. La liaison se fait longtemps par Santos ou par Taubaté, l'escalade de la Serra et la lagune de Sepetiba. Et cependant les corsaires pillent sur la lagune les navires de charge.]

S'il en est ainsi, c'est que tout le Parahyba est occupé par ~~la forêt~~ une marche forestière dense où la course indienne trouve son retranchement, une forêt galerie diraient les géographes, comme celles qui s'étirent le long du São Francisco ou alors de la plupart des fleuves brésiliens. C'est justement quand on brûle la forêt à la fin du XIX^e s., pour établir les grands cafezaes de la vallée du Parahyba, aujourd'hui déchus, que disparaissent les Indiens et que le chemin devient libre. Cet exemple montrerait, à lui seul, l'impossibilité de parler d'ensemble de cette circulation première, de calculer ainsi les vitesses de déplacement. Il est aisé, relativement, de parler de moyenne des prix, tous les prix se rapportent à une base monétaire comparable à d'autres bases analogues. Les vitesses, les distances horaires ou journalières, ne sont pas ~~comparables entre elles~~ réductibles les unes aux autres aussi aisément, dans un pareil milieu surtout. On a presque chaque fois des cas d'espèce sous les yeux.

28

Cet espace, de quel poids ne pèse-t-il pas sur le Brésil ? ~~de quel poids n'a-t-il pas pesé aussi par le passé ? Remarquez qu'~~ Il est une richesse en même temps qu'une gêne. Une richesse, car on abandonne les terres appauvries par une exploitation destructive, qui méconnaît l'économie, l'engrais, la fabrication du sel, l'avarice européenne, ou chinoise, ou hindoue, pour se porter avec maison, capitaux et famille vers les terres neuves de la zone pionnière. Des lignes de villes, ~~des chapelets de villes~~ marquent ~~par étapes~~ ces gaspillages successifs d'espace. Pas plus d'égard pour les forêts que pour les terres, l'espace forestier n'est-il pas lui aussi illimité ? Si les cycles de vie sont aussi brefs, si l'homme de la terre/le paysan n'est pas encore né vraiment, c'est ~~non seulement à cause du climat.~~ C'est que l'espace surabonde, arrache, happe, attire les hommes. Que l'on ne s'y trompe pas, le long du Parahyba, ces villes bien pavées, avec leurs maisons bourgeoises, leur air provincial, leur âme, leur allure d'Europe ~~par certains côtés, des villes mortes et mortes parce que le Brésil est trop vaste immense... endormies industrielles~~ – Guaratingueta par exemple – leurs tentatives industrielles, des victimes et des produits de l'immensité brésilienne. C'est

[texto riscado :

Cet espace dont dout dit l'importance ~~pour la~~ présente, il faut en dilater les dimensions si l'on veut le saisir tel qu'il était à l'aube de l'histoire brésilienne. Il n'y a pas bien entendu ici un coefficient unique de grossissement à adopter, pas ~~d'index~~ de distances index à calculer comme pour les prix. Il faudrait que

⁶⁵⁷ Cf. Article de l'Estado et travail qui m'a été remis

⁶⁵⁸ Ce Rodrigo sera pris par les Hollandais le 25 avril 1645 cf. Ephémérides.

29

ces distances soient mesurées dans un milieu identique à lui-même ne se rapportassent ni au même milieu ni aux mêmes conditions. ~~Et ce n'est pas le cas.]~~

Imaginez, en effet, le musée des véhicules du XVI^e s. brésilien, que l'on ne possède pas, d'ailleurs. Voici la pirogue indienne creusée dans un tronc d'arbre, le canot fait d'écorce, la litière à porteurs, les chevaux venus du Cap Vert ou des Açores, bêtes assez maigres, mais infatigables, dures à la peine ~~au long des côtes~~. Voici, par la route littorale, les esquifs à balanciers et les naves portugaises avec leurs voiles quadrangulaires gonflées comme des crinolines. Voici encore, de São Paulo à São Vicente, par le chemin infernal de la Serra des porteurs de caisses de marmelade ~~qui remonterait vers le plateau les poissons de l'océan et...~~ Piétinements des hommes, courses à cheval, glissades en pirogues, voyages de navires corsaires, ou du roi de Portugal, ou de Dieppe, la vitesse varie de l'un à l'autre genre de locomotion. Les vitesses n'ont pas seulement grandi avec le temps, mais elles sont devenues ~~tellement~~ beaucoup plus régulières. Alors, descendre un fleuve, une vitesse, le remonter, une autre. Selon l'époque de l'année, l'eau sera plus ou moins haute et le courant plus ou moins rapide. Sur les terres durcies par le soleil ou liquéfiées par les pluies, il y a une vitesse d'été et une vitesse d'hiver. Même sur cet océan tranquille qu'est l'Atlantique Sud de la Guinée au Brésil, il faut trois mois pour aller des quais de Lisbonne à la baie de San Salvador. N'empêche que Cabral mettra au

30

printemps 1500 un peu moins d'un mois et demi sur la route classique qui coupe les deux archipels des Canaries et du Cap Vert. Par contre, pour regagner l'Europe, il faut compter d'habitude cinq et six mois ~~en allant vers~~ par la route non moins classique des Açores. Rien de sûr : Jean de Léry reste immobilisé 5 semaines à l'équateur. ~~Et nous aurons l'occasion de reparler de ces réalités des voyages océaniques.~~ On pense à d'autres exemples, à la vitesse de circulation des troupeaux des sertões.. à l'infernal labeur que va entraîner l'apparition assez tardive du char à bœufs vers le XVII^e s. et surtout à l'époque des mines. Goyaz, au cœur géométrique du Brésil, voit au XVIII^e s. un rush d'entrepreneurs et d'esclaves noirs venus exploiter les mines de métaux précieux et les minières de fer. Le fer se transporte de Goyaz à Rio et le convoi ne met pas moins de cinq mois à gagner ainsi la côte atlantique⁶⁵⁹.

Dans ces conditions, il serait vain de chercher un coefficient. Alors, prenons des exemples, au travers de leur réalité on imaginera aisément les monstrueux espaces du Brésil primitif, sans ~~route~~ chemins comparables aux pistes incasiques que vers l'W l'Espagnol trouvera au pays andin et qu'il lui suffira – car elles étaient faites pour l'homme animal de bât – d'agrandir pour les véhicules, les chars à bœufs et à lanières de cuir...

31

4. Le Brésil actuel est fait de l'addition de deux régions énormes, deux mondes : l'immensité, forestière, ~~hydrographique et alluvionnaire~~ forêts, eaux, alluvions de l'Amazone, l'espace ~~infini~~ du plateau brésilien, morceau d'Afrique si l'on veut, de cette Afrique de roches anciennes et dures, à laquelle jadis ce ~~morceau de continent~~ fragment sud-américain se rattachait, que l'on accepte l'un ou l'autre, des romans géologiques en vogue, l'un, celui d'hier, qui met en cause l'existence, à travers l'Atlantique, d'un prolongement, coupé par un effondrement, du continent de Goudwana, l'autre qui, par la grâce des dérives wegnériennes, ~~aurait~~ détache du golfe de Guinée le plateau brésilien... Ce plateau « africain » ~~n'oublions pas qu'il~~ est l'architecture solide du pays, il soutient sur sa masse abaissée vers le Nord les placages sédimentaires des Amazonies, ~~que~~ ses propres matériaux de démolition transportés par ses eaux ont créé les vastes régions alluvionnaires de la Pata, c'est contre lui, enfin, qu'a buté le plissement des Andes.. Un pays en somme à deux étages, l'Amazonie, le plateau. Or, historiquement, l'étage élevé seul nous intéresse. On le comprendra tout de suite en se reportant aux deux cartes (I et II) qui

⁶⁵⁹ Kruse Das wahre Herz Brasiliens

résumant l'expansion brésilienne des XVI^e, XVII^e et XVIII^e siècles. ~~Le Brésil s'est constitué, comme ??? horizontalement, en surface, avant de s'édifier~~

32

Nous aurons l'occasion d'y revenir, cette expansion dans sa forme première est représentée par ces expéditions, à travers la brousse, que l'on nomme les bandeiras. Chaque troupe a son drapeau, bandeira, et les bandeirantes, les porteurs de drapeaux ont avec ~~une certaine~~ rapidité pénétré très loin dans l'intérieur. Les deux cartes localisent cette expansion, l'une en donne la chronologie, les étapes, l'autre les routes. Or, l'on notera que ces routes s'appuient toutes sur ~~le plateau~~ les hautes terres brésiennes, le pseudo Massif Central. Quant aux détails chronologiques, on voit assez bien que le mouvement ne déborde ces highlands qu'assez tard, quand s'achève le XVII^e siècle. Cette localisation de la première histoire brésilienne sur le triangle des vieilles terres dégrossit seulement le problème. L'expansion ne commence en effet, au vrai, qu'avec les premières années du XVII^e siècle. Jusque là, la marque européenne se limite à un seul des côtés du triangle, le côté atlantique ~~la face océanique. Nous avons~~ De bout en bout de cette étude, nous nous occuperons presque ~~uniquement~~ exclusivement de cette ~~énorme~~ frange littorale dilatée au N., qui se rétrécit amenuecée à mesure que l'on va vers le Sud. ~~Si l'on se reporte aux~~ Les cartes premières du Brésil ~~ont~~ ~~voit~~ soulignent assez ~~nettement~~ bien cette localisation. A l'intérieur, le cartographe ~~imagine~~ campe des Indiens transportant ~~ou non~~ des billes de pau brasil, des forêts, des palmiers, des singes, des perroquets. La nomenclature des accidents géographiques

33

et des villes ~~ne dépasse~~ se limite à la bande côtière. Gandavo, qui vers le milieu du XVI^e s., écrit la première histoire du Brésil – ou, comme il dit, de la province de Santa Cruz – énumère les villes ~~importantes~~ aux rues pavées et aux édifices ~~dignes de mention~~ de pierre : toutes ces indications comme le montre le croquis se rapportent au littoral et même quand il décrit le climat brésilien, il n'est pas difficile de deviner – pourquoi ne l'a-t-on jamais signalé ? – qu'il s'agit du mécanisme de la brise de terre et de la brise de mer, qui tantôt rafraîchit la température, tantôt l'élève, laisse ou non, selon les cas, les forêts s'envelopper de brume. Que les colons européens se soient arrêtés à la côte, on le comprendra aisément, qu'ils l'aient débarrassée des Indiens dangereux, on le comprendra aussi, et même que leur poussée se soit arrêtée aux premiers contreforts de l'arrière-pays... Mais le problème, c'est que ~~seul ce côté de~~ l'énorme triangle ait été uniquement attaqué sur ce côté océanique. Le plateau brésilien se limite ~~en effet~~ par trois grandes lignes d'eau, l'océan, l'Amazone, la zone marécageuse coupée de larges veines d'eau du Parana Paraguay qui va déboucher dans le Rio de la Plata. ~~Pas un problème obscur on en saisit vite la solution. Au Nord comme à l'W il faut tenir compte du sens du réseau hydrographique. L'Amazone et le Paraguay sont des chemins qui écartent du Brésil, ou du moins du plateau, vers l'océan et vers~~

34

III La masse indienne

La masse indienne

Ne pas omettre comparaison des paysages agraires actuels : lac Titicaca et zone pionnière. Nature domptée d'un côté, encore libre de l'autre

35

III La masse indienne

Tant bien que mal, on aura essayé d'appuyer sur le pays ~~brésilien~~ lui-même, puis sur l'immensité atlantique, les premières destinées européennes du Brésil. Reste à marquer maintenant comment cette protohistoire se greffe, s'articule sur les sociétés indiennes. La tâche

se devine essentielle et en même temps très malaisée, on est là à une charnière non seulement du passé, mais aussi de nos disciplines intellectuelles. Il y a, parmi les chercheurs, les spécialistes des temps précolombiens et post-colombiens, les techniciens des civilisations modernes et les historiens. Cela implique à soi seul des ignorances de part et d'autre de ces lignes de partage. A ce jeu, le problème qui nous préoccupe risque non seulement de s'obscurcir, mais de disparaître. Dans les chapitres précédents, il ne s'agissait ni de décrire le pays brésilien ni de faire l'histoire de l'Atlantique au XVI^e s., mais dans un cas comme dans l'autre, de rattacher l'histoire brésilienne à des facteurs et à des forces qui l'ont commandée, déterminée en partie. Ici, tout pareillement, il ne s'agit pas de résumer les travaux des ethnographes, anthropologues et ethnologues, de reconstituer la physionomie très diversifiée des tribus indiennes à l'époque de Vincent P..... ou de Cabral, mais bien de montrer le lien qui va de l'histoire indienne à l'aventure européenne, ou mieux, brésilienne.

36

Bien entendu, cette incidence implique une connaissance de la masse indienne et de l'histoire nouvelle qui s'amorce. S'il y a peu de chances d'en saisir le détail, ~~mais~~ l'essentiel peut ~~assez bien~~ s'en deviner. Dans les ouvrages classiques, ce problème paraît pourtant si mal abordé. C'est qu'au vrai, historiens et indianistes ont travaillé en se tournant le dos. Il y a bien des ouvrages d'histoire qui s'ouvrent sur d'inutiles considérations géologiques et climatiques sur la scène même où se situe leur récit. De même, les pages consacrées aux Indiens par les historiens du Brésil sont-elles écrites hâtivement et sans souci de lier ce qui a précédé à ce qui doit suivre. Sur les travaux des ethnographes, des remarques symétriques s'imposent. Ils ne sont pas assez attentifs à ce qui, des sociétés modernes, a pu se dissoudre dans le monde qui va se créer. Pas assez attentifs non plus aux réalités géographiques, ou mieux encore, qui ne trouvent pas de place dans une vitrine de musée. Si l'on veut un exemple, trop intéressés par les formes des hameçons de pêche et pas assez par les routes, les pistes, l'aire d'une tribu, avec tout ce que cela comporte de réalités de base. On ne prétend pas, dans les lignes très générales qui suivent, remettre tout en place ou tout expliquer, mais dire, nettement, catégoriquement même, ce que l'on doit comprendre de cette soudure décisive, de cette greffe..

37

*
* *

Tout le domaine ~~actuel~~ du Brésil est découpé dans ce que l'on ~~peut~~ doit appeler le monde semi-barbare de l'Amérique du Sud précolombienne. Ce que l'on a ~~pu dire~~ écrit sur ~~cette~~ la vaste civilisation subandine, ~~sur~~ son homogénéité relative, ~~sur~~ son énorme domaine de l'Argentine Nord au-delà de l'hémisphère austral jusqu'au Mississipi et à ses, sur ses réussites dans le domaine de la céramique, celles de l'île de Marajó ou celle du chaco septentrional, ne peut contredire notre première affirmation. L'expérience brésilienne au XVI^e s. se situe sur un plan indigène modeste-inférieur, que l'on ne saurait comparer aux brillantes civilisations des Andes ou du Mexique. Tout ce que l'on peut proclamer, au nom d'un indianisme hier prophétique et qui n'a pas encore désarmé, ne saurait prévaloir contre cette vérité.

38

Tout le domaine actuel du Brésil est découpé dans ce que l'on peut appeler le monde barbare de l'Amérique du Sud précolombienne. Toute l'expérience du XVI^e s. se situe donc, du point de vue amérindien, sur un plan très modeste. C'est là la grosse différence, dans le Nouveau Monde, entre la conquête espagnole et les autres prises portugaises. Les Espagnols se sont amparé de la zone ando-mexicaine, d'une série de montagnes et de plateaux occupés et mis en valeur par de vieilles sociétés, cohérentes et riches, qu'il s'agisse des Aztèques ou des Incas. Ils trouvaient toute faite une conquête des forces naturelles et de l'espace. Voyez pour les métaux précieux, ils avaient été prospectés. Pour trouver ses mines d'or, le Brésil attendit le XVIII^e siècle. Ses tribus indiennes n'ont pas même de mots propres pour désigner l'or ou

l'argent. L'Amérique espagnole n'a pas eu ses chercheurs d'or, comme le Brésil ou la Californie. Entre le Brésil et le Pérou, les différences énormes de leurs destinées européennes s'expliquent par la différence des points de départ, un pays de ~~sauvages~~ primitifs d'un côté, de l'autre, une région civilisée. L'Espagnol dans les Andes a exploité des richesses qu'il ne créait pas, risquons le mot, économie ~~de cueillette~~ destructive, le Portugais et ses collaborateurs européens en terre brésilienne ont dû construire ex nihilo, économie constructive. Sur le plan de la seule expérience espagnole, on trouve ce contraste en opposant l'exemple du Pérou à celui de l'Argentine, primitivement, ou presque, une table rase. Là, l'Espagnol est le bâtisseur de villes neuves. Ailleurs, il se loge dans des villes qu'il n'a pas construites : Cuzco, Mexico... Pour revenir à l'opposition première des expériences

39

andine et brésilienne, voyez comme les mots de base cachent des réalités différentes. Le Roi d'Espagne donne des sortes de concessions, bénéfiques plutôt que fiefs, les *encomiendas*. Le Roi de Portugal octroie des *sesmarias*. Or, les sesmarias, nous y reviendrons, c'est le lot classique de la colonisation contemporaine, un don d'espace, terres, eaux, forêts, mais d'espace humainement vide. L'*encomienda*, par contre, c'est de l'espace avec des villages d'Indiens. Le concessionnaire devient seigneur d'Indiens. Tout le problème est de savoir si ces seigneurs seront viagers ou perpétuels, problème que l'on désigne sous le nom bien caractéristique de la « *perpetuidad de los indios* ». Ainsi, d'un côté on partage une terre sans occupants et, de l'autre, on coupe des concessions dans des zones peuplées, occupées par des sédentaires.. Ainsi, à l'Espagnol le matériel humain ne manquera pas dès le principe. Ce fait à lui seul n'est-il pas gros de conséquences? Les expéditions espagnoles avec leurs cortèges de porteurs indiens sont autrement nombreuses que les *bandeiras* qui feront la grandeur du Sud Brésilien. Dans les Indes de Castille – vieux pays relativement – c'est le juge, le *letrado*, les *Audiencias*, groupes de fonctionnaires, d'anciens étudiants de Salamanque, d'Alcala ou des autres universités ibériques, qui jouent assez vite le premier rôle⁶⁶⁰. Dans le Brésil naissant, l'initiative

40

individuelle triomphe avec l'homme d'affaires, le maître d'*engenho*, le???..... d'Indiens, voire le missionnaire. A aucun moment, l'expérience européenne ne s'est noyée dans les leçons et les contraintes amérindiennes. Sociétés cohérentes porteuses d'Empire, riches d'ordre et de conquêtes, les sociétés andines redeviennent elles-mêmes aujourd'hui, retrouvent leur équilibre. Ailleurs, les sociétés amérindiennes n'ont-elles pas disparu, ne disparaissent-elles pas sous nos yeux?

*

* *

[texto riscado : On ne dira jamais assez combien ce premier Brésil humain est pauvre et rudimentaire. Au moment des affaires de Floride l'ambassadeur Français à Madrid écrivait de la presqu'île « .. elle ne vault rien que pour les courssaires et moins la terre du Brazil » Je sais bien que c'est là une note vague et qui ne met pas en cause spécifiquement l'indigénat brésilien, mais il faut le retenir. Comme on l'a déjà remarqué⁶⁶¹ « à l'arrivée des colons l'Indien n'avait rien qui put leur être utile. Ni dans le règne animal, ni dans le règne végétal ». L'affirmation est ~~un peu forcée sans doute~~ très injuste, mais il faut suivre son auteur dans ses développements quand il montre ~~vis à vis de la nature, l'inefficience, le non équipement des tribus indiennes~~ ce qui manque à l'équipement des tribus indiennes, à ce que l'Européen va apporter. « Les animaux

41

⁶⁶⁰ note ????

⁶⁶¹ Viriato Corrêa O Estado 14 juin 1936

N'allons tout de même pas sous-estimer ~~par trop~~ ce premier donné ? humain du Brésil. Il est évident qu'il est ~~extrêmement~~ pauvre. En 1566, l'ambassadeur français à Madrid écrivait : « [la Floride] ne vault rien que pour les commissaires et moins la terre du Brazil ». Je sais bien que c'est là une affirmation vague, un jugement de dixième??? main. Il faut le retenir ~~sans doute~~, mais ne pas l'aggraver. Ainsi, il est excessif de dire « à l'arrivée des colons, l'Indien n'avait rien qui pût leur être utile. Ni dans le ~~domaine~~ règne animal, ni dans le règne végétal ». Une pareille affirmation vient d'une erreur de point de vue, il suffit de résumer l'article, excellent, dont elle est extraite, pour s'en apercevoir aussitôt. L'auteur dresse en effet la liste des animaux et des plantes que le colon européen a apportés au Brésil. Elle est très longue. « Les animaux

42

Chapître 1

Le pays

1 – On oublie presque toujours, dans la littérature consacrée au XVI^e s. brésilien, de faire sa place à un personnage de taille cependant : le pays lui-même. L'oubli semblera grave. En Europe, le paysage est transformé par l'effort millénaire des hommes. En Amérique, la marque humaine est beaucoup moins forte, au Brésil surtout. Au-delà des grandes routes, des zones de richesse économique, on retrouve souvent la nature brute, telle qu'elle existait assurément au XVI^e s., et même bien au delà. Il importe donc de préciser quelles furent les bases géographiques du XVI^e s. brésilien. La tâche, théoriquement, semblera ~~bien~~ difficile. L'enquête géographique porte en effet sur les conditions présentes du pays, elle date d'hier seulement et ne dispose pas ~~encore~~ toujours des instruments de base qui lui permettraient de conclure ~~avec quelques chances ses recherches...~~ Le monde brésilien que l'on voit sauf les zones ~~de nature brute pionnières~~ neuves a beaucoup changé par rapport au XVI^e siècle. D'une image présente que l'on connaît imparfaitement, comment déduire une image ancienne différente et incertaine? Peut-être, à regarder les choses d'un peu plus près, et de façon concrète, le problème ~~semblera-t-il~~ sera-t-il plus facile à résoudre qu'il ne le semblait au premier abord.

43

en profondeur, ce qui est sa tâche d'hier et de demain surtout. Cette expansion première – l'épopée des bandeiras – a été remarquablement étudiée et les deux cartes que l'on a reproduites en donnent assez clairement le bilan. L'une marque les zones approximativement atteintes, l'autre les routes que les bandeirantes – les porte-drapeau/les porteurs de bandeiras – auront suivies. Toute cette expansion, on le notera, est située sur le haut pays, ses routes de latérite, ses montagnes, ses fleuves. L'Amazone est donc en dehors de nos préoccupations. Cette simplification ne mutile la réalité que sur des points de détail, négligeables à l'échelle d'histoire générale où l'on désire se placer.

3. Cette première simplification ~~déjà~~ simplifie le problème, le précise un peu. Seul le plateau doit ~~nous fixer~~ retenir l'attention. Or, là, nos connaissances géographiques sont assez précises. On a affaire à une masse compacte de roches dures, archéennes et primaires, à l'un des plus ~~vieux~~ anciens morceaux de la planète, à un très vieux matériel géologique. La table très usée – pénéplanée – du plateau est loin d'être parfaite. Elle est interrompue par des cassures, des couloirs d'effondrement comme la grande vallée du Parahyba qui ouvre à travers un modelé d'argile

44

Sur ce dernier trait, nous avons insisté, mais il faut y revenir encore. C'est un piétinement...

A l'eau lente des fleuves.. Chevauchées que ME. Taunay compare à la poussée cosaque qui a donné la Sibérie aux Russes. Si les comparaisons entre le Brésil et la Russie sur ce point comme sur quelques autres ne sont pas tout à fait aussi absurdes qu'il y paraîtrait au premier

abord, c'est assurément parce que là comme ici, la distance joue son rôle permanent, impose l'isolement, que l'homme est perdu au milieu d'un pays trop vaste pour lui. Je pense d'ailleurs que cette vérité géographique n'a pas échappé aux érudits. Mais peut-être faut-il y insister dès que l'on écrit non plus pour des Brésiliens qui savent par expérience la valeur/réalité de cette affirmation, mais pour un public d'Europe.

Des chiffres de bandeiras

45

un chemin facile de São Paulo vers Rio, par des???, dont les surfaces aplanies, là dans la Serra da Bocaina, là dans la Mantiqueira. Pour ne prendre que des exemples ~~que l'on a vus, évoquent~~ rappellent la pénéplaine originelle, par des montagnes cicatriculées, des rebords festonnés en côtes des causses gréseux – les chapadas de l'intérieur – par l'érosion brutale des eaux et de la décomposition chimique au voisinage de l'Atlantique qui a dégagé tant de pontements ??? de roches éruptives, volcans ratés ??? des lointaines époques géologiques, [~~ici dans les rades de Rio et de Vittoria, là dans ce vaisseau de syénite bleuâtre grise et blanche qui constitue au sommet de l'Itatiaya la masse des Agulhas Negras.~~] non parvenus à l'ancienne surface, et qu'il ne faut pas confondre avec les roches volcaniques – ici dans les rades de Victoria et de Rio, là dans le vaisseau de syénite bleuâtre, grise et blanche, qui constitue au sommet de l'Itatiaya la masse ds Agulhas Negras.

4. Cette « scène » géographique, il importe surtout d'en donner pour le XVI^e s. l'aspect humain. On ne veut pas en donner une étude géographique complète, qui serait hors de notre propos, voire de nos moyens.

46

On a parfois rapporté à nos horizons français ces valeurs du plateau Brésilien en le comparant soit aux Vosges, soit à notre Massif Central. Ces rapprochements ne sont pas sans profit. Sur l'effondrement du Parahyba, les deux bords du plateau évoquant le paysage classique de l'Alsace, du pays de Bade, de la vallée rhénane, avec la double ligne des Vosges et de la Forêt Noire. On peut très bien évoquer, la lumière aidant, ici ou là, certains aspects de l'Auvergne cristalline ou des Chaumes. Mais aussi que différences ! Le fait que la masse pétrifiée du plateau n'ait pas un seul appareil volcanique suffit à la distinguer du Massif Central, sans parler des différences prodigieuses que signifient encore le climat, la décomposition des roches, la végétation, l'occupation humaine.. Non, la vallée du Parahyba n'est pas l'Alsace.. Mais si l'on s'est attardé à ces comparaisons maladroitement, c'est qu'elles permettent par contraste de souligner une des coordonnées de l'histoire du Brésil, à savoir l'immensité du pays. Massif Central, disait-on, à propos de la meseta brésilienne. Sait-on que le Plateau est plus vaste que la France entière, que si on mettait un calque de cet étage supérieur du Brésil sur l'Europe, alors que Pernambouc se situerait à Oslo, Porto Alegre serait à la hauteur de Naples...

47

Cette ampleur, elle est encore plus importante que ne le laisse deviner cet artifice scolaire. C'est avec des moyens primitifs qu'il faut jauger cet espace, l'unité de mesure c'est la distance parcourue à pied à travers la broussaille, à travers les picadas de la forêt, c'est le chemin franchi après une journée en pirogue sur le Tietê ou le Rio Grande, alors qu'il faut tirer le bateau sur la rive pour contourner les chutes, on peut passer d'un bief fluvial à l'autre. Rien ne dira mieux ce long piétinement à travers un pays sans limites que le calendrier des bandeiras..

Les charois de Goyaz

48

Aujourd'hui encore, on n'échappe pas à l'impression d'immensité écrasante que laisse un voyage au Brésil. Au voyageur aérien, pendant des heures le plateau offre par blocs hallucinants son paysage, grandiose et monotone, les fazendas réduites à des taches minuscules vertes et blanches avec les ~~petites~~ maisons voisines des colons rangées en file, les caféiers série de points sur la terre rougeâtre/ pointillé clairsemé, l'horizon énorme et même, aux jours les plus clairs, ourlé à sa limite de brume chaude, des fleuves interminables à peine enfoncés dans le sol...

Oublier l'espace, en terre brésilienne, c'est se condamner à ne comprendre ni le présent, ni le passé.

6. La climat

7. La latérite

Sur l'espace
ajouter si aussi peuplé
que Belgique toute la
population du monde. 1/15
de la surface du globe
c'est le cas de se souvenir
de ce que Leroy-Beaulieu a
pu dire de l'immensité
planétaire de l'Empire des
tsars

49

6. L'expansion coloniale des peuples européens a créé au-delà des océans et des mers toute une série d'Europes. Le Brésil a sa place, mais à part, ~~dans~~ parmi ces Europes nouvelles. Elle est la seule Europe tropicale authentique. Les créations antillaises, les îles Hawaï, les îles de la Réunion et Maurice, ces Guyanes ne sauraient pour bien des raisons lui être comparées. De même citons pêle-mêle, l'Inde, l'Indochine, l'Afrique tropicale découpée en colonies par l'Europe. Là, l'Europe n'existe qu'en apparence. L'Inde n'est-elle pas elle-même, uniquement ? Le recensement qui précède n'a pas le désir d'être complet. L'important, c'est de rapprocher le Brésil, pays tropical et subtropical, des autres pays de même nature. C'est ce qu'a fait dans son essai Gilberto Freyre. Si la greffe européenne a tellement prospéré, ???.... ici, nul doute que ce ne soit en grande partie à cause de la greffe elle-même d'une qualité particulière, le Portugais. On aura l'occasion de revenir sur cette grande question que la remarque précédente simplifie par trop. Ce qui est présentement en cause, c'est le climat physique du Brésil, du seul Brésil qui nous occupe, je veux dire, le Plateau.

En gros, mais en gros seulement, on peut parler à propos du plateau d'unité climatologique. Sa température moyenne est dans l'ensemble supérieure à 20°.

50

9 Le plateau brésilien devrait être relevé du côté de l'Est, face au bourrelet andin qui a buté contre lui, nous disent les géologues. Il est curieusement relevé vers l'Est, vers l'Atlantique, pour des raisons que l'on explique parfois en évoquant

51

Partout – sauf d'étroites franges – la pluie est supérieure à un mètre. Partout enfin, le même rythme fait succéder à l'hiver austral sec, l'été austral pluvieux. Le plateau en entier connaît ainsi la saison de poussière et de boue. Cette alternance de la pluie et de la sécheresse domine tout, la vie physique, comme l'activité sociale. Le trait le plus curieux de ce climat, non le seul, ce sont les liens avec le courant d'eau chaude qui, en direction du Sud, se détache du courant équatorial sud rejeté en partie vers le Nord, en partie vers le Sud par l'éperon du Cap San

Roque. Ce fleuve marin d'eaux tièdes est accompagné par un cortège de vapeur d'eau et de nuages. C'est lui qui arrose l'Amérique du Sud atlantique comme l'ont démontré les travaux de . Entre son volume, sa vitesse et les pluies tombées en Argentine, une curieuse correspondance se marque. Il en est de même pour le plateau brésilien, qui doit tant à ce rideau d'eaux chaudes et de vapeur, bien que la dépendance n'ait pas été soulignée comme elle le mériterait. Il faut, pour que le Brésil du plateau en profite, que les vents poussent la frange de vapeurs vers l'W. Le problème de la circulation atmosphérique n'est pas résolu en ce qui concerne les profondeurs du continent. On ne sait rien

52

sur la marche lente des hautes pressions qui longent parfois le rebord oriental des Andes, pas grande chose sur la course des cyclones chargés de pluies. Au Nord de Bahia, les alizés repoussent le barrage vers l'océan et déterminent dans le sertão bahiano les sécheresses invraisemblables du Ceará. Du Sud de Bahia à l'échancrure de la Plata, dans la zone que les instructions nautiques qualifient de zone de vents variables, l'humidité côtière est jetée assez régulièrement vers le continent par les vents du NW, vents chauds, insupportables, qui donnent des temps lourds, étouffants. Dès qu'ils cessent, l'humidité qu'ils ont ainsi transportée, à cause même de leur température, par-dessus les barrières montagneuses, se résoud en pluies diluviennes.. On n'aurait pas expliqué aussi mal ce mécanisme encore mal analysé par les spécialistes responsables s'il ne soulignait automatiquement ce fait important, à savoir la plus grande humidité de la zone littorale et sublittorale. C'est à la proximité de l'océan que São Paulo doit ainsi son brouillard – sa garoa fine – qui enveloppe les horizons de la ville, ses nuages auxquels s'accrochent d'étonnants couchers de soleil. L'avion d'Uberaba à São Paulo, après des heures sur l'intérieur relativement sec, cuit par un soleil ardent, au-delà de la Serra dos Crystaes, plonge dans une

53

monstrueuse montagne de nuages...

7. Tout ce qui se rattache directement ou indirectement au climat ne peut s'indiquer en quelques lignes. Deux conséquences seules nous retiendront, liées d'ailleurs l'une à l'autre. Un pareil climat épuise le sol. Il lui manque le repos hivernal avec cette vie au ralenti des êtres et des choses. Le sol produit sans arrêt. La chaleur et la pluie se rencontrent dans la période de l'été ~~bore~~ austral. Il s'ensuit un paroxysme dans la vie végétale, un jaillissement. ~~Sur les pentes de l'Itatiaya Pedro II avait installé en — les colons européens et fait planter des arbres cultures fruitières et maraichères. L'entreprise a échoué. L'hotelier ??~~ A ce service intensif et continu, le sol ne résiste pas. Il lui faudrait les engrais naturels et artificiels qui ont fait hier et aujourd'hui le sol de l'Europe, très souvent création des hommes. Un des drames de la terre brésilienne vient de l'épuisement assez rapide de ses richesses naturelles. Un quart de siècle suffit souvent pour détruire la fertilité des meilleures terres. D'autant que le sol arable est menacé par les pluies diluviennes de l'été austral. La moindre pluie crée des rivières momentanées dont l'érosion s'enfoncé avec une vitesse vertigineuse. Les routes d'aujourd'hui sont

54

à la merci d'une pluie un peu forte qui peut les raviner, voire les couper. L'usure du sol par les éléments prend, sur le plateau comme ailleurs, la forme des dépôts latéritiques. Sur des milliers de kilomètres s'étend son manteau rougeâtre, infertile. Par temps de sécheresse, la latérite est poussière, véritable sucre en poudre que lessive la première averse avec ses rigoles sanglantes. Bourbiers invraisemblables à l'époque des pluies, les chariots s'y enfoncent et le bétail aussi et les automobiles n'en échappent que grâce aux chaînes dont on garnit leurs roues. La latérite, c'est l'état de misère auquel les éléments réduisent le sol sans protection végétale suffisante. C'est le terme final de l'évolution du sol, une sorte de nécrose. Il faut bien dire que l'homme a contribué au succès de la latérite. Il a été en ces terres hautes l'agent destructeur de la forêt. Il la détruit sous nos yeux encore, dans la zone pionnière de façon éclatante, vivante, sans que l'on

proteste, de façon sournoise ici et là en la privant de ses arbres les plus nobles et ne laissant en place qu'une forêt inférieure qui n'a l'allure de forêt que pour les gens/touristes non avertis. Mais, il faut le remarquer, le monde végétal est ici, comme en Afrique Occidentale, en équilibre instable. La forêt

55

a poussé sur elle-même. Elle n'a pas plus de rapport avec le sol, dit E. F. Gantier ??? qu'une caisse de capucines avec le balcon qui la supporte. La réflexion amusante concerne la forêt tropicale d'Afrique. Elle n'est pas tout à fait inexacte en ce qui concerne le plateau. On aura l'occasion de revenir à la fois sur la fatigue du sol et sur la fragilité de la forêt. Cette forêt aujourd'hui supprimée sur d'énormes espaces, conservée en rubans le long des fleuves, en forêts galeries, sur les pentes de l'intérieur exposées aux vents pluvieux, en forêts aborigènes, dégradées trop souvent, on ne peut oublier que c'est contre elle qu'a grandi, bien ou mal, difficilement ou avec commodité, le Brésil moderne. Toute l'histoire américaine, un drame de la forêt, le croquis de la p. donne une image un peu trop claire, un peu trop risquée, de l'occupation d'un fragment du plateau. Les diverses lignes qui marquent les étapes de la pénétration vers l'W sont assurément discutables, mais elles délimitent à la fois l'avancée de l'occupation rurale et le recul de l'arbre... Inexactes en détail peut-être, donnant de la marche vers l'W une image trop géométrique, elles sont assez vraies en général pour que l'on n'ait pas résisté au plaisir de les reproduire.

56

8. On ajoute ainsi au Brésil actuel, pour retrouver sa réalité du XVI^e s., l'énorme masse forestière que les hommes ont détruite. C'est un jeu que l'on laisse aux économistes de savoir si ce que l'on a ainsi détruit a été vraiment compensé par les richesses créées. Les incendies de forêts qui ont laissé derrière eux, visibles encore, des souches d'arbres géants, ont peut-être coûté plus cher que l'on ne pense d'habitude. Mais laissons la controverse insoluble. Ajouter au paysage végétal actuel pour retrouver le passé mais y retrancher aussi. Ces soustractions végétales doivent figurer au chapitre cultures, non pas végétation spontanée.

57

~~justifient sa traduction portug~~ A mon avis de beaucoup la meilleure mise en place du passé brésilien dont on dispose. Celle de Varnhagen est plus utile, plus précieuse peut-être par la richesse de la documentation, par les trésors qu'y ont apportés les ajouts de Capistrano d'Abreu et surtout de Rodolpho Garcia dans l'ultime édition de l'ouvrage de 192... . Mais la mise en page est-elle heureuse ? Un économiste remarquait avec justesse que cette histoire générale du Brésil restait la chronique de ~~son histoire~~ sa frange littorale⁶⁶². D'autres, ~~comme~~ surtout Affonso d'Escragnolle Taunay, ont depuis lors, entrepris d'en conquérir/saisir ??? les fastes continentaux... Ainsi donc, ces images d'ensemble ne sauraient nous suffire pour le XVI^e siècle. Capistrano d'Abreu, ~~le plus grand historien brésilien assurément~~, ne s'y était pas trompé. Presque tous ses efforts furent consacrés à ce premier siècle sur lequel il aura réuni tant de lumières nouvelles. Mais son œuvre considérable n'a pu être achevée et reste en pièces détachées. De plus, comme j'aurai l'occasion de le dire, le temps, ici, a également fait son œuvre. C'est le sort de nos livres de vieillir assez vite, non seulement par rapport à la littérature du sujet même qu'ils traitent et qui ne cesse de fleurir et de pousser, mais aussi par rapport à l'histoire générale et à la vie, car nos recherches aboutissent à la vie, aux exigences de l'instant présent, se colorent du reflet des idées qui s'affirment et des questions qui se posent dans l'actualité. Voyez la place

58

que les questions économiques et sociales trouvent aujourd'hui dans nos discussions et nos préoccupations, la place qu'on leur fait, avec raison, dans les recherches sur le passé ?

⁶⁶² Normano

Capistrano y est presque demeuré étranger comme de juste. Les prix à São Paulo ou à Bahia au XVI^e siècle ? Une question qu'il connaissait sans doute, mais dont il n'aura pas parlé.. Par ailleurs, l'histoire générale progresse, plus ou moins régulièrement, mais progresse ~~de façon indéniable~~. Il s'ensuit que les secteurs particuliers de l'histoire voient changer leur éclairage sans même qu'une prospection nouvelle en ait enrichi la connaissance.. ~~Dans ces conditions n'était-il pas tentant de risquer à son tour l'entreprise ? Habitué aux réalités du XVI^e s. européen, j'abordais l'histoire du Brésil en étranger, capable non seulement de m'étonner du spectacle du temps présent mais aussi du paysage des temps perdus.~~

Le secteur brésilien ne fait pas exception à la règle... Dans ces conditions n'était-il pas tentant de risquer à son tour l'entreprise ? de remettre ce premier passé brésilien dans les cadres et les courants de l'histoire générale ? d'en marquer à la fois les liaisons et l'originalité ? Habitué aux réalités du XVI^e s. européen, peut-être n'était-il pour cette raison même plus aisé qu'à un autre de retrouver ces liaisons et de renouer les fils. De voir ce qui prolonge au-delà du Sud Américain l'histoire brésilienne et parfois bien souvent l'explique. Cette ??? histoire ne me paraît nullement, si épais et si vaste soit-il,

59

l'histoire d'un ~~monde fermé~~ pays coupé du reste du monde. Au XVI^e s. comme aujourd'hui, l'histoire du monde cerne/marque et étreint les destinées brésiliennes. [là comme ailleurs, il faut rattacher, pour le bien saisir, le particulier au général] Autant dire que le passé brésilien déborde les limites de sa propre scène géographique. Qui peut en douter [au vrai] ? A chercher les fils qui lient ce premier passé brésilien à l'histoire du Portugal, aux destinées françaises, à l'aventure nordique à travers l'Atlantique, cela ne veut pas dire que l'on ignore la puissante originalité, ou sur le plan mondial⁶⁶³ ou sur le plan américain⁶⁶⁴. Le Brésil est une « Europe », mais singulière, la seule qui se soit développée, si l'on néglige ici et là quelques réussites sans envergure, dans la zone équatoriale, tropicale et subtropicale, aux prix d'efforts répétés, additionnés et qui se ~~développent~~ poursuivent encore sous nos yeux, car le Brésil n'a ni achevé sa croissance, ni dépassé sa première jeunesse.. Or, comme il convenait, je le pense du moins, je me suis étonné devant son histoire singulière, comme devant ses paysages actuels, car on n'emporte pas toujours avec soi, comme mesure secrète des êtres et des choses, le passé de son propre pays, ses horizons, nos champs qui sont des jardins, nos vergers, nos chemins multipliés, nos villages enracinés depuis des siècles, nos villes presque toujours très vieilles, nos sociétés ordonnées, tout ce qui ~~éto~~ montre, particulièrement en France, et même dans

60

toute l'Europe de l'Ouest, le poids des siècles et la marque victorieuse [de la patience et] du travail des hommes ? Cet étonnement, j'ai cru qu'il était bon de le suggérer tout au long de ce livre, d'où la large place que j'ai faite aux photographies, aux illustrations, aux cartes, aux croquis, à tout ce qui pouvait ~~suggérer~~ rendre présentes les réalités de la vie brésilienne. De parti pris aussi, j'ai laissé à certaines de mes explications leurs méandres qui auraient été inutiles si ce livre s'était adressé uniquement à des Brésiliens, pour qui ce que je dois dire est très souvent vérité courante. Mais, dans mon esprit du moins, c'est au lecteur d'Europe que ce livre s'~~adresse~~ est destiné, d'où la nécessité de signaler tant de vérités premières qui pour être du domaine public n'en ont pas moins leur importance et leur valeur. J'ai d'autant plus insisté dans ce sens que la vie présente du Brésil [- évidemment mutatis mutandis-] me semble un document d'une valeur étonnante sur le passé [ainsi que l'on aura l'occasion et de le dire et presque de le démontrer]. Il y a encore, comme au XVI^e s., des villages, des vagabondages indiens, des sertões, à l'état pur, des forêts à peine mordues par l'attaque européenne, des chercheurs d'or, de diamants et de pierres précieuses.. Si même ce livre peut avoir quelque valeur, il le doit assurément à ce qu'il anime chaque fois qu'une occasion propice se montre, ~~la vie~~ les images du passé

⁶⁶³ ma conférence

⁶⁶⁴ Siegfried

61

du souffle de la vie présente. C'est au long des pistes de l'intérieur, sur la frange des zones pionnières, sur ces montagnes qu'encerclent la forêt, le long des fleuves chargés de troubles, coupés de ~~cascaes~~ chutes et de rapides, que l'on peut ~~non seulement~~ utilement rêver du temps perdu, ~~mais aussi~~ le comprendre et saisir son originalité ~~profonde~~. Peut-être la difficulté cruciale de cette histoire du Brésil naissant s'en trouve-t-elle expliquée ? Les villes du Brésil, à la différence de celles d'Argentine, par exemple, sauf quelques exceptions brillantes – São Paulo surtout – n'ont pas conservé leurs archives. Nous reviendrons, dans le premier livre de l'ouvrage, sur cette lacune si grave. Il s'ensuit que les ~~archives~~ dépôts d'Europe et du Portugal contiennent tout ce que l'on peut saisir des archives premières du Brésil. ~~Et il s'ensuit~~ Les conséquences intellectuelles sont faciles à ~~deviner~~ prévoir. Au chercheur d'Europe qui a les textes et seulement les textes, il manque l'expérience de la vie brésilienne qui peut et les animer et leur donner un sens. A l'érudit brésilien, cette expérience ne manque pas, mais les preuves écrites. Cette définition force la visite, bien entendu, mais n'est-ce pas la difficulté à vaincre, la double face suivant que l'on part d'un côté ou de l'autre de l'Atlantique ?

62

*
* *

Je ne justifierai pas longuement le plan de ce livre. Il est fait de l'addition de trois récits qui, au lieu de se suivre, se répètent. Une première fois, ~~nous nous sommes~~ je me suis acquitté du voyage en parlant des sources diverses de l'histoire du XVI^e s., une seconde fois en cherchant, derrière les faits qui nous sont connus, les réalités de base sur lesquelles l'expérience brésilienne s'est appuyée et développée avec la logique et l'illogisme des circonstances ; enfin, le troisième et dernier récit ~~détaille~~ montre comment les étapes chronologiques de ce premier siècle brésilien se relaient et aussi s'appuient l'une sur l'autre. Le dernier livre, à la rigueur, remanié, étoffé différemment, aurait pu s'incorporer presque toute la matière de l'ouvrage. C'est à lui qu'aboutissent les deux livres précédents comme à une conclusion. Il n'est pas besoin d'insister pour voir les avantages et les défauts de la solution que j'ai adoptée. Cela permettait un examen ~~plus~~ précis des points de vue, des problèmes, une critique ~~plus~~ poussée des résultats acquis, une ~~meilleure~~ bonne mise en place des hypothèses nouvelles. Un récit, disons, logique insiste forcément sur ce qui bouge et se transforme et exclut souvent les discussions et les vues arrêtées. Par contre, le danger des redites était à craindre. Je les ai matériellement réduites au minimum. Je crois d'ailleurs que ces trois récits, écrits, en feuilletant les livres, en mettant en place le jeu des réalités brésiennes, puis en marquant les étapes

63

1

Voir page 1bis suivante

Préface

On n'entend pas, par XVI^e s., les années 1500-1600. Les brouillards du début, les courses aux découvertes, les raids de découvreurs sont un mauvais point de départ. L'année 1600 ne vaut pas ~~davantage~~ mieux comme point d'arrivée. Le Brésil ne commence à être à se saisir qu'~~en 1532~~ avec l'expédition de Martin Affonso de Souza, en 1532. Pour trouver une coupure acceptable, il faut aller au-delà du XVI^e s., jusqu'aux années 1614-1624, qui voient d'une part la fin des tentatives françaises avec la disparition de São Luís do Maranhão et le début de ce qui sera, au vrai, la seconde guerre hollandaise, mais une seconde guerre si large, si profonde et qui a bouleversé à tel point l'histoire du N.E. brésilien, qu'elle est sans commune mesure avec ce que l'on pourrait appeler la première : série d'attentats et de coups de mains au

long des rivages atlantiques, entre 1590 et 1609, poignée de petits événements demeurés sans nom d'ensemble... ~~Il est bien entendu que~~ ce siècle élargi et déplacé ~~d'histoire~~ constitue un immense/énorme domaine ~~de recherche~~ et ~~que~~ bien des zones en restent obscures encore.. ~~et que~~ L'enquête dans les archives d'Europe et du Brésil, si poussée qu'elle ait été, demeure incomplète, ~~que~~ nous ignorons trop de choses aussi de ce legs précolombien sur qui s'élèvera plus que l'on ne pense le pays nouveau ~~et peut-on étudier au vrai une forêt sans en connaître le sol?~~ Nous ne connaissons pas assez, non plus, la scène géographique

64

2

(1bis)

On n'entend pas exactement par XVI^e s., les années 1500-1600. Les brouillards du début sont un mauvais point de départ. L'érudition s'est en effet peut-être, trop attachée au détail de ces courses de découvreurs, de ces raids de caravelles parfois fantômes, au long des côtes brumeuses du Brésil. On a aussi gonflé ces années, importantes sans doute, mais qui précèdent au vrai la naissance du Brésil portugais qui ne date guère que de 1532, de l'expédition de Martin Affonso de Sousa, acte décisif s'il en fût.. L'année 1600 vaut moins encore comme point d'arrivée.

65

3

sur qui s'appuiera cette histoire.

Pour que l'on puisse fournir des origines du Brésil moderne une synthèse qui ait quelques chances d'être durable. Peut-on ~~au vrai~~ étudier une forêt sans en bien connaître le sol ?

~~Le but que l'on s'est fixé, en écrivant ce livre, est beaucoup plus modeste. On s'est~~

Aussi bien me suis-je proposé ~~en effet~~ seulement de ~~faire~~ dresser aussi exact que possible, le bilan des connaissances acquises, de résumer ~~ainsi~~ une littérature historique riche assurément, puissante et presque exclusivement brésilienne et de ce fait encore mal connue de l'érudition en général et de l'érudition française en particulier. →

[texto riscado : Nous ne pouvons tout de même en rester, pour le passé brésilien aux livres de Denis, de Gaffarel, ou aux conférences de vulgarisation, faites en français, à la Sorbonne par Oliveira Lima.. La nécessité où l'auteur de cet essai s'est trouvé d'avoir à diriger dans leur propre domaine national des étudiants brésiliens, désireux de connaître ~~et d'exploiter même~~ les richesses de leur passé, la surprise que l'on avait aussi à se trouver en face de problèmes d'une toute autre famille que ceux d'Europe eet qui nous amenait à bousculer certaines façons de voir et d'expliquer, tout cela nous a décidé à reprendre dans un livre aussi rapide que possible les conclusions que dispense d'habitude l'enseignement. On a ~~moins~~ exactement pensé d'ailleurs à reprendre les discussions d'hier au sujet de ce premier visage du Brésil. On ~~n'a~~ voulu ~~ni~~ les reprendre, ~~ni~~ les préciser assurément. Mais

66

4 bis

→ Voilà pourquoi je n'ai pas hésité à intituler ce travail : Essai sur le Brésil du XVI^e siècle, bien que la formule soit un peu démodée. Il aurait fallu considérablement grossir ce livre, pousser mes recherches, prolonger mon séjour en terre brésilienne et courir les archives d'Europe pour donner vraiment – oh, compte tenu des lacunes, des erreurs des défaillances inhérentes à l'entreprise – un bilan des origines.

(Ces pages reprises autrement juste après)

67

5 bis

Voilà pourquoi je n'ai pas hésité à intituler ce travail : Essai sur le Brésil du XVI^e siècle, bien que la formule soit un peu démodée. Il aurait fallu considérablement grossir ce livre, pousser encore longuement mes recherches, prolonger mon séjour en terre brésilienne et courir les archives d'Europe pour donner un bilan exhaustif – oh, compte tenu des lacunes, des erreurs des défaillances – des origines ~~du Brésil moderne~~ brésiennes. → Les circonstances ne m'ont pas permis d'écrire un tel livre et je n'en donne aujourd'hui que l'esquisse.. Je rends ainsi accessible, je le pense du moins, au public français, ~~la mise en pla~~ pour une de ses parties importantes, la littérature historique brésilienne, si vigoureuse, si puissante, encore que mal classée partout, et poussée un peu vite en dehors des règles de notre métier. Il y a toujours eu, chez nous, des érudits attentifs au passé brésilien : Denis, Gaffarel, pour ne citer que ces deux noms anciens.. Or, aujourd'hui, sur le plan de l'histoire, la liaison est faite seulement par quelques notes critiques et par des conférences, ~~faites~~ pron. et écrites en français à la Sorbonne par Oliveira Lima. J'espère que le présent essai ajoutera deux ou trois fils nouveaux à la trame ancienne, qui ne doit pas se rompre.

68

4

On pense bien que je n'ai pas voulu, que je ne pouvais tout dire, de ces origines complexes, confuses souvent, difficiles à saisir toujours, d'un dessin qui m'apparaît plus retouché, plus cahotique qu'aux historiens brésiliens. Une telle entreprise aurait réclamé des développements ~~autrement~~ bien plus larges que ceux du présent livre, des recherches très longues, plus patientes, une vie entière de travail, à l'image des existences des chercheurs brésiliens, un Capistrano d'Abreu, par exemple.. Il eût été tentant de donner en français sur ce premier siècle d'histoire européenne du Brésil, un livre exhaustif qui, compte tenu de ses erreurs et de ses lacunes, aurait donné l'essentiel d'une littérature très riche, souvent vigoureuse, encore que poussée souvent trop vite, en dehors des règles de notre métier, et en sa presque totalité inaccessible, en dehors des bibliothèques brésiennes. Les circonstances ne m'ont pas permis d'envisager une tâche aussi vaste.. le dessin...

De ce livre que je n'ai pu écrire, on trouvera ici l'esquisse. Je me suis contenté d'indiquer les grandes œuvres, les livres classiques, tout en marquant dans leurs marges ce qui me semblait essentiel et juste ou criticable dans leurs discussions. J'avoue que je me suis plu à souligner l'originalité de cette

69

5

histoire singulière : l'histoire au vrai de la seule Europe tropicale et subtropicale de quelque envergure qui ait pu naître avec les temps modernes. Je me suis pourtant défendu de simplifier une histoire qui me paraît en gros plus complexe qu'aux historiens et aux essayistes du Brésil, plus diverse aussi, d'un dessin repris, retouché, effacé, encombré d'esquisses et de ... ???... . Au-delà de ce que Simiand appelait l'événementiel, la poussière des faits, et Dieu sait si l'érudition s'est complue ici, à recueillir des grains de poussière, les historiens brésiliens ont trop souvent recherché des lignes simples, une sorte d'équation, de machine qu'il suffit ensuite ou de résoudre ou de faire fonctionner pour tout expliquer. Quelle tentation de ramener ce passé et même au-delà du siècle qui nous occupe, toute l'existence du Brésil, à la fermentation d'un monde rural, à la symbiose de la casa grande du maître des champs de canne à sucre ~~du duel~~ et à son cortège de ~~maisons~~ cases d'esclaves couvertes de sapé, les senzalas, ou encore au duel du marchand et du producteur, ou même à la rencontre, au mélange puis à la séparation des trois humanités, celles des villes, des villages indiens et des campements nègres ? [texto riscado :

Euclides da Cunha a bien vu au seuil de ses sertões, en bordure du São Francisco ce fleuve qui a sa presque mystique, les deux Brésils ~~donc~~ ces deux le premier pôle est à Pernambouc ou Bahía et le second à São Paulo] →

70

6

passé

a écarteler tout ce temps perdu entre deux pôles dont on exagérera et l'éloignement et la dissemblance : Pernambouc et São Paulo ? J'aurais pu, moi aussi, étirer dans un sens unique cette matière un peu plastique du passé brésilien, marquer la place ainsi dans ses destinées de l'Atlantique Sud, tout expliquer par là, ce que bien des amis auraient aimé me voir faire.. Je pense qu'il y a une juste mesure entre l'érudition pour l'érudition, acharnée ici à compter les individus et qui s'enlise dans l'histoire familiale et la synthèse un peu hâtive qui fait tout dépendre d'un point de vue ou d'une idée, ou d'un mot.. Cet essai sera donc sous le signe de la prudence. En Espagne, comme au Brésil, j'ai eu l'occasion de ~~me~~ rencontrer ~~avec~~ des historiens, essayistes au vrai, même quand ils se nomment sociologues ou anthropologues, et qui recherchent du passé l'essence.. Peut-être sont-ils très utiles pour l'étranger qui sort de chez lui et de son histoire nationale. Ils lui indiquent les changements de climat, d'atmosphère, lui révèlent l'odeur particulière des choses, du présent et du temps perdu. Je considère comme géniales certaines pages d'Euclides da Cunha. Elles sentent vraiment la terre, les plantes et le soleil des sertões, les brousses brésiliennes. Je lirai

71

7

aussi pendant des heures les ouvrages de Gilberto Freyre qui donnent l'impression de vous faire vivre à Bahia ou à Pernambouc dans l'engenho d'açúcar et sa casa grande dont on vous dit la vie, mieux qu'en historien, comme un poète et un romancier.. Pour qui n'est pas espagnol, il faut lire aussi, avant de parler de l'histoire de la Péninsule, les livres maîtres d'Unamuno, de Ganivet, d'Ortega y Gasset – « L'Espagne est un buisson de roses.. » - puis les fermer et se mettre au travail. Du passé, ils ne vous donnent que l'odeur, les parfums,, l'essence.. Vérité aussi pour le Brésil.

Pour rédiger cet essai, il m'a suffi. →

On respire ??? le Brésil, lire et relire

~~Il ne faut pas demander autre chose à ces essayistes du Brésil qu'une initiation, une introduction dans un monde particulier de valeurs..~~

Pour rédiger cet essai il m'a suffi

72

8

~~Pour atteindre ce but il nous suffisait~~ m'a suffi de mettre en ordre les lectures, les réflexions, les discussions qu'un séjour de trois années dans une université brésilienne ~~et la fréquentation~~ celle de São Paulo – m'avait suggérées, imposées. En révisant ces notes, faut-il le dire, ~~on~~ j'ai presque systématiquement oublié les conditions dans lesquelles ~~on avait~~ j'avais été amené à soutenir telle thèse ou telle opinion, oublié le milieu brésilien sans lequel le présent travail n'aurait jamais pris corps. Il ne s'agissait pas d'ingratitude, on le pense bien. Mais cet essai, ~~dans notre esprit~~ dans mon esprit, s'adresse surtout à un public d'Europe qui ne connaît pas, par expérience directe, la vie et l'espace brésiliens. Il importait donc de souligner, d'expliquer, ce qui, au Brésil, n'a pas besoin d'être signalé, tout ce qui est vérité courante, admise, tout ce qui peut étonner un érudit habitué à vivre dans un pays de jardins, de vergers, de champs occupés depuis des siècles, de très vieilles villes.. Cette capacité de s'étonner que l'on a eue le premier jour devant des problèmes qui sont d'une autre famille que ceux d'Europe, ~~on a~~

j'ai essayé de la retrouver pour écrire ce livre. D'autant plus qu'il y a dans ce domaine, comme dans beaucoup d'autres, un avantage évident

73

9

à s'étonner, à ne pas accepter la leçon admise, ~~classique~~, à bousculer les images classiques pour mieux voir le passé qu'elles cachent parfois à notre vue. Cette façon de procéder, dont ~~on a~~ j'ai fait d'ailleurs un usage très modéré, ~~nous~~ m'a peut-être permis parfois d'apercevoir ici et là autrement que quelques autres, ~~les vrais traits du~~ le premier visage du Brésil.
~~ce que l'on espère et ce que l'on souhaite~~

Et comme cette préface, comme toutes les préfaces, a été écrite alors que le livre était achevé déjà, j'espère que si elle ouvre assez mal ce livre, lui sert à défaut d'autre, de porte d'entrée, elle en excusera tous les défauts peut-être.

F. Braudel

74

Préface

On n'entend pas exactement par XVI^e s., les années 1500-1600. Les brouillards du début sont un mauvais point de départ. L'érudition s'est en effet peut-être trop attachée au détail de ces courses de découvreurs, de ces raids de caravelles parfois fantômes, au long des côtes brumeuses du Brésil. On a aussi gonflé ces années, importantes sans doute, mais qui précèdent au vrai la naissance du Brésil portugais qui ne date guère que de 1532, de l'expédition de Martin Affonso de Sousa, acte décisif s'il en fût.. L'année 1600 vaut moins encore comme point d'arrivée.

Pour trouver une coupure acceptable, il faut aller au-delà du XVI^e s., jusqu'aux années 1614-1624, qui voient d'une part la fin des tentatives françaises avec la disparition de São Luís do Maranhão et le début de ce qui sera, au vrai, la seconde guerre hollandaise, mais une seconde guerre si large, si profonde et qui a bouleversé à tel point l'histoire du N.E. brésilien, qu'elle est sans commune mesure avec ce que l'on pourrait appeler la première : série d'attentats et de coups de mains au long des rivages atlantiques, entre 1590 et 1609, poignée de petits événements demeurés sans nom d'ensemble... Ce siècle constitue un immense/énorme domaine élargi et déplacé. Bien des zones en restent obscures encore.. L'enquête dans les archives d'Europe et du Brésil, si poussée qu'elle ait été, demeure incomplète. Nous ignorons trop de choses aussi de ce legs précolombien sur qui s'élèvera plus que l'on ne pense le pays nouveau. Nous ne connaissons pas assez, non plus, la scène géographique sur qui s'appuiera cette histoire. Pour que l'on puisse fournir des origines du Brésil moderne, une synthèse qui ait quelques chances d'être durable. Peut-on étudier une forêt sans en bien connaître le sol ?

[Texto riscado : Aussi bien me suis-je proposé seulement de dresser, aussi exact que possible, le bilan des connaissances acquises, de résumer une littérature historique riche assurément, puissante, presque exclusivement brésilienne et, de ce fait, encore mal connue de l'érudition en général, et de l'érudition française en particulier ;]

autre version un peu + loin

voir original

75

On pense bien que je n'ai pas voulu, que je ne pouvais tout dire, de ces origines complexes, confuses souvent, difficiles à saisir toujours, d'un dessin qui m'apparaît plus retouché, plus cahotique qu'aux historiens brésiliens. Une telle entreprise aurait réclamé des développements bien plus larges que ceux du présent livre, des recherches très longues, plus patientes, une vie entière de travail, à l'image de celle d'un Capistrano d'Abreu, par exemple. Il

eût été tentant de donner en français, sur ce premier siècle d'histoire européenne du Brésil, un livre exhaustif qui, compte tenu de ses erreurs et de ses lacunes, aurait donné l'essentiel d'une littérature très riche, souvent vigoureuse, encore que poussée trop vite, en dehors des règles de notre métier, et en sa presque totalité inaccessible, en dehors des bibliothèques brésiliennes. Les circonstances ne m'ont pas permis d'envisager une tâche aussi vaste.

De ce livre que je n'ai pu écrire, on trouvera ici l'esquisse. Je me suis contenté d'indiquer les grandes œuvres, les livres classiques, tout en marquant dans leurs marges ce qui me semblait essentiel et juste ou criticable dans leurs discussions. J'avoue que je me suis plu à souligner l'originalité de cette histoire singulière : l'histoire au vrai de la seule Europe tropicale et subtropicale de quelque envergure qui ait pu naître avec les temps modernes. Je me suis pourtant défendu de simplifier une histoire qui me paraît en gros plus complexe qu'aux historiens et essayistes du Brésil, plus diverse aussi, d'un dessin repris, retouché, effacé, encombré d'esquisses et de repentirs. Simiand appelait l'événementiel la poussière des faits. Dieu sait si l'érudition s'est complue ici à recueillir ces grains de poussière. Les historiens ont trop souvent recherché des lignes simples, une sorte d'équation, de machine qu'il suffit ensuite ou de résoudre, ou de faire fonctionner pour expliquer. Quelle tentation de ramener ce passé et même au-delà du siècle qui nous occupe, toute l'existence du Brésil, à la fermentation d'un monde rural, à la symbiose de la casa grande du maître des champs de canne à sucre et à son cortège de cases d'esclaves couvertes de sapé, les senzalas, ou encore au duel du marchand et du producteur, ou même à la rencontre, au mélange puis à la séparation des trois humanités, celles des villes, des villages indiens et des campements nègres ? Ou encore à l'écartèlement de tout

76

Nous ne pouvons tout de même en rester, pour le passé brésilien, aux livres de Denis, de Gaffarel, ou aux conférences de vulgarisation, faites en français, à la Sorbonne par Oliveira Lima.

77

ce temps perdu entre deux pôles dont on exagérera et l'éloignement et la dissemblance : Pernambuco et São Paulo ?

J'aurais pu, moi aussi, étirer dans un sens unique cette matière un peu plastique du passé brésilien, marquer la place ainsi dans ses destinées de l'Atlantique Sud, tout expliquer par là, ce que bien des amis auraient aimé me voir faire.. Je pense qu'il y a une juste mesure entre l'érudition pour l'érudition, acharnée ici à compter les individus et qui s'enlise dans l'histoire familiale et la synthèse un peu hâtive qui fait tout dépendre d'un point de vue ou d'une idée, ou d'un mot.. Cet essai sera donc sous le signe de la prudence. En Espagne, comme au Brésil, j'ai eu l'occasion de rencontrer des historiens, essayistes au vrai, même quand ils se nomment sociologues ou anthropologues, et qui recherchent du passé l'essence.. Peut-être sont-ils très utiles pour l'étranger qui sort de chez lui et de son histoire nationale. Ils lui indiquent les changements de climat, d'atmosphère, lui révèlent l'odeur particulière des choses, du présent et du temps perdu. Je considère comme géniales certaines pages d'Euclides da Cunha. Elles sentent vraiment la terre, les plantes et le soleil des sertões, les brousses brésiliennes. Je lirai aussi pendant des heures les ouvrages de Gilberto Freyre qui donnent l'impression de vous faire vivre à Bahia ou à Pernambuco dans l'engenho d'açúcar et sa casa grande dont on vous dit la vie, mieux qu'en historien, comme un poète et un romancier.. Pour qui n'est pas espagnol, il faut lire aussi, avant de parler de l'histoire de la Péninsule, les livres maîtres d'Unamuno, de Ganivet, d'Ortega y Gasset – « L'Espagne est un buisson de roses.. » - puis les fermer et se mettre au travail. Du passé, ils ne vous donnent que l'odeur, les parfums, l'essence.. Vérité aussi pour le Brésil.

Pour rédiger cet essai, il m'a suffi de mettre en ordre les lectures, les réflexions, les discussions qu'un séjour de trois années dans une université brésilienne – celle de São Paulo – m'avait suggérées, imposées. En révisant ces notes, faut-il le dire, j'ai systématiquement oublié les conditions dans lesquelles j'avais été amené à soutenir telle thèse ou telle opinion, oublié le

milieu brésilien sans lequel le présent travail n'aurait jamais pris corps. Il ne s'agissait pas d'ingratitude, on le pense bien. Mais cet essai,

78

dans mon esprit, s'adresse surtout à un public d'Europe qui ne connaît pas, par expérience directe, la vie et l'espace brésiliens. Il importait donc de souligner, d'expliquer, ce qui, au Brésil, n'a pas besoin d'être signalé, tout ce qui est vérité courante, admise, tout ce qui peut étonner un érudit habitué à vivre dans un pays de jardins, de vergers, de champs occupés depuis des siècles, de très vieilles villes.. Cette capacité de s'étonner que l'on a eue le premier jour devant des problèmes qui sont d'une autre famille que ceux d'Europe, j'ai essayé de la retrouver pour écrire ce livre. D'autant plus qu'il y a dans ce domaine, comme dans beaucoup d'autres, un avantage évident à s'étonner, à ne pas accepter la leçon admise, à bousculer les images classiques pour mieux voir le passé qu'elles cachent parfois à notre vue. Cette façon de procéder, dont j'ai fait d'ailleurs un usage très modéré, m'a peut-être permis parfois d'apercevoir ici et là, autrement que quelques autres, le premier visage du Brésil. Et comme cette préface, comme toutes les préfaces, a été écrite alors que le livre était achevé déjà, j'espère que si elle ouvre assez mal ce livre, lui sert à défaut d'autre, de porte d'entrée, elle en excusera tous les défauts peut-être.

F. Braudel

79

Introduction

1. Je n'entends je n'entendrais pas exactement par XVI^e s. les années 1500-1600 ! J'ai voulu laissé un peu de côté, en effet, ~~comme on le verra~~ les brouillards du début du siècle sur lesquels l'érudition ~~aura~~ a tant insisté, grossissant ainsi la valeur, réelle assurément, ~~de ces courses~~, de ces raids de découvreurs au long de la côte brésilienne. Aussi bien mon ~~intention~~ propos n'était pas de préciser ~~les conditions~~ les étapes de ce qui, plus que la conquête du Brésil, aura été, après tout, la conquête de l'Atlantique Sud, la reconnaissance et la prise de possession par les ~~marins d'Europe~~ navigateurs européens de ses courants marins, de ses vents, de ses amers, et de ses mouillages. La naissance du Brésil moderne, ~~l'apparition~~ l'ébauche, si l'on veut, de ses formes européennes, ~~ou mieux encore leur ébauche~~ ~~découlent~~ dérivent sans doute de ces découvertes laborieuses, mais il n'y a naissance visible ~~alors que seulement quand après~~ qu'après le premier tiers du XVI^e siècle ~~est déjà écoulé, au delà de cette~~. L'expédition, capitale, ainsi que tous les historiens l'ont reconnu, ~~en 1532 d'Affonso de~~ Martin Affonso de Sousa ne date-t-elle pas de 1530 ? [texto riscado : Le vieux livre de Gaffarel sur le Brésil français consacre ~~sacrifie~~ à commet ainsi une erreur d'optique quand il consacre la moitié de ses pages à rechercher sur l'Atlantique la trace douteuse des marins dieppois.. puis car ensuite la place lui manque pour parler ~~des réalités continentales~~ de

80

ces Frances brésiliennes éphémères l'Antarctique et l'Equinoxiale ~~done puisque son livre se termine en fait sur la défaite de 1567 chute~~ dans la baie de Guanabara en 1567 du fort de Coligny. ~~À ce jeu il aura pris le brouillard pour~~ que son livre n'a pas le temps d'aborder sacrifiant ainsi au brouillard les réalités de la terre ferme... L'exemple est de ceux qu'il faut ne pas suivre.]

~~1600 n'offre pas non plus~~ La fin du XVI^e s. offrait, pour l'histoire brésilienne, une coupure encore moins acceptable ~~dans la formation du Brésil~~. Pour trouver un terme ~~valable~~ significatif, il faut ~~comme on l'a fait dans ce livre~~ attendre les années 1614-1624, qui voient, d'une part la fin ~~de la prépondérance~~ des tentatives françaises avec la disparition ~~et~~ du poste de Saint Louis de Maranhão et de cette France Equinoxiale dont il était la capitale ou le germe, et d'autre part ~~la seconde~~ le début de ce qui sera la seconde guerre hollandaise, mais une ~~seconde~~ guerre si large, si profonde et qui a bouleversé à tel point ~~l'histoire~~ l'économie naissante du N.E. brésilien, qu'elle est sans commune mesure avec ~~tout~~ ce que l'on ~~pourrait~~ peut appeler la première, série d'attentats et de coups de main, d'ailleurs tantôt anglais, tantôt hollandais, au long des rivages atlantiques entre 1590, 1604 et 1609, poignée de petits événements demeurés, avec raison, sans nom d'ensemble.

2. Ce siècle d'histoire à ~~la fois~~ déplacé [~~dans le temps~~] et élargi, il est bien inutile de dire qu'il constitue ~~à la fois un~~ un domaine à la fois immense et ~~en partie seulement~~ mal reconnu encore. L'enquête dans les archives d'Europe et du Brésil, si poussée qu'elle ait été, demeure incomplète, nous ignorons

81

trop de choses aussi de ce legs précolombien sur qui s'élèvera, plus qu'on ne le pense/dit, le pays nouveau ~~—peut-on parler d'une forêt sans en étudier ??? le sol—~~, nous ne connaissons pas, non plus, avec assez de rigueur, la scène géographique sur qui s'appuiera et se jouera cette histoire pour que l'on puisse fournir des origines brésiliennes une synthèse ~~vraiment durable~~ qui ait quelques chances d'être durable et qui saisisse à peu près tous les vrais problèmes ~~qu'elle~~ pose. Je sais bien que l'on peut ~~en dire autant de bien d'autres questions historiques~~ faire les mêmes réserves à l'égard de presque toutes les grandes questions, [texto riscado : mais ici il faut souligner de deux traits ces vérités courantes. Ce livre atteindrait l'un de ses buts s'il ~~donnait~~ fournissait dans le cadre ou la ligne de ses suggestions l'occasion, je ne dis pas de discussions, mais de recherches nouvelles.

Je me suis contenté de résumer les connaissances acquises, de dresser en somme le bilan d'une littérature historique, très riche, surtout brésilienne, et de ce fait difficilement accessible à l'érudition en général et à l'érudition française en particulier. C'est dire ~~notre dette~~ ce que nous devons à ~~l'égard~~ des chercheurs brésiliens, d'un Varnhagen, d'un Capistrano d'Abreu, d'un Rodolpho Garcia, d'un Affonso d'Escragnolle Taunay pour ne citer dès maintenant nos dates les plus criardes. Mais en dehors des œuvres de ces historiens et de quelques autres à qui l'on ne peut reprocher au vrai parfois qu'un trop grand souci d'érudition, d'érudition pure si l'on veut, un nombre considérable d'études et de travaux ont été]

82

d'histoire, que nos recherches ne marquent toujours qu'une position momentanée, provisoire, [en voie de déplacement ?] ~~une ligne de zone pionnière..~~ Mais ces vérités courantes, soulignons-les d'un durable trait ~~au risque de les oublier et~~ car, malgré l'effort accompli, les terres à défricher sont encore immenses en ce ~~domaine~~ qui concerne les origines brésiliennes. Il faudrait y travailler d'arrache-pied et c'est ~~même~~ l'espoir de tracer ~~tant bien que mal~~ une nouvelle ligne de départ qui m'a poussé, malgré les difficultés et les risques, à écrire, ~~et~~ puis à publier ce livre. Il ne donne ~~malheureusement~~ certes pas ~~tant s'en faut~~ le bilan complet de ce lourd XVI^e siècle. Pour l'établir, il m'aurait fallu poursuivre des années encore mes recherches, aller au Portugal, prolonger mon séjour en terre brésilienne et grossir démesurément ce livre. Les circonstances ne me l'ont pas permis. En dehors de quelques ~~documents~~ pièces inédites je n'ai ~~pas versé de pièces nouvelles au dossier et leur somme est minime~~ dont la somme est minime, je n'ai rien apporté de nouveau au dossier. Ma documentation repose sur des textes et des faits communs et j'ai pris la substance de ce livre à mes prédécesseurs ~~à qui l'on doit soit la publication des textes classiques du Brésil soit des livres de base.~~

Voilà pourquoi j'ai ~~repris pour~~ donné à ce travail le titre désuet d'Essai sur le Brésil du XVI^e siècle. Il est au vrai l'ébauche du livre que je n'ai pas eu le temps, ~~et~~ ni la chance, d'écrire.

83

[texto riscado : de nos conclusions, tout ce qui est si connu, des historiens, peut-être convient-il ici de le souligner de deux traits.. Il reste encore, ici, beaucoup à défricher.. que nos recherches ne marquent toujours qu'une position momentanée provisoire, en voie de déplacement.. C'est même l'espoir de tracer tant bien que mal une ligne de départ qui m'a poussé, malgré des difficultés et des risques, à écrire ce livre.. Mais ces remarques sur l'insuffisance de nos informations, sur le provisoire

En dehors de quelques documents d'archives nouveaux et dont la somme est assez menue.]

Je me suis donc contenté de mettre en place les connaissances acquises, de résumer ~~en~~ ~~somme~~ la littérature du sujet, très riche d'ailleurs, ~~et~~ mais surtout brésilienne et, de ce fait, assez difficilement accessible à l'érudition, en général, et à l'érudition française, en particulier⁶⁶⁵. C'est dire tout ce que le présent travail doit aux chercheurs brésiliens, aux œuvres de grands historiens comme Varnhagen, Capistrano d'Abreu, Rodolpho Garcia, Affonso d'Escragnolle Taunay, Yan de Almeida Prado, pour ne citer dès maintenant que mes dettes les plus ~~criantes~~ criantes. J'ai même ~~hésité~~ hésité pensé un instant, faut-il l'avouer, à intituler ce livre, non pas simplement Essai sur le Brésil du XVI^e siècle, mais essai bibliographique. On comprendra la nuance. ~~Mais~~ Finalement, le désir de mettre en place, ~~les documents et les informations moi-même~~, à ma guise, les matériaux que d'autres me fournissaient ~~mes prédécesseurs~~, le désir aussi de donner autre chose que des noms et des titres, même suivis de notes critiques, ~~le désir~~ et surtout au-delà des livres sur lesquels je me suis tant appuyé, de dire mon opinion et de prendre mes responsabilités m'ont fait changer d'avis. 4

Dans cette littérature du sujet, je le dis tout de suite, j'ai accueilli non pas seulement les œuvres d'érudition

84

comme celles que je viens de signaler un peu vite et qui n'ont rien à envier aux travaux classiques des autres pays, mais aussi cette multitude d'ouvrages écrits un peu en marge des règles de notre métier, par des sociologues, des anthropologues et surtout des essayistes. J'emploie le mot sans la moindre idée péjorative. En Espagne aussi, j'ai eu l'occasion de pratiquer des essayistes, à la recherche de l'essence de l'Espagne, Ganivet, Unamuno, Ortega y Gasset – « L'Espagne est un buisson de roses » - et la comparaison que j'établis suffira à préciser ma pensée. Le Brésil est lui aussi, dans son être, si étrange, un sujet de méditation sans fin, ~~pour ses ??? les plus illustres~~ un thème littéraire, poétique que chaque génération, chaque intellectuel trouve ~~à la croisée des chemins~~ sur sa route. Ce thème, il y a des façons plus ou moins historiques de l'aborder, mais si les manières diffèrent, le but est le même. Au-delà de ce que Simiand appelle l'événementiel, de la poussière absurde parfois des petits faits (poussière) que l'érudition brésilienne s'est plu ~~parfois~~ souvent à compter, grain à grain, ~~ce que l'on veut saisir e'est ce sont~~ les lignes simples du passé, une sorte de machine, ~~une sorte~~ ou d'équation qu'il suffit ensuite ~~soit~~ de résoudre, ~~soit~~ ou de mettre en marche pour éclairer de ... ???... les problèmes du passé, voire du présent..

Puis-je avouer ~~que j'aime~~ l'intérêt que j'ai pour ces machines ? ~~Quelle tentation~~ danger mais aussi quelle tentation, de ramener ainsi le divers à l'unité, ~~le tout~~ et à ~~une~~ l'idée simple

85

claire.. ~~Quel danger aussi.. ! à un point de vue. La dangereuse pédagogie d'ailleurs.~~

Ainsi, de bout en bout du passé brésilien, on marquera seulement la fermentation et les réalités d'un milieu rural au-dessus duquel le luxe des maisons, des villes, de la vaisselle d'argent ne peut s'élever qu'un instant pour s'écrouler tout aussitôt. Ce passé, on l'emprisonne dans des

⁶⁶⁵ ajouter que livres brésiliens, tirés à très petit nombre, ne sont ni dans le commerce, ni souvent dans les bibliothèques européennes.

documents architecturaux, pour les débuts, la vaste maison seigneuriale du propriétaire des terres et usines à sucre – la casa grande – et la cabane voisine du nègre, la senzala, aux murs de terre et au toit de sapé, cette sorte de roseau, matériau des constructions pauvres.

Equation : duel du producteur et du marchand ~~au moyen duquel~~ par lequel on ~~résout~~ éclaire toutes les difficultés, tous les points douteux de l'histoire brésilienne de l'époque du P. Nobrega que l'on ne cite pas d'ailleurs ~~— lui n'est tout de même ni un~~, à la chute de Pedro II, ce Louis-Philippe du Brésil, aussi fin que le nôtre, aussi méconnu. Autre système d'équation trois courants ethniques que les hasards mélangent, mais dont les eaux se séparent d'elles-mêmes, par une sorte de loi de physique, humanités, blanche des villes et des maisons seigneuriales, ~~noire~~ des campements nègres, des villages indiens, voilà le secret biologique des destinées brésiennes. Ou enfin, en laissant un peu de côté cette note fondamentale d'unité qui frappe, au Brésil, l'étranger et que de bons observateurs nationaux auront signalée, on écartellera l'histoire brésilienne entre ces deux pôles Bahia-Pernambouc et São Paulo

86

on éloignera au maximum ces extrêmes, on exagérera/creusera ce contraste fondamental et dont la matière plastique du passé brésilien s'y logera. J'ai moi-même vécu trois ans dans une université brésilienne, celle de São Paulo et j'ai souvent abordé, avec mes étudiants et mes amis, dans des conversations répétées et qui sont le meilleur souvenir de mon séjour dans le Sud-Amérique, ce passé si original et si différent du nôtre. Or, il m'est arrivé ~~souvent~~ bien des fois, ~~dans~~ au cours de nos discussions, de revendiquer la place, dans cette histoire de l'Atlantique, de cette Méditerranée européenne de l'ère moderne/des temps modernes. A ma suite, mes étudiants m'auraient volontiers offert une machine atlantique à expliquer tout le passé brésilien, une machine dont je dirai quelques mots, par la suite, mais qui, elle aussi, si chère me soit-elle, ne peut pas plus que les autres éclairer en son entier un passé compliqué, que je vois plus compliqué encore que les historiens du Brésil, d'un dessin repris sans cesse, hachuré, marqué de retours, de repentirs et de brusques décrochements comme il y en a sur les dessins d'enfants. Au Brésil pas plus qu'ailleurs, l'histoire qui est la vie ne se laisse ~~mettre saisir~~ enfermer dans une formule. Tout cela ne m'empêchera pas de dire beaucoup de bien, et d'en penser, de ces livres qui s'aventurent et se perdent au-delà de la sagesse et de la prudence. Ils sont indispensables

87

à l'étranger qui sort de chez lui et de son histoire nationale pour aborder les fastes brésiliens. Ils lui signalent les changements de climat, d'atmosphère, l'odeur particulière des choses, du présent et du temps perdu. Je considère comme géniales certaines pages d'Euclides da Cunha. Elles sentent vraiment la terre, les plantes, le soleil, la sueur des sertanejos, ces rudes hommes des brousses brésiennes ~~— des sertões~~. Il y a à le lire une incitation prodigieuse à regarder et à étudier ce passé ~~que l'on~~ 'il éclaire d'un coup pour nous – que l'on me pardonne cette image – comme les lueurs d'un orage nocturne révèlent les profondeurs d'un paysage. Je lirais aussi pendant des heures les ouvrages de Gilberto Freyre, qui ~~donnent la nostalgie~~ recréent la poésie, l'âme des grandes maisons du Nord surpeuplées d'enfants, d'esclaves, de pots de confiture et de chansons nostalgiques ~~riches de confitures~~. Vraiment, ils ~~donnent~~ livrent comme ces essais ~~comme les~~ où se complaisent les grands écrivains de l'Espagne – L'Espagne est un buisson de roses – l'essence du Brésil. Bien entendu, après les avoir lus, il faut les refermer et les oublier un peu. Mais ils vous ~~donnent~~ ont donné autre chose encore. Un conseil. Trop souvent, l'étude du passé brésilien s'arrête, scientifiquement, à mi-chemin. Elle ne dépasse pas le stade de l'érudition, je dirais même de l'érudition pure. Voici, par exemple, une étude et un classement par ordre alphabétique, des premiers colons du plateau pauliste, les pionniers du

88

XVI^e siècle., ~~de l'époque héroïque~~. Ne vous y trompez pas : l'étude est excellente, utile, mais ~~elle est à~~ des années de travail ~~de distance~~ la séparent d'une histoire véritable, du haut pays pauliste. ~~C'est une folie~~ N'est-ce pas une folie, un vertige que de vouloir saisir, aux principes de l'histoire brésilienne, les hommes un à un ? Ils vous échappent d'abord. Et ensuite, les saisissez-

vous, il n'y a d'histoire que de leurs groupes. Connaître tous les habitants de São Paulo naissant : un rêve, et surtout ce n'est pas là notre but, il n'y a d'histoire digne d'intérêt que ~~des groupes sociaux, transcendant par rapport aux histoires individuelles. Compte-t-on le café par grains ou par saes ?~~ celle de leur collectivité urbaine.

Justement, c'est la leçon utile de ces ouvrages dangereux : leur encouragement à se risquer à ~~s'élever à saisir les~~ au milieu des grands problèmes, des réalités massives que l'histoire brésilienne propose à notre attention, du moins à le tenter ??? Voilà pourquoi je les ai lus et mis en œuvre malgré leurs défauts de détail et que ce livre leur doit à eux aussi beaucoup, finalement, comme il m'est agréable de le reconnaître.

*
* *

[texto riscado :

6 - Je parlais tout à l'heure de mes responsabilités, voici ce que j'entends par là. Je n'ai pas voulu seulement résumer ce que d'autres ont établi, mais aussi dire, en marge de leurs livres, ce que je pense des événements qu'ils racontent ou mieux encore de la façon dont ils les racontent, les interprètent, et je ne dis pas les jugent,

89

mais les expliquent. Enfin et surtout marquer la ligne d'arrivée était-ce suffisant ? J'ai voulu aussi indiquer à la fois dans quel sens et vers quel but la recherche s'oriente et doit s'orienter. Dans le ~~la mise en place~~ dessin des perspectives j'ai dit chaque fois que j'en ai eu l'occasion j'ai dit ce que je voyais, ce que je croyais voir. Peut-être ai-je vu autrement que quelques autres. ~~Sans doute~~ Probablement pour des raisons ~~bien~~ très simples.]

→

Sans vouloir suivre l'exemple des essayistes, j'ai [comme eux] cependant tenté de m'élever autant qu'il était permis de le faire. J'abordais cette histoire du Brésil en étranger capable de s'étonner d'en sentir plus qu'un autre, à la fois sur le plan américain et ~~européen~~ mondial, la profonde originalité. Et je l'ai dit, le Brésil est la seule Europe ~~qui ait réussi à naître~~ tropicale et sub-tropicale, de quelque importance qui ait réussi à naître avec les temps modernes, et sa création, je ne veux pas dire sa naissance, laborieuse et pénible, continue encore sous nos yeux. Je me suis étonné devant l'histoire de cette Europe singulière, comme devant ses paysages naturels et humains, car on conserve toujours avec soi, comme mesure secrète, les horizons de son propre pays, nos champs qui sont des jardins, nos vergers, nos chemins multipliés, nos villages enracinés depuis des siècles, nos villes presque toujours très vieilles, tout ce qui ... ???... partout en France ou dans l'Europe Occidentale

90

mais les expliquent et le coordonnent. J'ai essayé aussi de reprendre les problèmes qu'ils posent et je pense les avoir quelques fois vus ou résolus autrement qu'eux. Peut-être pour des raisons assez simples. →

91

la marque victorieuse de la souffrance et du travail des hommes. Cet étonnement premier, ce dépaysement, on le perd avec l'accoutumance. J'ai tout fait pour le retrouver en reclassant et en rédigeant mes notes anciennes. Car je pense qu'il y a avantage à ~~ne pas accepter~~ rejeter les leçons acquises, à écarter les anciennes images, ~~pour voir autrement~~ à ne les accepter qu'après s'être convaincu de leur valeur et aussi à les ~~écarter~~ rejeter quand on pense en avoir le droit. Je l'ai fait à plusieurs reprises. Mais aussi, par ailleurs, cela m'obligeait avant de revenir aux images ~~acceptées~~ classiques, à refaire une route par son plus long tracé. De parti pris, j'ai laissé à certaines de mes explications leurs méandres, leurs digressions qui seraient inutiles pour un lecteur brésilien. Mais ces essais s'adressent moins à lui qu'au lecteur de chez nous, du moins dans mon esprit. D'où la nécessité d'expliquer ~~à qui~~ au second, ce qui pour le premier est vérité courante, parfois vécue..

[texto riscado : Je me suis également séparé de mes devanciers sur un point décisif. L'histoire du Brésil ne me paraît pas celle d'un district à l'écart de la vie du monde. Je trouve même que la vie du monde cerne de son étreinte hier comme aujourd'hui ~~la ou~~ les destinées du Brésil. Là comme ailleurs, plus qu'ailleurs il faut rattacher le particulier au général. J'y ai tendu de toutes mes forces.]

92

Ce besoin ~~d'expliquer~~ m'a conduit à faire une large place au Brésil, à ses réalités géographiques, à multiplier les illustrations, les photographies, les cartes, les croquis qui donnent de ces réalités une image vivante. Je me suis reporté au pays lui-même comme à un document capital, décisif. Le présent n'en a pas, malgré tout, ~~tellement~~ à ce point brouillé les traits qu'il soit devenu pour l'historien méconnaissable ou sans intérêt. J'ajoute qu'ici et là, sous leurs allures actuelles, bien des faits parlent du passé et l'éclairent indirectement. Le contact avec l'Indien, la fièvre des chercheurs de richesses minières, des événements d'hier et d'aujourd'hui... Ce point de vue, à lui seul, distinguerait cet essai ~~des travaux publiés sur la première histoire du Brésil.~~ des travaux publiés sur la première histoire du Brésil. Je me suis également séparé de mes prédécesseurs sur un point décisif. L'histoire du Brésil ne me paraît pas celle d'un district à l'écart de la vie du monde. Je trouve même que la vie du monde cerne de son étreinte hier comme aujourd'hui les destinées du Brésil. Là comme ailleurs, il faut rattacher le particulier au général. J'y ai tendu de toutes mes forces. C'est par l'Atlantique que l'histoire brésilienne s'attache à celle de l'Europe. ~~Il est classique, comme élément extérieur, de n'étudier que le Portugal. Je ne veux pas~~ Passer du particulier au général, c'est incorporer au récit

93

des origines brésiliennes des morceaux importants et de l'histoire d'Europe et de l'histoire de l'Atlantique. Une justification de ces travaux de synthèse, ~~e'est~~ en rapprochant les connaissances acquises n'est-elle pas de marquer les lacunes et, sinon de les combler – on ne saurait tout faire – du moins de les signaler et d'indiquer comment on pourra demain les combler ? Or, à l'image ~~classique~~ d'ensemble de la première histoire brésilienne, il manque, bien entendu avec les correctifs que l'on apportera le moment venu, trois réalités : le pays lui-même, l'Atlantique, l'Europe. Ces deux dernières, tout de même, ne tiennent pas dans le tableau rituel que l'on donne au seuil des histoires nationales du Portugal à la fin du XV^e siècle...

94

Cette préface ne fait pas exception à la règle. ~~On l'aura~~ Je l'ai écrite après avoir achevé le livre ~~qu'elle achève ainsi~~ qu'elle ouvre mal, ainsi, ~~et~~ mais qu'elle excuse peut-être.

~~On~~ Je n'ai pas eu la prétention, dans les pages qui suivent, de ~~donner un~~ dresser le bilan des origines brésiliennes. Un tel sujet aurait réclamé des développements autrement étendus que ce volume, une vie entière de travail. Il eût été tentant de donner, ... ???... en français sur ce premier siècle de l'histoire européenne du Brésil un ouvrage qui fit, compte tenu de ses défauts, de ses lacunes, de ses ignorances, à peu près le point, qui eût résumé une littérature surabondante, riche, encore que mal classée, et, en sa presque totalité, inaccessible en dehors des bibliothèques brésiliennes. Une telle tâche dépassait ~~nos~~ mes forces et ~~nos~~ mes ambitions.

~~On s'est~~ Je me suis contenté de donner un aperçu aussi complet que possible de cette enquête historique en voie de renouvellement.. ~~On s'est~~ Je me permis ensuite de poser les grandes lignes ou plutôt la continuation les problèmes essentiels d'une

95

histoire singulière. Car là a été ~~notre~~ mon dessein. L'histoire brésilienne est d'une originalité puissante. Elle montre sans fin que les rapports des sociétés et du sol et du climat et des hasards historiques s'y posent en des termes qui souvent ne sont pas les mêmes qu'ailleurs et justement,

à saisir cette singularité dégage-t-on d'un passé compliqué sa leçon la plus utile au regard de l'esprit. Tous les historiens du Brésil – ou presque tous – ont cherché cette équation secrète de leur pays, un peu comme les essayistes de la Péninsule ibérique ont voulu saisir l'essence de l'Espagne.. ~~Nous~~ Moi aussi, ~~nous n'avons~~ je n'ai pas échappé à ce désir, à ce besoin de chercher l'odeur, l'essence spécifique ~~d'une hist~~ que fleurit cette histoire. Je l'ai fait avec toutes les précautions désirables, du moins, je le pense. Trois années de séjour, d'enseignement, de voyages en terre brésilienne m'y ont encouragé, d'autant plus qu'une force d'étonnement toute particulière m'y aura poussé. Je n'ai pas oublié, à la recherche de ce temps perdu, les souvenirs d'une autre histoire, celle de l'Europe du XVI^e siècle, au-delà de l'Atlantique, pas plus qu'au milieu des paysages du Brésil, je n'ai oublié les horizons de France, ses champs ~~qui sont des~~ ses jardins, ~~ses villes nées il y a des millénaires...~~ ses vergers, ses villages de pierre...

96

On pense bien que je n'ai pas voulu tout dire des origines confuses du Brésil, mais simplement marquer les grandes lignes d'une histoire que l'on connaît ~~assez~~ trop mal dans nos milieux.

97

On peut s'imaginer la Grèce classique au travers de ses souvenirs de voyage et même penser ~~l'agriculture~~ comme on l'a fait que l'agriculture grecque de jadis se survit très souvent dans ses manifestations présentes. Je ne crois pas qu'il soit si aisé de retrouver aujourd'hui en terre brésilienne le XVI^e s. encore vivant. On est là dans un monde mouvant qui se déforme encore, où l'érosion des hommes modifie sans cesse la nature, où ce qui est s'évanouit pour ne plus revenir, un peu comme dans l'Europe du XIII^e s., du moins je l'imagine. Il y a déjà eu des centaines de Brésils. L'équilibre, l'immobilité, ne sont nulle part encore. Ni dans les hommes, ni dans les choses.

*

* *

Le Brésil du XVI^e s. n'a rien à voir avec le Brésil d'aujourd'hui. Le Brésil actuel, c'est à la fois l'énorme cuvette amazonienne et le plateau brésilien qui la borde au Sud et va à la fois jusqu'à l'Atlantique et jusqu'à cette énorme dépression fluviale marécageuse sédimentaire, herbeuse qui collecte le vaste système du Paraná-Paraguay, l'un des plus vastes organismes fluviaux du monde. Sur une carte, le Brésil du XVI^e s. ne couvre pas ces immenses espaces. L'Amazonie ne lui est pas

98

annexée. Sans doute le fleuve a-t-il été reconnu assez tôt par les Espagnols descendus des Andes de Quito et qui, en suivant son cours, ont débouché ainsi dans l'Atlantique. Mais un voyage ne fait pas une colonie et n'ouvre pas un monde. C'est

99

Il n'y a pas ~~une histoire~~ un ouvrage historique qui ne s'ouvre, aujourd'hui, par des considérations géographiques, plus ou moins pertinentes d'ailleurs, qui n'essaie en somme de marquer les liens qui, plus ou moins étroitement, ont attaché l'homme à son milieu et nous aident à mieux comprendre son passé. Ici, rien de tel. Les historiens brésiliens oublient tous ce personnage de taille : le pays lui-même, et tel d'entre eux qui s'attachera au monde des personnages semi-légendaires de la geste nationale oublie le poids énorme, écrasant des facteurs géographiques.

100

= Page 100 cortada e invertida

101

Aujourd'hui, il n'y a pas une histoire qui ne s'ouvre par quelques lignes consacrées au milieu, à la scène géographique. Souvent, entre ces mots et l'histoire qui suit, le lien est assez mal marqué, mais l'essai ne manque jamais. Or, il manque toujours dans la littérature historique du Brésil. Systématiquement, un personnage manque au milieu de la foule des figurants : le pays lui-même. Sans doute est-il difficile, là comme ailleurs, d'interpréter les données géographiques, de marquer leur incidence exacte. Géographiquement, la scène n'a-t-elle pas changé, na change-t-elle pas encore ? Le pays n'a-t-il pas pesé tour à tour par ses éléments... Ici, le problème se complique du fait que l'on connaît mal

102

= Page 102 cortada e invertida

103

L'Atlantique

L'Atlantique, non pas l'Atlantique Sud, et cela pour deux raisons à la fois. L'Atlantique qui nous occupe, c'est le lien qui se tend entre l'Europe occidentale et le Brésil. Dans ces conditions, on pense bien qu'il s'agit de l'Atlantique presque en son entier, d'autant plus que le retour des navires qui ont touché au Brésil se fait presque par la route des galions espagnols et que cette dernière s'établit à la hauteur de New-York, comme l'on sait. On ne saurait donc se limiter à l'Atlantique Sud ou même à l'Atlantique austral et médian – lato sensu – ~~car ce serait~~ sans risquer d'exclure, du coup, les navires des ports de Normandie, de Hollande et d'Angleterre qui joueront tout de même un rôle dans la genèse du Brésil. Les voyageurs classiques du XVI^e s., en dehors des Portugais et de quelques autres intéressés uniquement par les curiosités des terres australes, n'ont jamais omis l'Océan dans leurs récits. Ils nous le restituent même à la fois avec une fraîcheur exquise et une rare exactitude. Là, sur l'Atlantique, il n'est pas excessif, quelle que soit la vitesse présente des couriers qui vont vers le Sud Américain ou en reviennent, de dire que l'on a, sous les yeux, l'océan, même au XVI^e siècle. Or, à comparer ses propres impressions à celles d'un Jean de Léry, par exemple, on mesure notre inaptitude à regarder, à observer, en fait notre trop grande

104

= Page 104 cortada e invertida

105

vitesse au travers de ces plaines océaniques que nous voyons à la fois trop vite et de trop haut. C'est au ras de l'eau, au ralenti, que l'enquête est menée et ~~le livre de bord sont alors écrits~~ et que le « livre » de bord nous fait revivre. Sans les haltes que valent les fouaces ???, la pêche à laquelle on se livre par nécessité autant que par distraction, aurions-nous autant de marines exactes, autant de tableaux réussis de cette faune qui anime les eaux de l'Atlantique, depuis toujours. Bancs ~~de pois~~ d'œufs de poisson, troupeaux de bonitos, essaims de poissons volants, passage de baleines, pêche aux requins et aux marsouins, la liste est méprisable de ces sujets pittoresques. Mais ils ne sauraient nous retenir ~~longtemps~~ qu'un instant. Ils portent témoignage sur les réalités passées ~~du XVI^e s.~~ de l'Océan, qui seules nous retiendront. Ils soulignent avant tout son immensité.

Après avoir parlé de l'immensité brésilienne, il faut, dans des conditions analogues, parler de l'immensité océanique.

106

vitesse au travers de ces plaines océaniques que nous voyons à la fois trop vite et ~~j'ajoute~~ trop haut. C'est au ras de l'eau et au ralenti, que l'enquête et le livre de bord sont écrits ce alors, avec les multiples haltes que valent les fouaces ???, ... sans ces arrêts forcés, la pêche à laquelle on se livre, y aurait-il tant de tableaux ~~si réussis du monde des~~ de cette faune qui anime les eaux de l'Atlantique.

~~Mais une constatation~~ De ces récits, le pittoresque ne peut nous retenir qu'un instant. Sur la réalité atlantique, ils nous signalent certains traits importants. La lenteur de la traversée, le tableau...

L'immensité incontrôlable... Aujourd'hui, les routes des courriers sont linéaires. L'immobilité jamais réalisée... Au XVI^e s., l'Océan s'utilise dans toute sa largeur. Mais alors, qui tient la terre tient ici le bon bout ? La famine... ??? Le rôle des îles. Madère, les Açores, les Canaries, le Cap Vert, des Pré-Brésils

107

Cortada e invertida

108

*
* *

1. Il faut, pour que l'éclairage de l'histoire brésilienne gagne quelque chose, à nos considérations océaniques replacer le pays nouveau à la fois dans l'espace et dans le temps atlantiques. Dans l'espace, il n'est pas besoin ~~d'insister pour que l'on saisisse~~ de définir l'opération. Dans le temps, c'est-à-dire dans la chronologie propre de l'Océan, dans son histoire..

*
* *

2 – Le Brésil, dans l'immensité océanique, tient la place que lui vaut son long ruban de côtes en équerre. Il est, non pas uniquement, mais avant tout, une route. Mais qui ~~cette route elle~~ ne fait pas que joindre deux points. Elle est double ou même triple. Tout d'abord, et ceci n'étonnera que le lecteur non familiarisé avec l'histoire brésilienne, elle est sur le chemin des Indes : que l'on en vienne ou que l'on s'y rende. Cela explique entre parenthèses que Rio ait été jusqu'au XIX^e s. un entrepôt de produits indiens et du thé de Ceylan. Il en a été ainsi tant qu'a duré sur l'Atlantique le règne de la voile et aussi la primauté de la route du Cap de Bonne Espérance. La voile s'est bien maintenue jusqu'au début du XX^e s., mais le canal de Suez a été ouvert en 1869 et le lien s'est rompu, qui, pendant si longtemps s'était tendu du Brésil à l'Inde. Les exigences de la voile feront comprendre la permanence d'un tel routier océanique. Les moteur

109

de part et d'autre des calmes équatoriaux c'est, comme on le sait, le double système des alizés. Or, ces deux nappes d'air en mouvement sont déviées par la rotation terrestre toutes deux vers l'Ouest. Le voilier qui prend l'alizé N à la hauteur des Canaries ou des Açores est poussé vers l'Amérique, puis, quand au-delà des calmes équatoriaux, il doit ~~remonter~~ courir des bordées cotre l'alizé Sud ~~il ne peut courir de bordées qu'en~~ il lui faut encore dériver ~~encore~~ vers l'Ouest. Les instructions nautiques d'aujourd'hui l'expliquent avec clarté et les conseils au XVI^e s. recommandent de mettre largement le cap vers l'Ouest. L'alizé, ou du Nord ou du Sud interdit de coller à la côte africaine. Il faut contourner vers l'Ouest l'énorme soufflerie, en lui cédant, et revenir ensuite des rivages américains en direction du Cap de Bonne Espérance. Les lenteurs de la progression portugaise au XV^e s. le long du rivage africain, n'est-ce pas ~~de s'être~~ parce que l'on s'est trop accroché au littoral ? Quand Vasco de Gama réussit son premier périple, tout

laisse à penser qu'il a décrit à travers l'Atlantique Sud la large courbe qui va devenir classique à l'aller presque comme au retour. L'itinéraire de son voyage, que j'emprunte à M. Edgar Prestage ~~le montre~~ et que reproduit le, le montre ~~nettement~~ bien. Au voyage de retour, la boucle à la hauteur des Açores est, elle aussi, un méfait de l'alizé. Il suffit d'agrandir ces girations pour avoir le routier de Cabral au printemps 1500 (). Les documents nous

110

parlent bien des fois d'esquadres des Indes, venant du Cap ou s'y rendant. On imaginera aisément la conséquence de ces liaisons. Cette situation à mi-chemin de l'Océan Indien, elle conseillait à la fois de s'intéresser au Brésil, et aussi de ne s'y intéresser que de façon accessoire. « N'y eût-il, dit Caminha, dans la lettre au Roi de Portugal qui lui annonçait la découverte du Brésil, d'autre avantage que d'avoir cette station pour la navigation de Calicut, cela suffirait⁶⁶⁶ ».

« A peine reconnu le pays nouveau, Cabral ne cingle-t-il pas vers les Indes ? L'interdiction de cultiver les épices en terre brésilienne ne vient-elle pas un peu, par surcroît, de cette jonction maritime ? Par ailleurs, si le Roi de Portugal fait nettoyer la côte, ainsi en 1529-30, de ses corsaires, en particulier de ses hôtes d'apport, est-ce vraiment à cause du Brésil et de son bois de teinture ou à cause de la menace que cela peut signifier pour les flottes de ces Indes ? Enfin, cette liaison elle ~~est aussi~~ existe aussi entre l'Afrique et le Brésil, surtout l'Afrique australe. Les bateaux des Indes apporteront au Brésil, c'est Antonil qui nous l'apprend, les esclaves noirs du Mozambique. Par la faveur de l'alizé Sud aussi, le trafic négrier s'établit entre Cabinda, São Felipe de Benguella, São Paulo de Loanda et Bahia..

Le Brésil offre une autre route vers l'Amazone et aussi le carrefour des Antilles. ~~La reconnaissance~~ L'occupation tardive de la côte de Natal, fondé en 1598, à Belem, qui naît en 1616, ne doit pas nous tromper. L'Océan a été utilisé par l'Europe avant la côte qui le limite vers l'Ouest. Rien de plus révélateur

111

que cette aventure d'une méchante ~~chaloupe~~ caravelle⁶⁶⁷ qui en 1512 est poussée par les vents de la côte brésilienne jusqu'à Porto Rico où l'on séquestre l'embarcation et l'équipage, dont un certain Estevam Froes, qui réclamera la protection portugaise des gardes espagnoles de Saint-Domingue où on l'avait transféré et grâce auquel nous connaissons cette aventure et même le nom de l'armateur, un marchand de Burgos installé à Lisbonne. De tels petits faits ont leur valeur. Pour un que l'on connaît, cent nous échappent.

Mais revenons aux conditions atmosphériques du N. Est et du retour vers l'Europe. Dans ces parages, également l'alizé N, que l'on rencontre rejette vers l'Ouest les voiles qui cherchent à regagner ~~l'Europe~~ l'Occident. Mais ~~justement~~ au Nord de Pernambouc et de Natal, ~~e'est~~ la flotte des galions de Castille, qui établit sa route. L'entente cordiale, établie au XVI^e s., tant bien que mal entre les couronnes de Castille et de Portugal, puis la fusion opérée en 1580, interdisait de profiter de ce poste de guette. Mais les Hollandais dans le coin Nord du Brésil, de 1624 à 1658, n'auront pas de ces scrupules et tendront vers le NW leur occupation et leur course..

Dernière route, celle qui compte le plus aujourd'hui, bien qu'elle ait été diminuée à la fois par l'ouverture de Suez en 1869 et de Panama en 1914, la route du Rio de la Plata, du Détroit de Magellan et du Pacifique et de ses îles, qui, aujourd'hui se ... ???... à Buenos Aires. Elle (est ?) au temps des voiliers bien difficile, comme nous aurons l'occasion

112

de l'établir par la suite. Or, je pense le démontrer, cette route a été ... ???... ~~pour~~ durant les quarante premières années du XVI^e s., ~~sur-~~ pour la mise en place de l'expérience brésilienne.

⁶⁶⁶ cité par P. Denis, p.2

⁶⁶⁷ Tout le récit Yan, p.53

Elle a déterminé une poussée fiévreuse qui tombe brusquement au voisinage des années 1540. Si elle n'a pas eu la durée de la liaison indienne, elle a tout de même produit un effet de choc considérable et que les historiens, sans le méconnaître toujours, n'ont cependant pas, à mon avis, souligné comme il convenait.

113 página cortada e invertida

114

3. Nous parlions, plus haut, d'une histoire propre de l'Atlantique et dans laquelle il faut resituer le passé brésilien, mais cette histoire reste à écrire avec les fragments d'histoires continentales dont on dispose et la tâche ici s'avère assez difficile. Il ne peut s'agir, en effet que d'une histoire complète, totalitaire, qui donne aussi bien le détail des techniques que les faits économiques de base. Or, nous ne saisissons avec un peu de facilité que les évènements politiques. Mais ici, comme au sujet du pays, nous pouvons nous contenter d'un calque grossier, car le problème pour nous n'est pas tant de ~~marquer de~~ étudier le passé océanique lui-même que de montrer son incidence sur les origines brésiliennes. Dans ces conditions, il nous suffira de marquer ~~trois~~ quatre grandes périodes « océaniques ». La première a l'avantage de nous être parfaitement connue. Comme on l'a déjà signalé, sous le nom de découvertes maritimes, on a étudié l'histoire même de la conquête de l'Atlantique. Cette conquête, en en repoussant le terme dans le passé, à l'extrême rigueur, on peut la faire débiter en 1415 à la prise de Ceuta, début de la vocation maritime du Portugal et de l'Infant Henri le Navigateur. Cette date ... ???... à défaut d'une autre que nous ~~ignorons~~ ne pouvons situer exactement et qui marquerait l'apparition d'une technique nouvelle. Comme on l'a dit parfois, mais jamais avec assez de vigueur, cette première conquête de l'Atlantique

115

a été le fait de Méditerranéens, Italiens plus encore qu'Ibériques. Or, il a fallu, pour saisir l'Océan, se débarrasser des pratiques millénaires parfois de la navigation méditerranéenne, renoncer à suivre le rivage comme une chaîne que l'on relèverait maille à maille, se lancer dans les périls de la navigation hauturière, se délester de la rame pour se confier uniquement à la voile et enfin, dans ce domaine éolien, ne plus se contenter de la voile latine triangulaire, mais y associer les voiles quadrangulaires qui pourront capter la force des alizés. Je pense même que si la prospection portugaise s'en tient aussi solidement que l'on sait à la rive africaine, c'est – entre autres raisons – qu'elle se dégage mal et lentement de l'héritage méditerranéen. Sur l'Atlantique, le premier voyage de Colomb, son arrivée aux Indes que l'on qualifiera d'occidentales bientôt, le 12 octobre, un grand évènement révolutionnaire. C'est même à cette date, inexacte d'ailleurs, que l'on pourrait faire commencer cette conquête de l'Océan. Les réalisations se succèdent : 1497, c'est le triomphe de Vasco da Gama au-delà de l'obstacle africain, 1500, la découverte de la terre de la Sainte Croix par Cabral. Dès lors, la prospection de l'Atlantique, dans toutes ses directions, et vers l'inconnu américain, s'accélère. De Lisbonne, le la « rivière » de Séville, de Bayonne où arrivent les pêcheurs de baleine, de Nantes, de Saint-Malo, d'Honfleur,

116

de Dieppe, de Londres, comme d'autant de ruches, les navires essaient avec leurs cartographes, leurs pilotes, leurs aventuriers, leurs marchands, leurs chefs de terres encore à découvrir. Cet essaimage est beaucoup plus large que nos connaissances ne le disent. Si l'on ne tient pas compte dans nos raisonnements de cette supériorité quantitative du réel sur le connu on risque de ne pas comprendre les trente ou quarante premières années du XVI^e siècle. Ce sont ces expéditions qui ont donné de la Nouvelle France au Détroit de Magellan et même à la Mer du Sud au continent américain ses premiers noms et avec les matelots que l'on met à terre ou qui se sauvent, les naufragés qui en réchappent, les soldats qui s'enfoncent dans le pays nouveau, sa première semence européenne. Si l'on se reporte aux croquis qui

donnent les différents stades de la conquête de l'Océan, on acceptera qu'un changement se marque au-delà des années 1540, que cette vie anarchique un peu au début se régularise. Charles Quint et ses bureaux sont alors les maîtres des Andes, de l'Amérique Centrale et des plateaux mexicains et non plus les aventuriers.. La création de la vice-royauté du Pérou Pour les colonies anglaises même remarque :

La Nouvelle France suit le mouvement d'ensemble. Au Brésil, l'intervention du gouvernement se manifeste vers 1526-1532, et, en

117

1549, le gouvernement général est créé.

La seconde période irait, en gros bien entendu, de ces années 1530 ?? à 1566 et même 1572. Ce sont les positions continentales qui sont officiellement saisies. Les convois officiels surtout espagnols, qui sont organisés, mais il reste à exploiter l'Océan lui-même. A côté de l'officiel, du personnage en place, le hors-la-loi, bien que l'on puisse discuter sur la loi. Ce hors-la-loi est le Français. Alors qu'il fait sur les bords du St Laurent figure de propriétaire légitime, sur le reste de l'Atlantique, il pirate et butine au détriment des autres, le long des côtes brésiliennes, dans le carrefour des Antilles, dans les archipels, clefs des routes atlantiques, Cap Vert, Açores, Canaries et aussi au large des côtes ibériques, sur les eaux agitées du Golfe de Gascogne, les corsaires marocains n'avancent-ils pas eux aussi au travers du détroit jusqu'à la hauteur de Séville avec leurs galères ? Et même sur le littoral portugais au voisinage du Cap São Vicente ? En France, l'ambassadeur du Roi Catholique a ses espions dans les ports du royaume qui lui signalent sans fin les actes de piraterie des Rochellois ou des Normands qui courent sus indistinctement sur les Espagnols et les « Portugalloys ». Cette période est bien celle de la course française en Atlantique. Une course que le gouvernement n'organise pas, qui fuse spontanément. François 1^{er}, puis Henri II, ses enfants, ont trop de soucis en Europe ou dans leur propre maison pour

118

se soucier de cette guerre. Les vrais rois en sont les armateurs, les aventuriers, marchands et pirates à la fois, tel cet Angot, qui a près de Dieppe une résidence princière, une sorte de château de Fontainebleau en bois du Brésil.. Cette course française, il est bien difficile de la situer dans le temps. En fait, elle commence avec l'aventure atlantique elle-même. Dès 1531, Jean III, roi de Portugal, se plaignait d'avoir depuis son avènement (1521), d'avoir perdu au bénéfice des corsaires français plus de 300 vaisseaux valant au total un « conto » d'or. Pendant toutes les années qui correspondent à la présente étude, la course française ne s'interrompt pas, en vérité. C'est ainsi qu'en 1617, encore des bateaux français s'emparent, au long de la côte brésilienne au Nord, de l'île de Itamaracá, puis gâtent les plantations de canne à sucre de Bahia et d'Ilhéus. Nous n'avons de cette course que le pointillé. Cependant, il semble qu'elle ait surtout été vigoureuse des années 1540 aux environs de 1566-1572. C'est sur elle que s'éprouvent les tentatives de colonisation des derniers Valois, le coup de main sur la Floride en 1563, la tentative contre Madère que conduit Montluc en 1566, et où il trouve la mort.. C'est aux environs des années 1565-72 que la baisse se marque, ou semble se marquer, 1565, échec des huguenots... en Floride, 1566, abandon ~~un instant~~ de Madère un instant saisie, 1567, second ~~et dernier~~ échec du poste de la Guanabara.. Dans cette lutte énorme,

119

si l'on songe à l'enjeu, autrement important peut-être que les rêves d'Italie ou le voyage du Rhin, les Ibériques, unis comme on ne l'a pas assez souligné d'ailleurs, ont gagné rudement, cruellement aussi, aidés par les circonstances... Le déclin de la France en Atlantique, c'est le développement de la course anglaise qui le signale encore le plus clairement. Associés très tôt à la piraterie française, j'aimerais mieux dire, car ce serait malgré tout plus exact, aux aventures françaises, les vaisseaux anglais sont bientôt les plus nombreux à pratiquer la fructueuse industrie, à saisir les vaisseaux ibériques chargés de poivre, de sucre ou d'esclaves. La

défaillance française est à inscrire au passif de nos guerres de religions... C'est par bandes, par escadres entières que les Nordiques se présentent dans l'Atlantique de plus en plus peuplé de navires, le long de la côte africaine, comme ce précurseur Windham, qui atteint Bénin en 1553, et y négocie des achats de poivre, autour des îles et sur les marines du Brésil. C'est déjà la grande aventure qui s'ouvre en 1572, avec les randonnées de Drake, qui va, pendant des années, chasser indifféremment Portugais ou Espagnols.. Que l'on ne s'y trompe pas, avec les années, le conflit s'aggrave. La guerre française avait été un jeu, en comparaison de ces luttes qu'amène la

120

fin du siècle. Dès 1595, une nouvelle vague s'ajoute à la piraterie anti-ibérique : la descente hollandaise, si puissante qu'elle frappe partout à la fois. Tandis que les Hollandais forcent la route de Bonne Espérance, les Anglais abattent l'une après l'autre les villes naissantes encore du Brésil littoral.. Cette menace, présente partout à la fois, mille signes assez tôt en avaient signalé l'approche. Aussi bien peut-on penser que quand le Portugal s'est donné au Roi Catholique, en 1580, sa bourgeoisie d'affaires a plus ou moins cherché à sauver l'Empire déjà menacé, en lui assurant la protection des armadas espagnoles.. Déjà contre le Français, vers le milieu du XVI^e s., les deux couronnes se sont mises d'accord. Contre la course anglo-hollandaise, elles forment bloc quand le siècle s'achève.

121

Surtout quand le Brésil devient, en 1580, un « dominion » espagnol, ils s'abattent sur les comptoirs des nouveaux sujets de Philippe II. Sur l'Océan, cette guerre à la fois religieuse et économique est autrement furieuse que la guerre française. On peut même penser que si le Portugal et ses domaines d'Outre-Océan ont accepté, en 1580, si facilement de devenir possessions du Roi Catholique, c'est qu'il faut partout faire face à l'attaque nordique. Déjà contre les Français, les Ibériques, vers le milieu du XVI^e s., se sont mis d'accord. Contre la course anglo-hollandaise, ils forment bloc quand le siècle s'achève. Sur l'Atlantique, le nombre des vaisseaux s'est multiplié.. La course n'est plus le fait de navires isolés, mais d'escadres.

Que l'on ne s'y trompe pas, en 1588, quand à Lisbonne Philippe II concentre toutes ses forces navales, quand il pousse vers le Nord ces bateaux méditerranéens et même des galères qui ne sont pas faits pour résister à la houle de l'Océan, c'est de la maîtrise de l'Atlantique qu'il s'agit, de cette primauté dont dépend entièrement la grandeur ibérique. On connaît le résultat de cette lutte, mais, contrairement à l'opinion commune, la partie ne s'est pas jouée sur le seul coup de dés de 1588. Les Ibériques ont résisté, riposté et finalement transigé. La paix avec l'Angleterre, en 1604, ~~n'avait rien coûté~~ ne coûte même rien, mais en 1609, lors de ~~paix avec~~ la trêve de douze ans que l'on signe alors avec les Provinces Unies, le Roi Catholique paie, il paie avec l'empire portugais, en livrant les îles de la Sonde..

122

Il ne saurait être question d'examiner ici l'importance de ce sacrifice, s'il faut parler de désastre militaire ou de catastrophe économique.. La question, l'une des plus importantes de l'histoire du XVII^e s., déborde un peu le cadre de notre enquête. L'essentiel, c'est qu'en 1609 s'apaise la guerre atlantique, ~~qu'elle~~ que la trêve ouvre une nouvelle période tranquille que ~~la rupture~~ l'expiration de la trêve, en 1621, ferme presque aussitôt pour le Brésil puisqu'en 1624, comme l'on sait, recommence la guerre « batave »....

*
* *

Ces lignes donnent un résumé succinct du siècle atlantique, ~~mais un résumé~~ bien plus, incomplet, non parce qu'il laisse de côté certains détails que l'on a repris sur les croquis qui accompagnent ce texte, mais parce qu'il laisse en dehors de ses indications l'histoire des techniques et de la vie économique. La victoire hollandaise est-elle celle de ses escadres, ou bien celle de ses flûtes, navires marchands économiques, ou celle de son organisation

commerciale, ou celle de sa monnaie, de son crédit ? Les cycles économiques dont parle Luzio d'Azevedo – bois de teinture, sucre et, ajoutons, nègres – à propos du Portugal et du Brésil, ne faudrait-il pas les examiner sur le plan de l'Atlantique ? On connaît le bois de campêche, rival du pau brasil, le sucre des Antilles, rival des produits de Recife et de Bahia, toute l'Amérique

123

chaude n'est-elle pas acheteuse de nègres ? Enfin, ces cycles, ils aboutissent ou passent par l'Europe. C'est l'Europe qui consomme ces produits des premières Amériques, celle dont les navires, dont les prix, dont les besoins auront tout commandé. Nous essaierons à propos du Brésil, chemin faisant, de marquer ces liaisons dans la mesure du possible. Il est bien entendu qu'une histoire d'ensemble de l'Atlantique qui tienne compte de ces réalités de base n'est qu'à portée de notre imagination.

*

* *

[texto riscado :

Sur un point cependant revenons à notre résumé incomplet et au Brésil. Si l'on est attentif aux liens atlantiques de l'histoire du Brésil on ne saurait manquer de souligner l'importance des années 1590-1609. Mieux qu'aucune autre période, ces années montrent bien que le pays nouveau]

On entrevoit à peu près, cependant, comment ~~avec~~ selon les années, l'histoire atlantique a pu agir sur les destinées brésiliennes. Il nous faudra, pour le XVI^e s., à ses débuts faire une place décisive à cet éclaboussement, à ce jaillissement, à ce feu d'artifice des découvertes, puis marquer l'empreinte française qu'un accident aurait pu rendre décisive. Mais aucune période, mieux que les années 1590-1609, ne permet de souligner plus heureusement l'incidence de cette histoire de l'Atlantique sur le pays en voie de formation. Ces vingt ans représentent

124

vraiment le moment le plus acharné de la guerre atlantique. Si l'on reporte sur une carte de l'Océan les routes de rencontre, les champs de bataille ~~maritimes~~ terrestres et océaniques, on s'aperçoit que partout la guerre aura passé, dans toutes les régions où il était possible de se rencontrer. Voici un résumé chronologique simplifié. 1591 : l'Anglais Thomas Cavendish saque et brûle S. Vicente ; 1593-4 : la flotte de James Lancaster partie de Londres prend et pille Recife ; 1595 : les Anglais saisissent Caracas, pillent sur le littoral du Portugal Faro, Sagres et d'autres lieux voisins du Cap S. Vicente, saquent Cadix, se saisissent du fort portugais d'Arguim en Afrique. Cette même année, la Hollande lance sa première flotte commerciale au-delà de Bonne Espérance vers les Indes Orientales, Bernard Erikson de ... ???...conduit le premier voyage marchand hollandais sur la côte de l'Ouest Afrique ; 1597 : les Anglais saccagent les Açores, occupent les îles de S. Miguel, Fayal et de Pico, prennent l'île de São Vicente une fois de plus, et tout au fond de l'Océan Indien, enlèvent l'île célèbre d'Ormuz. 1598 : les Hollandais réussissent leur première expédition fructueuse dans l'Océan Indien et son retour déchaîne, en Hollande, la joie populaire, une nouvelle ère commence pour les gueux...

125

Je sais bien que ces faits ne sont pas tous du même ordre de grandeur. Sur la carte, on abolit un peu le temps en marquant des événements successifs. Mais l'impression persiste : ces vingt années ne sont-elles pas sous le signe de la fermeture océanique ? Sans vouloir paraphraser la fermeture de la Méditerranée après les invasions musulmanes, si vivement mise en lumière par Henri Pirenne, ne peut-on pas parler d'une rupture des routes océaniques ? Un rapport de 1604 adressé au Roi de Portugal ne parle-t-il pas de 30 vaisseaux vus au cours du quart de siècle qui s'achève alors ? Des milliers de documents ne signalent-ils pas le blocus répété de Lisbonne, de Cadix, de Séville ? Je pense bien que la décadence ~~du fret~~ de l'acheminement ??? portugais qui alors s'accélère, a d'autres raisons, la mauvaise construction, l'insuffisance du recrutement des matelots, la technique défectueuse des galions, le passif trop long de ce commerce lointain.

Mais reconnaissons que la guerre océanique l'aide encore à sa chute. De cette économie dérégulée, le Brésil n'a-t-il pas souffert ? On accuse l'instauration du régime ~~ibérique~~ hispanique d'avoir ~~restreint~~ surveillé l'immigration jusque là très mêlée. N'y a-t-il pas restriction, non pas seulement par manque de libéralisme, mais parce que les routes de l'Océan se coupent ? Le beau travail de M. Denucé signale le cas de ce Flamand installé

126

aux Açores et qui excipe de privilèges anciens pour conduire ses marchandises. Le Roi Catholique, tout comme lui, ne souffre-t-il pas de ces ruptures du trafic océanique. Ce sont là malheureusement des impressions, des vraisemblances, non pas des preuves. Et pourtant, n'y a-t-il pas comme une vérification de cette hypothèse quand on voit alors s'ouvrir pour le Brésil la phase continentale avec la multiplication des expéditions vers l'intérieur. Du tableau () on peut déduire la concordance entre la mise en train du bandeirantisme et la guerre océanique. Simple coïncidence, ou, comme nous le pensons, lien de cause à effet ? Le Brésil a dû alors se replier sur lui-même. De 1590 à 1630, Bahia est prise ou pillée 4 fois.

.....

Je sais bien que les villes repoussent tout de suite. Ce sont les engenhos et les fazendas qui les entourent qui sont leur base réelle. On coupe l'arbre, mais on laisse les racines et l'arbre repousse. Mais ces travaux de bûcherons sur le littoral n'ont-ils pas favorisé l'aventure indienne, continentale ?

*
* *

Le problème méritait d'être posé . Comme bien l'on pense, il n'est pas dans les cinq siècles de l'histoire brésilienne

127

seul de son espèce. Le Brésil a grandi autant sur l'Atlantique que sur l'intérieur de son être. Or, l'Atlantique Sud s'ouvre ou se ferme, peut-on dire, en risquant cette image inexacte à la lettre. Avec la substitution de la vapeur à la voile achevée en 1900, l'Océan se peuple et le Brésil supporte la plus forte européanisation qu'il ait eu à subir depuis sa naissance. Mais, pour reprendre l'expression d'Henri Hauser, il redevient presque désert de 1914 à 1918, se réanime de 1918 à 1926-7, puis se dépeuple à nouveau. Selon ce rythme, le Brésil, à son tour vit sur lui-même ou s'ouvre sur le dehors. Au point de vue de la formation de son être national, de son autonomie économique grandissante, de quel poids n'ont pas pesé ces dix dernières années, avec des voyages moins fréquents à Londres ou à Paris, et sans l'arrivée massive d'émigrants ? Resterait à dire dans ces mouvements de diastole et de systole ce qui revient à l'Océan lui-même et aux autres facteurs si aisés à deviner. Sinon à saisir. Le cœur n'est pas tout dans un organisme, mais il mérite sa place. Peut-on oublier un seul instant, hier comme aujourd'hui, que l'histoire du Brésil est celle de l'Atlantique, et réciproquement ? Un balancement continu fait pencher les destinées brésiliennes vers l'Est et vers l'W, vers l'intérieur et ses zones pionnières et vers l'Europe, son luxe, ses querelles, ses vieilles civilisations... Depuis qu'il y a un Brésil.

128

III

Une observation capitale s'impose au terme de ces considérations géographiques. Tout ou presque tout le Brésil européen du XVI^e s. a tenu sur le trottoir de la mangrove face à la muraille forestière. Que l'on essaie de dresser une chronologie brésilienne du XVI^e s. et que l'on pointe sur une carte les différentes positions des événements, on restera neuf fois sur dix sur ce chemin de ronde imparfait. La surabondante cartographie du siècle le dit de façon expressive à qui veut bien le voir. Leur nomenclature du début est limitée strictement au littoral. Il faut attendre la dernière décennie du siècle pour que les notions cartographiques gagnent l'intérieur en même temps que les hommes. Voilà donc dessinée la scène où se joue le premier acte d'histoire brésilienne. Le Brésil assurément cette frange où le pau brasil s'offre à l'exploitation de l'Europe. Mais, cette limitation dans l'espace, ne faut-il pas l'expliquer ? Les accidents du relief, dira-t-on. Il a bien fallu aussi commencer par le commencement, l'attaque venue de l'Atlantique a trouvé dans cette lisière du plateau sa ligne de départ logique. Oui, sans doute, mais comment expliquer que l'obstacle n'ait pas été tourné tout de suite vers le Nord et vers le Sud par l'Amazone et par la Plata. Cette stratégie que nous concevons à des siècles de distance, elle a pour elle

129

~~bien des voies d'eau leur échappe en fait.~~ On a déjà expliqué que ces voies ne conduisant pas, au vrai, vers l'intérieur du plateau et du continent, qu'elles permettent plutôt d'en sortir à qui se trouve au cœur des terres. Or, la difficulté avant de remonter, ce qui ne sera pas commode, ces routes fluviales, c'est d'atteindre leur débouché. Justement, des difficultés surgissent soit vers le Nord, soit vers le Sud, pour qui veut gagner ou l'Amazone ou le Rio de la Plata en partant de la ligne Recife-São Vicente..

Au-delà de Recife et de ce coin N.Est, le pont le plus proche que la Sud-Amérique tend vers l'Europe, l'aviation le rappelle aujourd'hui de façon saisissante, avec son retour si curieux aux tracés primitifs de la navigation, commence la Mer Douce, de création amazonienne, avec ses terribles courants, ses phénomènes dangereux de marée, ses côtes basses, sablonneuses, « où l'on ne trouve aucun profit », cette « côte sauvage », comme l'appelleront plus tard et longtemps les Hollandais. Voyez avec quelle peine ici l'Europe prend possession du littoral. Si l'on laisse de côté les passages de navires qui vont ou à la découverte ou à l'aventure, comme ceux que Walter Raleigh conduit sur la côte des Guyanes en 1590, les faits essentiels sont la naissance des embryons de villes. Natal en 1598,

130

Fortaleza en 1610, St Louis du Maranhão, fondé par les Français en 1612, Belém en 1616. Ces dates, de plus en plus tardives à mesure que l'on gagne le Nord, disent bien les obstacles qu'au long de cette côte, vers le débouché de l'Amazone les hommes ont dû vaincre. En retrait de la ligne droite du Cap Vert à Recife, cette côte que l'on peut étendre presque jusqu'à l'Orénoque, peu favorisée par la nature, d'un accueil revêche, fait figure, au XVI^e s., de secteur arriéré à peine touché, quand le siècle s'achève, par la vie nouvelle européenne venue d'Europe.

Vers le Sud, il y a aussi, mais dans des conditions et des circonstances différentes, un ~~départ~~ cheminement malaisé ~~retardé ??? des établissements humains de la Plata.~~ De São Vicente au Cap Ste Marie, qui ferme l'estuaire de l'énorme système hydrographique au Nord, on notera une progression lente des fondations urbaines. Iguape et Cananca datent peut-être de 1687, mais représentent les ultimes positions, en direction du Sud, occupées par les Portugais au XVI^e siècle. Il faut attendre le XVII^e et le XVIII^e s., pour que les côtes riograndense et uruguayenne se peuplent de villes. Sur le Rio de la Plata lui-même, les fondations urbaines végètent. Elles ratent l'une après l'autre. Il faut en somme fonder deux fois, Buenos Aires, en 1535 et en 1580, un hasard seul, sans doute l'arrivée de colons portugais, sauve la ville, à la fin du siècle, d'une sorte d'asphyxie, comme le note R. de Lafuente Machain.

131

Voilà donc une différence qui compte. Ajoutez que ce bas pays dilaté est traversé par de vrais fleuves qui maintenant naissent et s'articulent sur le versant océanique de la Serra lointaine, que ces fleuves offrent leur force motrice aux moulins, qu'ils sont des chemins aisés à monter ou à descendre. La nature a fabriqué ici les voies de communication. Ajoutez encore que ce Norte est bien plus rapproché de l'Europe que les marines du Sud, que du Cap São Roque au Rio de la Plata il y a la même distance que du Cap Vert à Recife et qu'en plus le chemin vers le Sud est autrement difficile que la traversée de l'Atlantique moyen.

N'allons pas grossir, pourtant, ces différences qui ont leur valeur, bien entendu, mais aussi leur limite. La situation n'est-elle pas, en gros, aux premiers temps de la colonisation, la même de bout en bout du littoral occupé ? La place manque au Sud, à cause des montagnes qui touchent presque la mer, mais elle manque au Nord aussi, à cause de la sécheresse qui désole l'arrière-pays au-delà de Bahia, de Recife, de Natal. Le Nord est bloqué par le semi-désert des caatingas, ces savanes qui sont presque des steppes et dont Euclides da Cunha a dit, de façon inoubliable, la beauté et aussi la dureté inexorable. ~~Bien plus, il s'en faut que ce cordon littoral soit partout occupé.~~

132

Quelques îles européennes, îles véritables ou non et c'est tout. Le Recôncavo de Bahia, cette zone de terres schisteuses décomposées et riches, est-ce que cela représente plus que la surface de Madère ? L'île même de São Vicente, mais le centième seulement en est défriché peut-être quand le siècle s'achève.

6. Je pense qu'Euclides da Cunha a cependant raison quand il oppose le Nord et le Sud, et son opposition vaut dès le principe presque de l'histoire du Brésil. Pour comprendre son raisonnement, il faut se détacher de la ligne atlantique, regarder, dans le sens où, comme il le dit, les contrastes se marquent surtout pour le Brésil historique, celui des parallèles, vers les profondeurs de l'arrière-pays. Je simplifierai son argumentation en disant : il y a trois Brésils que la carte hypsométrique et phytogéographique permet assez aisément de distinguer. Il y a le Nord, collé à ses caatingas. Le Sud [texto riscado : – le Brésil de type pauliste, je reviendrai ~~plus tard~~ souvent sur cette appellation – plus que la frange littorale, c'est le haut du plateau, les highlands. Enfin, le Bas plateau du Nord du pays pauliste.]

Il ne s'agit ni de la vieille capitainerie de São Vicente, ni de l'état actuel de São Paulo, mais de la partie la plus méridionale et la plus haute du Plateau, tout

133

son secteur situé au Sud, en gros, du parallèle de Vitória. À cet ensemble, on ajoutera comme partie secondaire, la mince frange littorale atlantique dont il a été précédemment question. Entre les deux blocs ainsi distingués, le Bas Plateau, avec ses « campos curados », ses savanes buissonneuses qui, selon les directions, les accidents de relief, l'accroissement des vallées, est coupé d'écharpes forestières ou passe par transition aux caatingas du Nord... C'est bien là, par excellence, la brousse brésilienne. Quelque chose d'analogue, avec les mille différences que le lecteur sera capable de se représenter lui-même, à la grande Prairie de l'Amérique du Nord. J'ai bien un peu trahi, chemin faisant, la pensée du grand écrivain. Ses « Sertões » sont beaucoup plus la caatinga bahianaise que le campo cerrado de notre carte.. ~~Mais j'ai tout de même donné assez d'éléments pour que l'on puisse suivre sa propre explication.~~ Son argumentation, comme il est juste, porte plus sur le XVII^e s., que sur le XVI^e. Mais j'ai tout de même donné assez d'éléments pour que l'on puisse maintenant suivre sa propre explication : « Il est ainsi facile, écrit-il, de montrer comment cette distinction d'ordre physique [entre le Nord et le Sud] explique les anomalies et les contrastes entre les événements de l'un et l'autre pôles de notre pays, surtout pendant

134

fleuves ne sont devenus des chemins dans les deux sens qu'au prix d'efforts inouïs – que l'on songe à la Volga ou au Fleuve Bleu – ou par la grâce de la vapeur. Dans cette Amérique qui s'ouvre à la prospection européenne, le maître des fleuves, l'usager, c'est donc le possesseur des sources ou du cours supérieur, ou celui qui est le mieux situé pour en suivre, dès le premier bief navigable, et dans le bon sens, le ruban. On le devine, les Espagnols, sur les deux côtés fluviaux du triangle, ont la position gagnante, d'entrée de jeu. C'est eux qui, les premiers, les reconnaissent. Gandavo signale, vers le milieu du XVI^e s., le raid d'Espagnols qui, venus de la province de Quito, descendent le cours de l'Amazone et, par ses méandres, gagnent l'Atlantique. Sans doute, de cette façon imprécise désigne-t-il le voyage, en 1541-2, de Francisco de Orellano qui, effectivement, partit alors de Quito, suivit le Guapo et parcourut l'Amazone jusqu'à son estuaire. Un raid et, ajoutons, sans conséquence utile. Entre l'Amazonie et les Andes, une barrière infranchissable presque est dressée par le relief vertigineux, que les oiseaux ne peuvent pas toujours franchir, nous dit encore Gandavo, et par les déchirures fantastiques des rivières amazoniennes et enfin par la masse enchevêtrée des forêts.. ~~sur le Parana la primauté espagnole va avoir par contre des conséquences considérables. Dès 1537, Ayolas a fondé~~

135

[texto riscado : la nature du terrain, le bon sens, les commodités relatives des voies d'eau.]

~~En réalité~~ En face de ces deux zones de pénétration, les hasards et aussi la nature disposèrent leurs obstacles. Au-delà de Pernambouc et de ce coin Nord-Est, le coin le plus proche que le continent Sud américain tende vers l'Afrique et l'Europe – l'aviation aujourd'hui nous le rappelle de façon saisissante, avec son retour si curieux parfois ~~vers les~~ aux tracés primitifs de la navigation – commence la Mer Douce, avec ses terribles courants, ses phénomènes dangereux de marée, ses côtes basses, sablonneuses, « où l'on ne trouve aucun profit », cette côte sauvage, comme l'appelleront plus tard et longtemps les Hollandais. Il faut attendre la fin du siècle pour que l'effort réel de la colonisation se tourne vers ces côtes du Maranhão, de l'Amazone et des Guyanes. L'expédition de Walter Raleigh, en ces parages est de 1590. Le premier établissement français sur le Bas Maranhão, de 1594, la fondation de São Luís, de 1612. Il y a ainsi au Nord du plateau brésilien et jusqu'aux pays de l'Orénoque, un secteur arriéré si l'on veut. Il est en marge de la ligne directe du Cap Vert à Recife, il est peu favorisé par la nature, d'un accueil revêche.. De même au Sud, mais pour des raisons différentes. Le départ malaisé de la Plata, au point de vue colonisation, ne manque pas d'étonner. Les fondations urbaines ~~n'y prennent pas racine aisément~~ y végètent. Elles ratent l'une après

136

l'autre assez misérablement, ainsi Mendoza, ainsi... ainsi même Buenos Ayres, qu'un hasard seul, sans doute l'arrivée de colons portugais, sauve à la fin du XVI^e siècle d'une sorte d'asphyxie comme le note R. de Lafuente Machain. Cette pauvreté urbaine, elle s'explique par l'hypothèque péruvienne continentale, qui pèse sur les pays de la Plata, par les conditions générales – nous y reviendrons – de l'expérience espagnole. Ces pays de la Plata, ~~comme~~ bien plus encore que ceux du Plateau brésilien, c'est humainement le vide. Il faut construire, créer ex nihilo, rude effort qui va demander du temps et ne devient productif qu'avec le XIX^e siècle. Au XVI^e s., l'Espagnol exploite les civilisations andines. Il néglige la terre argentine, comme le Portugais méconnaît le Brésil, pour ne songer qu'aux Indes. Mais cette raison nous éloigne au vrai de notre problème. Si, vers le Sud l'effort colonisateur s'affaiblit, il faut tenir compte ~~des~~ ~~agitati~~ des difficultés que la navigation rencontre au Sud de la capitainerie de São Vicente, la mer s'agite son vent au long des côtes de Ste Catherine et un courant qui vient du Sud retarde la marche des navires. Voilà pourquoi la découverte maritime du Cap Ste Marie et de l'estuaire du Rio de la Plata qui lui est contiguë a été si tardive. Dès 1500, le Brésil est reconnu. Il faut attendre quinze ans

137

au moins pour que la Plata soit identifiée. Identification assez rapide, assez sommaire d'ailleurs, puisque de l'expédition dite de Manuel en 1514, il ne reste que les vagues indications de la New Zeitung.. et que le raid du navigateur portugais João de Solis pour le compte de l'Espagne se termine avec l'assassinat par les indigènes du navigateur et de la petite troupe descendue à terre pour reconnaître le pays. Répétons-le, ces découvertes océaniques sont le premier signe de la naissance de ces pays nouveaux, mais la naissance ici tardera encore une trentaine d'années. ~~Beaucoup~~ Plus tard, Portugal et Espagne du Nouveau Monde se disputeront ces terres du Sud. Le duel commence avec les années du XVI^e siècle. Mais un duel⁶⁶⁸ d'ombres. D'ailleurs, le Brésil ne tend pas à s'étendre hors de lui-même. 1828, indépendance de l'Uruguay, en 1868 occupation d'assomption, en 180... Guyane Fse ... ???... 1817 seul accès Acre traité de Petrópolis 1903

138

à noter car il souligne ~~avec force même~~ son contre-coup, l'importance de l'échec des tentatives faites, en ces heures décisives, par les diplomaties conjuguées de Venise, ~~du Pape~~ de Rome et de l'Espagne pour jeter contre le Turc Impériaux, Polonais ou Moscovites, soit séparément, ~~ou~~ soit tous à la fois..

On ne s'étonnera pas, en tout cas, vers le milieu du XVI^e s., de constater qu'en gros la Méditerranée se divise en deux secteurs, l'un à l'Ouest, l'autre à l'est, qu'emprisonnent deux formations, avant tout ~~territoriales~~ continentales, l'empire espagnol, d'une part ~~qui enserme les eaux tyrrhéniennes~~ et ~~d'autre part~~ de l'autre, pour parler comme Ranke, celui des Osmanlis ~~maîtres du levant~~.

S'il en est ainsi, dans l'ordre politique c'est pour des raisons ~~profondes~~ inhérentes à la vie méditerranéenne ~~est~~ qui, par sa nature même, est attachée au sol ferme ~~comme il serait aisé de le montrer longuement~~. Ainsi Si La navigation, dans l'Atlantique, ~~est liée~~ dépend presque uniquement ~~aux~~ des courants, ~~et aux~~ des vents, ~~assez~~ un peu ~~aux~~ des archipels des Canaries, du Cap Vert, un peu plus de celui des Açores.. En Méditerranée, par contre, la route maritime est ~~souvent~~ normalement liée à une traverse continentale qui la commande : ~~ainsi~~ par exemple, celle qui va d'Ancône à Livourne par Florence, route des laines espagnoles, des crins du Levant, des tissus italiens et même septentrionaux, des « caliseo??? » d'Angleterre.. La loi des isthmes de Victor Berard vaut

139

du XVI^e s. brésilien sont assez différents l'un de l'autre, qu'ils modifient l'éclairage et ne se répètent après tout qu'en apparence. Ces redites ne donnent-elles pas, par leur déplacement même, aux événements que l'on veut saisir, leur vrai volume, leur densité réelle.

*

* *

140

*

* *

Je ne justifierai pas longuement, à côté des tendances de cet essai, son plan, son compartimentage en livres et en chapîtres. Si je n'avais voulu écrire qu'une mise au point rapide, je me serais contenté de développer le troisième et dernier livre de cette étude, qui marque les principales étapes de ce premier siècle brésilien et essaie de montrer comment elles se relaient et s'appuient l'une sur l'autre. ~~Si je ne me suis pas borné à ce récit chronologique e'est que j'ai voulu vérifier, examiner à loisir et critiquer les éléments et les points de vue d'où ees deux premiers livres l'un qui dresse une bibliographie critique du sujet et l'autre qui essie de~~

⁶⁶⁸ Sur ce duel, voyez les bonnes remarques de J. F. Normand ... ???, p 2 et 59

Il eût été aisé de lui annexer la matière entière de cet ouvrage en modifiant ici et là la mise en page. Si je ne me suis pas borné à ce récit chronologique, c'est que j'ai voulu par avance le justifier et le rendre plus intelligible. Raconter, au fil du temps, une histoire, c'est surtout saisir ce qui se transforme et se meut.. C'est mettre de côté les vues arrêtées, les justifications souvent nécessaires. La mise en place à laquelle j'aboutis, je l'aurais justifiée en partie par l'examen des sources qui constitue le premier livre et par l'étude de ces réalités de base qui forme le second livre; réalités sur lesquelles l'expérience brésilienne se sera développée. Il n'est pas besoin

141

d'insister longuement pour voir les avantages d'une telle façon de présenter les choses. Elle permettait d'examiner à loisir les points de vue, les éléments qu'un récit doit ou confondre ou laisser de côté bien souvent. Mais elle impliquait aussi le danger de redites. On s'est efforcé de les réduire au minimum. C'est faire un récit déjà que de feuilleter les livres qui ont parlé du XVI^e s. brésilien, ou faire un autre encore quand on cherche à saisir les réalités qui régulièrement entrent en jeu. Mais après tout, ces redites, n'ont-elles pas aussi leur valeur, et leur intérêt, si chaque fois elles modifient ou l'éclairage ou la perspective, elles donnent par touches successives aux événements leur vrai volume, leur densité ?

*
* *

142

*
* *

~~Faut-il~~ Je ne justifierai pas longuement, à côté des tendances de cet essai, son plan, son compartimentage en chapîtres. Si je n'avais voulu qu'écrire une mise au point rapide, je me serais contenté de développer le troisième et dernier livre de cette étude, qui marque les principales étapes de ce premier siècle brésilien et essaie de montrer comment elles se relaient et s'appuient l'une sur l'autre. Si je n'ai pas ainsi procédé, c'est que j'ai voulu vérifier, examiner à loisir les éléments, les points de vue, discuter du paysage avant d'en donner le tableau, d'où ces deux premiers livres, l'un qui ~~parle de problèmes oubliés ou mal posés, l'autre des ouvriers européens du pays qui s'élabore~~ dresse une assez longue liste bibliographique et l'autre qui Une telle façon de procéder présentait le danger de redites, j'ai tout fait pour les réduire au minimum. Elle présentait l'avantage, par contre, d'examiner à loisir les composantes de ce passé brésilien et les livres qui en parlent. C'est d'avoir songé à une revue uniquement bibliographique qui m'a suggéré ces deux premiers livres. Raconter une histoire, c'est saisir surtout ce qui se transforme et se meut.. Ces deux premiers livres m'ont permis de multiplier les vues arrêtées, de justifier aussi les points de vue que je reprends par la suite au cours du dernier livre, ~~du moins je l'ai pensé. D'autant plus~~

143

*
* *

Une zone pionnière, ce premier Brésil ? Sans aucun doute. L'espace surabonde. La quête de l'or, la chasse à l'Indien y ~~maintiennent~~ développent une atmosphère de fièvre. L'âpreté avec laquelle on recherche le profit, le luxe, la richesse, un autre signe. Enfin une étonnante bigarrure ethnique. Toute l'Europe y a ses représentants. Il faut attendre, en effet, 1580 – l'établissement du régime espagnol, du moins c'est l'opinion commune pour que l'immigration – on hésite un peu à employer ce mot – soit quelque peu contrôlée. Avant, c'est le régime des entrées libres, comme on a eu raison de le dire⁶⁶⁹. Il suffisait d'être catholique pour débarquer ~~dans~~ au Brésil. D'où la place énorme que tiennent, au XVI^e s., à Recife et à Bahia, les non Portugais :

⁶⁶⁹ Gilberto Freyre

espagnols, flamands, italiens, ces derniers très nombreux, opulents souvent, français, anglais. Il serait un peu dangereux pourtant de ne voir là qu'une conséquence de la libéralité ou même de l'insouciance des autorités portugaises. J'y verrai volontiers aussi l'effet de ce régime capitaliste qui marquera la première économie productive du Brésil, celle du sucre. Surtout la rigueur que l'on attribue au régime hispanique au-delà de 1580 est-elle bien exacte ? Si l'immigration cesse d'être mêlée dans la faible mesure où nous pouvons le savoir, n'est-ce

144

pas, en réalité, parce qu'elle cesse ou diminue considérablement avec la rupture des routes atlantiques, ainsi que j'essaierai de le montrer par la suite ? ~~Mais~~ Présentement, seule la bigarrure ethnique de la première colonie nous intéressera. On le saisit avec tous les autres caractères typiquement actuels du Brésil, surtout dans la zone du Nord-Est, à Pernambouc et à Bahia. C'est là que surgit, à Olinda, à Recife ou sur le Recôncavo, avec rapidité toute une région d'économie capitaliste, avec des rois du sucre... Voyez le luxe des seigneurs d'engenhos et comme S....., ami des Cavalcanti, florentins comme lui, en parle avec admiration. Ces villes du Nord, à leur naissance, sont de bons exemples de « melting pot » américain. Qui porte sur la population indienne, les éléments noirs et les éléments européens les plus divers. Nous avons sur ces derniers un témoignage d'une rare précision, celui des documents inquisitoriaux. L'inquisition va naturellement faire sa police en ces deux carrefours du Nord, vers la fin du XVI^e siècle. Ses enquêtes jettent un jour assez spécial sur les profondeurs des milieux coloniaux du Nord. Dénonciations et confessions au Saint-Office nous montrent le grouillement des Maranes, la présence d'Anglais, de Flamands, de Français, d'Italiens, d'Allemands, et nous laisse deviner la primauté et de la langue portugaise et de la femme portugaise,

145

de sang plus ou moins teinté de rouge ou de noir. Mais enfin, c'est elle qui gagne à la masse portugaise ces étrangers riches, les assimile et les attache. Je ne parle pas de l'éclairage un peu trouble, un peu fuligineux que dégage cette documentation. Elle n'en ouvre pas moins une curieuse fenêtre, pas toujours celle de la façade, sur les profondeurs de la vie ou de Bahia ou de Recife. Mais, hors de cet éclairage particulier, n'est-il pas possible de reconnaître les traits les plus évidents de la vie brésilienne, je veux dire de la vie pionnière, de songer par analogie à certains aspects ou du Norte du Paraná ou du Matto Grosso... ? Sans rechercher une correspondance exacte, on peut tout de même constater que le Brésil aujourd'hui grandit comme il a grandi par le passé : l'aventure européenne a toujours devant elle les mêmes obstacles et presque les mêmes éléments.

146

8. Cet espace ancien, prenons-le à son maximum d'extension, au terme chronologique même de cette étude, 1624. Il est étrangement divers, nuancé comme l'établit la carte III, où l'on a justement cherché à indiquer les contrastes à notre avis les plus importants, dûs au relief, au climat, au monde végétal. ~~Au-dessus de ces nuances~~ Sur cette carte, plaçons un calque ~~qui n'a de prétentions que pédagogiques~~ un peu simple et qui distingue en gros trois zones. La première – le Brésil du Nord – irait du Midi à peu près jusqu'au cours inférieur ~~du São Francisco~~ accepterait comme limites occidentale et septentrionale le littoral océanique de Bahia à Belém et enfin vers l'intérieur, aurait comme marche frontière la zone des caatingas, ces savanes semi-stepmiques semi-désertiques que le système des alizés prive d'eau et dont Euclides da Cunha a célébré la beauté et la rudesse inhumaine, impitoyable.

[Texte riscado : Cette brousse qui brûle sous le soleil impitoyable elle établit à l'arrière du pays de Bahia et de Pernambouc que l'eau de l'Atlantique atteint une barrière difficilement pénétrable.. Comme les chemins de fer d'aujourd'hui, les tentatives de pénétration au travers de la caatinga se bloquent à peu de distance de la côte. Ajoutez que l'intérieur est assez accidenté pour que les cours d'eau précipitent leur cours le bief navigable du São Francisco s'arrête aujourd'hui encore à Joazeiro, au-delà les

À ce sujet, note de Denis, d'Álvaro et aussi de Monbeig

147

Il faut non seulement l'avoir vue, mais y avoir longuement vécu pour en reconstituer l'étrange atmosphère.]

« La traversée des sentiers [de cette brousse] écrit Euclides da Cunha, est plus fatigante que celle d'une steppe nue. Là, du moins, le voyageur respire à pleins poumons devant l'horizon immense des plaines sans fin ; ici, au contraire, la caatinga l'opresse, limite sa vue, l'assimile, l'alourdit ; elle l'enlace dans sa trame épineuse, loin de l'attirer (elle ne l'attire pas, mais), elle le repousse de ses feuilles armées de piquants et de dards, de ses ~~brindilles~~ branches menues taillées en fers de lance. Elle se déroule devant lui, sur des lieues et des lieues, immuable, son aspect désolé : arbres sans feuilles, rameaux secs et tordus recourbés sur eux-mêmes, qui s'entrecroisent, dressent.. leurs moignons rigides, ou s'étirent en serpentant, suggérant les soubresauts de torture d'une ~~faune~~ flore agonisante. » ~~Voilà le spectacle de la saison sèche.~~ Cette brousse constitue, en arrière de Bahia, de Pernambouc, de Natal, une marche de pénétration difficile, hier comme aujourd'hui. Là, les entradas seront rarement heureuses. La voie ferrée elle-même ne dépasse pas ~~aujourd'hui~~ Joazeiro et les débuts navigables du São Francisco moyen. Sans doute, ce Brésil du Nord est-il l'étage le plus bas du Brésil, mais il est encore assez élevé pour que les eaux qui gagnent l'Atlantique soient

148

Il faut non seulement avoir vu la caatinga, mais y avoir vécu, pour en reconstituer le paysage. Nos mots géographiques n'y suffisent pas. Pendant six mois de l'année, la caatinga est désolée par la plus inexorable des sécheresses. La pluie, pendant l'autre moitié de l'année, fait verdoyer cette étonnante forêt buissonnante, épineuse, enfoncée dans le sol. Elle apporte à ces terres rudes des vols turbulents d'oiseaux, pigeons sauvages, maritacas, ses jours de joie « le paysan pousse [alors] dans les sentiers étroits – [ceux de la guerre hollandaise]⁶⁷⁰ – les troupeaux de bœufs repus et chante sa chanson.. » ... « Mais la sécheresse réapparaît une fois de plus dans les ramures mortes des arbres » et c'est alors que la caatinga brûlée de soleil se présente comme une barrière et une terre inhumaine »

149

~~eaux sont trop~~ impétueuses, ~~trop souvent~~ coupées de rapides et de chutes et que les embarcations ne puissent pas toujours les utiliser.. Autre trait de ce ~~Brésil~~ Nord brésilien, son long développement côtier qui en fait le domaine le plus atlantique du Brésil. Il naît à la vie sous le signe de l'océan. Le plus océanique, cela a voulu dire un certain temps le plus européen. Cette zone, de tout le Brésil est la plus proche des quais de Lisbonne. L'aviation, avec ses retours curieux au tracé des lignes primitives de navigation, nous le rappelleraient si besoin en était. Recife a été au début de l'ère coloniale le port le plus fréquenté du Brésil à cause de ce privilège de la proximité et cela nous aide à comprendre pourquoi la colonisation portugaise, là dans le N, a donné ses premières et peut-être ses plus belles fleurs. Ce Brésil du Nord, c'est le bas du plateau, le Brésil du Sud en est la partie la plus élevée. Mettons, car il ne s'agit pas de joindre exactement les morceaux de ce puzzle rudimentaire qu'il s'amorce au sud du parallèle de Vitória et qu'il atteint vers le Midi l'extrême pointe portugaise à la fin du XVI^e s., le parallèle d'Iguape... Ne limitons pas exactement ces hautes terres vers l'Ouest.. Tout ce bloc mal dégrossi encombré de plateaux et de serras, c'est le Brésil de type pauliste. Nous nous expliquerons par la suite sur cette ~~dénomination~~ appellation. Il est entendu que cela ne se rapporte exactement ni à la

150

⁶⁷⁰ voir le dialogue...

[aujourd'hui encore la serra elle-même + peuplée que la frange littorale]

vieille capitainerie de São Vicente, ni à l'actuel état de São Paulo. Ces highlands tournent le dos à la mer. Elles se terminent en effet vers l'Océan par un abrupt qui atteint presque toujours un millier de mètres et le dépasse souvent. La Serra do Mar, cette corniche, défie l'escalade des hommes. À Vitória et à Rio, la mer s'insinue dans une chaîne qui précède ~~au vrai~~ et tombe ??? là la Serra proprement dite. À Santos, en une demi-heure, on traverse l'étroite plateforme littorale coupée de chenaux envahis par la mer et l'on atteint la Serra de Cubatão, secteur de la Serra do Mar. Les photographies ~~détaillent~~ signalent les 3 aspects ~~caractéristiques~~ de ce front de mer : trottoir océanique, abrupt, plateau, trois systèmes hydrographiques, trois mondes... Or, pourtant, le vrai pays, c'est la région « serra acima », d'outre-monts, un pays coupé de l'océan. C'est vers l'ouest que coulent ses fleuves, que poétiquement Euclides da Cunha prétend nés dans la mer elle-même. Pour atteindre Santos, Rio ou Vitória, il a fallu vaincre l'obstacle, percer la Serra... Ce haut pays est un château d'eau et nous aurons l'occasion, après bien d'autres, de montrer l'importance, de ce très grand fait. São Paulo « centre d'irradiation, comme l'a écrit Taunay, de la conquête du Brésil par les Brésiliens », un nœud de routes et ~~plus encore~~ aussi, une gare ??? d'eau... Pays d'eaux et de forêts

151

le Brésil pauliste, c'est ~~par bien des traits, avec des différences considérables,~~ le Brésil forestier. ~~Personne n'a noté ce que~~ Par bien des traits avec des différences considérables, c'est l'Est des États-Unis, pareillement monde des arbres, et dans les deux cas, c'est par les clairières que l'homme s'est saisi de l'espace. São Paulo à ses origines, du temps du patriarche João Ramalho, un campo, traduisons en forçant le terme, une clairière. Ne dit-on pas São Paulo do Campo, l'une des premières cellules St André da Borda do Campo, St André à la bordure de la clairière... Partout au Brésil – dans le Brésil historique la forêt est présente. Elle est en frange continue au long de la Serra do Mar. Elle est disposée en archipel au-dessus de la caatinga nordiste sur les reliefs qui dominant la brousse... Dans le Brésil pauliste, elle existe par masses énormes. Du moins, elle existait. On l'a détruite pour faire place aux cultures vivrières, puis au café, au coton. On a utilisé ses faiblesses, ses déficiences, pour ouvrir les roças et les labours. Personne n'a noté ce caractère primitif du passé pauliste. Et pourtant, il importe de voir cette première histoire ~~pauliste~~ au travers de l'expérience en cours de la zone pionnière du fond de l'état de São Paulo, et qui déborde même ses limites.. Du relevé des concessions de terres faites par les autorités officielles, on déduit tant bien que mal cette conquête séculaire du sol par l'Européen, cette conquête, c'est à dire le recul de la forêt.. Je ne sais pas si ce drame de l'arbre, un drame européen par excellence, peut être reconstitué entièrement, mais assurément, il est une des grandes réalités du passé pauliste.

152

Bien des précisions nous manquent, que seul un agronome pourrait encore saisir. Cette forêt pauliste n'a-t-elle pas été d'autant plus fragile devant les hommes, qu'elle était elle-même un peu comme ces forêts d'Afrique Occidentale dont parle E. F. Gautier, en équilibre instable, mal accrochée au sol ? Les premiers colons ne lui ont pas seulement dû, en ces régions de pierres friables, vouées aux architectures d'argile séchée et de briques, des éléments essentiels de leurs maisons, les clôtures de leurs labours qu'il fallait protéger contre les troupeaux errants dont nous avons déjà parlé... Et aussi la richesse de leurs terres ~~que la cendre des arbres brûlés rendait~~ que leur cendre rendait plus fertiles ? Ne plante-t-on pas aujourd'hui d'eucalyptus les terres que le caféier a épuisées et que l'on veut enrichir à nouveau ? L'arbre, instrument à fabriquer des terres riches !

153

Quelques mots du troisième Brésil, ~~en gros c'est~~ l'intérieur. Le domaine approximatif [et compact] ~~encore~~ des campos cerrados, de ces savanes qui sont ~~autant~~ aussi des steppes. Cette ~~zone~~ région s'appuie au Nord sur l'Atlantique, dans la zone brûlée du Ceará, confine à l'Est aux

caatingas nordiques, au sud aux forêts paulistes, à l'W aux zones immensités fluviales sédimentaires et herbeuses du Paraná Paraguay.. ~~Si l'on va il est inutile de dire que~~ Pour en donner une mauvaise idée, dans la gamme des comparaisons nord-américaines, ce qui nous convient le mieux, malgré de multiples et graves incompatibilités, c'est encore la Prairie du Middle West. Sans doute ne ressemble-t-elle pas plus encore moins à ces campos cerrados, ondulés, semés de chicots d'arbres, d'ébauches de forêts, de bas étages forestiers, d'herbes épineuses, que la « matta » pauliste n'évoque les arbres bois de la Pennsylvanie ou de la Virginie. Mais il y a quelques analogies tout de même entre leurs rôles historiques respectifs.. ~~On peut très aisément s'en rendre compte~~ C'est là que le Brésil a trouvé son premier Far West...

[texto riscado :

9. Ces divisions sont à dessein très élémentaires, mais elles nous permettront d'exposer, de mettre en place, puis de modifier un peu la grande idée qu'Euclides da Cunha]

9. Ces divisions sont à dessein très élémentaires, on aura l'occasion, chemin faisant, d'indiquer plus d'une nuance,

154

plus d'une retouche indispensable à la compréhension du passé, d'étudier ainsi ce liseré équatorial au vrai qui suit la côte de Natal jusqu'aux environs de Porto Alegre, domaine de la canne à sucre, des noirs et du tout premier Brésil, les conditions géographiques de l'essor de Bahia et du rayonnement pauliste.. les richesses minérales vieux sols... Aussi bien n'a-t-on voulu dessiner présentement que quelques lignes d'ensemble et mettre en place la grande idée d'Euclides da Cunha, sur le contraste brutal du Nord et du Sud, que l'on essaiera de reprendre après lui, d'atténuer, d'amenuiser aussi. Laissons-lui la parole : « Ainsi, écrit-il, après avoir opposé les structures des deux zones, il est aisé d'éclairer par cette distinction d'ordre physique ⁶⁷¹ les anomalies et les contrastes que présentent entre elles les destinées de ces pôles ou pays, surtout pendant la période aiguë de la crise coloniale au XVII^e siècle. Tandis que la domination hollandaise se centralisait à Pernambouc et irradiait/réagissait par toute la côte du NEst de Bahia à Maranhão, et que là se déroulaient des rencontres mémorables, au cours desquelles

155

les trois races⁶⁷² qui ont formé notre nation rejetaient l'ennemi commun, le sudiste étranger à ce drame révélait par sa révolte contre les décrets de la métropole son divorce complet avec les combattants du Nord. Il était, quant à lui, un ennemi aussi dangereux que le batave, un peuple à part de métis ??? , avec des tendances (propres et) bien différentes, ~~rejetant~~ orienté vers d'autres destinées, rejetant, en quête de sa route, les bulles et les alvarás qui le gênaient...

156

10. Cette longue citation n'est pas suffisante pour ~~donner~~ offrir une idée juste complète du raisonnement d'Euclides da Cunha. Elle a ~~montré~~ donné, cependant, une coupe suffisante pour ~~en faire saisir la richesse~~ la saisir en gros. Bien que les exemples qu'il nous donne soient au-delà de notre champ d'observation dans le temps, on peut parfaitement retenir, pour le siècle qui nous occupe, le contraste qu'il signale. Pour lui, le Nord – la zone la plus européenne, la plus atlantique, la plus ouverte du Brésil voit la naissance d'un second Portugal, un peu plus mêlé de noirs que l'Alentejo seulement... Le Sud se développe sous le signe de l'indépendance, en son domaine d'outre-serra, de serra acima. Là, les constructions spontanées de la colonisation portugaise pro ??? toutes seules, se mêlent au monde indien, et conquièrent l'espace du Far West.. Je ne crois pas trahir trop dans ce résumé trop bref, la pensée du ~~général~~ grand écrivain. Or, cette pensée, on lui a ~~fait~~ adressé quelques critiques. Je voudrais les reprendre un instant, puis dire ce que je crois voir, quant à moi, au-delà de ce dualisme essentiel assurément.

⁶⁷¹ il faudrait mieux que géographique

⁶⁷²

Euclides da Cunha parle de dualité, on lui répond unité. On lui fera remarquer que des « paulistes » ont pris part à la guerre hollandaise. Que les sertanejos, « paulistes » du Nord, ont bien quelques gouttes de sang noir, de sang nordiste.. On a été jusqu'à dire qu'il y avait eu, par les sertões, une diaspora de fugitifs noirs... Que dans la vallée du São Francisco, comparable – ce qui est vraiment excessif – aux bandeiras du Sud,

157

la vallée moyenne, gens du Nord et du Sud s'étaient mêlés... On ne peut que répondre en courant à ces très petites critiques. Je ne crois pas que l'unité brésilienne soit l'œuvre du São Francisco. C'est juger du passé au travers d'une sorte de mystique. Comme le Rhin ou la Seine chez nous, le São Francisco reste encore un demi-Dieu. C'est la mouvance brésilienne, la rivière marine ??? qui ont surtout fait cette unité. Mais elle est hors de doute. Mais ici comme ailleurs l'un n'exclut ni le double, ni le multiple.. Par ailleurs, il faut distinguer entreprises individuelles et collectives. Le quilombo de Palmares, une entreprise collective des esclaves noirs du Nord, une bandeira comme celle de , une entreprise collective des paulistes. Par contre, qu'un mercenaire du Sud ait participé à la guerre contre les Bataves, qu'un nègre se soit enfui par les pistes de la caatinga vers les campos de l'intérieur et ait enlevé une indienne, il s'agit là d'une de poussière sociale, d'infiniment petits, si je ne me trompe...

~~Je pense donc à la validité du~~ Il faut accepter comme valable le contraste N.S. entre les pôles Bahia-Pernambouc et S. Paulo. Mais il faut convenir pour le bien saisir, d'ajouter à l'analyse d'Euclides da Cunha ~~en mêlant aussi le géographique à l'historique~~ quelques remarques qui mêlent l'historique, l'accidentel, au géographique, ~~à~~ le permanent. Si le Sud pousse ainsi tout seul, pas très vite, pas de façon étonnamment brillante au demeurant, mais enfin seul, c'est qu'il se greffe beaucoup plus que l'expérience nordique sur des sociétés indiennes assez denses, assez cohérentes, qui ont déjà pris possession des hautes terres, établi leurs pistes, conquis leur patrimoine dont ailleurs, sur la côte bahianaises, par

158

exemple, on ne trouve pas l'équivalent. Vers le Nord se sont dirigées les familles riches et nobles. Les concessions de terre – les sesmarias – ont été au Nord plus vastes que dans le Sud. Le sertão de Bahia en arrivera à être possédé par deux familles, ce qui ne prouve pas uniquement l'irréversible pauvreté de cet arrière-pays. Vers le Sud, quoi que disent Frey Gaspar da Madre de Deus ou Pedro Taques, l'un généalogiste d'occasion, l'autre de vocation, et qui mettent l'un et l'autre un peu de poudre d'or dans leur encre, l'immigration sudiste se recrute dans un milieu portugais moins brillant par la naissance comme par les moyens. Les semarias moins étendues – moins riches ~~peut-être~~ sans doute ? – du Sud disent ??? également son niveau de vie. Le nègre objet de luxe sera automatiquement pour le Nord comme le gouvernement général fondé en 1549, comme la capitale, comme les métropoles religieuses, comme les grandes constructions des maisons seigneuriales, les églises de pierre ruisselantes d'or, le luxe des vaisselles et même, en un mot, de la civilisation que les lourds bateaux tant bien que mal apportent là avec les viandes salées, le vin de Porto et les livres de Lisbonne... Le Nord a pris alors un parfum qui ne s'est ~~pas encore~~ jamais plus évaporé ~~aujourd'hui~~. A ce contraste que nous sentons, à notre tour n'y a-t-il pas ~~autre chose~~ d'autres raisons que ces accidents mis en cause par l'essayiste, la barrière de la caatinga

159

qui isole Bahia et ses églises de l'intérieur. La Serra do Mar et ses chemins d'enfer qui garantissent São Paulo naissant des douceurs et de la tutelle trop ferme de Lisbonne ? Il s'agit, en l'occurrence, peut-être du secret décisif, de l'équation brésilienne d'hier et de toujours. Pour moi, il y a un pays, le Nord, qui ne peut pas vivre par lui-même, et un autre, le Sud, pour lequel ~~on peut~~ il est licite de parler d'autarcie... Le Nord fera fortune avec le sucre, mais le sucre, il faut le vendre, voilà une dépendance à l'égard des marchands et revendeurs de Lisbonne. Il faut bien que le Nord soit payé, donc qu'il achète à son tour.. De plus, dans les champs de canne impossible, comme entre les pieds de caféiers aujourd'hui, de pratiquer les cultures vivrières. Le

bétail dans la caatinga semble une création tardive du XVII^e siècle. Le gros problème, dans le Nord, comme l'a vu si bien Gilberto Freyre, c'est le pain quotidien, ou mieux, la nourriture de chaque jour. Le sucre envahit la cuisine déficiente. N'oublions pas que la variété des confitures cache une misère. Le sucre ne saurait remplacer la farine de manioc, de maïs, les confitures de marmelade qu'envoie le Sud, la farine de blé pour l'hostie et les tables de riches que le Portugal expédie mais presque toujours achète hors de chez lui, les salaisons, les barils de thons et d'anchois que Lagos fournit souvent, les tonneaux de harengs blancs ou fumés, monopoles des protestants du Nord de l'Europe. Pour ce service de bouche, il faut écraser la canne, faire bouillir

160

les fourneaux des engenhos, et aussi pour les velours, les draps de Venise ou de Florence, la toile de Hollande, les dentelles que les grandes familles attendent d'outre Océan, les pays montagneux du Sud ~~ont un niveau de vie~~ vivent d'eux-mêmes. Leur vie primitive se dégage à peine du troc, la monnaie y est évanescence, trébuchante, douée d'un pouvoir anormal d'achat. C'est dans les maisons que l'on tisse les étoffes grossières de coton dont le pauliste s'habille, ou ces chapeaux de grosse laine que l'on portera encore au XVIII^e siècle, ainsi que nous le savons. Mais cette vie primitive, simple, exclut le fléau, réel dans le Nord, de la sous-alimentation chronique. Malgré la rouille que provoquent les étés humides, on récolte sur les plateaux méridionaux un peu de blé et d'orge. On a en abondance le manioc, le maïs, le riz, la viande de porc, de chèvres, de bœufs, cette dernière particulièrement grasse et savoureuse aux dires des voyageurs, qui peuvent se tromper un peu, d'ailleurs. São Paulo, au XVI^e s., a même ses raisins, son vin, la gamme des fruits d'Espagne. Elle est semblable à Evora, dit joliment le P. Cardun, qui la visite à la fin du siècle. Au Nord, le Portugal arrive avec les courriers, ici, il pousse tout seul, tant bien que mal, dans ces choses. Miracle du relief et du climat qu'il tempère ? De cette puissance alimentaire du Sud, nous avons ~~un~~ des bons témoignages pour le XVI^e s., ne seraient-ce que les réquisitions de sacs de farine et de têtes de bétail que le gouvernement général essaie d'extorquer aux Paulistes qui savent d'ailleurs bien se défendre...

161

Un autre point mérite attention, sur lequel je reviendrai car je le vois de façon particulière. L'île de São Vicente a été une île à sucre ~~au début du~~ vers le milieu du XVI^e siècle, et même, c'est par elle que débute le cycle du sucre. Il s'y achève très vite. Vers quelle date ? On ne sait au juste, mais Frey Gaspar nous dit, lui qui vit à la fin du XVIII^e siècle, que les engenhos de l'île ont disparu depuis longtemps et que le sucre vient de « serra acima ». Il serait bien instructif de savoir quand cette économie montagnarde, de prix effroyablement bas, a tué l'économie littorale, quand Santos, producteur jadis, est devenu client des plantations paulistes. Résumons-nous. En paraphrasant une ~~phrase~~ expression d'E. Taunay que nous avons citée déjà, on ... ???... volontiers de ces deux mondes, un Portugal, un Brésil, un vieux monde et, mon Dieu, malgré bien des traits que l'image force ou oblitère, un nouveau monde.

162

ne → Il faut, en effet, attendre 1580 et l'établissement du régime espagnol, et aussi, je le pense, le commencement des grandes guerres atlantiques de la fin du siècle, pour que l'immigration – peut-on appeler de ce nom cet ensemencement lent des premières années – soit contrôlée un peu. Jusque là, le régime de la porte ouverte à deux battants avait été la règle. Il suffisait d'être catholique pour s'installer dans le monde nouveau... Ce qui explique la place considérable des éléments non portugais : italiens, espagnols, français, flamands, dans la première ébauche européenne du Brésil. Un spectacle, n'est-il pas vrai, d'aujourd'hui, à condition de regarder non pas la côte – et encore – mais la zone pionnière de l'état de St Paul, par exemple. ~~C'est ce que nous indiquons d'un mot dans la préface l'introduction~~, ou plus loin vers le fond du Matto Grosso. Ces origines brésiliennes du XVI^e s., bien obscures comme chacun le constate, ne recommencent-elles pas sous nos yeux, ici et là, ~~avec~~ sur des scènes différentes et avec des moyens qui dépassent, cela va de soi, l'équipement des engenhos de açúcar du XVI^e siècle,

mais en gros, le phénomène n'est-il pas le même, n'appartiennent-elles pas à une même famille de formes ??? ? Si l'on connaissait mieux encore les Indiens de l'intérieur, surtout sur leur frange occidentale en contact avec l'Europe, si l'on étudiait, sur le vif, l'étrange vie des chercheurs de diamants du Matto Grosso, n'aurait-on pas sur les

163

Mieux expliquer le genre des mots tupi.. guarani

blancs. Et la guerilla dévoreuse de temps et d'hommes ?

Plínio Ayrosa a bien raison dans sa mise au point d'ensemble de parler⁶⁷³ de l' « índio símbolo », d'un type, ou si l'on veut traduire de façon amusée l'expression de l'ethnographe brésilien, l' « indien moyen ». Il y a en effet une étoffe commune que l'on rencontre de l'Amazonie au Rio de la Plata et dans laquelle les sociétés indiennes sont découpées. Il s'agit, comme on l'a démontré avec les broderies et les nuances locales d'une même civilisation, celle des Tupi Guarani que l'on peut prolonger au-delà des cadres brésiliens vers le Sud et aussi vers le Nord, en lui annexant notamment, comme suggère Methaux, le domaine des Caraïbes, centré sur les Antilles, comme l'on sait. Cette unité, cette homogénéité du milieu indien, on devine son importance démesurée. Varnhagen le notait déjà, elle a facilité la poussée européenne, elle a aidé aussi à l'unité du Brésil, si l'on veut bien être attentif à l'énorme place de l'élément indien dans la première mise en place humaine⁶⁷⁴. Cette unité, si on ne veut pas la chercher dans la présence des mêmes éléments culturels, on peut se contenter de la montrer dans l'unité même de la langue, la língua geral, qui va nous retenir un instant et qui nous montrera d'ailleurs que les faits, en profondeur, sont plus complexes qu'il n'y paraissait. Cette língua geral, elle est en partie artificielle. Elle dérive de la langue tupi que

164

parlaient les Indiens de la façade maritime, tous de race tupi, et qui était à peu près uniforme – notons au passage ce rôle unificateur, malgré tout, de la route océanique. Ce fut celle qu'entendirent, qu'apprirent, qu'enregistrèrent les colons et les missionnaires. Elle qui se sonorisa de façon extra-indienne si souvent, s'enregistra assez mal aussi dans les possibilités de l'alphabet et des sons portugais. En 1595, avec l'Arte da Grammatica da língua mais usada na costa do Brasil, du P. Anchieta, commence la série des grammaires et des glosses sur le tupi.. Une langue ainsi partiellement créée, déformée par le conquérant, par le pasteur comme par le fazendeiro. Mais extrêmement vivante. Elle est la langue des pionniers et va, lors de l'expansion des bandeirantes, conquérir le sertão, l'énorme intérieur, s'imposer aux tribus, aux tribus « barbares », s'accrocher aussi aux accidents du terrain. C'est la séduisante théorie de Theodoro Sampaio et qui me semble indiscutable. Il s'ensuit que l'unité linguistique a été en partie le fait de la conquête. On peut aussi penser que l'unité indienne s'y prêtait aussi. Ajoutons que cette língua geral, elle va dans le Brésil – pauliste surtout – être longtemps la langue populaire. Le portugais est la langue officielle, celle des actes notariés, des fonctionnaires d'El Rey. Dans les maisons de terre battue, c'est le tupi que l'on parle. Rien ne peut dire plus fortement combien la vie indienne se poursuit dans les cadres européens du Brésil. Au XVIII^e siècle,

165

nous dit-on, sur quatre Brésiliens, trois parlent le tupi. On ne se porte pas garant de l'exactitude de cette remarque arithmétique, mais en gros, elle souligne une vérité ~~capitale~~. Par mille chemins, ceux de la langue, du sang, des habitudes, la vie indienne se transfuse dans la vie brésilienne. On pensera, dans ces conditions, que les discussions sur la supériorité du Portugais, de sa résistance plus grande aux milieux tropicaux par rapport aux autres colonisateurs d'Europe, ne portent (parlent ???) pas sur le fond du problème. Il y a eu ici greffe humaine. Les

⁶⁷³

⁶⁷⁴ H. Baldus.. conversation

Français, à São Luís do Maranhão, ont montré tout comme leurs rivaux une singulière ~~hab~~ aptitude non seulement à gagner les sympathies des indigènes, mais encore à s'indianiser eux-mêmes, à tous les points de vue comme le conte Claude d'Abbeville.

Population néolithique, disions-nous des indiens du Brésil. Mais à la différence de nos néolithiques d'Europe, une population qui vit encore sous nos yeux presque inaltérée et de plus dont nous connaissons à peu près la langue. Nous avons donc sur eux, si l'on ajoute le témoignage des voyageurs et surtout du XVI^e siècle, une masse impressionnante de renseignements. Nous sommes beaucoup moins bien servis au sujet des Magdaléniens. Or, si l'on accepte de transposer, c'est bien un peu ce qui se passe dans ce Sud Amérique au XVI^e siècle, dans la rencontre des tupis et des

166

Portugais. Or, ce qui frappe, en l'occurrence, l'historien, c'est de trouver une population, disons, préhistorique, à la fois avec tout son matériel périssable de bois, de plumes collées ou non au corps, de ses couches de peinture esthétiques et aussi vêtement qui protège contre le soleil et les insectes, avec son corpus de superstitions, de pratiques, de croyances, sa structure sociale. Ce spectacle nous garderait de sous-estimer pareille civilisation qui est moins balbutiante qu'on ne le pensait de loin. Le Brésil a eu ses indianophiles passionnés.

[Texte riscado : Les Jésuites sont les premiers de cette longue chaîne charitable. Je ne veux pas dire que Mr. Plínio Ayrosa en soit le dernier maillon, mais il a pour peindre son Indien-Symbole des couleurs trop pauvres peut-être. Que l'on rejette les récits de sacrifices humains qui sont un peu sur le modèle des poules au pot dominicales d'Europe et que les auteurs du XVI^e s. – voyez le frontispice du Récit de Hans Staden – mettent en avant de leurs œuvres pour la satisfaction du gros public d'accord. Que l'on vante avec Hoehne]

surtout il y a une cinquantaine d'années. Leur réaction excessive a tout de même eu du bon. Il faut peindre l'Indien-Symbole avec des couleurs tout de même un peu plus tendres que les voyageurs du XVI^e siècle. Leurs récits de festins anthropophagiques forcent tout de même la note

167

très loin vers le Sud. N'est-il pas naturel que là soient les forces les plus réelles du Nord de l'Argentine et du Paraguay ? A la hauteur de São Paulo, un centre d'irradiation continental, le séchoir de Piratininga n'a-t-il pas servi avant l'arrivée européenne à des pré-bandeiras indiennes ?

Je m'excuse d'avoir posé tant de questions, sans y pouvoir répondre. C'est le sol qui se dérobe sous nos pas. ~~Mais là~~ Ici comme ailleurs, lui qu'il faudrait prospector. Mais peut-être importe-t-il de le dire et de le redire. On devine à chaque instant l'ombre de l'histoire indienne à l'arrière des premières réalités brésiliennes. Voyez les bandeiras paulistes. Un phénomène amérindien. Ce sont les métis d'Européens et d'Indiennes. Les mamelucos, qui en sont l'élément essentiel, moteur, et ils emportent avec eux, entre autre bagage indien, cette lingua geral dont on a déjà parlé, la pirogue, le canot d'écorce, la farine de manioc et l'arquebuse. On parlait de cette diffusion si rapide de la hache de fer victorieuse de la hache incasique semi-lunaire. Les bandeiras diffusion de l'arquebuse, oui, et des troupeaux de bœufs, et du cheval.. Mais nous aurons l'occasion de reprendre cette question.

Il s'en faut que les lignes qui précèdent fassent le tour

168

Il n'y a pas un ouvrage historique qui ne s'ouvre aujourd'hui par des considérations géographiques plus ou moins pertinentes d'ailleurs sur les liens qui ont attaché l'homme ~~à son~~ au milieu et en ont ~~fait dépendre le~~ déterminé son passé.

Un tel prologue marque régulièrement deux grandes histoires nationales du Brésil.

On dira avec raison qu'ainsi disparaît non pas un personnage de taille, mais la scène elle-même, ce qui ne va pas sans inconvénient... Mais une pareille lacune ne saurait être aisément comblée, bien qu'ici et là la question ait été abordée et de biais et de front. Dans ce cas qui nous occupe, les difficultés inhérentes à ce genre d'entreprise ne font pas défaut. Il y en a en outre de particulières : le passé et le pays brésilien ne nous sont pas assez profondément connus pour que l'on puisse de l'un à l'autre marquer des rapports sûrs. L'enquête est à poursuivre qui nous donnera la vraie physionomie du monde brésilien dont on ne connaît encore que l'esquisse. Il y en a aussi une qui est exceptionnelle.

169

Or c'est dès le premier jour

~~L'espace y apparaît en effet immense dès le premier jour.~~

Il ~~faut~~ suffit d'y réfléchir un instant ~~seulement~~ pour s'en convaincre. Le Brésil « européen » du XVI^e s. n'est sans doute pas le Brésil actuel, ce dernier comprend un morceau des pays de la Plata, le Plateau brésilien, et l'étage amazonien. Seul le plateau ~~constitue~~ la intéresse les origines du Brésil, c'est le plateau, peut-on dire, qui a conquis, il y mettra des siècles, les terres basses qui l'entourent au N, à l'Est, au Sud. Les cartes I et II indiquent ~~assez bien~~ nettement les limites de ce Brésil enfant. Ajoutons que cet espace n'est pas tout de suite occupé dans sa plénitude, que longtemps la présence européenne se limitera à quelques points de la côte, séries d'îles, ou vraies ou fausses, le Recôncavo de Bahia avec ses terres schisteuses, friables et fertiles est-il au juste plus étendu que l'île de Madère ? Mais, dans ce monde réduit, que l'on ne s'y trompe pas, l'espace est énorme. Tout d'abord ces îles essaient et par elles le pays qui les sépare ou les bloque est prospecté, inventorié. Très vite des Européens gagnent, à une date que l'on ne saurait fixer mais contemporaine des premières découvertes maritimes, dans le plateau ~~du Sud~~ méridional la clairière pauliste où se croisent les routes de l'aventure indienne. Et surtout, cet espace ancien, il faut, comme on le pense, le mesurer à l'échelle du XVI^e siècle, le sentir dix, vingt, cent fois plus grand qu'il n'est à l'époque présente. La question

170

vaut que l'on s'y arrête, elle est ~~capitale~~ et bien difficile, mais capitale au demeurant. Il est possible de calculer des moyennes de prix, car ils sont liés à une même base monétaire ou à des bases que l'on peut comparer. Il en va tout autrement des vitesses, des distances horaires, dans un tel pays surtout. Nos chiffres ne se rapportent ni aux mêmes milieux, ni aux mêmes circonstances.

171

que le lecteur français ne peut guère aborder directement un récit des destinées brésiliennes, ramené à l'essentiel. Il lui faut se familiariser avec des réalités si particulières, s'acclimater..

172

[Texto riscado : Un géographe le constatait heureusement, à propos du pays pauliste où n'a pas encore apparu, disait-il, avec le cortège des noms de pays, de terroirs, l'homme de la terre, fixé, ~~lui~~ et avec sa maison au sol. Saisir dans ces conditions les rapports, au XVI^e s., de la vie des hommes et du pays : une tâche difficile.

Pourtant, n'allons pas ne voir que cette mouvance qui brouille les lignes par qui tout s'efface. Il ~~reste~~ existe des coordonnées ~~fixes~~ que l'on peut saisir dans le temps présent et qu'il ~~suffit~~ ~~seulement de mesurer et qui à une échelle convenable, valent pour le XVI^es.~~ est presque aisé de mesurer à l'échelle du XVI^e s., je veux dire l'espace brésilien.]

Cet espace ~~invariable géométriquement~~, il a bien diminué avec l'accélération des transports et comme le reste du monde, le Brésil aura maigri avec les progrès de la vitesse. ~~Or à l'échelle présente~~ Mais il demeure encore fabuleusement ~~énorme~~ grand. On a parfois rapporté à nos

horizons français les valeurs ou les aspects du pays brésilien. On a comparé ainsi aux Vosges ou à notre Massif Central certains secteurs du plateau brésilien. Ces rapprochements ne sont pas sans profit, malgré le cortège d'erreurs et de confusions qu'ils impliquent. Si l'on compare à l'Alsace et au pays de Bade le probable effondrement de la vallée du Parahyba, qui court en arrière de la côte comme une vaste gouttière encombrée d'argiles ~~plissées en pareilles~~ découpées en collines et en buttes basses, de São Paulo au voisinage de Rio, je crois que l'on

173

sans doute le soleil, prive la terre, ici, de ~~son~~ tout repos hivernal, la soumet à une éternelle ~~exploitation~~ usure végétale et l'épuise vite. Mais enfin, l'Inde tropicale et semi-tropicale n'a-t-elle pas ses « hommes de la terre » malgré un climat lui aussi épuisant ?

[Texte riscado : Au vrai cette mouvance n'est-elle pas un des signes les plus caractéristiques des pays jeunes, une conséquence de l'immensité brésilienne, de sa surabondance d'espace, de son vide humain ~~cette immensité elle est encore une réalité du temps présent~~. Le Brésil a sans doute maigri comme le reste du monde avec le progrès de la vitesse, mais il reste aujourd'hui encore fabuleusement grand. Il représente la moitié de l'Amérique du Sud, la quinzième partie de toutes les terres émergées. Leroy-Beaulieu parlant du monde russo-asiatique, le qualifiait « un important morceau de la planète ». Il faut reprendre sa formule ~~au sujet~~ à propos du monde brésilien, ~~démes~~ vaste sans mesure. On compare parfois certains secteurs du plateau brésilien à des régions françaises, le Massif Central, les Vosges. Ces rapprochements ne sont pas sans danger. Ils ne tiennent pas compte de l'échelle des grandeurs.]

174

ne. Il faut attendre en effet 1580, l'établissement du régime espagnol, pour que l'immigration – peut-on appeler de ce nom cet ensemencement lent des premières années – soit contrôlée un peu. Jusque là, le régime de la porte ouverte a été la règle. Il suffisait d'être catholique pour s'installer dans le monde nouveau... A côté de l'élément portugais prédominant la place des autres éléments italiens, espagnols, français.. a été importante. En somme un spectacle analogue à bien des spectacles du Brésil actuel...

[Texte riscado : On dira que le Brésil actuel n'est pas le Brésil du XVI^e siècle, mais qu'il est réduit à la façade océanique du plateau, le Brésil historique... Mais on sait bien qu'il faut multiplier dilater les distances présentes si l'on veut saisir ~~les vraies~~ l'espace tel qu'il était à l'aube de l'histoire brésilienne... Cet espace ancien

~~8. Il faudrait au seuil de chaque histoire~~ Cet espace ancien bien entendu il est étrangement divers. Il correspond au Plateau Brésilien comme les cartes (I et II) l'établissent avec clarté. Mais le plateau du point de vue hypsométrique, climatique, phytogéographique présente ~~bien~~ des nuances des contrastes. Trois grandes zones s'y ~~devinent~~ individualisent en gros. Il y a un Brésil Nord au-delà du parallèle de Vitória ou si l'on veut au-delà du cours inférieur du São Francisco. Celui de Bahia, de Pernambouc et de Natal, il se dilatera]

174

il est donc lui aussi immense, comme on le dira cent fois pour une par la suite. Il agit mécaniquement sur ce premier siècle d'histoire. C'est un espace nuancé, divers. A chaque instant il nous faudra revenir aux cartes, aux réalités du sol. C'est de propos libéré que l'on aura multiplié les illustrations, les photographies, les cartes les croquis, tout ce qui peut marquer la place énorme des réalités brésiliennes

176

chasseurs d'esclaves, sur les courses à la recherche de l'or des XVI^e et XVII^e siècles. Des lumières indirectes et précieuses ?

On dira que le Brésil actuel n'est pas le Brésil ~~des années 1600~~ du XVI^e s., que ce dernier au vrai est réduit à la façade océanique du plateau brésilien, le Brésil historique comme on l'a si joliment dénommé. On pourra même ajouter que ce premier Brésil est comme une série de petites îles, véritables ou non au long du continent. Le Recôncavo de Bahia avec ses terres schisteuses, friables et riches, est-il seulement aussi vaste que l'île de Madère ? Mais n'oublions pas que les espaces au-delà de ces îles ont été très vite reconnus, sinon occupés. Que dès le début du XVI^e s., à une date que personne ne peut fixer ~~mais~~ avec exactitude mais qui suit d'assez près les premiers voyages maritimes de découverte il y a des Européens sur le plateau pauliste et que l'aventure commence bientôt au long des routes indiennes de l'intérieur. Le grand mouvement des bandeiras débute avec la fin du XVI^e siècle.

177

chasseurs d'esclaves, sur les courses à la recherche de l'or des XVI^e s. et XVIII^e s. des lumières indirectes et précieuses ?

[Texte riscado : Le Brésil du XVI^e s. n'est sans doute pas le Brésil actuel, ce dernier comprend en gros deux étages : l'immensité amazonienne et le Plateau brésilien. Seul cet étage élevé intéresse les origines brésiliennes et constitue, comme on l'a dit joliment, le Brésil historique. Les cartes I et II montrent bien que l'expansion brésilienne – celle des bandeiras sur laquelle on aura l'occasion de revenir longuement – reste limitée avant 1624 à cet étage supérieur ou peu s'en faut. De plus, cet espace historique n'est pas occupé ~~dès les premiers jours, bien entendu~~ tout de suite. Longtemps ~~seuls~~ la présence européenne se réduira à quelques points du littoral, des îles ou vraies ou non, sont tenus par l'Europe. Le Recôncavo de Bahia avec ses terres schisteuses, friables et fertiles est-il au juste plus vaste que l'île de Madère ? Cependant assez tôt l'espace au-delà de ces îles aura été reconnu, très tôt, à une date que l'on ne saurait fixer mais qui doit correspondre aux premiers voyages maritimes de découverte des Européens gagnent dans le plateau méridional, la clairière pauliste où se croisent les grandes routes de l'aventure indienne... ~~Et surtout~~ cet espace ancien n'oublions pas, qu'il faut le mesurer à l'échelle du XVI^e s. On peut donc parler de son immensité. Malheureusement on ne peut, en l'occurrence, comme l'on fait pour les prix, calculer des distances index et un coefficient de grossissement unique... Les distances

178

du problème qui nous retient ou en marquent comme il conviendrait la complexité. N'avons-nous pas en somme cerné la difficulté d'un simple pointillé de questions, et sans réponse ? Autant dire devant l'enquête ethnographique – la plus importante de toutes celles qui regardent cette humanité indienne – nos étonnements et nos curiosités insatisfaites d'historien...

Peut-être convient-il de prendre la mesure de ce trop vaste problème sur un exemple assez précis, assez bien comme aussi, à la suite de deux historiens cette fois. Je veux parler de l'exemple de São Paulo même, de son site et de la clairière ~~et~~ – du campo – qui l'entourait bien avant le XVI^e s. .

179

5. Maintenant que l'on a fixé cette vérité comme de tous il faudrait peut-être regarder d'un peu plus près cette frange littorale, ce « trottoir » océanique, cette ligne de départ. On ne manquera pas de noter son étirement dans le sens ~~de la~~ des méridiens, sur 20 degrés de latitude à peu près. Il n'en résulte pas les contrastes que l'on peut signaler dans le Nord Amérique au long de la côte des colonies anglaises. La raison c'est qu'~~ie~~ un large fleuve d'eau chaude baigne le littoral brésilien, se détachant au Sud du Cap São Roque de l'énorme ~~masse du~~ courant équatorial Sud. Par lui arrive au long de la côte cette ~~énorme~~ masse invraisemblable.

180

[Texto riscado : sans recourir aux moyennes thermiques que nous offre la météorologie actuelle disons que le Nord au XVI^e s. va se révéler comme la grande zone de canne à sucre, le Sud étant moins favorisé à ce point. Mais n'exagérons pas. Le premier Brésil apparaît comme un milieu particulièrement homogène que l'on songe aux forêts, aux pluies, même à la température. Les nègres de l'Angola ont trouvé là un habitat comparable à celui d'Afrique et c'est là, presque exclusivement, qu'ils ont vraiment pris racine, aussi bien

Il y a pourtant un ~~énorme~~ contraste capital entre le Sud et le Nord, mais qui tient à d'autres raisons que celles du climat.]

Le P. Vasconcellos membre et historien de la Compagnie de Jésus en terre brésilienne note bien le changement de ce monde atlantique à la hauteur de Vittoria. A la différence des géographes modernes il était attentif non pas aux roches, mais au relief. Ce qui change en gros de part et d'autre du parallèle de Vittoria c'est le relief de l'arrière-pays. Au Sud le Plateau brésilien se termine par une brusque et haute muraille sur l'Océan. Faites vers l'intérieur quelques kilomètres et le relief d'un seul coup se relève d'un millier de mètres. Cette muraille suit continuellement la côte de sa ligne bleutée marquée de nuages blanchâtres des environs de Victoria jusqu'à Tubarão et Porto Alegre. Une vraie ligne de fortification

181

Ces naissances, ces croissances difficiles on en ~~saisit~~ devine assez bien les raisons. Les pays de la Plata sont saisis par leurs liaisons continentales et ~~il pèse sur eux~~ l'hypothèque hispano-andine pèse d'autant plus sur eux ~~C'est~~ que l'Espagne néglige ces terres où il faudra tout construire ex nihilo pour les régions du Pacifique, comme le Portugal négligera le Brésil pour les Indes. Les Ibériques ont été d'abord vers les pays où les richesses avaient déjà été accumulées, vers les pays de vieilles sociétés et de vieilles civilisations, les Portugais comme les Espagnols. Les pays « neufs » n'ont que plus tard éveillé leurs faims/appétits. Il faut faire aussi une place →

182

l'effondrement de l'Atlantique, mais qui ne donnent qu'à moitié satisfaction à un profane. Ne devrait-il pas, pour le profane être élevé à la fois vers l'Est et vers l'W ? Il faut bien entendu se résigner à l'accepter tel qu'il est, ~~lentement~~ mais régulièrement obstinément ~~penché~~ basculé vers l'Ouest, tournant ainsi le dos à l'Atlantique, je veux dire à l'Europe, se présentant dans cette direction par une muraille continue, sa zone la plus élevée le nom change au long de cette falaise, mais elle continue pareille à elle même des abords de la Plata au bas pays amazonien, déroulant ainsi son feston sur 000 de kilomètres, une muraille de Chine naturelle l'accident clef pour l'aube du Brésil. Trait africain dira-t-on, pensant à cette longue muraille que l'on suit des jours durant sur les lignes d'Amérique du Sud bleues dans leurs racines mais matelassées de nuages blancs.. Rio est avec sa baie enfoncé dans la muraille de Chine. Santos la dispose à l'arrière plan de sa plaine de mangrove. Elle est à Vittoria, à Bahia, à Pernambouc. Trait africain oui et non. La muraille africaine périguinéenne est percée de trouées fluviales. Les fleuves là sont verrouillés, étranglés mais ils sont en place, voyez le Congo. Si l'on excepte l'accident du São Francisco, XXX sur lequel on reviendra, il n'y a pas de fleuves

183

dans le cas brésilien. La muraille sans fleuves, les fleuves y existent mais fabriqués ces longs ... ???... que la Rover and Light a dégringolés.. On a violé les lois de l'hydrographie. On a fabriqué des fleuves africains au long de la muraille. Or cette muraille elle bouche les communications avec l'arrière-pays. Elle isole en avant d'elle-même un trottoir, plus ou moins large, ici constitué par des alluvionnements récents en avant du désertique Ceara, la au Sud du Cap São Roque jusqu'aux abords de la Plata constitué par un placcage étroit de grés. On a marqué sur le croquis ci-contre le balcon au ras de l'eau où stagnent les eaux fluviales et

marines ou s'étendent à perte de vue la forêt maigre basse malsaine des palétuviers.. On s'étonnera que de l'enquête géographique ce trait puissant, insistant n'ait pas été signalé avec plus de force.

[Texto riscado : Résumons-nous.

Le Brésil – je veux dire le Brésil tabulaire – est coupé en deux par un abrupt qui se tient au voisinage d'un milieu (=millier ???) de mètres. D'un côté une plateforme littorale étroite mal dégagée des eaux, de l'autre un énorme plateau qui s'abaisse graduellement en direction des Andes. Le grand problème passer du trottoir à la plateforme.] Les

184

chemins naturels sont tout à fait au N et tout à fait au Sud, au Sud surtout. Au Nord les voies amazoniennes qui rayonnent sur les pentes septentrionales du plateau, au Sud la trouée où débouche le Rio de la Plata, société en commun des divers réseaux hydrographiques qui drainent le centre et le Sud du plateau.

4. Et le São Francisco dira-t-on ? Il y a une mystique du São Francisco.

5. Il faut maintenant donner nos conclusions. Historiquement, ne pensons un instant qu'au problème de l'escalade. Liaison artificielle, facilitée ici et là par l'abaissement relatif des seuils. Toujours cependant une liaison difficile. Voyez la liaison São Paulo à la mer, qu'il s'agisse du chemin indien que marque

185

aujourd'hui le tracé de la São Paulo Railway, ou de la descente de Cubatão de création jésuite et que l'art moderne vient de reprendre, il s'agit primitivement de chemins d'enfer, présentement de routes fantastiques. Il en va de même en arrière de Rio de la route qui grimpe aujourd'hui vers Theresopolis. « Chemins d'enfer » qui réclament l'effort et la peine des hommes. Laisons humaines, sociales si l'on veut bien réfléchir. Si l'on veut comprendre quelque chose à l'escalade de la muraille il faut être attentif au matériel humain qui l'a rendu possible. Il n'y a pas que la nature. Effort pour s'élever et saisir les têtes des fleuves qui s'en vont vers l'intérieur des terres..

6. La latérite

186

l'autre assez misérablement ainsi Mendoza, ainsi ... ainsi même Buenos Ayres qu'un hasard seul, sans doute l'arrivée de colons portugais, sauve d'une sorte d'asphyxie, dit à peu près R. De Lafuente Machain. C'est dans les lignes générales de l'expérience américaine de l'Espagne qu'il faut chercher l'explication de ces anomalies. La terre argentine a été abordée, sinon pour les premières découvertes, du moins pour la mise en place de son matériel humain, de son équipement urbain, non par l'Atlantique mais par le continent.

Jamais on n'a souligné l'importance de ce fait sur les destinées du Brésil. Et pourtant son incidence est prodigieuse. La naissance continentale de l'Argentine a permis le libre développement du Brésil.

Ne pas oublier les côtes de Sta Catarina

Yan

187

Livre IV

III . La conquête de l'intérieur

188

par la suite en direction du Nord, jusqu'à l'Amazone. C'est en exagérant un peu le rez-de-chaussée. Le Brésil de type pauliste ~~occuperait~~ et nous n'entendons par là ni l'ancienne capitainerie de São Vicente, ni l'actuel état de São Paulo, occupe toutes les hautes terres du Sud. Entre les deux le Moyen Brésil, exclusivement continental offre l'étendue de ses campos cerrados de ses plaines ondulées, couvertes d'une savane sèche semée ~~de bois~~ d'arbres épineux, barrées ~~de barrières~~ d'écharpes forestières plus ou moins vigoureuses, qui se transforme vers le Nord pour se souder à la zone des caatingas qui forme l'arrière pays sec aride a demi désolé, de savanes qui sont des steppes semi désertiques, et dont Euclides da Cunha a chanté

189

Un géographe le constatait heureusement, à propos du pays pauliste, où n'a pas apparu, disait-il, avec le cortège des noms de pays et de terroirs, « l'homme de la terre » enraciné, comme sa maison, au sol.

[Texte riscado :

[Saisir, dans ces conditions les rapports au XVIè s., de la vie des hommes et du pays : une tâche difficile]

A mesure que l'on y réfléchit la part du climat semble au vrai assez mince. Le vrai problème n'est-ce pas cette mouvance même, une réalité décisive qui nous l'indique ? N'est-elle pas, avant tout, une conséquence de l'immensité brésilienne, de sa surabondance d'espace, de son vide humain ?

~~Pourtant dans ce semi-nomadisme]~~

190

Livre II

Les Deux problèmes oubliés ~~et mal posés~~

Sur la liaison São Paulo São Vicente ne pas oublier qu'au XVIè s. elle est un peu théorique. Une épreuve de sélection dit Paulo Prado. Etudier d'après lui le chevelu des chemins de la montagne.

191

*
* *

Une zone pionnière ce Brésil du XVIè s. Sans aucun doute, avec sa surabondance d'espace, ses chercheurs d'or, ses coureurs d'Indiens, sa population européenne mêlée. Il faut en effet, attendre 1580 et l'établissement du régime espagnol [et], c'est l'opinion commune, et aussi je le pense le commencement des guerres atlantiques de la fin du siècle pour que l'immigration ~~e'est à dire le lent ensemencement des premières années~~, peut-on appeler de ce nom cet ensemencement des premières années.

Ne pas oublier le melting pot de Bahia

d'après doc. Inquisitoriaux
éclairage un peu fuligineux

192

se soucier de cette guerre. Les vrais rois en sont des armateurs, des aventuriers, marchands et pirates, comme cet Angot magnifique et royal en son chateau de bois du Brésil à Dieppe.. Or

cette omniprésence du flibustier et marchand des ports de France elle ne va guère durer au delà de 1566. Cette année là voit l'échec de Montluc sur Madère, le désastre du fort Coligny dans la baie de Guanabara où poussera bientôt Rio de Janeiro, l'année précédente en Floride l'adelantado Melendez a détruit les établissements des Français huguenots. Dans cette lutte énorme, autrement décisive pour l'avenir du pays que les courses vers l'Italie ou le voyage du Rhin, les Ibériques ont gagné durement, assez cruellement, avec la complicité des événements. Il faut inscrire ces désastres au bilan des guerres de religion... Mais une place, comme celle-là, ne peut rester vide. Saisir les galions chargés d'argent ou les flutes qui ramènent la poudre la cannelle ou les bois de teinture, le sucre du Brésil, une industrie qui ne va pas chômer longtemps. Les voiles anglaises apparaissent de plus en plus nombreuses. Bien entendu il ne s'agit pas d'une nouveauté absolue. Anglais seuls ou de ... ???... et Français ont piraté ensemble ~~dès les~~ bien avant le premier voyage de Drake aux Indes Occidentales en 1567. Mais dans cette industrie aux alentours des années 1566-1572 les Anglais prennent la première place. Des Hollandais se mêlent à leurs escadres.

193

Brésil

Boletim do Centro de Estudos históricos 1ère année fasc. II nov. Dec. 1936. Padberg Drenkpol. Souvenirs historiques de Rio au travers de ses vieilles inscriptions latines, 1^{er} article.
Alcides Bezerra Les historiens du Brésil [XIX^e s.] (très insuffisant) Notes critiques de F. A. Pires sur le manuel de Pericot La America Latina et de G. De Hollanda Coornaert Aperçu historique de la production historique récente du Brésil (petites rectifications). Deux dépouillements sommaires de la Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 16^e année, 1936, 1^{er} trimestre, et de la Revista do Arquivo Municipal [de S. Paulo] vol XXVII sept 1936 2^e année fasc I 1937. B. de Magalhães Sauvagerie et cruauté [dans] l'histoire du Brésil. Ne ...???... pas exactement ce gros problème. J. Coelho Un grand historien : Henri Hauser. Henri Hauser Un problème d'influences : le St Simonisme au Brésil. Padberg Drenkpol suite et fin de l'article précédemment cité (sans grand intérêt).

L'ai-je dit dans ma dernière note: si cette jeune et sympathique revue brésilienne veut prendre place parmi les revues de rang international il lui faut faire d'énormes

194

progrès, se montrer plus exigeante pour le choix des articles qu'elle publiera à l'avenir, se cantonner, comme je le pense, dans un domaine où elle serait sans rivale, l'histoire du Brésil. Nous lui demandons un dépouillement qui soit réel et critique des revues brésiliennes et des ouvrages des historiens nationaux, je veux dire plus sévère et en même temps plus nourris. ~~Ces derniers sont très susceptibles et une critique franche ne serait guère de saison, nous dit-on à peu près. Alors que l'on renonce à lancer une revue savante.~~ Il est bien de réserver par exemple deux pages, comme le fait M. Buarque de Holanda l'un des directeurs du Boletim, aux deux derniers manuels de M. Villat parus dans la collection Clio. ~~Mais est-ce raisonnable, en même temps, de ne consacrer que~~ je m'étonne que quatre lignes suffisent à signaler les ouvrages pleins de sève de G. Freyre Sobrados e Mucambos, et de Renato Mendonça O Portugues do Brasil, et cinq lignes

progrès, se montrer ~~sévère~~ plus exigeante pour le choix des articles qu'elle publiera à l'avenir, se cantonner, comme je le pense, dans un domaine, aussi où elle serait sans rivale, l'histoire du Brésil. Nous lui demandons un dépouillement qui soit réel et critique des revues brésiliennes et des ouvrages des historiens nationaux, je veux dire plus sévère et en même temps plus nourris. ~~Ces derniers sont très susceptibles et une critique franche ne serait guère de saison, nous dit-on à peu près. Alors que l'on renonce à lancer une revue savante.~~

Il est bien de réserver par exemple deux pages, comme le fait M. Buarque de Holanda, l'un des directeurs du Boletim, aux deux derniers manuels de M. Villat parus dans la collection Clio. ~~Mais est-ce raisonnable, en même temps, de ne consacrer que~~ je m'étonne que quatre lignes

suffisent à signaler les ouvrages pleins de sève de G. Freyre Sobrados e Mocambos, et de Renato Mendonça O Portuguez do Brasil, ~~ou même~~ et cinq lignes, ~~je dis bien cinq lignes~~ le tome VII de l'Historia Geral das Bandeiras Paulistas de Mr. A. D'Escragnolle Taunay ? ~~Puis je dire aussi à l'auteur de ce pamphlet dirigé contre son compatriote M. X... professeur à l'Université du District fédéral, que je le juge inopportun. À le lire que pourra penser, du Brésil, un spectateur étranger ? Qu'y gagnent nos disciplines ?~~ Dans le sommaire donné ci-dessus on aura remarqué, au

195

passage, la traduction de l'article que M. Henri Hauser a donné aux Annales d'histoire écon. et soc (.....) sur la forte personnalité de ce grand homme d'affaires, ouvrier du Brésil moderne, le comte Mauá. M. Jayme Coelho fait précéder cette publication de quelques mots sur Henri ... ???... et sur l'éclat ~~exceptionnel~~ de l'enseignement que le professeur français a dispensé à Rio en 1936.

F. B.

196

Brésil au XIX è s.

- | | |
|---|---|
| - Varnhagen | P. Calmon |
| - Rocha Pombo | Espírito da Sociedade Colonial |
| - Caio Prado] | H da Sociedade imperial |
| - Gustavo Barroso] 1889 | |
| - Pedro Calmon H. Da Civilização brasileira | G. Freyre
Casa Grande e Senzala |
| - Calogeras Formação histórica do Brasil | Sobrados e Mocambos
O outro Nordeste |

Bonfim

J'ai lu ces livres plus ou moins vite, plus ou moins bien. Je ne suis donc pas un bon juge de ce passé récent. Je connais beaucoup moins mal les débuts de l'histoire brésilienne, la façon dont se greffe sur les sociétés indiennes l'expérience européenne d'où va naître votre pays, je ne crois pas que ce soit là une connaissance inutile. Le passé même lointain est toujours une aide. Le XIXè s. étendons-le de telle façon qu'il remonte au XVIIIè et qu'il vienne jusqu'à nous jusqu'à l'heure présente, 1937. 140 ou 150 années très obscures, très diverses. Avant de vous dire combien elles sont obscures, enchevêtrées, permettez-moi deux ou même trois remarques. Je me servirai de trois atouts.

- 1° le passé brésilien
2° Etats-Unis. Pasquet Noir aux E.Unis
Espace.. Immigration

197

3. Europe Toute l'Amérique recommence l'histoire européenne... Même le Brésil... le Brésil est une Europe.

Antiques

Féodaux

Faits modernes

Je vous ai simplement prévenus par loyauté

A. 1. Regardons maintenant le XIX^e s. brésilien comment il coule, comment il ruisselle.

Révolutions politiques
Révolutions techniques
Morales

2. Traduisons cela autrement..... ch. de fer...

routes..
entreprises .. industrielles
banques
... ???... démographique. Immigrants
Villes Buarque de Holanda
2 grandes villes Rio São Paulo

Transformations . - manioc

- vêtements blancs
- bière, les ... ???... artificielles
- l'eucalyptus

198

3. Classons a Les chocs extérieurs

João VI..
Paris

Bucha

Correio Braziliense qui se publiait à Londres

Italiens Rocco

b Rapidité... Presse. Idade de Ouro

1890 1914-8 Pas partout aussi vite

c Conséquence pour l'observation sociale

Deux coordonnées

B 29 nov 1807 1917 automne

24 janv 1808 Bahia

7 mars – Rio- Fac. De Medicina

1808 ouverture des ports

1^{er} avril liberté industrielle

1814.

1815 Royaume du Brésil

1809 Conquête de la Guinée Fse. – 1817

épices noz muscada.

1817 Le soulèvement de Pernambouc 80 jours

1817 occupation de Montevideo

199

Le temps 1808 –

1817 Pernambouc

1822

1831

1833 – 1836 ... ???... cabanos do

1889 1838 – 1841 Troubles du Maranhão
 1924
 1930 Sabinata
 1932 dos Escravos

Il y a une localisation

des révoltes social

Faits économiques
 Capitalisme
 Mauá

Si vous prenez en détail
 cela ne marche guère
 1889..
 Oliveira Lima

L'espace A Brésil déborde ses limites 1809 – 1817
 Guyane Fse
 Montevideo 1813
 Paraguay 1864 – 1870
 Acre

B. Occupation de son territoire. Zone du cacao
 Amazone
 Acre

Rio Grande do Sul.. café

200

Chapître III

Les Ouvriers d'Europe ?

Le Portugais. Le Français. L'Italien. Le Hollandais. L'Anglais. Le Juif. Le Jésuite.

A traiter toute la matière que comporte ce titre on la pulvériserait et l'on en rendrait ensuite l'ensemble inintelligible. Ce que je prétends faire c'est montrer à propos de chacun de ces artisans, mieux que dans une étude chronologique et qui les mêle, les problèmes que leur rôle particulier pose à notre attention.

201

Eaasi sur le Brésil au XVIè s.

- Parler du titre analogue de Capistrano d'Abreu au début
- Pour le plan indiquer géographie
- Ne pas oublier de dire : « Nord et Sud. Justement ces deux histoires ne sont pas synchronisées. Ainsi on le voit très bien si l'on est attentif au rythme de ces deux extrêmes

1624 est une date décisive pour le Nord et non pour le Sud. Pour le Sud la vraie grande coupure est marquée par les années 1638-1640. L'heure hollandaise l'heure espagnole.

Civilisation

- Pour la vie indienne
 - 1) marquer les 3 grdes lignes
 - a) le mvt (=mouvement ???) vers le Sud
 - b) civilisations en voie de régression idée de L. Strauss
 - c) idée mienne à savoir que les civilisations indiennes sont évanescences c'est un support qui se dérobe. Le Portugais ne crée pas ~~à la place~~ sur, mais à la place de l'Indien. Il se loge à ses dépens.

202

Je ne crois pas à l'importance énorme du métissage ibéro-indien. Il n'y a pas de prolongement de la vie indienne que là où la conquête n'a pas imposé des normes nouvelles là où l'europanisation a été de surface. São Paulo jusqu'au XIX^e s. Ne pas perdre clarté d'une comparaison avec l'Afrique Noire, un Brésil raté.

Un des premiers effets de la conquête n'est-il pas de rejeter vers les cantons forestiers la vie indienne et ses poteries et ses céramiques, pression qui chasse vers les districts boisés ce mvt d'ensemble je rattacherai volontiers l'apparition vers 15.... des .. ??? de routes de la Serra do Mar.. ou du moins j'en verrai un indice.. Y en a-t-il d'autres ? Il arrive assez souvent les cafezaes que la charrue retourne des tessons de céramique, ainsi près de Pirassinunga ? Or le cafezal zone forestière, zone refuge. Elles n'ont flambé sur le plateau pauliste qu'avec la fin du XIX^e s. Cas de la vallée du Parahyba.

203

(2) voir à son sujet le ... ???... de P.C. Teschauer Archivos de Historia ??

Munich (vers 1900)

6. Entre les essais, généralisations brillantes et suggestives trop brillantes même et ces études au microscope, limitées à un champ si étroit et à une poignée de documents utilisés déjà cent fois la littérature brésilienne ne nous offre, malgré les apparences, presque rien. Il y a les histoires générales du Brésil, dira-t-on. Mais, (malgré ? tout) ~~ce que l'on en dit~~, répondent-elles à leur objet ? Elles sont bien anciennes ~~au vrai~~ ; celle de Southey date, dans sa traduction portugaise de 1862, mais avait paru à Londres en 1810⁶⁷⁵, celle d'Handelman (~~publiée en 1859~~) a été traduite en portugais il y a quelques années seulement en 1931, remonte en fait à 1859, celle de Varnhagen apparaît en 18... , celle de João Ribeiro en 1900, celle de Rocha Pombo, la dernière que l'on puisse citer, est de 1905. Notez qu'à cette date ultime le Brésil n'a que d'habitants qu'il se dégage à peine de son histoire impériale, interrompue peu de temps auparavant par la révolution de 1889. Ainsi donc toutes ces forces que les trente dernières années ont mises en jeu, dont le spectacle a souvent éclairé les profondeurs du passé par ricochet ??? on n'a pu utiliser leur précieuse leçon. Bien plus {on sait que} la dernière tentative, celle de Rocha Pombo, est d'une rare médiocrité, qu'elle est un océan inutile. La synthèse brillante et suggestive de João Ribeiro n'est qu'un essai rapide, destiné à l'enseignement secondaire Seules les synthèses de Handelman et de Varnhagen sont à retenir et elles nous ramènent à soixante dix et quatre vints ans en arrière, au temps de Michelet en somme et de Ranke et de Duruy si l'on veut d'autres repères que des simples dates.. La première celle de Handelman [qui est en même temps la plus ancienne] révèle un talent d'historien, un sens de la composition, une concision ~~qui~~

204

⁶⁷⁵ voir Merriman

6 – Entre les essais, généralisations, brillantes et suggestives, trop brillantes même, et les études au microscope, appuyées sur une poignée de documents, il y a bien les anciennes synthèses, mais si vieilles qu'elles ne répondent plus à leur objet. Les trois quatre grandes histoires du Brésil, si l'on se reporte aux dates des premières éditions remontent, celle de Southey à 1867 dans la traduction anglaise celle d'Handelman à 1859, celle de Varnhagen à 18... , celle de Rocha Pombo à 1905. Or de ces larges mises au point on peut bien dire que la dernière est de beaucoup la moins bonne sans discussion possible. La plus utile grâce aux notes que Capistrano d'Abreu et Rodolfo Garcia y ont ajouté dans l'édition de... et l'ouvrage de Varnhagen. Mais il est loin d'avoir les qualités de composition du vieux livre d'Handelman que l'on a eu la bonne idée de traduire en portugais en 1931. Ce détail à lui seul souligne l'insuffisance, sur le plan de la synthèse, de la recherche historique / l'histoire brésilienne. Handelman ou Varnhagen, car eux seuls comptent, ~~donnent~~ voient forcément le passé brésilien au travers d'une optique désuète. Sur le XVI^e s. brésilien nous disposons, il est vrai, des écrits de Capistrano d'Abreu, le plus grand historien brésilien assurément et qui s'est spécialisé justement dans la prospection de ce premier siècle d'histoire. Mais contre lui aussi le temps a déjà vieilli son œuvre.

205

Essai sur le Brésil du XVI^e siècle

H. du Brésil

il lui manque les bases

le travail collectif et coordonné.

Y a-t-il des cartes folkloriques,

des relevés de toponymie, des cimetières d'Indiens

Insister davantage

sur les caractères de

la littérature brésilienne

essayiste..

L'originalité brésilienne

Dans la famille des formes

De l'Amérique latine

La nécessité qu'il y a, après l'avoir identifiée de la replacer dans le cadre non seulement de l'hist. Américaine mais plus encore mondiale, ou comme nous disons plus amplement, le moment venu, atlantique car plus encore que vers les profondeurs du continent le Brésil moderne regarde vers l'Océan...

Le plan suivi. Décomposer l'hist en ses éléments puis la reconstituer

Il lui manque de s'être dégagé de l'histoire des individus

206

Ce qui a été négligé avec régularité c'est le temps, par ces historiens pressés de mettre en place une idée. Les images qu'il faudrait séparer parce qu'elles se succèdent se heurtent et se mêlent. Il est dangereux d'additionner des traits épars, un renseignement du XVI^e s., une réflexion de Pedro Segundo, un mot d'actualité. On supprime le relief chronologique. Il est dangereux de fermer l'accordéon. L'histoire du Brésil fait partie d'un ensemble plus vaste :

l'Atlantique, les Europes, disons le monde. Je sais bien qu'ici et là sur d'énormes espaces on est en présence aujourd'hui même d'économies fermées où la civilisation du dehors pénètre goutte à goutte. Mais ceci reste ~~encore~~ l'exception.

207

Introduction

Je m'excuse par avance de cette introduction qui sera longue. Il n'était pas aisé, on me le concédera, de mettre en place une histoire aussi large que celle du XVI^e s. brésilien aussi difficile à saisir, aussi profondément originale. Il ~~me semble~~ m'a donc semblé utile de préciser/dire dans quelles conditions le présent travail avait été conduit ~~Je crois aussi qu'il y avait aussi intérêt à~~ et en même temps de prévenir le lecteur, à de l'acclimater un peu avant de le lui laisser aborder ~~la ??? des événements. Du moins je l'ai pensé.. la vie brésilienne~~ le passé brésilien et ses réalités particulières.

*

* *

208

à refaire par la suite

*

* *

Comme je l'ai dit ce livre s'appuie sur le travail des historiens brésiliens qu'il suit et essaie parfois de précéder. Il s'appuie aussi sur des conversations, des discussions, des voyages, sur les mille souvenirs et les enrichissements qu'implique un long séjour dans une université que j'ai vu naître et à laquelle je ne puis penser sans tendresse. Je crois que ce livre est une façon de remercier mes hôtes, mes étudiants, mes amis. ~~Il me faudrait des pages pour en dresser une liste complète. Je me permets de les remercier en bloc. A mes amis les docteurs~~ Je les remercie tous en bloc/à la fois. Ma reconnaissance toute particulière va à mes amis le Dr. João Cruz Costa, le Docteur Euripedes Simões de Paula, Mesdemoiselles Branca da Cunha Caldeira et Alice Piffer Canabrava qui m'ont aidé dans le travail matériel de la mise au point de cet essai.

S. Paulo le

Fernand Braudel

209

Le vieux livre de Gaffarel, qui n'est pas sans mérite, sur le Brésil Français, commet une ~~grande~~ erreur d'optique quand il ~~s'attache longuement~~ s'attarde à rechercher sur l'Atlantique les traces douteuses des marins dieppois et qu'il oublie, ~~par la suite~~ ensuite, de parler, comme il convenait, de la seconde de ces éphémères Frances brésiliennes – l'Equinoxiale -, sacrifiant, en définitive, aux ~~brouillards~~ tâtonnements du début du siècle, les réalités de la terre ferme. [~~Si l'on veut bien démêler les origines du Brésil, distinguons la découverte de la naissance, car, au vrai, les deux moments ne coïncident pas à vrai dire et étudions plutôt le second que le premier.~~]

qui doit servir d'avertissement

210

oui le pau brasil, oui le sucre
mais bases étroites. Il y a des îles..

Le Reconcavo de Bahia grand comme l'île de Madère.

A. Etroitesse du littoral

Mais c'est la vie qui est à l'étroit, même au Nord.

- Si Nord et Sud s'opposent ce n'est pas tant à cause
 B. de leurs dimensions horizontales, mais à cause de
 leurs arrière-pays respectifs

- La caatinga. Il faut être du pays pour en parler,
 C. l'avoir vu. Le drame de l'eau. Au Nord du São
 Francisco

Le Brésil de type pauliste

- D.

211

BAHIA COLONIAL

1500 – 1822

Data de criação
 da villa.

1	Porto Seguro	1534
2	Ilhéos	1535
3	Salvador	1549
4	Cayrú	1608
5	Camamú	1693
6	Jaguaripe	1693
7	Cachoeira	1693
8	São Francisco	1697
9	Caravellas	1701
10	Jacobina	1722
11	Rio de Contas	1724
12	Maragogipe	1725
13	Santo Amaro	1727
14	Itapicurú	1728
15	Inhambupe	1728
16	Itacaré	1732
17	Rio Branco	1746
18	Barra	1752
19	Alcobaça	1755
20	Prado	1755
21	Pombal	1758
22	Santarém	1758
23	Marahú	1761
24	Belmonte	1764
25	Mucury	1769
26	Bomfim	1797
27	Valença	1799
28	Esplanada	1806
29	Pilão Arcado	1810
30	Caetité	1810
31	Nilo Peçanha	1810

212

BAHIA IMPERIAL

1822 - 1889

Data de criação
da villa.

1	Itaparica	1831
2	Geremoabo	1831
3	Nazareth	1831
4	Curaçá	1832
5	Chique-chique	1832
6	Carinhanha	1832
7	Macahubas	1832
8	Sento Sé	1832
9	Irará	1832
10	Feira	1832
11	Areia	1832
12	Santa Cruz	1832
13	Joazeiro	1833
14	Canavieiras	1833
15	Tucano	1837
16	Monte Santo	1837
17	Rio Preto	1840
18	Conquista	1840
19	Monte Alto	1840
20	Matta	1846
21	Mucugê	1847
22	Taperoá	1847
23	Alagoinhas	1852
24	Maracás	1855
25	Ipirá	1855
26	Lençóes	1856
27	Remanso	1857
28	Monte Alegre	1857
29	Condeúba	1860
30	Morro do Chapéu	1864
31	Correntina	1866
32	Ituassú	1867
33	Catú	1868
34	Entre Rios	1872
35	Cicero Dantas	1875

213

BAHIA IMPERIAL

(continuação)

Data de criação
da villa.

36	Serrinha	1876
37	Itaberaba	1877
38	Amargosa	1877

39	Brumado	1877
40	Anchieta	1878
41	Brotas	1878
42	Riachão do Jacuhype	1878
43	Riacho de Sant'Anna	1878
44	Paramirim	1878
45	Casa Nova	1879
46	São Felipe	1880
47	Santo Antonio	1880
48	Jacaracy	1880
49	Santa Maria	1880
50	Castro Alves	1880
51	Poções	1880
52	Campo Formoso	1880
53	Rio Real	1880
54	Andarahy	1884
55	Queimadas	1884
56	São Gonçalo	1884
57	Baixa Grande	1885
58	Gloria	1886
59	Paripiranga	1886
60	Seabra	1889

214

BAHIA REPUBLICANA

1889 até hoje

Data de criação
da villa.

1	São Felix	1889
2	Aratuhype	1890
3	Mundo Novo	1890
4	Igrapiúna	1890
5	Urandy	1890
6	Angical	1890
7	Assurúa	1890
8	Affonso Penna	1890
9	Una	1890
10	Sant'Anna	1890
11	Lapa	1890
12	Barra da Estiva	1890
13	Conceição do Coité	1890
14	Palmeiras	1890
15	São Miguel	1891
16	Jequiriçá	1891
17	Coração de Maria	1891
18	Barreiras	1891
19	Oliveira dos Brejinhos	1891
20	Jequié	1897
21	Cruz das Almas	1897
22	Cumbe	1898
23	Bôa Nova	1903

24	Lage	1905
25	Capivary	1906
26	Itabuna	1906
27	Pojuca	1913
28	Villa Rica	1913
29	Ruy Barbosa	1914
30	Saúde	1914
31	Muritiba	1919
32	Caculé	1919

215

BAHIA REPUBLICANA
(continuação)

Data de criação
da villa.

33	Guanamby	1919
34	Jaguaquara	1921
35	Encruzilhada	1921
36	Santo Estevam	1921
37	Livramento	1921
38	Santa Ignez	1924
39	Brejões	1924
40	Djalma Dutra	1924
41	Bom Sucesso	1925
42	Cotegipe	1925
43	Montenegro	1925
44	Uauá	1926
45	Itaquara	1926
46	São Sebastião	1926
47	Conceição da Feira	1926
48	Mutuipe	1926
49	Irecê	1926
50	Jaguarary	1926
51	Itambé	1927
52	Jandaíra	1927
53	Santa Theresinha	1928
54	Cipó	1931
55	Rio Novo	1933
56	Itapíra	1931